



ADRIANA BRAZIL

INVERNO DE CINZAS

Foi assim que te amei

novo século®

ADRIANA BRAZIL

INVERNO DE CINZAS

Foi assim que te amei



São Paulo 2013

Copyright © 2013 by Adriana Brazil

COORDENAÇÃO EDITORIAL Leticia Teófilo
DIAGRAMAÇÃO Edivane Andrade de Matos/Efanet Design
CAPA Monalisa Morato
PREPARAÇÃO Thiago Fraga
REVISÃO Fernanda Guerriero
Novo Século

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brazil, Adriana
Inverno de cinzas: foi assim que te amei/ Adriana Brazil -- Barueri, SP -
Novo Século Editora, 2013.

1. Romance brasileiro I. Título.

12-15181

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura brasileira 869.93

EDIÇÃO DIGITAL: 2013

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2.190, 11º andar - Barueri - SP

E-ISBN: 978-85-7679-983-2



Todos deveríamos, em algum momento da existência, questionar nossas vidas e analisar pelo que estamos lutando.

Augusto Cury

Ultimamente, sinto o gosto de amargura, sinto cheiro de tristeza e flores murchas no jardim.

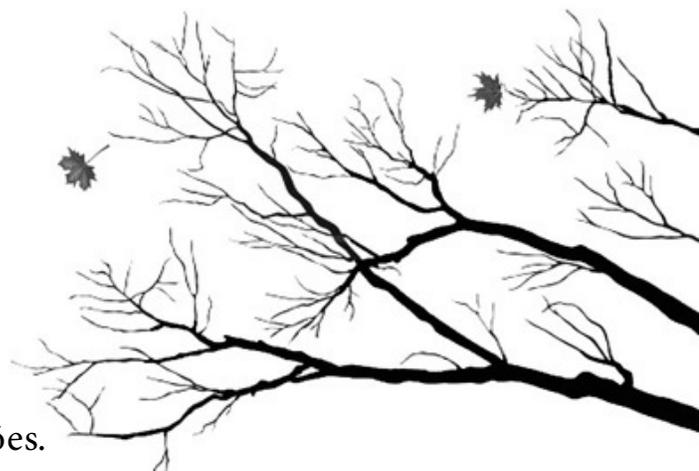
Vanessa de Cássia

Dedicatória

Para todos aqueles que se apaixonaram por *Outono de Sonhos* e esperaram, ansiosos, pela chegada desta Estação.



Prefácio



Dizem que Florianópolis é a cidade das quatro estações.

Creio que o mesmo possa ser dito de *Inverno de Cinzas*, da talentosíssima Adriana Brazil. Ao passar dos capítulos, a autora consegue nos levar da aflição ao alívio, das lágrimas ao sorriso e da desesperança à fé, como se brincasse com as emoções do leitor. E foi nessa brincadeira que senti, em uma única leitura, como se as quatro estações do ano tivessem atravessado o meu coração.

Experimentei a alegria colorida da primavera, refletida nos lindos momentos do casal que já encantou uma legião de leitores. Também senti o calor do verão, proporcionado pelas verdadeiras amizades — as quais, adianto, serão colocadas à prova, no decorrer das próximas páginas! Admirei-me com a beleza do outono, nas sábias palavras daqueles que amam nossa Helen e querem vê-la feliz. Em contrapartida, o título já denuncia que, desta vez, quem irá predominar será o frio do inverno, da incerteza, das mudanças bruscas, da ausência...

Sim, leitor, após um apaixonante outono de sonhos, chega a vez de um rigoroso inverno acometer a vida dos protagonistas. Amor e fé serão testados, e não será nada fácil a travessia dos dias cinzentos que os esperam. No entanto, o que seria das grandes histórias de amor se não fossem as adversidades? Não haveria tanta torcida e roer de unhas na esperança de um final feliz! Foi assim que me senti durante a leitura: em uma expectativa fervorosa, torcendo pelo desabrochar das flores que anunciariam a chegada da primavera! Se o inverno persistiu ou se uma nova estação se anunciou, claro que eu não posso contar, mas, sim, dizer apenas que foi louvável.

Sem me dar conta, as páginas do livro viravam sozinhas, ao sabor da curiosidade e do desejo de saber qual rumo tomaria a história de Andrew e Helen em mais um lindíssimo volume da série “Foi assim que te amei”. Uma leitura viciante que nos faz sentir mais que meros espectadores, e sim parte da história. Em diversos momentos, peguei-me imaginando qual seria o próximo acontecimento ou que marcas esse inverno deixaria nos personagens. A autora, no entanto, foi majestosa e conseguiu superar todos os meus palpites. O desfecho da história é brilhante e digno de nota... Mas é claro que você terá que conferir por si próprio!

Delicie-se com mais uma linda obra de Adriana Brazil e prepare-se para as surpresas que a estação mais fria do ano lhe reserva!

Introdução



Alguns momentos da vida poderiam ser comparados a uma forte tempestade, que sempre transforma um cenário calmo e tranquilo, movendo as pessoas e o lugar. Diante da chuva apenas nos resta uma escolha: aceitar o fato de que tudo em volta mudou. Pode ser que existam lugares para refugiar-se, o que não adiantaria muito, pois continuaria caindo.

Não importa a força dos ventos, nem se a tempestade é demorada ou passageira, se ela vem ou não com o frio. Ela sempre irá mover algo do seu lugar original, mas o fato é que ela sempre virá com uma escolha, com uma emoção, um ganho ou uma perda.

Andrew Gamberini

1

Um dia frio



Ainda era inverno no país. O frio era intenso em Florianópolis. O outono tinha ido embora, mas deixou gravado em meu interior a realidade de um intenso sonho. Tudo estava frio ao meu redor, porém havia alguém aquecendo minha vida naqueles dias cinza: ele.

A existência de Andrew trazia um sentido diferente no cinza da paisagem. Talvez suas palavras e seu jeito possuíssem uma enorme variedade de cores. E diante dos meus olhos, o simples fato de pensar nele ia cobrindo os traços cinzas, preenchendo-os com tonalidades diferentes.

Caminhei até a janela, as gotas caíam e escorriam pelo vidro, olhei através delas e percebi as árvores se movendo por uma brisa suave. Toquei o vidro e o calor dos meus dedos desfizeram o embaçado.

O inverno era uma estação diferente, parecia trazer a introspecção em seus ares úmidos, deslocando-se apressado na direção dos pensamentos, ou até se transformando em brisa, mansamente acolhendo as lembranças, me fazendo recordar com saudade cada uma delas. Instantes que se prolongavam enquanto um sorriso discreto aparecia em meu rosto, em cada recordação, um pouco mais de Andrew.

Havia chegado o último final de semana das férias na Universidade Federal de Santa Catarina. Foram as melhores férias da minha vida, sem dúvidas.

Minhas amigas chegaram no domingo; reencontrá-las foi um grande prazer. As novidades se apressavam nas conversas.

Estávamos no quarto conversando quando o celular de Sarah tocou. Era Álex, convidando-a para sair.

Troquei olhares de satisfação com Evelyn.

— Tudo bem — foi a primeira frase dela. — Estou na casa da Helen. Por mim ótimo, que horas? — ela sorria largo. — Estou te esperando.

Ela encerrou a chamada.

— O que ele queria? — quase foi sincronizado.

— Meninas, ele quer sair comigo!

— Hoje?! — perguntou Evelyn.

— Hoje! Quer me levar para sair, acabou de chegar da casa dos pais dele.

— Que maravilha!

— A roupa está boa? Acho que vou trocar!

— Está ótima assim! — garantiu Evelyn.

— O que será que ele quer?

— Não sabemos, mas depois esperamos saber de tudo — cutuquei Evelyn.

— Bem, amanhã então te conto, amiga — Sarah espremeu os olhos. — Quanto à Evelyn, ainda vou vê-la hoje.

— Ah, não! Você vai me ligar! — reclamei.

— Não sei que horas volto, mas se não estiver tarde te ligo, ok?

— Vou esperar.

Levei Evelyn para o campus próximo ao cair da tarde. O sol estava entre as nuvens, ele havia aparecido discretamente no início da tarde. Em Florianópolis é comum o dia começar de um jeito e o clima mudar rapidamente; costumamos dizer que as quatro estações acontecem no mesmo dia.

Ajudei Evelyn a carregar as malas até a entrada do apartamento. Despedimo-nos.

Ao desarmar o alarme do carro, olhei o horizonte, fui capturada pelo cenário. Debrucei-me na porta aberta e admirei o fim do pôr do sol. O céu estava alaranjado com um suave tom azul-escuro, pareciam riscos feitos por um habilidoso pintor. Algumas estrelas surgiram salpicando o céu, como se fossem pequenas luzes presas a um quadro de arte. Uma brisa suave tocou meu rosto, fechei os olhos e um nome me fez sorrir.

Deus.

Não importa onde eu esteja, o Senhor sempre está aí, tão perto de mim, sempre querendo ouvir minha voz. Sabe do que me lembrei? Era esta a hora que Você vinha conversar com o homem no Jardim do Éden, na viração do dia. Se quiser, podemos recordar aquele tempo, eu estou aqui...

Uma paz sobreveio, como um sussurro calmo e sereno, fazendo meu corpo se arrepiar, um alívio certo, uma mansidão capaz de inundar o mundo.

Não contei mais o tempo. Quando apenas um risco alaranjado desenhou o horizonte, foi que entrei no carro.

Liguei o som e selecionei a *playlist* que Andrew fez para mim. Ele dizia que eram as músicas que o faziam lembrar-se de nós. Meus olhos brilharam ao ouvir *Amanhã não se Sabe*¹, interpretada por LS Jack.

A lembrança de Andrew trouxe um sorriso gracioso em meu rosto. Antes de dar a partida no carro liguei para ele, ansiosa para ouvir sua voz.

— Helen?

— Oi, Andy. Como você está?!

— Com saudades de você.

— Também estou com saudades.

— Está em casa?

— Não, trouxe Evelyn aqui no campus.

— Linda, gostaria de trazer suas amigas amanhã, para nos conhecermos?

— Tudo bem! Pode ser, sim.

— Vou esperá-las.

— Sabe o que está tocando aqui no carro?

— Algo que lembre você e eu?

— Ahã. Sua *playlist*. Só que... ela me encheu de saudade.

— Adoraria te ver, mas, como está tarde, é melhor que venha amanhã. Não gosto de saber que está dirigindo sozinha — a voz dele era cuidadosa e preocupada.

— Gosto quando fica assim, preocupado comigo, e usa essa voz cheia de carinho.

— Sabe que me preocupo. Amanhã nos vemos.

— Ok, Andy. Espero ansiosa, então. Vou desligar. Me liga depois?

— Com certeza. Dirige com cuidado e não esqueça a seta. — Eu ri com ele.

— Seu bobo! Até mais.

Na hora de dormir, como todos os dias, Andrew me ligou, trazendo seu carinho, me envolvendo mais a ele, me fazendo sentir todo o bem do nosso amor.

Sarah ligou para meu celular quando me deitei para dormir. Triste, murmurou o encontro com Álex. Ele apenas reafirmou a amizade que sempre demonstrou por ela.



Voltar às aulas, acordar cedo e enfrentar o frio já devia fazer parte da minha rotina. Olhei pela janela, o tempo estava anuviado, com algumas árvores soltando resquícios de folhas remanescentes do outono. Agradei a Deus por mais um dia de vida.

Na UFSC, perto das dez da manhã, encontramos-nos com Richard, Rebecca e Alan na lanchonete.

Enquanto se aproximavam, observei meus novos amigos. Richard sempre estava com um belo sorriso nos lábios, devia ser modelo de comercial de dentistas. Tinha o hábito de usar os cabelos desalinhados, algumas vezes jogados de lado, outras divididos ao meio, com leve volume na frente. Costumava usar roupas simples, mas com um toque pessoal, como a parte esquerda do blusão enfiado na calça jeans, mostrando a camisa vermelha e o cinto de lona cáqui. Ele nos dizia que sempre vestia a primeira peça de roupa que encontrava.

Alan, pelo contrário, sempre usava a tendência da moda. Suas roupas, de alguma forma, revelavam seu jeito de ser. Naquela manhã, usava um tênis de couro envelhecido, a calça jeans de

marca famosa, vestia uma camisa verde-água, com gola V, cordão fino de ouro. Por cima, uma jaqueta jeans escura. Óculos escuros, um Ray-Ban estiloso, com ou sem sol ele costumava usar, dizia que as meninas adoravam. Seus cabelos sempre estavam arrepiados, por consequência do corte baixo. Ele sorriu ao se aproximar. Concluí novamente, eles deveriam fotografar para comerciais, os sorrisos eram fascinantes. E, por fim, Rebecca, uma bela morena, de cabelos negros e cacheados. Usava calça *skinny*, jaqueta jeans, um sapatinho marrom, uma blusa branca de gola alta.

Alan sentou-se ao meu lado esbarrando em mim, e ficou de frente para Sarah.

— Já de manhã me enchendo a paciência, seu chato? — perguntei para Alan.

— Fala, chatinha. Oi, Sarah — encarou-a e ela desviou o olhar. — Oi, Evelyn.

Elas responderam com sorrisos.

— Oi! — disse Richard, me dando um beijo no rosto.

— Oi, amigo! Já conhecem Sarah. Essa é a Evelyn. Evelyn e Sarah, essa é Rebecca — elas se cumprimentaram. — Evelyn, já conhece o Richard e o Alan, certo?

— Como não? — ela sorriu. — Acabei sendo muito evidente perguntando sobre Andrew — ela e os rapazes riram.

— É... você não foi muito discreta — concordou Richard.

— Até minhas amigas de complô contra mim! E aí, como está meu amor? — perguntei ansiosa.

— Está bem.

— Queria tanto que ele estivesse aqui... — suspirei fundo.

— Queríamos o mesmo.

— Será que ele volta?

— Talvez sim, ele fica receoso quanto à aceitação dos outros. Acha que poderá chocar as pessoas que o conheciam.

— Precisam me ajudar a convencê-lo de que a aparência dele não importa!

— Em parte entendo, Helen, era um dos caras mais cobiçados daqui, e de repente ele volta e todos notarão a diferença.

— Não tem que se preocupar! E não precisa mais impressionar ninguém!

— Nem as gatas? — perguntou Alan.

— Muito menos elas! — bati no braço dele.

Eles saíram para buscar lanches. Rebecca falava animada sobre Richard. Notei que Sarah estava olhando para Alan. Cutuquei-a por debaixo da mesa. Ela voltou a comer seu sanduíche, como se não soubesse ler em meus olhos aquela pergunta óbvia.

Retornaram e sentaram-se nos lugares que estavam anteriormente.

Richard preparava-se para morder seu sanduíche, quando sorriu e torceu os lábios.

— Hum... comem o mesmo sanduíche e bebem o mesmo suco de acerola — comentou, analisando os lanches de Alan e Sarah. Eles disfarçaram.

— É, Sarinha, acho que vocês possuem um gosto parecido — concordou Evelyn.

Sarah e Alan fingiram não estar ouvindo.

— Minha amiga é linda, não? — sussurrei para Alan. Sarah ouviu e me olhou como se não tivesse gostado.

— É, ela é muito bonita — Alan disfarçou e mordeu mais um pedaço do sanduíche.



Estava com Sarah na saída, quando avistamos Álex caminhando em nossa direção. Tinha aparado ainda mais os cabelos, como quando o conheci. Deixou a aparência da barba por fazer, aparentando bem mais que seus 22 anos, sua testa enrugada pelo sol fraco do início de tarde, sem sorriso, porém descontraído. Usava um casaco de malha branco com duas listras verde-escuras na altura do peito.

— Oi, Álex — me aproximei e beijei seu rosto. Ele não esboçou nenhuma reação.

— Oi, Helen. Tudo bem? — falou sério.

— Tudo. E você?

Antes que ele respondesse, Diego e Evelyn apareceram ofegantes de andar rápido.

— Qual é a boa de hoje?! — perguntou Evelyn.

— Não sei vocês, mas eu tenho planos — disse Álex. — Isso se Sarah quiser sair comigo.

— Eu? Claro — Sarah concordou sem muito entusiasmo.

— Vamos juntos! — sugeriu Diego.

— Ai, Diego, vê se fica no seu canto! — Evelyn o empurrou.

— Qual o problema? Álex, importa-se de irmos juntos?

— Na verdade, hoje eu me importo, sim, amigo.

— Então podemos ir almoçar todos juntos, o que acham? — sugeriu Diego.

— Ah, pessoal, vamos?! — insistiu Evelyn.

— Por mim, tudo bem, mas não posso demorar — salientei.

— Então, vamos!

Durante o almoço, em um dos nossos restaurantes favoritos, Álex evitou-me como pôde, ignorou-me quase que totalmente, respondia apenas com uma ou duas palavras às perguntas que fazia a ele sobre as férias. Não tive a oportunidade de perguntar se era a resposta que eu temia ouvir.



— Estou curiosa para conhecer o Andrew! — falou Sarah, eufórica.

— Ele está diferente das fotos, Sarinha, mas continua lindo.

— Helen, você reparou como Alan ficou olhando para a Sarah? — comentou Evelyn.

— Percebi, ele não fez questão de disfarçar — rimos, e Sarah fingiu que não ouviu.

— E aí, Sarah? — Evelyn esbarrou em seu braço. — Ele é um gato, não?!

— Ele realmente é muito bonito — ela concordou desinteressada.

— Ela está disfarçando, Evelyn. Quando conheceu Alan, ficou sem fôlego.

— É... ele é bem gatinho mesmo.

— Gatinho? — espantou-se Evelyn. — Ele é um gostoso! Disfarça bem — rimos, Sarah ficou em silêncio.

— Estão preocupadas demais comigo — disse olhando para fora do carro.

— Claro, somos suas amigas — Evelyn torceu os lábios, formando um beijo.

Chegamos à casa de Andrew, e Mel nos recebeu na porta.

Nós a cumprimentamos por ser o seu aniversário. Entreguei-lhe um presente.

— Espero que goste, Mel — era uma blusa.

— Linda, Helen, adorei — ela me abraçou de novo. — Se eu já não estivesse arrumada, a colocaria.

— Tudo bem — sorri. — Mas aonde vai produzida assim?

— Rubens irá me levar para jantar fora.

— Hum... que chique!

Apresentei minhas amigas.

Procurei ao redor e de repente ele apareceu na porta.

O mundo deve ter parado.

Um abraço invisível em meu ser. O olhar dele ainda me trazia um misto de verdade, ternura, um suave mistério, embora, com todas as lutas, sempre enxergava no fundo dos seus olhos uma esperança não dita, um brilho inocente de um menino à espera de um presente desejável; eram vivos, tão intensos, me deixavam presa no tempo, solta no espaço. Seu rosto conservava alguns traços de uma beleza ainda presente. Adorava o jeito que ele sorria, sempre puxando o canto direito dos lábios antes de mostrá-lo por inteiro; poderia ficar para sempre ali, parada, admirando-o, tendo certeza, mais uma vez, de que nosso amor excedia o crono.

Andrew estava de calça jeans, sapatênis cáqui, um casaco de malha branca, uma camisa preta com gola V por cima e touca.

— Andy...

Fui até ele e o beijei. Richard nos interrompeu limpando a garganta.

— Andrew, quero que conheça minha amiga Sarah, pois Evelyn você já conhece.

— Oi, Andrew — disse Sarah, dando um beijo no rosto dele. — Enfim conheci o cara que roubou o coração da minha amiga.

— Muito prazer, Sarah — falou educadamente.

— Roubou não — abaixei e beijei apertado o rosto dele. — Dei meu coração a ele.

— Olá, Evelyn — falou Andrew. — Quanto tempo!

— Oi, Andrew — ela deu um beijo no rosto dele. — Estou esperando você fazer outra peça, quem sabe dessa vez você me aceita! — eles sorriram.

— Precisávamos de atores, mas quem sabe na próxima?

— Tudo bem, você sempre foi tão educado, não podia ficar chateada.

Richard e Alan nos cumprimentaram.

Alan olhou Sarah de uma forma diferente. Ela parecia encabulada; ele coçou a cabeça. Fiquei com um leve sorriso diante daquela cena. Alan nos convidou para a sala de jantar, como se quisesse escapar daquele clima. Antes que fôssemos atrás deles, abaixei na frente da cadeira de rodas com meu melhor sorriso e impedi que Andrew saísse. Ele gentilmente acariciou meu rosto. Peguei sua mão e beijei com carinho, fechando os olhos.

— Senti sua falta — apertei sua mão contra meu rosto.

— Quanto tempo mesmo fiquei sem te ver? Um, dois meses? — eu ri.

Lentamente me ergui e apoiei as mãos nos braços da cadeira, ficando com o rosto bem próximo ao dele. Podia sentir a respiração de Andrew e ao mesmo tempo o cheiro do perfume que me embriagava. Tinha o jeito másculo; senti vontade de beijá-lo, mas me contive. Seus olhos percorriam meu rosto bem devagar, como se houvesse algum detalhe desconhecido para ele. Seus olhos castanho-claros pareciam da cor do mel, e eu podia me ver em sua íris. Desenhei o rosto dele com meu olhar, não me cansava de fazer aquilo. Suas sobrancelhas eram de pouca espessura, o nariz era fino, combinava perfeitamente com seus lábios esculpidos; o queixo, com um pequeno ângulo, realçava todo o conjunto; sua pele não possuía marcas ou manchas. Não tinha cabelos, porém, era um detalhe tão pequeno, ele era lindo. Voltei a olhar seus olhos, mas os meus se fecharam quando a mão dele aqueceu minha nuca. Ele cheirou minha pele, meus pés pareciam não sentir o chão, seu afago elevava minha alma. Abri os olhos e procurei seus lábios, ele pensou o mesmo e sorriu discretamente me puxando para o beijo. Como ele conseguia se superar, me extasiando, fazendo com que meu corpo sentisse sensações fascinantes? Meu coração encontrava um ritmo único, agitado, compassado no tempo certo; repentinamente parecia perdido em uma música que só ele podia ouvir. Andrew me deixava aquém da sensatez, me conduzia a um caminho adornado de prazer e repleto de feitos novos.

— Eu te amo — sussurrou no meu ouvido me fazendo arrepiar.

— Você me fascina, Andrew — beijei seu rosto.

Fomos para a sala de jantar. Ao entrarmos, um coro em uníssono fazendo “Humm” nos fez sorrir.

Era impossível deixar de notar as trocas de olhares entre Alan e Sarah.

— Mas e aí, Alan? — falou Richard. — Já perguntou a Sarah o que queria perguntar? — Alan apenas olhou de lado, enquanto Richard ria satisfeito, erguendo a sobrancelha.

— O que quer me perguntar? — Sarah falou desconsertada. Olhei para Andrew, disfarçamos a vontade de rir.

— Só queria saber seu e-mail para teclarmos pela internet — respondeu Alan em volume baixo de voz.

— Entro na internet mais à noite, quando quero ver meus pais na webcam, mas posso te dar meu e-mail, sim — ela parecia constrangida.

— Devia ver as fotos da Sarah, Alan! — sugeriu Evelyn com entusiasmo. — Parecem fotos de modelo!

— Devem parecer mesmo — Alan deu uma rápida olhada para Sarah, ela fez o mesmo para Evelyn como se quisesse matá-la.

— Ainda mais umas fotos que ela tem apenas do olhar! São lindas! Ela com esses olhos verde-escuros de gato! Helen quem fotografou! Perfeitas.

— Adoraria vê-las — falou Alan encabulado. — Mas os álbuns sempre são fechados.

Sarah disfarçou e fitou Evelyn, que estava na sua frente, com um olhar de que ia enforcá-la quando chegasse em casa.

— Então significa que andou pela página dela?! — continuou Evelyn. — E por que não a adicionou?! Estava curioso para ver as fotos da minha amiga, não é mesmo?

— Me esqueci de adicioná-la.

— Desculpa a intromissão... — interrompeu Richard, parecendo segurar o riso. — Posso te fazer uma pergunta, Sarah?

— Claro — ela cerrou os lábios.

— Você tem namorado?

— Não. Não tenho — Sarah abaixou os olhos, devia estar envergonhada. — Mas por que quer saber?

— Curiosidade.

— Sarah procura alguém especial, assim como eu achei — olhei Andrew.

— De repente está do lado dela e ela nem sabia — Richard riu.

— E você, seu chato? — falei para Alan. — Hoje que minhas amigas estão aqui, está dando uma de comportado?!

— Sempre fui.

— Muito comportado ele — falou Andrew. — Mas deixa, linda, ele quer causar boa impressão para suas amigas — apenas ele não sorriu e fechou a cara para Andrew.

— Não vou responder como deveria — falou Alan, voltando a comer.

— Vai ver que não tem a resposta.

— Até tenho, mas, como disseram, vou continuar causando boa impressão — todos riram.

Notei que Andrew parecia mais cansado do que o normal, mas ele enfaticamente disse que não era nada de mais.



Acordei cedo, os raios do sol atravessaram a janela encontrando meu rosto, despertei e espreguicei sobre a cama. Sorri ao me lembrar dele, não me contive e resolvi ligar para Andrew.

— Oi, linda — disse, mas parecia triste.

— O que aconteceu?

— Nada. É bom acordar com sua voz.

— Não me engana, Andrew. O que você tem? Você é um ótimo ator, mas não me convenceu.

— Estou com um pouco de dor.

— O que você tem?

— Nada de mais.

— Vou tomar banho e vou aí te ver.

— Não precisa, amor.

— Já estou indo.

Entrei pela primeira vez no quarto dele. Vi que ele tinha comprado uma casinha de espuma para Prince. Estava no chão, ao lado da sua cama. Prince dormia nela. Uma mulher de branco, que devia ser a fisioterapeuta, estava arrumando os medicamentos em seu criado-mudo. Ele estava deitado, com a expressão caída; senti meu ser angustiado. Fui até ele e me sentei ao seu lado.

— Como você está, Andy?

— Não precisava vir, vou ficar bem.

— Já falei para você não me privar disso — fiquei séria olhando para ele.

— Essa é Júlia, minha fisioterapeuta.

— Oi, muito prazer. Como ele está? — perguntei.

— Vai ficar bem se não se esforçar muito como esses dias, não é mesmo, Andrew?

Ele ficou em silêncio.

— Pode deixar que eu tomo conta, Júlia.

— Agora ele só precisa de repouso, ok?

Ela saiu do quarto. Observei que ele parecia sentir dores.

— O que está sentindo?

— Estou bem, logo o medicamento faz efeito e a dor passa.

— Vou ficar aqui com você.

Ajeitei-me ao seu lado. Ele se encostou no meu braço, acariciei seu rosto.

— Não quero que deixe de fazer suas coisas por causa de mim — disse, quebrando o silêncio.

— Não precisa de comentários.

Olhei para o lado e o quadro na parede me chamou a atenção. Levantei-me e andei até ele.

— O que foi?

— Andrew! — exclamei surpresa. — Esse quadro — toquei a tela — foi minha mãe quem pintou!

— Sério? Foi minha mãe quem me deu.

— Meu Deus! Quando foi isso?

— Não me lembro, amor, uns cinco anos atrás. Gosto muito dele. Mas que surpresa ter sido sua mãe a artista.

— Estou perplexa! — toquei a assinatura dela. — Ela vai adorar saber disso! Será que nossas mães também se conheceram?

— Quem sabe. Não me lembro ao certo quando ela comprou, me lembro que, quando cheguei do trabalho, esse quadro já estava aí. Essas letras, a caneta, ela disse que se pareciam comigo.

— Andy, eu me lembro de quando minha mãe pintou esse quadro — voltei a me sentar do lado dele na cama. — Ela se inspirou em mim. Sempre soube da minha paixão por escrever e colocou o

nome dele de “Letras da Alma”.

— Que interessante... Sempre estivemos de certa forma tão perto um do outro.

— Estava escrito no céu, você e eu. Não tenho dúvida disso.

Fiquei com ele até a hora do almoço. Arrumei a comida e o servi; ele não gostava de parecer tão fraco, porém não dei importância.

Fui para o trabalho.

No início da noite passei na casa dele.

Encontrei Andrew deitado na cama, isso me preocupava. Gelei quando ele me disse que pela manhã faria sessão de quimioterapia.



Acordei cedo e, quando cheguei ao hospital, ele estava na sessão. Alan estava com ele. Conversei com o médico, ele me passou detalhadamente como cuidar de Andrew em casa. Senti medo, tristeza, não sabia como seria.

Quando Andrew me viu, deu um pequeno sorriso, meus olhos lacrimejaram. Como podia se preocupar em sorrir sentindo tanta dor? Como podia lembrar-se de me agradar? Ele sabia o quanto eu amava o sorriso dele.

Sua aparência era cansada, ajudei Alan a colocá-lo na picape de Richard.

Entrei no carro. Andrew parecia sonolento, afaguei o rosto dele.

— Você vai dirigindo? — perguntou cansado.

— Preciso ficar pertinho de você. Eu te amo — sussurrei carinhosamente.

Ele ficou quieto durante todo o caminho. Chegamos em casa e Alan ajudou a levá-lo para o quarto.

Os sintomas após a sessão eram fortes. Buscava a solidez que não possuía para não chorar perto dele. Não sabia quanto mais iria segurar as lágrimas. A dor esmagava meu peito querendo desatar as amarras que garantiam minhas forças. Estava acuada e receosa.

Doeu vê-lo daquela forma, os sintomas eram inconstantes. Os vômitos o deixavam desorientado. Alan e eu segurávamos seu corpo cada vez que ele ia ao banheiro. Foi difícil e angustiante.

Na segunda vez, fiquei ao seu lado, sequei a boca dele com uma toalha. Queria chorar, me sentia sufocada. Lavei as mãos e as passei no rosto dele. Seus olhos mostravam enorme dor, pareciam suplicar ajuda.

— Andy — tentei desfazer o nó da garganta, mas meus olhos traíram minha força, fazendo cair uma lágrima silenciosa. — Isso tudo vai passar e você vai ficar livre dessa doença, acredite em Deus.

Alan o levou para o quarto e, cuidadosamente, colocou Andrew sobre a cama. Peguei uma toalha pequena e sequei seu rosto. Ele apertou minha mão.

— Andrew — as lágrimas escaparam dos meus olhos —, não foi esta a vida que... Deus sonhou para você, creia...

Ele adormeceu.

Andei até a sala e me sentei no sofá; não me contive, o choro sufocado saiu. Não conseguia parar de chorar. Foi quando Alan aproximou-se e me abraçou.

— Não precisava ver isso, Helen.

— Precisava sim.

— Depois ele fica bem. Não precisa chorar, são cenas fortes, mas você se saiu muito bem.

— Há um ano que ele passa pela mesma coisa? — perguntei indignada.

— Ele vai ficar bem.

Richard entrou na sala.

— E aí, como ele está?

— O pior já passou — respondeu Alan.

— E você, Helen — ele sentou-se do meu lado —, se saiu bem?

— Muito bem — Alan esbarrou em mim.

— Não pensei que fosse tão difícil.

— Helen, pode ir para o seu trabalho. Vamos ficar com ele, não precisa se preocupar — garantiu

Richard.

— Sabem que não vou sair daqui.

— Ele não vai acordar agora, e quando acordar, te avisamos — disse Alan.

— Vou ficar, vou ligar para meus pais, para meu trabalho. Mas não vou sair daqui.

— Então vamos almoçar. Liga e desce, ok?

— Vou ver como ele está — disse Richard.

Liguei para meus pais e para a loja em que trabalhava, disse para meu gerente que meu namorado estava doente. Ele não gostou da história.

Fiquei com Andrew durante o dia todo. Só me aquietei no começo da noite quando ele acordou, se alimentou e dormiu sem ter novamente as reações.

Richard me levou para casa e pediu para o motorista levar meu carro.



Acordei cedo, inquieta e preocupada. Liguei para Alan, ele disse que Andrew estava dormindo. No fim da aula, passaria para vê-lo.

Meus pensamentos estavam nele durante o caminho para a UFSC.

A primeira aula tinha começado, quando senti meu celular vibrar no bolso da calça. Fiquei com a respiração presa quando vi o número de Alan. Saí apressada da sala.

— Alan?! Aconteceu alguma coisa? — perguntei nervosa.

— Você está na faculdade?

— Tô, sim. Me diz, o que aconteceu?!

— Helen, Andrew foi internado.

Encostei a cabeça na parede, tirei o celular do ouvido, fiquei desnorreada. Por alguns instantes minha vista ficou escura. Não havia percebido que Sarah estava ao meu lado; ela pegou o celular.

Não conseguia raciocinar, só vinha à minha mente o pior, senti minhas pernas fracas, fiquei atônita. Parecia que tudo estava rodando em volta de mim. Fui escorregando pela parede até parar sentada no chão.

Sarah agachou-se na minha frente e me sacudiu.

— Helen?!

Comecei a retomar o raciocínio.

— O que aconteceu com ele?

— Helen, está me ouvindo? Calma! Ele foi internado há pouco, pois estava com dores.

— Preciso vê-lo...

— Vamos! Vou pegar nossas coisas!

Continuei ali, sem me mover, sentada, com as pernas dobradas, os cotovelos apoiados nos joelhos e com as mãos entre os cabelos. Sarah me puxou.

— Vou ligar para Evelyn, pois eu não sei dirigir e você está sem condições para isso.

Não consegui pensar em nada bom nos primeiros momentos. Vagueava em pensamentos sombrios, em vales escuros, a sensação de perdê-lo era apavorante. Fechei os olhos com força, precisava crer na presença de Deus naquele vale. Ele poderia desfazer as sombras, poderia alumiar a escuridão.

— Ajude Andrew, meu Senhor, ajude... — sussurrei.

Quando percebi já estávamos na frente do hospital.

Andei mais rápido e nos encontramos com Richard, Alan e Rebecca sentados em uma sala.

Quando Richard me viu, levantou-se e me abraçou. Quando senti seu abraço minhas lágrimas escorreram pelo rosto, sem som, doloridas, assombradas, uma após outra. Era lamentável que elas não tinham o poder de lavar minha alma medrosa.

— Calma, Helen. Tudo vai acabar bem, calma.

— Preciso vê-lo!

— Não podemos ainda, mas o médico disse que voltaria para dar notícias.

— O que ele tinha?

— Passou a noite com dores — ele embargou a voz. — Até que achamos melhor trazê-lo, porque ele estava ficando muito pálido. Mas ainda sorriu e pediu para te dizer que não era para você se preocupar.

— Richard, ele já passou por isso?

— Ele vai ficar bem. Sempre ficou — ele não aguentou dizer a última frase.

Richard passou a mão no rosto e empurrou os cabelos para trás, em seguida colocou as duas mãos na cabeça e expirou com força. Chorou. Abraçamo-nos de novo. Não havia mais palavras em mim, e nele também não.

Alan levantou-se e trouxe um copo com água, que recusei. Em meio àquela aflição, pedi mais uma vez para Deus ajudá-lo.

Lentamente me aquietei.

O médico apareceu e levantei-me rapidamente.

— Bem, o caso do Andrew é delicado — disse pausadamente o doutor. — Ele está sedado para não sentir dores. Provavelmente, teremos que induzi-lo ao coma.

Senti minhas pernas sem forças, Alan me segurou. Não ouvi mais nada, senti-me anestesiada. Podia sentir o chão movendo-se para me derrubar, o mundo girava apressado ao meu redor. Abri os braços procurando apoio para minhas mãos perdidas, mas um terremoto interno sacudia meus sentimentos, tirando tudo do lugar.

Alguém me fez sentar. Perdi a noção do tempo, ouvia as vozes, mas não conseguia distinguir de quem eram ou sobre o que falavam. Só entendia quando diziam que me levariam embora, daí eu forçava em ficar, balbuciando “não” de forma ininteligível.

Fiquei deitada no ombro de Alan. Meu raciocínio voltou lentamente. Naquela inquietação de pensamentos, depois de um longo momento, vi que meu pai e minha mãe apareceram na minha frente.

— Oi, minha filha — meu pai se apressou em me abraçar. — Como você está? Por que não nos avisou antes?

— Pai!

Ele sentou-se ao meu lado e nos abraçamos. De uma forma muito forte me senti protegida, parecia ser um lugar onde ninguém poderia me machucar, era assim desde criança. Naquele momento me acalmei. Senti minha mãe me abraçando por trás, me dizendo que tudo terminaria bem.

Devia ter passado da hora do almoço. Meu pai me convenceu a ir comer, seria a única maneira de me permitir continuar ali. Andei vagarosamente até a lanchonete, cabisbaixa, dolorida e angustiada. Não consegui comer quase nada.

Olhei o relógio. Seis da tarde. Eles me convenceram a ir para casa. Depois de relutar, acabei sendo convencida.

Tentei dormir, mas não consegui, me levantei e resolvi voltar ao hospital. Era madrugada, duas horas. Tentei não fazer nenhum barulho, pois Evelyn e Sarah estavam dormindo no meu quarto, mas acabei acordando Sarah.

— O que foi, Helen? — sussurrou.

— Nada.

— Por que tá arrumada?

— Volte a dormir, não é nada.

Saí do quarto e ela veio atrás de mim.

— Você vai ao hospital?

— Vou, não aguento ficar aqui.

— É madrugada, não posso deixar você sair assim.

— Por favor, Sarah, nem adianta.

— Então vou com você.

— Não, não vai — falávamos sussurrando.

— Vou sim, senão vou acordar seus pais.

— Sarah! — falei entre os dentes.

— Já escolheu, certo? Me espere que vou me trocar. Se eu voltar e você não estiver aqui, vou avisar seus pais.

— Teimosa — resmunguei.

— Aprendi com você.

Deixei um bilhete para meus pais e saímos.

As ruas estavam desertas por causa da madrugada e do frio. Desejei que todo aquele sofrimento de Andrew acabasse, assim como a noite ia embora com a chegada do sol. Desejei que o amanhecer levasse os lamentos da noite.

Chegamos ao hospital e, como imaginei, não me deixaram entrar para vê-lo. Fiquei na sala de espera com Sarah. Acabamos adormecendo.

Acordei com Alan nos chamando.

— Helen?

— Que horas são? — esfreguei os olhos para acordar mais rápido.

— Quase sete da manhã. Vocês dormiram aqui?

— Não consegui dormir em casa.

— Você realmente é teimosa.

Tempestade

O médico só veio nos dar notícias quase às onze da manhã. Disse que não foi preciso induzir Andrew ao coma, mas que ainda estava sedado. Se acordasse pela tarde poderíamos vê-lo. Insisti para me deixar entrar, porém o médico não permitiu.

Richard chegou quase ao meio-dia, veio da faculdade. Insistiu para que fôssemos para casa descansar, mas recusei.

Almoçamos juntos no refeitório do hospital. Convenci Sarah a ir para casa. Alan ofereceu-se para levá-la. Na saída do refeitório fomos andando para a sala de espera, de repente eles dois pararam no corredor.

— Não acredito — Richard passou a mão na cabeça e olhou para Alan.

— O que foi? — olhei para frente e vi um homem conversando com o médico de Andrew. Tentei entender rápido, mas não fazia ideia do que estava acontecendo.

— Aquele ali, Helen — Alan apontou com a cabeça —, é o pai do Andrew.

— Ele veio visitá-lo, que bom! — fiquei entusiasmada.

— Só que Andrew não fala com o pai — lembrou Richard.

— Não vai ser uma boa, ainda mais agora com ele internado — disse Alan. — Lembra-se do que aconteceu da última vez, na época do acidente?

— Então é a primeira vez que ele fica internado depois do acidente? — sussurrei espantada.

— Na verdade sim, a última vez foi no acidente — Alan cerrou os lábios.

— Por que não me disseram isso? — sussurrei entre os dentes.

— Você se preocupa ao extremo. Ele vai ficar bom, vai ver — garantiu-me. — O que vamos fazer?

— Não sei. Ele não deve ver Andrew, isso pode piorar o estado dele — ressaltou Richard.

— Espere aí, pessoal. É o pai dele — falou Sarah.

— Mas nós sabemos como Andrew fica depois.

O pai dele nos avistou de longe e continuou conversando com o médico. Richard e Alan o cumprimentaram meneando a cabeça e entraram na sala. Logo depois ele veio.

— Oi, rapazes — apertou as mãos dos meninos, os quais permaneceram com o semblante fechado.

— Esta é Helen, a namorada de Andrew — falou Richard. — E esta é Sarah, amiga dela.

— Oi, querida, muito prazer! Sou Alberto, pai de Andrew.

Levantei-me e apertei sua mão. Sarah fez o mesmo.

— Mel me avisou que Andrew estava aqui — ele sentou-se ao meu lado. — O médico me disse que os medicamentos não fizeram efeito ontem. O que ele sentiu antes disso?

— Dores — respondeu Richard. — Ele começou a reclamar de dores agudas, então resolvemos trazê-lo.

— Conversei com o médico, Richard. Irei transferi-lo para outro hospital fora do país. Já liguei para o piloto, o jato está à disposição para levá-lo agora — me espantei.

— Temos ótimos médicos por aqui, ele não precisa ir para o exterior — falou Richard metodicamente.

— Já está decidido.

— Não, não está!

— Tenho direito de decidir o que é melhor para ele — Alberto rebateu severamente. Richard e Alan riram com ironia.

— Não responde por ele. Sou o responsável pelo Andrew — jamais havia visto Richard falar de forma tão áspera.

— Você é um garoto como ele — falou Alberto com voz grave.

— Não vai tirar Andrew daqui. Eu decido o que é melhor para o meu irmão.

Alberto passou a mão na cabeça e bufou.

— Quero vê-lo.

— Sabe como ele fica. Não queremos que ele piore.

— Não é uma boa ideia — concordou Alan. — Se fosse mais presente, quem sabe — o tom sarcástico quebrou o clima de falsa paz.

— Sabem que não me aproximo porque ele não quer! — o tom de voz de Alberto mudou para indignação.

— Poderia ter evitado isso se não o tivesse abandonado quando mais precisou! — refutou Alan com ira.

— Vamos parar com isso, Alan! — Richard sempre era o mais pacificador. — Andrew é o que importa.

— Não preciso ficar aqui ouvindo isso — Alan levantou-se. — Vamos, Sarah?

— Tchau, amiga. Qualquer coisa me liga — Sarah me beijou no rosto e saiu com Alan.

— Penso que não é bom, por enquanto, que Andrew saiba que está aqui — enfatizou Richard. — Ele sempre fica agitado quando sabe que está ligando ou quando tenta vê-lo. Depois da última vez

que vocês se viram ele piorou.

— Não sabem o que é para um pai não poder estar perto de um filho, ainda mais quando vejo o quanto ele precisa de mim.

— Desculpe me intrometer — interrompi —, mas tudo que se trata do Andrew me interessa. Se for possível, gostaria que me tirasse umas dúvidas, senhor. Pode ser?

— O que quer saber, filha?

— Andrew me contou pouco sobre vocês, sei que ele guarda uma grande mágoa pela separação do senhor com a mãe dele. Mas por que não o procurou depois do acidente?

— Quando soube do acidente, estava fora do país, mas assim que soube vim o mais depressa possível.

— São tantas perguntas que quero fazer... Não estava presente no enterro da mãe dele, certo?

— Meu voo atrasou e quando cheguei ela já tinha sido enterrada. Mas me lembro daquele dia como se fosse hoje...

Por Alberto Gamberini

O sol está se pondo, o cemitério está vazio. Encontro um conhecido, ele diz que sente muito pela morte de minha esposa. Pergunto onde ela foi enterrada e caminho em direção ao seu túmulo. Enquanto caminho, lembro-me dos nossos últimos momentos.

Lamento.

Poderia ter sido diferente. Pela última vez entregarei uma rosa a ela.

O chão ainda está úmido, com rosas por cima. Meu interior se desintegra, dos olhos escorrem lágrimas. Agacho-me e toco sua lápide, deslizo a mão em seu nome: “Alice Gamberini — Nem a morte poderá me separar do amor de Deus”. Jamais pensei que um dia veria o nome dela escrito em uma pedra.

— Não consegui chegar a tempo, me perdoe. Como sempre, estou atrasado... Perdoe-me pela ausência e por ter provocado tudo isso. Por favor, diga a Deus que eu não queria que você se fosse. Eu te amei, Alice! Droga, como eu te amei! Mas não soube demonstrar, não soube te valorizar... me perdoe.

Beijo a rosa branca e coloco sobre sua lápide.

— Trouxe para você... sua favorita, me perdoe por não ter dado pessoalmente. Sinto muito por não ter dito o quanto você era especial para mim e que, lá no fundo, eu sentia sua falta. Vou cuidar do nosso filho. Não se preocupe, vou reconquistá-lo e demonstrar o meu amor. Talvez a gente se encontre de novo, no céu, como você dizia. Quem sabe um dia eu alcançarei o perdão de Deus. Eu te amo, Alice... Descanse em paz...

Por Helen Castilho

— Andrew me disse que o senhor abandonou a família. Sei que é muito particular, mas eu preciso entender tudo, até para poder ajudar vocês dois.

— Os conflitos que tive com ele na adolescência eram em razão dos meus atritos com a mãe dele. Confesso que acabei me tornando um pai ausente — ele ficou emocionado. — Arrependo-me duramente por isso. Brigas constantes em casa e conflitos com Andrew tornaram tudo uma bomba, perto de explodir. Isso perdurou por anos. Andrew começou a me evitar, já não nos falávamos mais dentro de casa, meu casamento estava se acabando e a mãe dele sempre o colocava contra mim.

— Vai assumir alguma coisa nessa história? — perguntou Richard.

— Richard, por favor. Deixe-o falar — reclamei.

— Vou dar uma volta, qualquer mudança me chama, Helen — Richard saiu da sala.

— Eles não gostam de mim — disse Alberto. — Acham que eu só sei fazer mal ao Andrew.

— E não é isso?

— Claro que não! Como estava dizendo, no final do colegial, Andrew resolveu fazer um intercâmbio de um ano em Nova York; foi mais uma fuga de casa, mas apoiamos sua decisão. Na volta, ele estava mais ameno, mas isso não durou muito.

— E a separação, como foi?

— No ano do acidente decidi sair de casa, foi quando acabei me envolvendo com outra mulher. Por isso Andrew tem tanta mágoa de mim.

— Não sei se é apenas isso, senhor. Talvez, pelo fato de ser tão ausente em tudo, ele deve ter criado esse muro de proteção. Mas como foi depois do acidente?

— Estava muito envolvido com essa mulher, ela me fez perder a cabeça. Como fui idiota! Enquanto Andrew ficou internado é que consegui avaliar tudo o que fiz, de como fui ausente na vida dele. Na possibilidade de perder meu único filho, caí e fiquei atordoado. Somado à morte de Alice, percebi o quanto fui um péssimo pai e um péssimo marido! Quando ele acordou, sofri quando soube que não queria me ver. Ia quase todos os dias visitá-lo, mas ele não me recebia. Isso o deixava muito agitado, ele sempre passava mal, então resolvi evitar. Sei que os anos ausentes não serão possíveis de serem repostos, mas sei que tenho culpa nisso tudo, fui ausente, não fui um bom pai — abaixou a cabeça. — Não fui um bom marido e uma paixão louca quase me fez perder meu filho.

— Desculpa perguntar, mas depois o senhor continuou com a tal mulher?

— Não, terminamos em seguida. O sentimento de culpa me consumiu. Ainda me sinto culpado...

— Ninguém tem culpa, senhor. Coisas ruins acontecem, o que vocês precisam é sentar e passar tudo a limpo.

— Já tentei isso, mas Andrew não pode nem ouvir meu nome.

— Como fica sabendo dele?

— Mel está conosco há anos, acompanhou nossa história, sempre tentou me aproximar do Andrew. Acompanhei tudo a distância. Sei que Andrew não me suporta, há anos que não o ouço me chamar de pai. Ele não aceita nada que venha de mim.

— Andrew ainda vive com a herança da mãe dele?

— Ele sempre foi muito inteligente em relação a dinheiro. Sei que ele não passa dificuldades, mas fico sempre rodeando com minhas preocupações sem que ele saiba. Achei que, por ele ser um ótimo administrador nas finanças, poderia assumir meus negócios. Nunca dei importância para o que ele realmente amava fazer. Percebi muitas coisas tarde demais.

Richard voltou para sala.

— Já falei com ele sobre vocês, senhor, e tento convencê-lo de que precisam conversar. Ele realmente guarda muita mágoa do passado.

— Espero que consiga. Você realmente é uma garota de ouro, como Mel me disse.

— Obrigada. Amo muito seu filho e foi muito boa nossa conversa para que pudesse entender algumas coisas. Mas concordo com Richard — olhei para ele, que estava sentado na nossa frente. — Que, se o senhor forçasse a vê-lo, só iria piorar a situação. É melhor mesmo deixar o tempo passar mais um pouco.

— Sei disso. Espero que não demore muito. Mas vou ficar aqui, só vou embora quando souber que ele está bem.

O clima de silêncio que ficou na sala era incômodo. Tentei quebrá-lo fazendo perguntas da infância de Andrew.

Perto das quatro da tarde o médico entrou na sala e disse que Andrew havia acordado; nos disse que podíamos vê-lo rápido e que não o deixássemos conversar muito, pois precisava descansar.

Quando entrei na sala, ele estava de olhos fechados, com alguns aparelhos no corpo e no rosto. Atrasei os passos, a cena parecia surreal, meu peito parecia que estava sendo dilacerado. Lentamente me aproximei e não soube ao certo onde poderia tocá-lo. Por alguns instantes fiquei com a mão estendida e o lugar onde a repousei foi na minha boca para esconder meu espanto. Richard apertou meus ombros. Sequei as lágrimas e segurei a mão de Andrew. Ele abriu os olhos.

— Oi, Andy. Como é maravilhoso te ver...

Ele apertou minha mão.

— Não fale, o médico disse que precisa descansar. Só quero que saiba que vou ficar aqui até você ir embora. Eu te amo — beijei sua testa.

Ele fechou os olhos de novo, fiquei ao seu lado, segurando sua mão.

O dia se findou.

Tive ainda de convencer Richard a me deixar ficar; ele passaria aquela noite no quarto. Não foi fácil convencê-lo.

Observei um sofá para acompanhante, queria ficar próximo de Andrew. Coloquei a cadeira perto da cama. Fiquei observando os aparelhos, as lágrimas desceram. Sussurrei orações a Deus.

Deitei-me perto da sua mão, apoiada sobre a cama. Estava muito cansada, adormeci. Na madrugada senti que alguém tocava minha cabeça, porém estava muito sonolenta para abrir os olhos.

Despertei depois de um tempo e senti que a mão dele pesava em cima do meu braço. Olhei os aparelhos e beijei sua mão.

Alan chegou pela manhã, perto das sete horas.

Resolvi caminhar do lado de fora do hospital.

Fazia frio, assim como eu estava por dentro. Ansiava pela hora de ele poder voltar para casa. Os pensamentos traziam-me uma disputa cerrada entre fé e razão. A possibilidade de ele não sair mais daquela cama deixava-me apavorada, e a esperança que encontrava na minha fé levava-me a um lugar de descanso, de calma.

À noite, o médico nos disse que se ele acordasse melhor pela manhã poderia ir embora. Foi um alívio desejado.

Passei de novo a noite com ele, deitada no sofá. Fui contra todos que disseram que eu tinha que ir embora. Estava exausta, mas aguentaria mais uma noite, se fosse preciso.

Richard e eu estávamos na sala quando o médico o examinou pela manhã e disse que iria esperar até o começo da noite para decidir se daria alta ou não. Enquanto o médico falava, Andrew abriu os olhos. Meu coração encheu-se de alegria, andei rápido em sua direção.

— Oi, lindo — apertei sua mão.

— Oi — ele deu um pequeno sorriso.

— Graças a Deus você acordou! Como você está?

— Que bom te ver acordado, irmão — Richard falou emocionado.

— Vou ficar bem.

O médico fez algumas perguntas para Andrew, que respondia sempre pausadamente e com poucas palavras, e saiu da sala.

— Vai voltar para casa, Andy! — ressaltei animada.

— Tem descansado?

— Tenho! Não se preocupe! O que importa agora é você.

— Promete que vai descansar?

— Andrew, esquece isso!

— Promete? — concordei com um leve aceno de cabeça.

Acariciei seu rosto e ele adormeceu lentamente.

Naqueles dias acabei perdendo peso. Um ou dois quilos, não sei, mas era visível que estava mais magra e cansada.

Voltei para casa muito contrariada, realmente precisava descansar. Consegui dormir por algumas horas.

Acordei assustada, olhei para o relógio e eram quase cinco da tarde. Voltei para o hospital, Evelyn e Sarah foram comigo.

Por Andrew Gamberini

Acordo aliviado de não estar com dores. Vejo Alan sentado no quarto.

Ajeito-me na cama. Alan se apressa em minha direção.

— Amigo! Deixa que te ajudo!

— Tudo bem.

Ele aperta o controle da cama. Por alguns instantes observo sua aparência.

— Está com os olhos fundos, Alan. Não dormiu?

— Andrew, você às vezes é um cara chato! — ele ri forçado.

Richard aparece e ao me olhar mostra um sorriso surpreso.

— Como está, irmão?

— Sem dores, mas ainda cansado.

— O médico disse que virá aqui conversar com você.

— Sabe o que é?

— Não, mas fica tranquilo. Tudo vai acabar bem!

— Helen... Ela foi em casa?

— Helen é determinada, Andrew.

— Ela não foi para casa.

— Sabe que não.

Alguém entra, quando levanto os olhos, vejo o médico. Não está com uma cara boa. Prevejo que não trará notícias de paz.

Ele relata meu estado de saúde. Por fim entra no assunto, de um tratamento especializado contra o câncer em São Paulo.

Conhecia aquela expressão, o assunto principal ainda não tinha sido falado.

— Me diz a verdade sem rodeios, por favor? — sinto a ansiedade me sufocar.

— Andrew, você precisa ir o mais rápido possível. O câncer que você tem é irreversível.

Meu coração breca, minha mente fica branca, fico tonto.

Alan se sobressalta do meu lado.

— Por que está dizendo isso, doutor?!

— Isso é uma sentença vaga e errada! Não é verdade! — Richard entra na frente de Alan.

— Pode ser processado por um erro médico! — acusou Alan, transtornado.

— Richard, você me conhece — falou o médico. — Sabe que jamais falaria isso se eu tivesse a incerteza que adoraria ter agora.

Estou estático, sem ação, apenas ouvindo a conversa.

— Por que ele tem que ir? — Richard coloca as mãos na cintura.

— Andrew, juro que quero que seus amigos tenham razão a respeito do meu erro. Mas pelos seus exames...

— Diz logo! — exclama Alan.

— Você tem uma grande possibilidade de aliviar seus dias em São Paulo, mas infelizmente... você não vai... suportar esse câncer mais do que dois meses.

Meu estômago revira, sinto ânsia de vômito.

— O que está dizendo, doutor? Repete! — esbravejou Richard.

— Andrew precisa ir para São Paulo e começar o tratamento especializado. Se não for, não vai suportar o câncer mais que dois meses.

Alan dá alguns passos para trás.

— Não é verdade — Richard sorri ironicamente.

— Está me dizendo que... — escolho as palavras — tenho dois meses de vida?

— Espero estar enganado, Andrew. Mas, pela minha experiência, não passará disso.

— O que está dizendo, seu idiota?! — Alan levanta-se com fúria segurando o médico pelo colarinho.

— Larga ele, Alan! — Richard o segura com força.

— Para de falar mentiras, seu desgraçado! — Alan tenta se soltar de Richard. — Ele, ele — a voz dele embarga — está dizendo que meu amigo vai morrer!

Alan senta-se na beira da cama, seus olhos estão com lágrimas. Não tenho noção do que fazer ou falar.

— Isso não é verdade — Richard se aproxima também. — É um engano, um maldito engano!

Helen surge nos meus pensamentos. Olho meus amigos com lágrimas nos olhos. Tudo se encaixa, vou morrer. Um peso vem sobre meu peito. Choro pela hipótese de nunca mais vê-los.

O médico explica o tratamento; estou distante em pensamentos.

— Não quero ir — falei enfático.

— Se você não for estará... assinando sua sentença de morte, Andrew.

— Que sentença de morte! — Alan levanta-se da cama e caminha rápido em direção ao médico, e Richard o segura.

— Para de ficar dizendo isso! — grunhiu Alan irado. — Se falar de novo que meu amigo vai morrer, eu juro que te encho de porradas!

— Alan, calma! — falou Richard. — Andrew não vai morrer! Isso é conversa dele! Andrew tem muitos anos pela frente! Agora para!

Alan afasta-se do doutor, passa as mãos na cabeça e dá um soco na parede.

O médico sai da sala.

— Não posso — lamento. — Não agora.

— Não vai morrer! Sabe disso! Helen tem feito orações por você, Deus vai ouvi-la.

— Não me fale Nele...

— Andrew, precisa começar a deixar essas coisas entrarem em você, a fé é algo bom. Deus é algo bom, não deixe que pensamentos ruins te atrapalhem a ver isso.

— Queria tomar um banho para esfriar a cabeça.

— Claro! — concordou Alan. — Ajudo você! Mas esse soro?

Arranco a agulha com raiva do meu braço.

— Não podia ter feito isso, Andrew!

— Me deixa, Alan. Vou morrer mesmo!

Ele segura meus ombros com força.

— Não quero mais que fale isso — me censurou seriamente.

Consegui tomar banho me forçando a ficar em pé.

Richard pegou uma bermuda e uma camisa.

— Vai embora hoje, *brother* — Richard tenta transparecer um pequeno entusiasmo.

Estou em silêncio.

Olho pela janela, um vazio desconhecido me assusta. Lembro-me da Helen, dos dias em que ela passou sofrendo por mim. Não é justo ela perder sua vida por minha causa. Não é justo ela abreviar seus sonhos, perdendo seus melhores anos cuidando de mim.

Olho para meus amigos, Alan estava relaxado no sofá me olhando. Richard com aquela posição que conheço tão bem. Inquieto, com as mãos cruzadas embaixo do queixo. Como um futuro juiz, analisa-me, deve estar pensando em dezenas de perguntas, ou apenas em uma que possa responder às suas conjecturas de uma única vez.

— Em que está pensando? — perguntou.

— Vou para São Paulo.

— É provisório, irmão — Alan ajeita-se no sofá.

— E a Helen?

Rio com ironia. Passar a vida procurando por ela e ter que abrir mão em apenas um dia.

— Não posso levá-la, Richard — abaixo a cabeça.

— Ela certamente irá com você quando souber.

— Não vou dizer a ela.

— Não pode, ela precisa saber! E, aliás, ela já sabe de São Paulo.

— Quero dizer que ela não vai saber porque estou indo.

— Está louco, Andrew? Ela tem que saber!

— Não, Richard! — sinto raiva. — Ela não tem que saber! Não é justo ela largar a vida dela aqui e ter que ir atrás de mim e assistir à minha morte!

— Para de dizer que vai morrer — a voz dele mal saiu.

— Desculpa — suspirei fundo.

O médico aparece e me dá alta.

— Vou chamar Helen — disse Alan. — Ela estava aflita querendo te ver.

— Vamos sair logo daqui, mano — Richard tirou meu tênis da mochila.

Sinto um frio por dentro. Quero muito vê-la, mas não sei como prepará-la para aquela notícia. Luto contra meus pensamentos, não consigo acreditar que seja um fato; deve haver uma saída, tem que existir uma.

Helen surge no quarto, anda depressa e me abraça. Seus cabelos ainda estão com o suave cheiro de que tanto gosto.

Ela chora abraçada comigo, engulo o nó da garganta. Droga! Ele não se desfez.

Acaricio sua cabeça e desejo com todo o meu ser não perder o seu amor.

— O que foi? Você está tão diferente, sério.

— Helen, gostaria de conversar com você depois. Vou passar na sua casa à noite, tudo bem?

— Tudo bem, mas o que aconteceu? Não quer me dizer agora?

— Não, à noite conversamos. Obrigado por tudo que fez.

Empurro a roda da cadeira. Quero evitar ficar perto dela, senão será impossível me despedir.

— Andrew? — ela entra na minha frente. — O que aconteceu? Por que você está diferente, distante, te fiz alguma coisa?

— Não, mas à noite conversarmos melhor. Tenho que descansar.

Fico de cabeça baixa, não sei o que fazer. Não consigo encará-la nos olhos. Eles são verdadeiros, capazes de mudar minhas razões.

Na claridade do dia, observo o lindo rosto dela, visivelmente triste. Está com olheiras e aparentemente mais magra, parece exausta. Aquela cena dói. Acaricio sua pele macia, ela fica com os olhos úmidos.

— Obrigado — puxo ela com cuidado e beijo rápido seus lábios.

Afasto-me depressa quando me lembro de que posso estar com o maldito cheiro dos medicamentos na boca. Ela parece não se importar.

De repente, segura meu rosto com as duas mãos e me beija. Seu beijo é triste, mas, como sempre, bom.

— Vou te esperar, Andrew.

Cerro os lábios, triste, e pisco os dois olhos para ela.

É uma manhã fria de inverno.

Em casa, Mel me abraça com força e chora. Ela já sabe das notícias.

Preciso estar em São Paulo amanhã.

Minha tia, Carolina, me ligou, triste, disse que iria com meu tio Wagner para São Paulo. Estava arrasado mais pelo fato de me separar da Helen do que com a possibilidade sempre possível, o final trágico do câncer: a morte.

Entro no meu quarto e me sento na cama para pensar.

Meus amigos sentam-se na ponta da cama.

— Decidiu o que fazer?

— Não há escolhas — abaixo a cabeça, triste. — Vou... terminar com ela.

— Está doido, Andrew?! — Alan falou espantado. — Não pode fazer isso com ela nem com você!

— Não era o que queria! — falou injuriado. — Mas o que posso fazer? Helen só poderia ir comigo casada, jamais os pais dela deixariam que fosse de outra forma! E jamais me casaria com ela por causa de uma doença!

— Andrew — disse Richard calmo —, penso que deveria dizer a ela a verdade e deixar que ela decida o que fazer. Não pode tirar dela a escolha.

— Richard, não quero que sofra ao meu lado, que ela perca a vida para cuidar de um doente terminal.

— E quando ela souber? Vai sofrer.

— Mas um dia vai passar.

— Está irredutível, eu sei. Mas lá conversamos melhor sobre o assunto.

— Vocês não vão comigo.

— Claro que vou — Richard espantou-se.

— Não, Richard. Você tem sua vida aqui, e...

— Andrew, não vou discutir esse assunto com você — ele me interrompeu.

— É verdade, não tem o que discutir! — falou Alan.

— Não vão!

— Claro que vamos! Ficou doido de vez?

— Preciso — as lágrimas brotaram em meus olhos — que... vocês cuidem da Helen.

— Mas quem precisa de nós é você! — Richard falou surpreso.

— Richard — puxo seu braço com força para perto de mim —, só confio em vocês agora!

Preciso que cuidem da Helen!

— Andrew, adoro a Helen, mas você é meu irmão!

— Por favor! — implorei.

Richard está em silêncio me focando.

— Não posso, preciso estar com você — falou Alan.

— Andrew — Richard abaixou a cabeça e depois me olhou. — Por que é tão importante para você que fiquemos aqui?

— Saber o que vou causar, saber que as únicas pessoas em quem confio não estarão aqui para cuidar dela, me deixaria pior.

— Ela tem os pais dela, tem seus amigos que a amam. Você precisa de nós!

— Claro que preciso, mas, como amigo, estou pedindo. Por favor, cuidem da Helen?

— Não vou conseguir ficar aqui, sabendo que você está fazendo um tratamento louco em São Paulo. Vou com você! Não vou mais discutir — Alan sai da sala.

— Richard?

Ele está parado sem expressão.

— Sabe, Andrew — disse ele suspirando fundo —, isso que está nos pedindo é algo impossível de fazermos, sabe disso.

— Sei que é. Mas só por enquanto. Vocês revezam em ir me ver nos finais de semana?

— Por quanto tempo?

— Não sei, um mês, dois.

— Não posso, amigo. Desculpa, mas não posso.

Preciso convencê-los a ficar e cuidar da Helen, e também não quero que eles deixem a vida deles por mim. Quando eu morrer, nada mudaria, de certa forma, na rotina deles.

— Só um mês? Faça isso por mim?

Por um longo período Richard ficou me olhando. Ele nunca havia negado nenhum pedido meu.

Levanto-me da cama e sento-me na cadeira em direção ao closet. Ele vem atrás de mim. Pego a mala e jogo no chão.

Tiro as roupas da gaveta e jogo-as na mala aberta.

— Andrew? — Richard agacha-se ao meu lado. — Está pedindo que eu fique, porque acha que vai morrer ou porque não quer que eu deixe meus afazeres aqui?

Estou pensando rápido em um novo argumento para convencer Richard. Ele me conhece um décimo a mais que Alan. Sabe quando estou fingindo.

— Não, Richard — minto.

— Me diz a verdade, você nunca conseguiu me enganar. Daí, penso se vou ou não com você.

— Não sei o que vou sentir quando chegar a hora. Ir para São Paulo e imaginar Helen sofrendo aqui. Hoje, só confio em vocês, amigo. Preciso ter o conforto de que estão cuidando dela, pelo menos até ela se recuperar. Quem me dará notícias sobre ela?

Ele se levanta, passa as mãos na cabeça e fica com o olhar vago pela janela.

— É importante demais para mim, Richard.

Depois de um longo período em silêncio, ele volta a me olhar.

— Somente porque está me pedindo, Andrew, apenas alguns dias.

Estendo a mão para nosso aperto de mão exclusivo.

Ele agacha-se ao meu lado, segura minha mão contra seu peito.

— No final do mês vou morar com você, até o fim do tratamento. E, Andrew, não tente me convencer do contrário depois.

Sinto um enorme alívio por saber que ele ficará.

Chamo Mel, quando vejo a bagunça em que está a mala.

Vou para a sala e Prince senta-se ao meu lado. Ele me olha, parece que sabe das notícias, está com os olhos fixos em mim. Não abana a cauda e parece me dizer tanto com aquele olhar inocente. Tenho certeza de que ele sentiu minha falta esses dias e está triste pelas notícias que vieram.

Lembro-me da Helen, dos nossos momentos, choro. Está doendo e me machucando como punhaladas duras. Sinto um aperto em meus ombros, é Richard.

As horas passaram depressa, estava preocupado com Helen e totalmente angustiado por saber que magoaria tanto a garota dos meus sonhos.

Ela me ligou, triste e preocupada. Meu coração ficou pesado, odiei ter que fingir indiferença com ela. Quando encerrei a chamada fiquei possuído de ódio, joguei meu celular com força contra a parede e ele se quebrou em diversas partes.

Alan achava que ia ficar comigo em São Paulo, precisava pensar em uma forma de não tirá-lo também da minha vida. Dois meses passariam mais rápido do que esperava...

Richard apareceu próximo da noite, com a notícia de que Helen havia sido demitida. Senti raiva de mim, só podia ser por ela ter ficado comigo durante aqueles dias. Foi mais um motivo para eu

não me arrependeu tanto pelo que faria. Helen tinha uma vida para viver, eu estava atrapalhando o andar natural dela.

Richard puxa minha cabeça e me abraça contra seu peito.

— As chuvas são passageiras, irmão. Até no dilúvio as águas demoraram, mas tiveram que retroceder. Vai passar.

— Vou à casa dela.

— Vou te levar.

— Vou sozinho.

— Sabe que não pode!

— Quero dirigir meu carro — disse com o semblante triste.

Sinto um desconforto nas juntas, mas quero dirigir. Não sei se farei isso outra vez. Richard aceitou e vai me seguir.

Meu coração estava acelerado, triste e angustiado.

Ao chegar a casa dela, avistei-a de longe. Paro o carro, Richard estaciona atrás.

Por Helen Castilho

— Estou tão feliz por vê-lo aqui, Andrew! — apertei-o em meus braços por um longo tempo. — Graças a Deus que você saiu daquele hospital! Veio sozinho? Já pode dirigir?

— Não — disse sério. — Richard veio me seguindo, está aí atrás — olhei rápido e vi a picape estacionada.

— Estou tão feliz que esteja aqui!

Toquei seu rosto e lhe dei um beijo rápido. Quando ia me afastar, ele segurou minha cabeça e me puxou novamente, um beijo diferente, um jeito mudado.

— O que foi? Parece até que está se despedindo de mim.

— Helen — ele ficou olhando para o volante do carro —, você foi a melhor coisa que me aconteceu.

— Por que você tá tão diferente? Estou começando a ficar com medo.

Ele desviou o olhar. Puxei seu rosto delicadamente.

— O que foi?

Ele ficou em silêncio.

— Helen — inspirou e soltou rápido —, vou para São Paulo.

— O médico me disse isso, do tratamento especializado. Andrew, não precisa ficar assim! Estava pensando sobre isso, podemos nos casar, vou com você!

Ele ficou calado por alguns instantes.

— Andy?

— Você não pode ir comigo.

— Por que não? — me assustei.

— Vou sozinho. Vi o que você sofreu esses dias comigo. Não quero que passe por isso de novo.

— Por que está me dizendo isso? — puxei seu rosto na minha direção.

— Helen, decidi que... vou sozinho.

— Andrew... — ri nervosa. — Não estou entendendo, por que está me dizendo essas coisas? Por que não quer que eu vá com você?

— Pensei muito, acordei algumas vezes de madrugada e vi você ali, ao meu lado. Não é justo. Soube que perdeu o emprego, porque faltou esses dias. Não é justo que perca sua vida dessa forma.

— Já fiz uma escolha, Andrew — falei nervosa. — Como soube do emprego?

— Richard passou lá à tarde para te entregar o casaco que você esqueceu no hospital e disseram que você tinha sido demitida. Não é justo...

— Para com essa conversa! Sei decidir o que é melhor para mim!

— Não, não sabe. Não sou o melhor para você! Merece alguém que fique ao seu lado para te ajudar, e não te dar trabalho! — ele foi áspero.

— Já conversamos sobre este assunto! Por que está agindo assim? — lágrimas começaram a fugir dos meus olhos.

— Não devia ter feito você se apaixonar por mim.

— Você não fez nada! Meu coração te escolheu!

— Está sendo muito difícil. A pior coisa que já vivi, mas não podemos mais ficar juntos.

— Você não está falando sério — meu coração desapareceu.

— Me perdoe — ele falava com a voz embargada. — Precisamos terminar, Helen.

Não me achei naquela cena, parecia um enredo trocado, não podia ser verdade! Não era verdade! Abaixei a cabeça e neguei rapidamente. Fechei meus olhos na esperança de abri-los e concluir que tinha sido um pesadelo. Abri os olhos e estava ainda presa àquela opressão angustiada. Por que ele estava fazendo aquilo? Por que estava me ferindo?! Por que estava transformando meu sonho em cinzas?

Puxei seu casaco com força e falei com tom agressivo bem perto do seu rosto:

— Andrew, por que você está me machucando assim?!

Ele soltou minhas mãos do casaco e as beijou, seus olhos estavam carregados de lágrimas.

— Me perdoe, mas é melhor para nós dois. Não quero mais te machucar.

Fiquei imóvel, parecia que meu coração tinha parado de bater.

— Perdoa? — ele calmamente me implorou.

Meus olhos estavam perdidos no nada. Buscava nos últimos acontecimentos alguma explicação plausível para aquele momento, porém não encontrei uma sequer.

— Helen? — ele tocou meu queixo. Despertei dos pensamentos.

— Como você pôde? — meu peito doía, mal podia senti-lo, era aguda a força da dor contra mim. — Por que me fez promessas que não pode cumprir? Disse que ficaria comigo para sempre!

— Isso não é uma promessa, meu coração é seu para sempre.

— Então, Andrew! Nos amamos, por que terminar? Não quero seu amor ou o seu coração sem você presente!

— Vou para São Paulo, você tem uma vida aqui. Não quero vê-la sofrendo como vi esses dias. Não quero que largue tudo para ir comigo!

— Podemos nos casar, faria isso de todo o meu coração!

— Não podemos nos casar por causa de uma doença, o casamento é mais do que isso!

— Sei o que é o casamento! — interrompi. — Faria isso sem obrigação nenhuma, mas, Andrew, não faz isso comigo!

— Olha para mim, Helen! O que posso te dar como futuro?

— Você está nos meus planos futuros.

— Olha como estou! Não tenho forças para nada! Não posso ser completo para você! Olha minha aparência! — diminuiu o tom de voz quando ela embargou. — Por que não disse nada sobre o gosto dos remédios, quando me beijou?

— Andrew... — disse chorando. — Amo você, amo tudo em você, o que é o gosto fraco de um remédio na sua boca diante da vida que sinto quando nos beijamos? — Segurei o rosto dele e o fiz olhar para mim. — O gosto dos remédios? Isso é tão insignificante para mim. Mas o seu carinho não! Seus beijos não!

— Me perdoe, mas não podemos mais ficar juntos.

— Você faz parte da minha vida — não conseguia parar de chorar. — Não posso me imaginar sem você! Está me machucando! — abracei-o apertado. — Por favor, para com isso!

— Me perdoe — ele me abraçou apertado. — Ver você assim está me matando por dentro, mas já tomei uma decisão.

— Andrew? — me afastei e um desespero se apossou de mim. — Não faz isso comigo! — implorei.

— Não faz assim. Sei que um dia irá me perdoar. Tem um coração apreciável, nobre. Um dia verá que foi o melhor para você.

— Para mim? Sei o que é melhor, mas realmente não sou o que você esperava que eu fosse!

— Você é muito mais do que um dia eu podia esperar. Perdoa?

— Para de me pedir perdão! Você não vai me deixar! Não sei o que aconteceu dentro de você, mas devia ir para casa e pensar melhor. Amanhã posso fingir que tudo isso não aconteceu e apagar tudo o que me falou, se simplesmente me disser que vamos ficar juntos!

— Não vamos — ele deixou uma lágrima escorrer. — Vou amanhã para São Paulo.

— Por quê? — meu coração não aguentava aquela dor me quebrando em pedaços.

— Você não pode imaginar como estou por dentro, e vendo você assim, quanto sofrimento tenho te causado.

— Você vai deixar mesmo, acabar assim, Andrew? — Não conseguia acreditar, mas a dor mostrava que aquele momento estava acontecendo, era real.

— Vai ser o melhor.

— Pra você, não pra mim! — falei irritada.

— Obrigado por tudo que você fez.

— Não quero seu agradecimento! — fui rude.

— Jamais vou te esquecer.

— Para, Andrew! Não quero ouvir mais! Sei que pensará melhor e amanhã vou perceber que isso tudo foi apenas um pesadelo! Não acredito que esteja falando a verdade! — Abri a porta do carro e ele me segurou.

— Me perdoe, Helen. Sempre vou te amar.

Olhamo-nos em silêncio.

— Espero que pense melhor.

Saí do carro e bati a porta, ele ligou o motor e saiu. Fiquei parada com aquele vento congelando meu rosto. Vi a picape de Richard parando na minha frente. Olhei para o lado e vi o carro dele desaparecendo na esquina.

Fui até Richard.

— Richard! O que está acontecendo com Andrew? Ele disse que vai terminar comigo!

— Adoraria conversar com você agora — ele apertou minha mão que estava apoiada na porta da picape. — Mas preciso segui-lo. Ele não pode fazer esse esforço, mas quis vir dirigindo.

— Richard! Por favor, me ajuda?! Conversa com Andrew! — falava desesperada. — Ele não pode terminar comigo!

— Preciso ir, me desculpe — ele pegou minha mão e beijou, em seguida engatou a marcha para sair.

Andei até a calçada da minha casa, olhei Richard virar rápido na esquina, o pneu cantou. Não sabia definir o tamanho da dor, se era raiva, tristeza, desilusão ou tudo junto. Não podia ser verdade, Andrew me ligaria mais tarde, me dizendo sobre seu momento de insanidade e me diria o que sempre me dizia, que nada havia mudado.

Entrei com a cabeça em órbita e não ouvi o que meu pai havia dito. Subi e deitei-me na cama. Minha mãe foi até meu quarto e me perguntou o que havia acontecido. Disse que havíamos brigado e que queria ficar sozinha.

O tempo foi passando e passando... Deu a hora em que ele habitualmente me ligava; ele não me ligou. Esperei, esperei e nada. Meu coração se apertava a cada minuto que se passava. Não aguentando mais, liguei para ele, mas estava desligado o celular. Deixei recado na caixa postal, liguei para sua casa e ninguém atendeu. Foi quando comecei a pensar que ele poderia estar falando sério.

Liguei para o celular de Richard, estava desligado. Liguei para Alan e na terceira tentativa ele atendeu.

— Alan?

— Oi, Helen — respondeu triste.

— Alan, por que Andrew não atende aos meus telefonemas?

— Ele está ocupado.

— Por que parece que vocês estão me evitando?

— Não é isso, mas é que... as coisas estão um pouco complicadas por aqui. Daqui a pouco eu te ligo de novo.

— Ele está bem?

— É sobre o que está acontecendo em relação à viagem. Depois te ligo.

— Alan, fala comigo? — implorei.

— Ligo para você, prometo. Me dá só um instante?

— Vou esperar você me ligar.

O tempo parecia que não passava. Depois de um tempo Alan me ligou.

— Desculpa, Helen. É que Andrew... não pensa em voltar atrás no que fez.

Meu coração bateu com aperto e voltei a chorar.

— Alan, o que fiz para ele? — perguntei quase sem voz.

— Não fez nada. Ele está atordoado com tudo o que aconteceu.

— Por que ele não quer falar comigo?

— Porque ele não quer te deixar triste.

— Assim que ele está deixando! — falei com raiva.

— Estamos conversando com ele.

— Fala para ele falar comigo? Preciso convencê-lo a não me deixar — sussurrei com medo da frase que acabara de dizer. — Alan, me ajuda, por favor?

— Estamos tentando — ele suspirou fundo. — Fica bem.

— Como? Andrew quer terminar comigo! Meu Deus! O que está acontecendo com ele?

— Ele está fora de si, estamos tentando trazê-lo de volta. Compreende?

— Fale com ele para não fazer isso, Alan, por favor?!

— Vou dizer, prometo. Agora preciso desligar.

— Vou aí! Preciso falar com ele!

— Helen, já está tarde, é perigoso vir aqui sozinha. Vamos conversar com ele, prometo, mas não faça nenhuma besteira.

Suspirei fundo e puxei o choro.

— Alan? Diga que eu o amo.

— Direi. Amanhã será tudo novo. Fica bem.

— Impossível...

Fechei o celular e tentei dormir. Não consegui, acordava depois de um cochilo, me revirava na cama. Levantei-me, andei pelo quarto e sentei-me na beirada. Fiquei olhando pela janela até o sono me encontrar.



Acordei cedo, eram quase seis horas da manhã. Troquei de roupa e fui direto para a casa dele. Toquei a campainha diversas vezes, até que Mel abriu a porta.

Era mais uma manhã fria, muito fria. Ela me abraçou.

— Minha filha, não deixe Andrew fazer essa besteira!

— Cadê ele? É verdade que ele quer ir para São Paulo?

Estava disposta a fazer qualquer coisa para ele mudar de ideia quanto a terminar nosso namoro.

— Ele e os meninos saíram cedo — ela enfim me soltou do abraço. — Não me disseram aonde estavam indo. Não estou entendendo por que ele terminou com você.

Aquela palavra pesou tão fundo dentro de mim, todos já estavam sabendo. Ele estava falando a verdade.

— Mel... — controlei o choro. — Amo o Andrew, por que ele está fazendo isso comigo? O que eu fiz?

— Não fez nada, meu amor — ela me abraçou apertado. — Você fez Andrew reviver, deu vida àquele coração morto, devolveu seu sorriso, mas ele está inflexível.

— O que faço agora, Mel? Estou desesperada! O celular dele está desligado! E Alan e Richard não atendem!

— Vamos entrar e esperar ele chegar, daí vocês conversam melhor. Sei que ele vai hoje, mas não sei a que horas. Mas, filha, ele vai, está tudo arrumado, inclusive... — ela suspirou fundo. — Ouvei os três conversando sobre isso ontem, mas pararam de conversar quando entrei. Estão fazendo alguma coisa que não querem que eu saiba.

— Mel, o que farei?

— Venha, minha filha. Entre, saia do frio. Se você sair para procurá-lo, poderão se desencontrar, aqui é o melhor lugar para esperá-lo.

Tentei ligar para o celular de cada um dos três, mas todas as ligações caíram na caixa postal.

Não me contive, pedi a Mel para ir ao quarto dele.

Subi a escada com o coração apertado. Na porta do quarto, gelei por dentro. Abri e entrei. Andei lentamente, não tinha nada forado lugar, tudo estava perfeitamente arrumado. Não tinha malas, nada. Mas ao ver que a casinha de Prince não estava do lado da cama, ali meu coração foi diminuindo, batendo com dificuldade, com minha respiração ansiosa.

Andei até o seu closet; quando vi que estava vazio, abri outras portas. Havia algumas roupas, mas era fato, ele tinha ido embora. Era a prova, tudo que ouvi era real. Perdi o chão, andei de costas, assustada e sozinha, tentando fugir daquele mundo assustador, segurando o choro com as mãos na boca. Joguei-me sobre a cama dele e senti a dor me consumir.

Meu peito doía, se rasgava como um fino tecido. Apertei com força minha blusa, talvez com a falsa esperança de que pudesse dissimular os remendos dentro de mim. A tristeza me envolvia, apertava-me contra ela. Provava doses embriagantes de amargura. Um gemido de dor saiu da garganta, a lembrança me dilacerava em pedacinhos.

Será que tudo o que ouvi e vivi foi apenas um sonho?

Estava presa em um pesadelo! Encontrei-me com a dor. Ela me deixou tonta, perdida em uma nuvem pesada de desespero.

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas era o único lugar que ainda tinha uma mórbida esperança de que o encontraria.

Fui me acalmando, mas a dor dentro de mim gritava o nome, Andrew.

Estava imóvel, sem movimentos, com o olhar fixo nos livros em cima da sua escrivaninha. Sentia-me despedaçada por dentro, uma dor de que jamais pensei provar.

Cenas do que vivemos vieram à mente como uma história resumida se passando, até mesmo nosso último encontro.

Richard entrou no quarto. Quando o vi, saltei da cama, segurei seus braços com força.

— Richard! Cadê o Andrew?

— Helen... ele não está aqui. Sei que isso tudo é difícil para todos nós.

— Onde ele está? — interrompi.

Ele suspirou fundo antes de me responder.

— Ele já se foi.

— Não — chorei sem esforços. — Ele não foi — me sentia indefesa, como uma criança.

— Embarcou há uma hora.

— Não, não — negava balançando a cabeça. — Não, Richard, ele *não fez isso comigo!* — minha voz aumentou.

— Foi, e pediu que mais uma vez você o perdoasse.

— Não, Richard!

— Helen, sei que não é fácil...

— Por que você o deixou ir? — perguntei com raiva e segurei com força no seu casaco pela gola. — *Por que não impediu que ele fosse?! Por que não atendeu às minhas ligações? Por quê?* — gritei batendo no peito dele. — Por que Richard? Me diz!

— Calma, Helen! — ele me abraçou apertado.

— Não! Ele não fez isso comigo! Ele não foi! — ele continuou me abraçando, imobilizando meus movimentos de bater em seu peito. — Por que o deixou ir? Ah! — gemi no meu pranto. — Por quê?!

Richard tentava conter meu desespero. Meus atos se tornaram insanos, somente a dor formava um escudo diante de mim. Meu coração estava quebrado, era como se aquilo fosse um sonho rasgado daquilo que acolhi como precioso para os planos da minha vida, um futuro aguardado, uma vida desejada.

— *Não! Não! Não devia tê-lo deixado ir!* Devia ter atendido às minhas ligações! Não!

Enquanto ia perdendo as forças das pernas, Richard continuava impedindo que eu caísse.

— Sinto muito, Helen.

— *Não é verdade!* — gritei. — Não sente! — Quanta dor havia na minha alma.

Chorei profundamente, estava despedaçada, apenas fragmentos.

Depois de um tempo fui me encontrando no meio daquele momento tenebroso. Richard me sentou na cama e sentou-se ao meu lado. Percebi que ele estava chorando.

— Helen, Andrew ama você, como nunca amou ninguém. Está sendo difícil para ele também.

— Por quê? Pode me dar apenas um motivo?

— Ele não suportou te ver sofrer por ele no hospital... Não queria que você perdesse sua vida por causa dele. Lá vai poder se cuidar melhor. Os tios dele do Rio de Janeiro têm uma casa em São Paulo, eles ficarão com Andrew até Mel e eu chegarmos.

— Não foi justo o que ele fez.

— Entendo você, mas tente compreendê-lo.

— Não posso entender seus motivos, não posso!

— Sinto muito por tudo isso, Helen. Juro que sinto.

— Alan foi com ele? — perguntei com a voz fraca.

— Foi sim. Andrew pediu que eu ajudasse você.

— Não quero sua ajuda! — voltei a chorar com intensidade. — *Quero Andrew de volta!*

— Ele deixou isso aqui para você — tirou uma carta do seu casaco e me entregou.

— Uma carta de despedida?

— Acho que sim — seu semblante era entristecido.

— Me leve até ele? — supliquei desesperada puxando-o pelo casaco.

— Não posso.

— Por que não? Me leve a ele!

— Não posso, Helen. Acabou.

Coloquei a mão na boca e chorei de novo. Fiquei negando até aceitar que tudo aquilo era uma triste verdade. Parecia que tudo estava parado em minha volta, sentia a tristeza queimar dentro de mim, um enorme desespero. Queria sumir, mas tinha que aceitar o fato. Andrew havia ido embora da minha vida, só que ele não foi sozinho, levou meu coração com ele.

Nessa luta de pensamentos, fui parando de chorar, mas, ao olhar Richard, veio tudo à minha mente outra vez. Ele me lembrava Andrew.

Richard resolveu me levar para casa. Àquela altura, não podia mais lutar contra ninguém, muito menos contra a minha própria vontade.

Não falei mais nada. Richard colocou meu braço em seu ombro e me segurou, conduzindo-me lentamente à sua picape. Parecia uma doente, mal conseguia andar.

Não disse uma palavra. Richard ainda tentava provar o quanto Andrew me amava. Meus pensamentos voavam para bem longe de mim. Não prestei mais atenção nas palavras dele.

Cheguei em casa e minha mãe, quando me viu, correu até a porta ao me ver sendo carregada por ele.

— O que ela tem?

— Ela está bem, senhora Suzan, mas está meio em choque pelo que aconteceu — Richard me colocou no sofá.

— Sabia que poderia terminar assim.

— Se permitisse, gostaria de ficar mais um pouco com ela.

— Será que você pode levá-la para o quarto, por favor?

Richard jogou meu braço no seu ombro. Percebeu que não aguentaria subir as escadas, minhas pernas não respondiam aos estímulos; escorreguei do seu pescoço e sentei-me no início da escada. Estava fraca, tudo ao meu redor girava. Ele me pegou no colo, me levou até meu quarto e me pôs na cama. Em seguida, ficou me olhando, até que chegaram Evelyn e Sarah, ofegantes. Meu raciocínio lógico estava passando longe de mim.

— Amiga, procuramos você em todo lugar! Sua mãe nos disse o que aconteceu. Fomos a casa do Andrew e nos disseram que estava aqui! — disse Sarah.

Ao ouvir o nome dele, as lágrimas encheram meus olhos outra vez.

— Amiga, vamos ficar com você! — garantiu-me Evelyn me abraçando.

Elas se sentaram ao meu lado e ficaram acariciando minha cabeça.

Não sei quanto tempo passou, mas, depois de um longo momento deitada, percebi que Richard havia ido embora. Quando olhei para o lado vi a carta em cima da minha cômoda. Não queria ler, tinha medo do que poderia estar escrito, seria mais uma prova de que ele tinha ido embora.

Sarah me fez beber um suco. Minha mãe só podia ter colocado calmante, pois, quando raciocinei aquilo, apaguei.



Acordei tonta com meu pai me observando. Perguntei-lhe o que estava acontecendo.

— Oi, filha — ele mexeu nos meus cabelos. — Você dormiu um pouco.

Ao despertar, num átimo me lembrei de tudo o que havia acontecido, e senti novamente meu interior estreitando-se. Meu pai me abraçou apertado. Foi o único momento do dia, até ali, em que me senti segura, como uma criança que se machuca e é protegida pelo pai.

— Filha, tinha tanto medo de isso acontecer. Agora você precisa buscar força em Deus para se recuperar desse choque. Algumas coisas acontecem contra a nossa vontade, mas em tudo Ele tem um plano.

Fiquei em silêncio, apenas sentindo o gosto amargo das lágrimas.

— Sarah e Evelyn pediram para ficar aqui com você. Sua mãe e eu gostamos muito da ideia. Elas vão dormir aqui no seu quarto, não quiseram o quarto de hóspedes, fizeram questão de ficar pertinho.

Minha vida foi desajustada, o mundo parecia ter saído de sua rotação natural. A vida parecia fugir de mim, desejei fechar os olhos e nunca mais acordar.

Foi uma noite horrível: dormia e acordava, cochilava pouquíssimo tempo e despertava assustada. Sarah percebeu minha inquietação e deitou-se ao meu lado. Ficou mexendo nos meus cabelos e depois de inúmeras tentativas consegui dormir.

Inverno de cinzas

Amanheceu e a dor me despertou mais rápido.

A carta dele ainda permanecia no mesmo lugar. Eram quase onze da manhã, Sarah não havia ido para a aula. Resmunguei porque não queria que ela faltasse por minha causa.

— Está melhor? — Quando ela passou a mão na minha cabeça, percebeu que eu estava muito quente.

Meu corpo tremia de frio e doía em todas as juntas, mas aquela dor não era nada diante do massacre que meu coração estava sofrendo.

Ela colocou o termômetro embaixo do meu braço e foi ver se minha mãe estava em casa.

Quando voltou, viu que eu estava queimando em febre, com quarenta e um graus.

— Nossa, Helen! Vou ligar para tia Suzan.

Minha mãe disse que viria ficar comigo. Tomei banho, embora o enorme frio, e ela me deu roupas limpas para vestir.

Ouvi Sarah falando com Evelyn para trazer alguma coisa para que eu comesse. Deitei-me na cama e enrolei-me na coberta.

Evelyn trouxe um café da manhã leve. Sarah obrigou-me a comer.

A dor do meu interior se misturava com minha dor física.

Elas ficaram comigo até minha mãe chegar. Havia um nó muito bem-feito na minha garganta. Tentei não chorar, mas as lágrimas insistiam em descer embalando meu silêncio.

Minha mãe apareceu e me levaram ao médico. Não pude convencê-las do contrário, eram três contra mim. Elas me puseram no carro e fomos para uma clínica perto da nossa casa.

Fui consultada e o médico disse que além da inflamação na garganta eu devia ter tido um grande desgaste emocional. Minha imunidade estava baixa, que o melhor seria eu descansar, e me

receitou medicamentos. Alertou que eu poderia estar com anemia, então solicitou um exame de sangue.

Os remédios me fizeram dormir. Quando acordei já era noite.

A dor resolveu morar dentro de mim.

Fisicamente ainda sentia dores no corpo, mas por dentro era pior, apenas o frio.

Peguei minha agenda e escrevi na página do dia anterior:

Ele se foi e levou minha vida.

Na página daquele dia escrevi com força:

Por que você se foi?! Estou com raiva por ter deixado meu coração partido! Estou doente, porque meu coração adoeceu de amor.

Não queria conversar, mas ficar apenas com meus pensamentos, procurando respostas para perguntas ressentidas.

Richard me ligou, Sarah atendeu e conversou com ele sobre mim. Ele queria saber como eu estava e se podia me visitar à noite. Foi uma das minhas dez palavras do dia: “não”.

A verdade é que estava com raiva e muito triste por eles terem deixado Andrew ir embora.

Diego me visitou. Nem as brincadeiras mais divertidas que ele fazia conseguiram me trazer uma brisa de felicidade.

Passei o dia sem chorar, mas a noite era cruel. Ela me trazia nos pensamentos a certeza de que Andy tinha ido embora e que um dia ele esteve presente de uma forma tão forte na minha vida. Sentia meu coração sufocado por espinhos.



Já estávamos na metade da estação mais fria do ano, e somente naquela época pude ter a certeza do que era ter aquela estação dentro de mim. Acordei e fiquei sentada na cama, observando o vento que balançava as árvores; o frio era forte.

Olhei o relógio, era quase meio-dia, passei a manhã dormindo. A febre estava controlada por medicamentos, mas meu corpo estava dolorido demais.

Peguei minha agenda e escrevi naquela manhã:

A manhã me traz seu cheiro, mas parece que ela nunca mais será a mesma sem você... e muito menos eu. Saudades do seu perfume, saudades da sua voz.

Saudades da música que vinha de você. Talvez ela possuísse a essência de Davi, por ser capaz de acalmar minha alma e me levar a um lugar tranquilo. Aquiete meu coração!

Hoje me lembrei do dia em que discursamos o que era o amor. Talvez, saber que ele espera, suporta, fossem apenas palavras, seu significado fica para aqueles que vivem o que estou vivendo agora... quero você de volta na minha vida. A felicidade me abandonou e a saudade veio morar comigo junto com outros sentimentos que só sabem me machucar.

Estava sozinha, levantei-me e pela primeira vez saí do quarto. Arrisquei de novo e liguei para o celular de Andrew, mas estava desligado ou fora de área. Dei uma volta na casa, minha mãe tinha deixado um bilhete carinhoso de que viria almoçar comigo. Quando sentei à mesa, ela chegou.

— Filha, ainda de pijama?

Balancei a cabeça afirmando.

— Ah, filhota, sei que isso tudo é difícil. Vai passar, mas você precisa reagir.

Beijou minha cabeça. Ficou me dizendo sobre a força e o consolo que existiam em Jesus. Eu tentava prestar atenção, mas o assunto fugia do meu juízo.



Os dias foram passando como uma repetição do dia anterior. Depois de quatro dias minha febre passou e meu corpo voltou ao normal. Até que se completou uma semana.

Eu estava em exânime; completamente desfalecida de amor.

Levantei-me da cama e caminhei até a janela. Chovia fino. Aquela paisagem cinza era condizente com o que estava se passando no meu interior. Fiquei em pé na janela vendo a chuva cair e um fraco vento fazendo algumas folhas balançarem. Aquele lugar passou a ser meu cantinho de lamentos.

Naquela manhã, aquele vazio me fez ler a carta que ele havia deixado. Uma frágil esperança ainda se mantinha dentro de mim, de que algo pudesse me trazer um pouco de alegria.

Fui abrindo lentamente a carta, estava dobrada dentro de um envelope. O aproximei e senti o cheiro do seu perfume; no mesmo instante comecei a chorar.

Helen,

Não poderia partir sem me despedir, não posso deter as palavras que silenciam, por ora, os lamentos. Palavras estas que tantas vezes nos fizeram enxergar a vida de uma maneira diferente, talvez, ditas agora, soariam apenas como ironia da vida. Se soarem, não compreenda dessa forma, pois sou grato por você ter me trazido uma razão para viver. Se pudesse escrever o rumo, apagaria esse futuro assustador que não tarda em chegar.

Perdi o controle diante das opções. Não duvide, você não era uma, você devia ser o meu futuro. Mas a vida tem dessas coisas, e inverte os valores, transforma o dispensável em imprescindível.

Não faça perguntas a si mesma, tentando encontrar respostas que a razão coloca. Apenas aceite e creia que o amor é sofredor, como também é o único capaz de pôr em liberdade, em favor de uma felicidade eminente, a sua.

Compreenda, as razões muitas vezes não possuem lógica, a vida determina-as, não nós. Não sofra por mim. Seja feliz.

Me perdoe por fazê-la reviver a dor com este pedaço de papel. Juro que, se pudesse, arrancaria-a. Precisei fazer isso com o nosso futuro para ver o seu florescer.

Eu sinto muito...

Amo você e vou te amar até o fim.

Me perdoe.

Estava tonta, perdida nos sentidos, completamente embriagada de saudade. Maldita saudade! Por que ela não foi morta pelo ódio? Por que ela travava uma batalha de sangue, trazendo lembranças que mitigavam e por ora tornava plácido meu desespero? Meu corpo foi atraído para o chão. Estava desamparada, um mórbido vazio chamava os momentos insanos terminados, os quais jurei por toda a vida que seriam eternos. Que delírio! Nunca mais eles voltarão! A certeza parece a mesma dos tempos passados. Queria ter o poder de novamente dividir minha vida em mais uma metade: a nova poderia ser o passado, o depois dele.

Nunca imaginei que uma dor pudesse ser tão aguda, tão intensa, ao ponto de ir tirando minha vida, esmagando minha alma, tornando-a tão pequena.

Mais um dia se passou e nada do que faziam por mim conseguia me tirar daquele quadro tão abatido.

Richard e Alan tentaram constantemente falar comigo, e eu recusei todas as vezes.

Alguns amigos da igreja vieram me ver, oraram por mim, mas parecia que nada surtia efeito. Continuava a mesma, calada e totalmente ferida.

Peguei minha agenda, e os dias que ficaram em branco foram sendo preenchidos com as palavras que se uniam para definir apenas a tristeza.

Mais um dia amanhece e, mesmo com os raios do dia atravessando a janela, estou muda em meio à dor. Ela fala, se expressa através de mim, nas minhas expressões, através dos meus olhos. Não consigo mais dormir como era costume, não consigo mais abrir meus olhos e enxergar que hoje poderia ser diferente. Não consigo me conformar que você se foi... Queria que estivesse aqui, porém bem sei que todos os meus desejos são derradeiros.

Virei a página:

O tempo tem passado devagar; embora não tenha controlado o tempo, ele parou. Ainda estou naquele dia em que tentei achar os argumentos que poderiam me trazer um talvez, ou alguma outra palavra parecida, apenas para tornar minhas conjecturas um tanto mais verdadeiras. Qualquer uma que me fizesse excluir o fim.

Virei a página e, no sexto dia, poucas palavras:

Não sei o que fazer, não tenho para onde ir... Não me acho, não me encontro mais. Nas lembranças, achei um lugar silencioso para guardar minhas lágrimas.

Escrevi na minha agenda naquela manhã:

Passou-se uma semana que você se foi, sinto tanta saudade... e a todo momento acho que você vai me ligar ou chegar de repente, me trazendo seu sorriso, seu abraço. Mas não, você não vem! Por que você não me liga?! Queria tanto ouvir sua voz, saber como você está. Mas por que ainda

me preocupa?! Às vezes, como agora, sinto vontade de romper o silêncio e perguntar sobre seus dias; de tanto, o que adiantaria? Respostas não trariam você de volta. Não deveria ser assim.

Tentei de novo ligar para ele, uma coleção de tentativas vãs.

Resolvi deixar por alguns instantes meu mundo de saudade. Coloquei um moletom e meu tênis. Saí do quarto e fui para o lado de fora pela primeira vez.

Quando o sol fraco, entre as nuvens, bateu em meus olhos, me ofuscou de tal ponto que fiquei esfregando-os por um bom tempo. O frio estava rasgando a paisagem. Ao colocar meus pés na saída da minha casa, minhas amigas chegaram da faculdade no meu carro.

Ficaram radiantes quando me viram; esbocei um pequeno sorriso. Disse a elas que precisava dar uma volta e desaparecer sozinha. Insistiram para irem comigo, mas aceitaram quando disse que precisava daquilo.

Coloquei o fone nos ouvidos. Enquanto ouvia uma música, fui andando pela rua. Lembrei-me do outono, quando andei por aquelas mesmas ruas, quando ainda nem o conhecia, assimilei com o momento presente e novamente não estava com ele. Agora era pior, pois eu o amava.

Sentei-me no banco da praça, estava frio, coloquei as mãos dentro do meu casaco. Observei as árvores se mexendo lentamente com o vento frio. As cenas que vivemos juntos não saíam da minha cabeça. Meus pensamentos começaram a se juntar com aquela paisagem fria.

Meu coração está assim também, cinza, sem cor, frio.

Você levou as cores do meu dia, Andrew. Quero que me devolva cada uma delas... Não sei o que será daqui para frente, mas preciso viver outra vez. Preciso voltar a sorrir e ter minha vida de volta, mesmo sabendo que uma parte muito importante de mim sempre estará com você. Sei que um dia vou entender essa loucura que foi nos conhecermos e, agora, subitamente, você ter ido embora. Sinto muito sua falta... de como você gentilmente tocava no meu rosto e de como sempre me dizia do seu amor.

Às vezes quero correr, me esconder, mas me sinto perdida, sozinha, desejando que o futuro tenha você, mas o presente me arrasta para o passado. Sua marca está em mim, meu coração é apenas um reflexo de tudo o que vivi, um caminho reverso do que sonhei, uma imagem distorcida da vida que perdi.

Quando me levantei para ir embora, parei. Por um momento não soube o que fazer. Não sabia por onde começar.

Vi a picape de Richard parando na rua. Ele estacionou e desceu. Do outro lado vi Alan descendo também.

É agora ou nunca, não vai dar mais para fugir deles.

Esprei se aproximarem.

— Oi, Helen — Richard veio e me abraçou apertado por um longo momento, o suficiente para que eu deixasse as lágrimas escorrerem. — Como você está? Estávamos tão preocupados com você!

Richard me soltou e Alan fez o mesmo, não consegui retribuir o abraço. Senti uma dor ainda maior, eles me faziam lembrar o Andrew. Parecia que de certa forma uma parte dele estava ali com cada um dos seus amigos.

— Oi, Helen — disse Alan. — Sei que deve estar chateada com a gente, mas não fique. Sarah nos disse que estava aqui.

— Vamos nos sentar ali? — sugeriu Richard.

Voltamos para o banco, Alan sentou-se do meu lado direito e Richard do esquerdo.

— Helen, como você tá? — perguntou Alan.

— Estou indo.

— Sei que deve estar sendo difícil — Alan coçou a cabeça. — Mas não nos evite, tentamos a semana toda falar contigo. Fomos diversas vezes à sua casa e você disse que não queria nos ver.

Fiquei calada tentando controlar o turbilhão de emoções dentro de mim.

— Não nos considere culpados pelo que aconteceu — emendou Richard. — Achei que nunca diria isso algum dia, mas não concordei desde o começo com a decisão de Andrew — *Ai! Ouvir seu nome machucava meu coração!* — Sempre achei que vocês deveriam ficar juntos, mas ele estava certo de que não voltaria atrás.

— Por que não fizeram nada para impedir que ele fosse embora? — perguntei com a voz embargada.

— Fizemos sim! Conversamos com ele, mas decidiu que fosse assim!

— Por que não atenderam às minhas ligações?

— Tudo foi corrido demais, ele não queria te deixar triste. Andrew só quis que você ficasse melhor — dei um pequeno sorriso irônico.

— Não fique com raiva da gente por causa disso! — falou Alan. — Será que podemos continuar sendo amigos?

— Não! — minha afirmação os deixou assustados.

— Por que não?

— Tenho tentado reviver, me levantar das cinzas, esquecer o que aconteceu — as lágrimas costumeiras encheram meus olhos. — E ser amiga de vocês é manter vivo algo que quero enterrar.

— Você não conquistou somente o Andrew — *Não me diga isso, por favor!* — Conquistou-nos também — enfatizou Richard. — Conquistou nossa amizade, nosso carinho. Não queremos te perder.

— Será que não entendem? — Não aguentava mais guardar aquele mundo de dor só para mim. — Vocês me fazem lembrar o Andrew! — dizer o nome dele me fez chorar ainda mais. — Vocês me lembram de quando ele ainda estava aqui! — Me levantei do banco, eles se levantaram também. — Será que não percebem que, enquanto estou com vocês, fico pensando em mil perguntas que gostaria de fazer? Como ele está, se fala de mim, se sente minha falta, se vai voltar algum dia?! Que agora queria que me levassem para onde ele está! Estou tentando viver sem ele! Estar com vocês é

mantê-lo vivo dentro de mim, a esperança de que um dia tudo será como era antes! Entendam, por isso estou evitando, por esse motivo não quero ser amiga de vocês!

— Sei o quanto te incomoda, mas isso não é um motivo para nos afastar de você — disse Richard calmamente.

— Como não, Richard? O simples fato de que vocês me lembram ele é o suficiente, não preciso de mais motivos que esse.

— Mas você não vai mais falar com a gente? — Alan mostrou uma triste expressão.

— Vou sentir falta nesse tempo, mas, me entendam, eu preciso me achar outra vez. E, para ser sincera, estou com raiva de vocês! Deviam ter impedido que ele fosse embora!

— Não podíamos fazer nada, Helen — disse Richard.

— Como não?

— Por mais que achássemos que ele devia ficar com você, Andrew precisava ir.

— Por que não o convenceram a me levar? — perguntei com raiva.

— Infelizmente não podíamos fazer mais nada. Andrew ama você, mas não queria que se casasse com ele por causa da doença. E...

— Diga a ele — interrompi Richard — que, de todo o meu coração, desejo que ele se recupere e que Deus possa curá-lo.

— Helen? Pense um pouco mais em sermos amigos.

— Não tenho mais por que pensar.

Voltei para casa e a dor dentro de mim permanecia imutável.

O tempo passava lentamente, e, se amanhecia ou anoitecia, para mim não havia diferença. Minha dor causava desespero, minha alma gritava, desejando que a luz de um novo dia sem sofrimento rompesse no meu interior.

À noite as meninas me convenceram a sair e irmos jantar fora com meus pais. Aquilo de certa forma me animou um pouco. Continuei sem dar muitas palavras. Não tinha o que falar e não sentia vontade de comentar as conversas.

Meus pais me contaram que foram conversar com o coordenador do meu curso na faculdade. Falaram sobre minha situação e de como eu estava emocionalmente. Eles entenderam, mas disseram que eu deveria procurar ajuda psicológica e revisar as aulas com algum colega de classe.

Não estava preocupada com nada além de me recuperar emocionalmente.



Passaram-se dias. Longos dias. Estávamos na metade da segunda semana e eu ainda continuava falando poucas palavras e sem ir à faculdade.

Meus pais começaram a se preocupar seriamente com minha situação. Chamaram a esposa do pastor para conversar comigo, ela viria no fim de semana.

Richard e Alan me ligavam incansavelmente, iam à minha casa um dia sim, outro não. Sarah e Evelyn sempre desciam para conversar com eles. Queria continuar evitando tudo que me lembrasse

Andrew.

Não sabia como seriam meus dias, apenas que viriam com o mesmo sentimento agudo de dor.

Meus amigos me abraçaram. Diego me visitava todos os dias e o fato de minhas amigas estarem comigo me fortaleceu bastante.

Sarah me disse que Álex viria me visitar naquela noite.

Quando deu oito horas, minha mãe subiu para me avisar que ele tinha chegado.

Álex entrou. Eu estava sentada na cadeira do computador próximo à janela.

— Oi, Helen. Posso entrar?

— Pode.

Ele se aproximou e beijou meu rosto.

— Como você tá? — puxou uma cadeira e se sentou quase à minha frente.

— Tenho sobrevivido...

— Desculpa não ter vindo antes, mas, sinceramente, achei que não era tão sério.

Fiquei em silêncio olhando em outra direção.

— Você está chateada comigo?

— Não, Álex. Por que estaria?

— Não tenho me comportado como deveria. Queria te pedir desculpas por isso. E quero que saiba que, mesmo longe, eu me preocupei com você. Sempre perguntava se estava bem.

— Tudo bem. Fico feliz que esteja aqui.

— Na verdade... — ele desviou o olhar. — Sobre aquela decisão que deixamos em aberto...

— Não estou com cabeça para falar sobre isso — interrompi sua fala.

— Apenas quero dizer que... quero ser amigo.

— Que bom, não precisava de mais uma decepção para me sentir pior.

— Conta comigo se precisar de alguma coisa, ok? — ele apertou minha mão.

— Obrigada.

Ficamos quietos.

— Tem sido tão difícil assim?

Consenti levemente com um meneio de cabeça. Mordi o lábio.

— Tem notícias dele?

Neguei com a cabeça.

— Pode me dizer o que realmente aconteceu com vocês?

— Não quero falar sobre isso.

— Fale, Helen. Isso te fará bem, você precisa esgotar esse assunto.

— Não quero.

— Fale comigo. — Ele puxou a cadeira para mais perto e me abraçou. Encostei minha cabeça no seu ombro.

— Por que se interessa em saber?

— Porque me importo com você. Me conta, vai se sentir melhor. Sei que não tem falado sobre o assunto, as meninas me disseram, estão preocupadas com seu silêncio. Me diz?

— Está doendo muito, Álex.

— Isso, Helen, põe para fora essa dor. Não deixe ela te sufocar — disse carinhosamente.

— Sinto tanto a falta dele, não consigo mais viver minha vida. Queria que ele estivesse aqui — lágrimas amargas encontraram meu paladar. — O que vivemos foi tão intenso que agora não consigo tirá-lo da minha vida! Estou cansada de não fazer mais nada por causa desse desespero, da ansiedade de ver cada dia passar e ele não chegar!

— Você precisa dar o primeiro passo, respirar, voltar à sua vida. Sei que deve ser difícil, mas, se não for mais forte, essa dor vai te matando aos poucos. Olhe ao seu redor, quantas pessoas te amam e te querem bem. Não se importa com elas? Não se importa com o que estão sentindo? Todos estão preocupados com você e com o que está passando, mas se esqueceu disso.

— Acha que tenho sido egoísta de pensar somente na minha dor?

— Não acho que seja egoísta. Está sentindo uma dor da qual apenas você conhece o tamanho, mas não pode se esquecer de que sua vida é ocupada por outras pessoas que chamam pela Helen de volta. Sinto sua falta, mesmo você estando aqui comigo.

Suspirei fundo e limpei os olhos, puxei o choro.

— Desculpa... Tenho sido egoísta, tenho pensado só em mim.

— Não queremos suas desculpas, sua boba. Queremos você de volta, somente isso — ele me abraçou apertado de novo e beijou minha testa.

— Confesso que estava com saudades de você — esbocei um sorriso.

— Sei que você não vive sem mim e que na verdade estava morrendo por causa da nossa amizade. Eu sei, confessa. Sou o cara.

Pela primeira vez em quase duas semanas sorri sem empenhar minha força. Era tão estranho sentir uma alegria momentânea, quando estava tudo sem cor e ocupado pela tristeza. Bati em seu braço como sempre fazia.

— Você realmente quase me matou de susto quando me disse que não queria ser meu amigo, que iria pensar. Sofri com isso, tá?

— Acha realmente que eu ficaria sem sua amizade?

— Acho. Estava me desprezando desde que voltamos às aulas.

— Na verdade estava pensando se... conseguiria ser ou não seu amigo.

— E o que te fez mudar de ideia?

— Você precisa de mim.

Abracei-o no pescoço.

— Fico feliz que esteja aqui.

— Claro que está. Somente eu consigo tirar risos do seu rosto.

— Não seja convencido.

— Esqueceu, não é? Eu sou o cara! — ele me abraçou de novo. — Não vou deixar mais ninguém machucar seu coração.

— Não pode fazer isso, Álex — mudei meu tom de voz.

— Posso, se você permitir.

Afastei-me e mudamos radicalmente o rumo do assunto.

Conversei sobre a faculdade, me senti muito bem depois de muitos dias. Sorri e, durante todo o momento em que estive com ele, minha dor foi esquecida.

Naquela noite consegui comer pela primeira vez à mesa, com minha família. Álex ficou conosco, Diego tinha ido com ele. Jantamos todos juntos. Sorri, falei um pouco mais. Meu pai ficou muito feliz em me ver voltando ao que sempre fui.

Mas foi o Álex ir embora que voltei à dura realidade de que nada havia mudado. Deitei-me para dormir, acordei algumas vezes durante a noite pensando no Andrew. O que ele devia estar fazendo àquela hora? Talvez eu ainda fizesse parte dos pensamentos dele.



Ao acordar e sentir o cheiro da manhã, era impossível não lembrar dele e de como eu queria vê-lo mais uma vez.

Escrevi na minha agenda aquele dia:

Estou um pouco melhor. Ontem Álex me ajudou com uma dose de ânimo, mas, sabe, pensei em você. Será que está pensando em mim? As madrugadas sempre me encontram chorando por você. Tento me manter distante das lembranças doloridas, mas parece que elas fazem parte da noite que insiste em seguir o curso natural da vida: me encontrar. Preciso te esquecer.

Sei que aquele tempo deixou algo tão bom dentro de mim, que ainda me faz transitar em caminhos vagos, sem sentido; não tenho para onde ir. Não consigo compreender o motivo pelo qual você se foi e não adiantaria muito fazê-lo agora. Tudo desmoronou, os sonhos, a vida que havia em meus olhos. Talvez eu nunca mais serei a mesma.

Não fui para a faculdade de novo, também não conseguiria. A noite se foi, mas não havia levado a dor do meu coração que insistia em ficar.

Sua voz ainda estava ressoando dentro de mim. Seu cheiro, vindo pela manhã, me trazia vazio e solidão; ele havia partido inesperadamente da minha vida e eu, de uma forma dura e cruel, teria que aprender a viver sem ele.

O fim de semana chegou. Tinha uma pequena esperança de que a conversa com os pastores me trouxesse algo que me ajudasse.

Eles vieram à noite. Ela pediu que eu contasse toda a história. Eles me trouxeram a realidade dos fatos, oraram por mim e me aconselharam de uma forma prática. Dormi a primeira noite sem acordar pelas madrugadas.

Embora toda a dor que ainda me rodeava incansavelmente, estava decidida em voltar à vida. Sei que não seria da noite para o dia que tudo voltaria a ser como antes, mas precisava dar o primeiro passo, exatamente como Álex e a pastora tinham dito.

Conversamos sobre Sarah e Evelyn serem permanentes na minha casa. Relutaram por acharem que ia nos atrapalhar, mas aceitaram. Aquela notícia me alegrou.

Fomos dormir cedo, voltaria a viver e começaria pela UFSC. Não sei o que sentiria ao ver os amigos de Andrew, mas eu precisava renascer.

Gotas de chuva



Acordei cedo e por um instante pensei em não ir para faculdade, mas algo me impulsionou a levantar-me e ir.

Meus pais quando me viram ficaram felizes.

Rever meus colegas de classe, ser recebida por Diego e Álex tão festivamente me fizeram muito bem, me senti amada e acolhida. Até alguns professores me deram palavras de ânimo.

Escolhi outro lugar para ficar, onde geralmente não iam muitas pessoas, para evitar certos encontros, até mesmo Karen.



Acordei pela manhã e percebi que o frio ainda era forte. Lembrei-me de que tinha vencido um dia indo para a faculdade, poderia vencer mais um também, mesmo que a dor insistisse em revidar contra mim.

Em mais uma página da agenda, escrevi:

Sonhei com você hoje, foi tão incrível. Sonhei que te encontrava na rua, você estava curado. Mas ao acordar vi que era apenas um sonho. A realidade não podia arrancar de mim um desejo tão íntimo, ali eu estava contigo.

Preciso me encontrar em meio a tantos remendos. Realmente, não serei eu mesma quando achar todas as partes. Ainda assim, preciso criar traços de esperança no meu coração tão ferido. Preciso calar seus gritos, chamando seu nome, tão magoado. Coitado, tem esperança de que você pode ouvi-lo... E, em cada noite silenciosa que ele se aquietar, vou desejar que ele continue a bater e sobreviva em meio à tantas decepções.

Ao nos aproximar do estacionamento da UFSC, vi Álex e Diego conversando. Combinamos de sair naquela noite, irmos ao cinema e comer fora. No meio da conversa, vi de longe Richard, Alan e seus amigos. Senti meu coração intensificando as batidas.

— Vamos entrar? — sugeri.

— Por quê? — desconfiou Álex.

Quando estávamos saindo, Alan e Richard vieram em nossa direção. Alan desviou-se de Álex e me abraçou.

— Que bom saber que você voltou! Oi, meninas — ele beijou o rosto de Sarah e de Evelyn e se voltou para mim: — Como você está?

— Estou bem — me virei para sair.

— Helen? — ele segurou meu braço.

— Ela não quer falar! Será que não percebeu ainda? — Álex tirou a mão dele do meu braço.

A tensão pairou no ar.

— Ela pode responder isso sozinha — Alan encarou Álex.

Richard se aproximou rapidamente.

— Vamos parar por aqui! — ele colocou a mão no peito de Alan o empurrando.

— Parem com isso! — segurei o braço de Álex. — Alan, estou bem, mas sobre o que conversamos, nada mudou.

— Nos falamos outra hora.

— Não terá próxima — enfatizou Álex.

— Você não responde por ela — voltaram a se aproximar.

— Veremos! Não vou deixá-la sozinha — Álex havia tocado na ferida de todos.

— Para com isso, cara! — falou Diego segurando o ombro de Álex.

— Do que está falando? Seja mais claro! — Alan ficou cara a cara com ele.

— Vamos, Alan. Isso não vale a pena! — Richard puxou o ombro dele.

Os outros rapazes começaram a nos cercar, curiosos e preocupados. Sei que a tensão estava por todos os lados e eu parecia o pivô de tudo aquilo.

— Não gostam da verdade?! — Álex perguntou irado.

— Por favor, parem com isso! — entrei no meio dos dois.

— Se falasse claramente como um homem, entenderíamos.

Se eu não tivesse no meio daqueles dois gigantes, eles se acertariam nessa hora.

— Quer mesmo ouvir? — desafiou Álex.

— Vamos embora, cara! — falou Diego segurando Álex.

— Adoraria ouvir uma opinião idiota! — desafiou Alan.

— Seu amigo foi um covarde. O que foi? Ele preferiu fugir?

Álex nem tinha acabado de falar e a fúria de Alan foi tanta, que ele se soltou de Richard e acertou um soco bem no meio do rosto de Álex. Foi tudo tão rápido que fiquei desnorteada. Diego e Richard tentando segurar um e outro. Álex viu que o nariz dele estava sangrando; Alan se

defendeu do primeiro soco, mas o segundo pegou perto da boca. Alan acertou de novo o rosto de Álex. Finalmente os rapazes conseguiram contê-los.

— *Parem com isso!* — gritei.

— Isso é para você aprender a nunca mais ofender o Andrew! — esbravejou Alan.

— Ele é um covarde mesmo!

Outra briga iria começar, mas os meninos impediram.

— Já chega, Alan! — gritou Richard.

— Álex, você está sangrando! — disse Sarah tirando uma toalha pequena da bolsa.

— Álex, se você continuar isso eu nunca mais volto a falar com você! — estava enfurecida com aquela situação.

Alan e Richard se afastaram com seus amigos.

Todos certamente haviam chegado tarde à aula. Estava muito chateada, na verdade furiosa com Álex por ele ter provocado aquela situação e, claro, por ter ofendido Andrew.

A briga de Alan e Álex foi notícia na faculdade. Os mais antigos já esperavam por isso havia tempos, eles dois também.

Consegui desculpar Álex depois de uns três dias sem falar com ele.

Naquela noite tentei me concentrar na matéria da última aula. Enquanto lia o que havia anotado, me peguei escrevendo o nome de Andrew no canto do meu caderno. Quanta saudade.



No final daquela semana, ao término das aulas, estava com meus amigos, sentados na entrada do Centro de Cultura e Eventos. Vi Richard caminhando em nossa direção, Álex logo se inquietou.

— Álex, por favor, você me prometeu que não ia mais arrumar confusão com eles.

— Eles não desistem! — resmungou Álex.

— Helen, posso falar com você?

— Pode falar.

— Mel viaja amanhã para São Paulo e ela queria te ver antes de ir.

Mudei totalmente meu semblante. Não sei se por Mel ir embora, ou porque sabia que ela se encontraria com ele.

— Mel vai embora? — preendi a respiração.

— Viaja amanhã. O que eu digo a ela?

— Bem, quero vê-la sim — pensei alguns instantes. — Diz para ela me ligar.

— Tudo bem, dou o recado. E você, está bem?

— Estou, sim. Bem melhor. *Não estou nada! Estou em pedaços por dentro! Me diz como ele está, por favor?*

— Que bom, que bom mesmo.

— Vamos, Helen? — Diego me chamou.



Mel me ligou, insistiu muito para que eu fosse vê-la, e acabei cedendo.

No outro dia fui para Jurerê Internacional. Não pude conter meu choro ao ir me aproximar da casa de Andrew. Passando pelo jardim, parei. Trouxe à memória a primeira vez em que ele falou que estava apaixonado. Desci do carro e Mel me abraçou carinhosamente.

— Você me abandonou, não é mesmo, mocinha?

— Oi, Mel. Sabe que não consigo mais vir aqui.

— Vamos entrar? Está esfriando.

— Não, Mel. Já vou, só vim mesmo me despedir.

— Não, preparei um almoço. Entre, por favor.

— Não — ela ficou piscando os olhos.

— Não vou tocar naqueles assuntos. Almoça comigo, estou te pedindo!

— Se me dissesse isso não viria.

— Vamos, vamos.

Ao entrar na casa, meu interior foi golpeado por fortes lembranças.

Ela já havia arrumado a mesa. Quando me deparei com aquela cena, não consegui me conter, uma lágrima teimosa saiu do olho.

— Desculpa, filha. Devia ter pensado nisso — ela me conduziu até a cadeira e acariciou minha cabeça.

— Ah, Mel. Como quero vê-lo! — a voz saiu fraca.

— Entendo. Mas Andrew tomou uma decisão. Embora não concorde, não posso fazer nada.

Segurei bruscamente seus braços.

— Mel! Você precisa me levar a ele! Preciso ir com você!

Seus olhos ficaram vivos. Ela mordeu o lábio.

— Não posso te levar, minha querida.

— Por que não?

— Porque... não será bom.

— Mel, me diz a verdade, pelo amor de Deus! Me diz! Por que não posso ir com você?

— Porque... ele... ele nos fez prometer que não te levaríamos a São Paulo.

Soltei os braços dela lentamente e engoli o nó que se formou. Fiquei perplexa.

Peguei minha bolsa e andei depressa para a saída enquanto ouvia Mel me chamar. Na sala, quase me choquei com Alan, que acabara de entrar. Ele riu surpreso. Ainda estava com o canto da boca roxo, por causa do soco de Álex.

— Helen! Que surpresa você aqui! O que aconteceu?

Ele fechou a porta atrás de si, encostou-se nela, impedindo minha passagem.

— Não devia ter vindo. Com licença, Alan. Preciso ir.

— Ei! Calma aí! Por que a pressa?

— Alan, Helen quer ir a São Paulo! — Mel falou preocupada.

— Me deixa passar! — puxei-o. Ele segurou meu braço.

— Por que não falou conosco que queria ir para São Paulo? — Fiquei de cabeça baixa.

— Me precipitei com as palavras — fitei-o. — Já estou sabendo que ele me proibiu de vê-lo! Por que não me contaram?

— Helen, Andrew está passando por uma fase difícil — ele colocou seus objetos de trabalho no chão e segurou meus ombros. — E o que adiantaria você vê-lo? Penso que é o melhor para ele e...

— Querem apenas o melhor para ele? — interrompi indignada. — O melhor para ele é ficar longe de mim? É impedir que eu o veja?

— Não! Andrew não quer te magoar mais, e...

— Chega de desculpas, Alan! Ok, me leve a ele? Me deixa conversar com ele pessoalmente, me deixa... vê-lo — a última palavra saiu fraca.

— Não podemos fazer isso sem que ele consinta, pois...

— Chega de desculpas! Entendi, eu não faria bem a ele!

— Não entenda dessa forma, querida — falou Mel.

— Não é nada disso, Helen! — Me desvencilhei dele e passei pela porta.

Ele veio atrás de mim.

— Quer saber, Alan? — parei na porta do carro. — Não quero vê-lo mais! Fico me humilhando, procurando entender o que ele fez! Iria atrás dele e o buscaria onde estivesse! E, agora, seria capaz de ir até o inferno para resgatá-lo, mas ele não quer! E nem ao menos a verdade fui digna de receber de vocês! Então concluo que, na verdade, nunca fiz parte realmente da vida de vocês! — Abri a porta do carro, Alan segurou.

— Está entendendo tudo errado!

— Então me diz a verdade! Tenho certeza de que ele foi por algum motivo maior, e o encobrem, não me deixam ter o direito da escolha! Me diz! Por que ele os fez prometer que não me levariam? Ele sabe que sou capaz disso. Por quê?

— Andrew não queria que você perdesse sua vida. Ele se preocupa com você.

— Não quero desculpas, Alan. Quero a verdade!

Entrei no carro.

— Vou arrancá-lo da minha vida — senti amargura dentro de mim. — E um dia tudo que sinto não vai mais existir!

— Certa vez, você disse para ele que o amor jamais acaba.

Um baque me fez pensar na nossa conversa sobre o amor.

Suspirei fundo e passei a marcha para sair.

Saí sem me despedir, acelerando o carro. No caminho não parei de chorar. Sentia-me amargurada, triste, ferida e completamente sozinha.



O tempo foi passando rápido, mas minhas emoções permaneciam congeladas.

Fiquei um tempo sem escrever na agenda, as páginas ficaram em branco. Li o último texto que escrevi. Não tinha mais nada a acrescentar, apenas saudades.

Já se passou um mês que você se foi, por que ainda conto os dias? Vivo em meio à incertezas e tantos “talvez”. Tenho caminhado por vielas de solidão, procurando um caminho que me leve à ternura da vida. Às vezes me depara com os vestígios de quem eu era e procuro compreender quem eu sou.

Meus argumentos se acabaram, não encontrei nenhuma resposta que me console. Concordei que minhas perguntas não possuem respostas, e as poucas que ainda encontro, para justificar o fim, são desviadas pelas incertezas. E em meio à dor, em que tudo é silencioso, apenas ouço gemidos da minha alma, de um coração que amou e continua amando, mesmo sabendo que nada será como antes, mesmo sabendo que lembranças se tornam eternas para quem continua apaixonado... Eu confesso, sinto saudades.

Ainda chorava todas as noites antes de dormir, ainda pensava na despedida em vários momentos de quietude. Estava sempre triste e com a sensação de vazio, sentia a amargura remoer em meu peito, me tornando fria e diferente com as pessoas.

Na UFSC, o projeto ficou parado, não conseguia ler nada que me lembrasse Andrew. Karen percebeu que estava evitando-a e certo dia nós sentamos e conversamos sobre o projeto. Ela queria mesmo falar de outro assunto que sempre evitava: Andrew. Evelyn tinha que aprender a ser discreta; sei que ela não fez por mal, mas provocar Karen dizendo que eu e Andrew estávamos namorando foi demais.

— Namoramos e terminamos. Ponto. Por que quer saber sobre a gente?

Ela ficou diferente no momento, parecia inquieta, indignada, algo assim.

— Por que nunca me disse que estava interessada nele?

— Porque não sabia como ia acabar essa história. E você também nunca me disse que o seu grande amor do passado tinha sido ele — a última frase embrulhou meu estômago.

— Não mudaria nada, Helen, ou mudaria?

— É verdade, não mudaria nada.

— Fiquei muito deprimida depois que terminamos e não queria misturar o pessoal com o profissional, ou seja, dizer: “Olha, Helen, essa história é do meu ex-namorado”.

Aquele papo dela estava me deixando enjoada e com raiva.

— Não sei se Evelyn sabia que você o tinha namorado e nosso namoro já era oficial. E, para ser sincera, o que isso te importa, Karen?

— Tudo bem, Helen. Não precisa ficar alterada, isso já passou na minha vida, só precisava aceitar.

— Karen, finaliza o assunto. Não estou com cabeça para falar sobre isso. Só quero saber como fica o projeto.

Estava muito irritada com aquela conversa. Imaginar que ela tinha namorado Andrew era inaceitável, imaginar que ela desfrutou do tempo em que ele não tinha a doença era invejável.

— Ainda queremos que continue o projeto, esperamos que não demore muito, pois os alunos têm procurado as revistas. Colocamos uma nota que a parada tem por motivo as provas, mas você precisa terminá-la.

— Não sei se posso fazer isso agora.

— Faça um esforço, até porque já enviamos suas histórias para a editora que tinha o interesse de investir no projeto.

— Não garanto nada.

Coloquei a mochila sobre o ombro direito e saí em silêncio.



Resolvi jantar fora com meus amigos, me senti feliz de fazer coisas que costumávamos fazer quando nos conhecemos. Álex e Diego passaram na nossa casa para nos dar carona. Ficaram admirados com minha maquiagem. Não era como as que Evelyn usava, porém passei a usar com mais frequência o delineador e o lápis preto nos olhos.

Chegamos ao restaurante. Evelyn me cutucou e me apontou os amigos de Andrew. Eles não nos viram, estavam com Rebecca e alguns conhecidos da faculdade, no total de seis pessoas. Fiquei incomodada pela presença deles.

— Podemos ir a outro lugar — disse Sarah quando percebeu que eu fiquei paralisada.

— Não, vamos ficar aqui mesmo — falei com firmeza. — Não vou mais mudar de calçada por causa de ninguém — Sarah me olhou com a expressão desconfiada.

Não pude deixar de acenar para Rebecca. Alan, quando nos viu, apontou-nos para Richard. Os dois vieram falar conosco.

Álex ficou com o semblante dominado pela raiva.

— Oi, meninas — Alan beijou Evelyn e Sarah, e, depois, veio com o rosto na minha direção; por um momento, hesitou e deu um pequeno sorriso. — Ficou diferente, gostei — virei o rosto com antipatia, mas, mesmo assim, ele me beijou.

Richard cumprimentou todos. Franziu o cenho quando falou comigo e, de uma forma despreocupada, acrescentou em volume baixo:

— Não parece a Helen que conheço.

Alan disse alguma coisa no ouvido de Sarah e eles sorriram. Álex pareceu ainda mais enfurecido.

Fomos nos sentar e eles mudaram de posição, só para ficar nos olhando.

Álex estava muito mais incomodado do que eu. Era perceptível como Alan e Sarah trocaram olhares; Evelyn logo notou e teve que comentar.

— Hum, Sarah. Está arrasando os corações esta noite!

— Para com isso, Evelyn.

— Se cuida, hein, amigo — ela cutucou Álex. — Senão perde o posto — ele bufou.

O jantar não desceu mal apenas para mim, Álex estava inquieto com a presença deles ali, e pelo fato de Sarah ter retribuído cada olhar de Alan.

Eles sorriram para nós quando saíram.

— Agora vamos comer melhor — disse Álex.

— Estão sentindo um cheiro de ciúmes no ar? — Evelyn sempre irreverente.

Aquele momento de inquietação foi dando lugar às nossas brincadeiras e conversas de sempre. Estava incomodada agora com um novo fato: Sarah poderia estar se interessando por Alan e isso os traria, de certa forma, para mais perto de mim.



Era sexta-feira e chegamos quase às oito da noite no Teatro da UFSC. Assistiríamos a uma apresentação musical com os alunos do curso de Música, que se formariam naquele ano.

Encontramos Diego, Álex e alguns outros colegas de classe e todos se sentaram na mesma fileira.

Antes de começar o musical, vimos Alan, Richard e seus amigos do outro lado. Sarah disfarçou por Alan ter acenado para nós.

A orquestra da faculdade era realmente ótima. Tudo estava perfeito até eu olhar o programa e ver que a próxima música que tocariam era uma composição de Andrew e de um rapaz que eu não conhecia, chamado Marcelo. Gelei por dentro e senti as lágrimas quentes rolando por fora. A música era lenta e me preencheu de saudade.

— Vou lá fora, Sarah. Já volto.

— Aonde vai?

— Ao banheiro.

— Não vai ficar andando sozinha, hein?

Ao passar por Álex ele colocou a perna na frente para que eu não passasse.

— Aonde você vai?

— Vou ao banheiro — torci os lábios. — Posso?

— Não demora.

— Não enche, Álex! — passei empurrando a perna dele, antes que ele baixasse.

Fui ao banheiro e lavei o rosto, estava com os olhos vermelhos. Saí de lá e Andrew invadiu meus pensamentos. Andei sem saber ao certo para onde ir, só queria de alguma forma silenciar o som daquela música. Quanto mais longe eu fosse, seria melhor.

Sentei-me no banco na entrada do campus e fiquei observando a noite. Voltei à realidade quando vi Peter aproximando-se com seu amigo inseparável, Jonathas. Levantei-me do banco e resolvi voltar ao Teatro.

— Oi, gatinha. Há quanto tempo não te vejo. O que está fazendo sozinha por aqui?

Ele continuou me acuando e não me deixou passar.

— Por que você sempre fica me evitando?

— Porque não quero nada com você.

— Por que não, gata? — ele colocou a mão na minha cintura, eu tirei.

— Não ponha as mãos em mim — protestei séria.

Jonathas ficou rindo ajudando Peter a me cercar.

— No fundo você está afim de mim e fica escondendo o jogo.

— Me deixa passar! — o medo começou a me angustiar.

— Já disse que não quero que seja arisca.

Ele segurou-me pela cintura e tentou me beijar.

— Me larga! Senão vou começar a gritar!

Ele me encurralou e começou a forçar seu corpo contra o meu, prendendo-me na parede.

— Me larga, seu idiota! Vou gritar! — Ele beijou meu pescoço. — Me larga! — Gritei: — SOCORRO!!!

— Cala a boca, é só um beijo! — ele me encurralou ainda mais contra a parede.

Meu corpo tremia de medo, estava angustiada, aflita, desesperada. Minha boca estava seca e meu coração parecia que ia sair garganta afora. Tentei gritar novamente e ele me beijou; senti as lágrimas escapando dos olhos. Eles me puxaram para um canto ainda mais escuro. O pavor começou a paralisar meu corpo, jamais senti algo parecido. Desvencilhei-me deles e novamente gritei por socorro. Não podia estar vivendo aquilo, a cena era um filme de terror.

— Só deixo você ir se você me beijar — falou Peter mexendo em minha franja.

Foi quando Richard apareceu do nada e o puxou de uma única vez.

— Larga ela!

Richard acertou um soco em cheio no rosto dele. Peter tentou revidar, mas errou as duas tentativas. Estava apavorada. Jonathas não deixou por menos e tentou acertar Richard por trás, mas ele foi rápido e golpeou Jonathas com o cotovelo. Quando viu que Peter estava voltando irado, Richard acertou outro soco nele. Jonathas tentou de novo atingi-lo e não conseguiu, e um outro soco em Jonathas o fez se render.

— Se vocês se aproximarem da Helen de novo, eu acabo com vocês! Seus idiotas!

Eles saíram ameaçando Richard. Estavam muito machucados. Jonatas, que levou a cotovelada, segurava o nariz com sangue.

— Você está bem, Helen?

— Richard! — me joguei em seus braços.

— Ele te fez alguma coisa?

— Não, ma... mas ele, ele, ele queria me, me beijar! — gaguejava sem parar.

— Calma, respire fundo.

Tentava controlar o choro, agarrada com força no casaco dele. Nunca senti tanto medo.

— Calma.

— Ele tentou me... me agarrar!

— Respira fundo, vai? Calma, já acabou.

Ele me acalmou com seu abraço.

— Posso saber o que você está fazendo aqui fora, sozinha?

— Não... não aguentei ficar lá dentro.

— E veio parar aqui? Distante do Teatro? É perigoso Helen, ou não sabe disso?

— Não sabia — puxei o choro.

— Vi você saindo quando começou a tocar a música do Andrew. Levantei-me e disse para Alan que viria atrás de você. Fiquei te procurando e não te achei. Quando resolvi te ligar, ouvi um grito de socorro. Estava quase inaudível, mas andei rápido ao redor e te achei. Ainda bem que não aconteceu nada.

— Estou com tanto medo...

— Não pode ficar andando sozinha no campus. Eles não irão mais te incomodar. Caso isso aconteça, falarei com a reitoria ou até mesmo com a polícia.

— Obrigada, Richard — suspirei fundo.

— Vamos voltar?

— Não quero mais ficar. Vou chamar minhas amigas e ir embora.

Fiquei do lado de fora do teatro, não queria alarmar minha turma.

— Quer que eu chame, Sarah?

— Não! Fica comigo? Por favor? — implorei segurando seu braço.

— Tudo bem, agora — ele apertou meu ombro.

Ao pegar o celular para ligar, Sarah apareceu com Álex, Diego e Evelyn.

— Onde você estava, Helen? — perguntou Sarah preocupada.

— Agora estou bem.

— O que aconteceu? — perguntou Evelyn, com tom agudo.

— Aquele tal de Peter estava querendo beijar Helen à força — disse Richard. — Eu cheguei na hora de evitar o pior.

— Vou matar aquele desgraçado! — Álex falou irado.

— Já passou, estou bem — disse.

— Sabe que não pode ficar sozinha por aqui, Helen! — repreendeu-me Diego.

— Ele tentou te agarrar? — perguntou Sarah.

— Tentou, mas Richard chegou na hora.

— Poxa, você foi um anjo! — Sarah beijou o rosto dele.

— Bem, preciso ir. Qualquer coisa me liga — Richard apertou meu ombro, a outra mão enfiou no bolso.

— Obrigada — senti vontade de beijar seu rosto, porém recuei o passo.

— Valeu, cara — disse Diego apertando a mão de Richard.

Primavera sem flores

Os cartazes espalhados pela UFSC anunciando o Baile da Primavera me fizeram lembrar de que a estação das flores havia chegado, mas eu ainda estava vivendo um forte inverno.

Meu mundo perdeu a cor, minha vida parecia a mesma todos os dias; não era capaz de reconhecer mais o encanto pelas pequenas coisas, nem mesmo admirar o pôr do sol ou o brilho das estrelas. E, dentre tantas diferenças perceptíveis no meu modo de agir, não era mais capaz de sonhar. Não fazia planos, não buscava uma maneira de conquistar meus desejos. Uma vida sem propósitos, talvez. E, além de tudo, sentia-me longe de Deus, não conseguia e nem mesmo sentia vontade de falar com Ele.

Andrew havia ido embora já fazia quase dois meses, e eu ainda pensava que o inverno dentro de mim não poderia dar lugar às cores das flores da primavera.

Mel tinha ido ficar com ele, Alan e Richard continuaram morando em Jurerê, isso pelo que Sarah havia me contado. E todo final de semana eles revezavam em viajar para São Paulo. Isso me trazia ventos fracos de calma, de certa forma; ele estava em algum lugar, no mesmo país que eu, porém num mundo completamente diferente do meu.

Nesse tempo o inevitável aconteceu: Sarah acabou se apaixonando por Alan, e ele parecia muito interessado nela. Álex se incomodou muito quando soube, não por ciúme, mas por ser Alan. Sarah, entretanto, conseguiu conciliar, embora os dois fossem pólvora e fogo.

Soube que Álex e Diego conversaram seriamente com Peter e Jonatas. Não quiseram me contar qual o rumo levou, porém acreditava que tinha sido um aviso irado e intimidador de Álex, pois Peter passou a me evitar de todas as formas.



Sentei-me embaixo da janela naquela noite e fiquei olhando para a lua. Fui levada para o dia do nosso primeiro beijo. A saudade por pouco não me afogou.

Levantei-me e peguei a caixa onde guardava tudo que tinha ganhado dele. Havia algumas cartas, o porta-retratos, um pingente de celular que ele me deu quando fomos ao cinema pela primeira vez — era um ursinho — e a caixinha com o cordão de ouro que ele havia me dado quando voltei de viagem. Embaixo de algumas pétalas secas de rosa encontrei nossas fotos, a saudade me apertou com força contra ela. Voltaria ao passado só para viver aquilo outra vez.



Era chegado o final de semana, o dia em que Alan iria falar com meus pais sobre o namoro com Sarah. Um certo desconforto me rodeou por todo o dia. Combinei com minha turma de sair. Tudo para evitar aquele encontro.

A campainha tocou. Olhei o relógio: dezoito e quarenta. Sarah ainda não estava arrumada, apenas eu, como sempre a mais adiantada. Sarah foi ao meu quarto.

— Helen, por favor?

— Não vou descer, Sarah, se é isso que quer. Pede a Evelyn.

— Evelyn nem penteou os cabelos ainda! Helen? Ele vai ficar sem graça com seus pais lá, por favor! Por favor! — a campainha tocou de novo.

— Sarah, desce logo! Não vou ficar fazendo sala para ele!

Desci e, para minha surpresa, meus pais ainda estavam no quarto. Resmunguei de novo.

Abri a porta e ele ficou assustado quando me viu.

— Helen? — sorriu. — Nossa, está linda! — ele me abraçou.

— Obrigada. Sarah já está descendo — olhei o relógio. — Está vinte minutos adiantado — falei seca. — Entre.

— Oi — ele beijou meu rosto. — Posso saber se essa produção toda era só para me esperar?

— Não — arqueei a sobrancelha. — Vou sair com meus amigos.

— Mas não combinei nada com Richard — ele puxou meu queixo e sorriu.

— Muito engraçado — revirei os olhos. — Sarah já vem.

Fui em direção à escada.

— Vai me deixar aqui sozinho?

Fiz cara de tédio. Soltei o ar de uma só vez e sentei-me no sofá de frente para ele.

— Precisa se produzir tanto só para sair com seus amigos?

— Precisa — fiquei balançando as pernas com inquietação.

— Não precisa.

Fiquei em silêncio.

— Richard te mandou um abraço e nós queremos saber quando o gelo vai terminar de derreter. Estamos no sul, mas o Polo Sul fica bem longe, não acha?

Não consegui prender o riso, tentei encobrir, mas ele percebeu.

— Não sabe disfarçar, Helen. Ainda consigo te fazer sorrir, isso é um bom começo. — Olhei em outra direção. — Será que eu poderia saber aonde vai?

— Não — fiz cara de desaprovação. — Não pode.

— Por que não?

— Porque está namorando a Sarah e só ela te deve satisfação.

— Mas um dia me disse que éramos os irmãos que você não teve, esqueceu-se disso?

Ele foi direto no fundo, disfarcei para engolir aquela pancada.

— Esqueceu-se que nos disse isso?

— Não.

— Então, Helen, voltou atrás? Não posso me preocupar como irmão?

Levantei os olhos em sua direção.

— Vou ao cinema e jantar fora com meus amigos.

— Hum, está começando a derreter o gelo. Mas, mesmo assim, está muito produzida para um jantar com amigos e ainda mais para ir ao cinema! Espero que não seja com aquele idiota!

Ficamos um curto espaço de tempo calados.

— Mel mandou lembranças para você. Disse que tentou ligar para seu celular, mas não conseguiu. Está com saudades.

A aproximação daqueles assuntos me deixava inquieta. Senti uma enorme vontade de saber se ele também havia mandado algum recado para mim.

— Diga que mandei lembranças para ela.

— Você vai ao Baile da Primavera?

— Por falar nisso... — olhei sério em seus olhos. — Por que falaram para o Fernando me convidar?

— Ideia do Richard — ele riu de canto.

— Vocês já pensaram que não estou vivendo na primavera?

— Só achamos que seria uma boa você ir e se distrair.

— E não ir com o Álex?

— Isso seria ótimo.

Fiz cara de desdém. Sarah desceu da escada sorrindo. Ele se levantou e a beijou.

— Está linda demais — disse ele para Sarah.

— Evelyn já acabou, Sarah? — fui andando em direção à escada.

— Está acabando.

— Helen — Alan me chamou —, espero que não apareça naquele baile com o idiota do seu amigo!

Torci os lábios e subi.

Apressei Evelyn e descemos. Meus pais estavam na sala conversando com Alan.

— Mãe, pai, já estamos indo — falei de longe. — Tchau, pessoal.

— Olha a hora, hein? — Alan me alertou sério. Sarah ficou rindo com minha mãe.

Revirei os olhos para ele.

Álex logo nos perguntou sobre Alan, quando viu a moto parada na porta da minha casa.

Desconversei, não queria falar dele. Entramos na picape.

— É... gente, menos uma na turma — lembrou-se Evelyn no caminho.

— Não fique assim, gatinha — disse Diego. — Podemos ser dois pares, não vê?

— Ah, Diego, estou tão carente, que até você mesmo servia.

— Precisa me humilhar assim? — começamos a rir.

— Cadê o cara com quem você estava saindo? — perguntou Álex, olhando pelo retrovisor.

— Terminei com ele. Só queria saber de... vocês sabem.

— Eu te disse que ele não valia nada. Podia dar valor a quem te dá — ele ficou rindo para Diego.

— Pois é, eu sei te respeitar — disse Diego.

— Já disse, serve você mesmo.

Chegamos ao cinema e demoramos pelo menos dez minutos decidindo qual filme veríamos. Eles queriam um de terror com suspense e nós, um de drama. Então mudaram para um de ação para tentar nos convencer, mas acabamos vencendo e escolhemos o de drama.

Entramos no cinema. Constantemente Aléx colocava o braço sobre meu banco. Por que eu não havia pensado nisso, antes de ficar presa entre ele e Diego?

Que péssima ideia de escolher um filme de drama, já não bastava o que estava passando na vida real?

No meio do filme, Álex me cutucou e apontou com a cabeça para Diego e Evelyn. Eles estavam se beijando. Abri a boca, surpresa.

— Podemos fazer o mesmo se quiser — Álex sussurrou no meu ouvido.

Fiz cara de desaprovação e tirei o braço dele, que já me puxava para mais perto.

Ninguém nunca havia percebido que eles eram uma graça juntos. Diego era bonito e muito doido; Evelyn também, bonita e doida. Não sabia se era a combinação perfeita, mas se Evelyn estava apenas querendo um consolo, Diego se aproveitou daquela situação.

Quando acabou o filme, eles saíram abraçados do cinema e nós ficamos olhando de longe.

— O que foi, gente? — perguntou Evelyn.

— Podemos saber o que é isso? — perguntei boquiaberta.

— Estamos ficando — respondeu Diego.

— Vou dar uma chance para esta pobre criatura que não pega ninguém.

— Poxa — ele tirou o braço do ombro dela.

— Não, meu gatinho. Estou brincando — ela o beijou.

— É... Helen, agora só restam dois — concluiu Álex.

— Vamos jantar, pessoal. Estou com fome — mudei o assunto.

O jantar estava maravilhoso. Evelyn e Diego quase não nos deram atenção, estavam em outro clima, diferente do meu e de Álex.

Sáímos dali e fomos caminhar na orla da Avenida Beira-Mar Norte. Quis evitar, mas não tinha para onde fugir, já que a maioria optou por ali.

Bela noite que escolhemos para sair, justo hoje que não temos Sarah!

Evelyn e Diego foram caminhando abraçados na frente e fiquei mais atrás com Álex.

— Aquele cara foi pedir Sarah em namoro? — perguntou Álex.

— Sim, vai ser oficial. Te incomoda?

— Só o fato de que não o suporto.

— Não fica com ciúme da Sarah?

— Na verdade não. Talvez na época em que eu estava me interessando por ela.

— Estava gostando dela?

— Um pouco, mas como não era nada certo... Não queria magoá-la, meu coração ainda era de outra.

— Podia ter dito a ela — disfarcei.

— Fico feliz que ela esteja com alguém de quem goste, embora seja aquele desleixado.

— Não fala isso dele. Vai encontrá-lo mais vezes na minha casa.

— Se ele magoá-la, vou ter mais um grande motivo para quebrar a cara dele.

— Está com ciúmes, hein?

— Sabe que não, ela é minha amiga. Você sabe em quem estou interessado.

— Tem tantas meninas que ficam caindo por você na faculdade, por que não dá uma chance a elas?

— Porque quero é ficar com você, Helen.

Ele me segurou pelo braço.

— De novo esse assunto, Álex. Por que não desiste de mim? Sou uma chata!

— Para mim não — ele me puxou de novo. — Por que não podemos tentar? Já se passou tanto tempo. Sarah não gosta mais de mim, não precisa mais me evitar por causa dela.

— Não dá, ainda estou totalmente presa a outra pessoa.

— Posso te desprender, mas precisa me deixar tentar.

— Ainda não estou pronta para nada novo nessa área.

— Posso entender, mas não vou desistir. Aliás, queria que você fosse ao Baile da Primavera comigo. Aceita? — ele me abraçou de lado enquanto andávamos.

— Não vou ao baile.

— Por que não? Vai gostar, costuma ser animado.

— Não estou vivendo uma época de flores.

— Por favor, Helen. Vamos?

— Não adianta, não vou.

— Posso tentar te convencer?

— Pode, mas não vai adiantar.

Fomos falando de outros assuntos, até que, por fim, o frio que vinha dos ventos que também agitavam as águas nos fez voltar para o carro.

— Está com frio? — ele perguntou.

— Um pouco — tentei me aquecer com um abraço em mim mesma.

— Vem cá, vem — ele me envolveu em seus braços. Tinha que admitir que fiquei aquecida, como também tive de aceitar as piadas de Evelyn e Diego.



O domingo passou rápido. Comecei a conversar com meu pai sobre a ideia de ir trabalhar com ele, que concordou e me disse que quando estivesse pronta era só começar.

O primeiro dia de namoro oficial de Sarah e Alan tornou nossa rotina bem diferente na faculdade. Sarah ficou com Alan e os amigos dele, eu com meus amigos do lado oposto do refeitório, só observando.

Depois da aula apareci no escritório do meu pai, que ficou surpreso e me aconselhou a observar o trabalho por pelo menos duas semanas.

Ventos de calma

Faltava apenas uma semana para o Baile da Primavera. Não estava com disposição e muito menos ânimo para sair. Meu quarto se tornou meu lugar rotineiro. Parecia ser o lugar onde eu tinha um encontro com Andrew ou com o mundo ao qual pertencia quando ele estava perto.

Naquela noite de sexta, minha campainha tocou. Estava na cozinha com meus pais e Evelyn, esperando o jantar ficar pronto.

— Quem será? — perguntou minha mãe.

— É para você, Helen — disse Evelyn olhando pela janela da cozinha.

— Quem é? — perguntei levantando-me.

— Richard.

— Não acredito — suspirei fundo.

— Filha, vai falar com esse rapaz — meu pai falou sério como se já não aguentasse mais ouvir que eu não queria falar com eles.

A campainha tocou de novo.

Abri a porta, ele estava com um casaco fino preto, cabelos molhados, uma expressão serena no rosto e com uma rosa amarela na mão.

— Oi, Helen. Trouxe para você.

— Para mim? — escondi a surpresa.

— É, para você, quem sabe ela te lembre o quanto sentimos sua falta. — Senti vontade de chorar. Suspirei profundamente.

— Quer entrar? — não tinha outra opção para oferecer.

— Bem, aceito, sim, já que é a primeira vez que venho aqui e você me recebe.

Sentamo-nos no sofá.

— Obrigada — fiquei segurando aquela rosa desabrochada.

— Você está bem?

— Sempre me perguntam isso.

— E não podemos?

Não respondi.

— Não respondeu. Está bem? Depois daquela conversa...

— Fiquei bem, não se preocupe.

— Vim aqui para saber se você tinha mudado de ideia quanto a voltarmos nossa amizade.

— Por que não desistem?

— Não se desiste daquilo de que se gosta, não acha?

— Richard, não comece...

— Fale por que não quer nossa amizade. Fala e eu decido se é ou não um bom argumento.

— Não dá! Toda vez que estou perto de vocês fico pensando nele e de como queria fazer mil perguntas. Sei que vocês poderiam responder a todas elas, isso é difícil para mim!

— Será que é mais fácil sentir isso do que ficar perto dos seus amigos?

— Acho que não — suspirei fundo e soltei de uma vez.

— Então, isso é muito ruim para nós.

— Não comece, não vai me convencer. Por favor, vamos parar por aqui...

— Ok... Vai ao baile?

— Talvez. Se for, será com Álex.

— Não pode ir com ele!

— Por que não?!

— Esse Álex só quer se aproveitar que você está sozinha e carente, ele não merece você!

— Só me faltava essa — dei uma risada de deboche. — Carente. Por que estão fazendo isso? E se ele for o cara perfeito para mim? E se eu quiser ficar com ele?

— Sabe que não é! Está falando essas coisas porque está chateada, mas no fundo é só da boca para fora.

— Não quero que fiquem tomando conta de mim!

— Não precisa fazer isso com ela. — Percebi que, de tanto gesticular com a rosa, algumas pétalas ficaram pelo chão. — Eu entendo você, mas...

— Não tem mais! — continuei falando com rancor. — Andrew fez a escolha dele, agora tenho o direito de refazer a minha! Viu por que não vai dar certo voltarmos a ser amigos?

— Era isso que vim dizer — ele se levantou. — Pensa nas duas coisas.

Richard saiu cabisbaixo.

Sarah chegou depois de um tempo e junto com Evelyn acabaram me convencendo a ir ao baile. Iria com Álex, não daria ao Andrew a alegria de saber que não tinha ido. Talvez fosse sarcástica a minha intenção; contudo, as meninas me convenceram de que era uma ótima oportunidade de dar mais um passo em direção à vida.



Era sábado, minha mãe fez questão de ir conosco na escolha dos vestidos.

Passamos o dia andando, entrando e saindo de diversas lojas; quando paramos para almoçar, apenas Evelyn tinha escolhido o dela. Sarah e eu ainda estávamos perdidas em meio aos inúmeros modelos que tínhamos visto.

Estava experimentando um modelo e Sarah me lembrou de um fato importante.

— Helen, você já disse para Álex que vai com ele?

— Esqueci! — coloquei a mão na cabeça de frente ao espelho.

— Então avise seu par que você vai com ele.

— Onde eu estava com a cabeça?

Peguei o celular.

— Álex?

— Que milagre é esse você me ligando? Aconteceu alguma coisa com seu carro?

— Não, por quê?

— Só me liga pra falar do seu carro.

— Ah, Álex. Não seja injusto!

— Brincadeira! O que quer?

— Queria saber... bem, se ainda está... de pé o convite para o baile?

— Hum, Helen, agora?

— O que foi? Ah, já sei — entristeci. — Já chamou outra.

— Desculpa.

— Tudo bem, a culpa foi minha de ter demorado tanto.

— Estou brincando, sua boba! Claro que vou com você!

— Ai, Álex. Você me paga!

— Sabia que ia aceitar.

— E se eu não aceitasse?

— As meninas me disseram que iria aceitar. E, também, tenho uma lista enorme de espera, era só escolher a mais bonita — ele sorriu.

— Convencido!

— Beleza, combinamos depois. Beijos. Ah! Esteja linda e me surpreenda!

— Você não tem jeito mesmo! Tchau.

Enfim decidi por um longo da cor azul-claro, com um detalhe dobrado no colo, com os ombros de fora. Era magnífico. Por um momento parei de frente ao espelho. Andrew me veio à memória. Adoraria que ele me visse.

No domingo Sarah foi conhecer os pais do Alan em Camboriú. Saíram cedo e quando ela voltou já estávamos dormindo.



No dia seguinte, Sarah nos foi contando como tinha sido o encontro com a família de Alan, sobre seus irmãos, Rogério, o mais velho, Carlos e Verônica, a mais nova de todos. Ela estava encantada com todos eles.

Ao chegarmos à faculdade, Alan estava encostado na sua moto, sozinho, esperando Sarah. Descemos do carro e ela correu em direção a ele.

Evelyn e eu falamos um oi quando passamos por ele.

— Você resolveu ir ao baile, Helen? — Parei e fixei o olhar nele.

— Vou, sim.

— Espero que não seja com aquele idiota.

— E se for?

— Não vai ser.

— Alan, não sei o que estão pensando ou armando, mas não quero que se intrometam mais na minha vida! Vocês me sufocam!

— Helen? — Evelyn sussurrou me repreendendo. Sarah me olhava com recriminação.

— Só pensamos no seu melhor.

— Não sabem o que é melhor pra mim! E na verdade estou cheia desse GPS que querem colocar na minha frente! Sei me virar sozinha! Se fossem meus amigos mesmo, teriam feito mais do que fizeram, e, além disso, não preciso de vocês!

— Tem certeza de que é isso? Que a deixemos em paz?

— Seria ótimo!

— Está me mandando ir embora? — Olhei para ele confusa.

— Quero que me deixem em paz.

— Vai se arrepender por me deixar ir, não sou do tipo que volta. Se é isso, paramos por aqui.

— Ótimo.

Senti um frio na espinha. Sarah negou levemente com a cabeça. Andei depressa para longe deles. Ainda não estava certa se me sentiria tão bem quanto o que falei, sem o cuidado deles.

— Nossa, eles não desistem — resmunguei para Evelyn.

— Foi dura demais, Helen.

— Vai me criticar também?

— Sabe, amiga, o pior não foi Andrew ter partido, foi você ter sumido.

Fiquei parada observando Evelyn se afastar. Senti meu interior pesado.

Na sala fiquei pensativa. Sarah sentou-se ao meu lado sem dizer nada; puxei assunto, ela havia ficado chateada por Alan. Depois de um tempo voltou ao normal.

À noite Richard me ligou. Insistiu para que eu não fosse ao baile com Álex; discutimos, ele ficou irado.

— Não pode ir com ele, Helen! — falou irritado.

— Mas eu vou!

— Por que se tornou uma pessoa tão mesquinha?

— Por que está me chamando de mesquinha?

— Está fazendo isso porque quer se vingar de nós!

A ira se apoderou de mim.

— *Não sou esse tipo de pessoa!!!*

— Mas se tornou uma.

— Para que me ligou? Para me ofender? Me deixe em paz!

— Você não se importa com o que fazemos por você!

— Querem me monitorar! — discuti enfurecida.

— Não se importa com nosso cuidado, nossa amizade! Parece mesmo uma pedra de gelo!

— Você está me ofendendo!

— Você não liga mesmo para o que pensamos!

Encerrei a chamada e chorei sentada na cama.



Pela manhã, próximo à reitoria, eles me evitaram. Jamais pensei que a indiferença deles me deixaria tão incomodada.

No outro dia a cena se repetiu: Alan fingiu que não me viu, Richard fez a mesma coisa, se despedindo de Sarah e Evelyn, que estavam ao meu lado. Senti um aperto no peito. Pela primeira vez fiquei com medo de perder a amizade deles.

Imaginei que fosse apenas por causa da última conversa com cada um. Mas, para minha inquietação, eles repetiram a cena no outro dia. Fui completamente ignorada, doeu na alma, um desespero se alojou em mim.

Voltando para casa tentei falar sobre eles; entretanto, Sarah e Evelyn desviavam o assunto. Não suportei e falei o que estava sentindo.

— Sarah... Alan está chateado comigo?

— Tá sim.

— E... eu, estou incomodada com isso.

— É, Helen, acho que finalmente se cansaram.

— O que Alan te disse hoje?

— Nada, por isso estou te falando. Eles nem tocam no seu nome e, quando falo algo, mudam de assunto. O que você queria aconteceu. Eles se cansaram de tentar voltar a ser seus amigos.

— Não sabia que estava assim. Estou incomodada e... estou triste por isso.

— Mas você ainda pode mudar tudo — falou Evelyn. — Só depende de você.

— É mesmo, chegou a hora de você provar que eles têm valor na sua vida.

— Sarah, nunca pensei que isso fosse acontecer de verdade — meus olhos ficaram embaçados.

— Porque se acostumou com eles correndo atrás de você. Agora você vai ter que ir atrás deles, se é que isso importa — concluiu Sarah.

— Sabe que importa.

— Mas não parecia que importava.

Não parei de pensar neles. Por que eu não havia percebido que poderia perdê-los de verdade? Em quanto egoísmo me afundei!

Peguei o telefone e procurei a coragem. Suspirei fundo e disquei o número do celular de Richard, mas ele não me atendeu. Liguei de novo e caiu na caixa postal. Procurei ainda mais coragem e liguei para Alan, porém ele não atendeu. Senti na pele o que eu fiz com eles todo aquele tempo.

Não os vi quando chegamos à faculdade pela manhã.

Depois do primeiro tempo de aula, fui atrás de Richard, na sala dele. Minhas mãos suavam frio e minha respiração estava pausada. Apareci na sala e o chamei. Foi motivo para assovios e burburinhos. Ele enrugou a testa e ficou me olhando, sem fazer movimentos de que iria levantar. Percebi que o professor havia parado de falar e todos estavam observando a cena. Senti as bochechas corarem. Timidamente fiz um sinal com a mão, chamando-o. Ele fechou o caderno e levantou-se; me escondi apressada atrás da parede.

— Será que podíamos conversar?

— Estou em aula agora.

— Preciso mesmo falar com você.

— Então diz — falou seco, cruzando os braços.

— Richard, eu... queria te pedir perdão... por todo esse tempo que fiquei cega com meu egoísmo. Estou muito incomodada com o seu desprezo e do Alan. Me perdoa?

— Helen, não posso conversar com você agora.

— Por favor? — meus olhos arderam para chorar.

— Preciso entrar. Você tem sido muito fria.

— Não me chame assim! — prendi o choro. — Você que começou dizendo que eu era mesquinha!

— E não tem sido?

— Para com isso!

— Por acaso te incomoda perder minha amizade, já que está aqui perdendo sua aula?

— Sabe que sim, e não é justo o que você está fazendo agora!

— E nem o que você fez comigo e com Alan.

— Vai me acusar?

— E não é a verdade?

— Desisto!

— Já fez isso com a nossa amizade. — Ele virou-se para sair, mas segurei seu braço com força.

— Não, Richard! Não era isso — coloquei a mão na testa. — Me perdoa? Realmente tenho me comportado muito mal e tenho colocado a minha dor na frente de tantas pessoas, inclusive de vocês! Fala comigo? Vamos conversar!

— Helen, estou em aula. É uma matéria importante. Sem querer ser deselegante, não posso ficar aqui conversando com você.

Senti calafrio.

— Podemos conversar depois da aula?

— Não posso. Tenho que chegar cedo ao trabalho.

— Richard, fala comigo!

— Depois. Realmente agora não posso. — Ele saiu, me deixando sozinha.

Voltei para a sala de aula ainda pior. Sentia um remorso me corroendo por dentro.

Quando acabou a aula, Alan esperava Sarah no estacionamento, como de costume. Fiquei parada, pensando e repensando se iria ou não ao encontro dele. Precisava ir.

— Posso falar com você, Alan?

— Depois eu volto — Sarah deu um beijo nele e se afastou.

— Alan, será que você pode ao menos olhar pra mim?

— O que você quer? — Ele cruzou os braços e se encostou na sua moto.

— Alan, eu, bem, quero... pedir desculpas. Estou muito mal com o que vocês estão fazendo comigo, o gelo que estão me dando. Estou muito arrependida por esse tempo que fiquei do mesmo jeito com vocês. — Ele olhou o relógio e não focava meus olhos.

— Tudo cansa — falou áspero. Montou na moto com o capacete no braço.

— Fala comigo? — segurei seu braço.

Ele não respondeu e foi em direção à Sarah. Os dois se beijaram, ele colocou o capacete e saiu. Sarah me olhou triste.

Não consegui fazer nada, estava profundamente angustiada. O desprezo deles apunhalava meu corpo e doía na alma.

À noite liguei para Alan, mas ele não atendeu.

— Sarah, me ajuda?

— O que posso fazer?

— Preciso falar com eles — disse aflita. — Vou a casa deles!

— Vai a casa deles? — ela arregalou os olhos. — Então vou com você!

— Vamos sim, preciso de você!

Eram quase oito da noite quando chegamos a Jurerê Internacional. Ao parar na frente da mansão, me arrependi de ter ido; embora fosse o que devia ser feito, meu orgulho aflorou. Eles estavam errados, não eu. Andrew me deixou, eles não fizeram nada. Estavam me humilhando com o desprezo. Com as mãos apoiadas no volante, abaixei a cabeça, não consegui sair do carro. Sarah apertou meu ombro, como se aquilo fizesse diferença. Sussurrei dizendo que ia embora. Ela me segurou com força pelo braço e olhou dentro dos meus olhos. Fiquei paralisada, até mesmo senti vergonha por seu olhar de reprovação, não precisou de palavras.

— Vamos — falou convicta.

Sarah tocou a campainha e novamente me encarou, baixei os olhos. Vivian nos atendeu.

— Oi, meninas! Que bom vê-las aqui! Entrem.

— Oi, Vivian. Os rapazes estão em casa? — perguntou Sarah.

— Estão, sim. Estão na sala estudando. Vou avisar que estão aqui.

— Não, deixa que eu aviso.

Vivian saiu da sala, fiquei imóvel. A ansiedade de enfrentar meus amigos e a lembrança de Andrew tiraram minhas forças.

— Sarah, o que faço? — perguntei aflita.

— Vamos lá falar com eles! Vem!

Relutei por alguns instantes, não tinha constância alguma nos meus atos. Ela me puxou até a porta da sala.

— Boa noite, meninos! — declarou animada. — Olha quem veio conversar com vocês!

A surpresa deles foi grande. Ficaram estáticos nos observando. Eles estavam com livros, notebook e cadernos espalhados por toda a parte. Depois do silêncio incômodo, resolvi quebrar aquele clima apavorante.

— Como não atendem às minhas ligações, resolvi vir pessoalmente — falei baixinho totalmente desconcertada.

Richard levantou-se e colocou as mãos nos bolsos da bermuda jeans. Alan fechou o livro, levantou-se e abraçou Sarah.

— Oi, gatinha. — Ele deu um beijo nela. — Por que não disse que viria?

— Surpresa! — disse Sarah sorrindo. O desprezo dele fez o nó na garganta se apertar.

— Mas é noite, a estrada é perigosa.

— Tudo bem, gatinho. Você não vai falar com a Helen?

— Já que está aqui, vem aqui que eu quero te mostrar uma coisa! — Alan ignorou minha presença e saiu puxando Sarah, sem esperar a reação dela.

Sarah exprimiu um olhar de que tudo deu errado.

Olhei para frente e Richard permanecia na mesma posição. Passei os olhos ao redor. Esperei que ele falasse algo, mas em seguida concluí que eu fui procurá-los.

— Será que você podia conversar comigo agora?

— Sente-se aqui. — Ele apontou-me o sofá.

Nunca me senti tão desprezada, humilhada, queria ir embora, dizer que eles eram todos iguais e que nunca mais falaria com eles, mas não perseverei. Sentei-me no sofá e fiquei quieta, Richard fez o mesmo. Dei um profundo suspiro e olhei ao redor; parecia que nada havia mudado, que de repente Andrew iria aparecer com sua cadeira de rodas ou que eu olharia para o lado e o veria, ou ainda Prince apareceria o seguindo, abanando a cauda. Para que uma lágrima não escorresse, fechei os olhos. Parecia ter sido sugada daquele momento e fui levada ao dia em que assisti à peça de Andrew. Daquela noite, pude me lembrar das risadas de Alan toda vez que ele me assustava, do sorriso de Richard ao defender Rebecca, e foi inevitável não recordar daqueles olhos tão profundos

do meu Andy. Abri os olhos e eles estavam inflamados de lágrimas, deixei-as descer. Perdi Andrew, não podia perdê-los também.

— Richard, sei que errei — não consegui encará-lo. — Fui uma egoísta e somente agora percebo o quanto magoei vocês dois. Me perdoa, por favor? — olhei para ele.

— Por que só agora percebeu isso?

— Porque estou sofrendo com a possibilidade de perder a amizade de vocês.

— Acabou nos magoando, nos tirando da sua vida, como se não tivéssemos importância nenhuma.

— Eu sei! Mas estou arrependida. Me perdoe? — implorei.

— Está me dizendo que nossa amizade é importante para você?

— Claro que sim. Esse sentimento de perder você... — engasguei com o choro — e o Alan é horrível! Não posso conviver com isso. Me perdoe? Ontem, senti na pele o que fazia com vocês, mesmo sem querer, mas dói! Pode me perdoar? — implorei de novo.

Ele ficou me olhando.

— Vem cá, Helen — ele levantou-se, abriu os braços e nos abraçamos. Richard estava cheirando a um suave perfume cítrico. — Você aprendeu uma importante lição. O coração das pessoas não é lugar para visitas passageiras, sem compromisso, mas espaço para se construir ou plantar algo bom.

— Não vai me perdoar?

— Posso te perdoar, mas não posso falar pelo Alan.

— Me perdoa?

— Perdoo se...

— Se... — me afastei limpando os olhos.

— Se não for ao baile com Álex.

— Já disse ao Álex que iria com ele.

— Então não posso ser seu amigo — ele sorriu.

— Não fala isso, Richard — disse triste. — Por favor?

— Por que escolheu logo aquele cara?

— É meu amigo.

— Juro que vou ficar de olho nele, e se eu vir alguma coisa demais, esqueço por aquele instante que ele é seu amigo.

— Vamos parar de falar dele. Estou perdoada?

— Hum, me deixa pensar. Tenho agora o trunfo na mão.

— Não exagera.

— Tenho que aproveitar. Te perdoo se... se você se aproximar mais da minha turma.

— Está pedindo muito.

— Não estou. Evelyn está namorando e não fica com você. Sarah veio para o nosso lado. Somos a maioria e seu amigo não vai ficar sozinho, é bem enturmado na faculdade. É minha regra.

— Não pode me obrigar a isso.

— Não, mas pode pensar que somos seus amigos também.

— Vou pensar. Mas me diz, você me perdoou?

— Só mais uma coisa.

— Ai, o que foi agora?

— Vai voltar aqui mais vezes.

— Richard! Está pedindo somente coisas difíceis! Só vim mesmo porque vocês não queriam atender às minhas ligações! Não sabe o que estou sentindo por dentro em vir aqui.

— É... realmente queria nosso perdão. Sei que não é fácil para você estar aqui.

— Era para provar o quanto vocês são importantes para mim — abracei-o de novo. — E... o quanto estava com saudade de vocês.

— Também senti sua falta, mas — ele segurou meus braços e me afastou dele sorrindo — tem mais uma condição.

— O que foi, Richard? — sorri.

— Tem que nos aceitar de novo como seus irmãos.

— Ah, isso é o mais fácil! — abracei-o com força. — Mas e o Alan?

— Vou conversar com ele hoje, amanhã você tenta de novo.

— Ok — dei um pequeno sorriso. — Vou embora, não suporto ficar aqui nem mais um minuto.

Fui andando para a sala. Alan mostrava para Sarah um projeto no notebook.

— Levo você depois, Sarah — disse ele.

— Helen vai sozinha, Alan? — perguntou Richard.

— Amanhã nos vemos então, gatinha — ele a beijou.

Sarah levantou-se, ele continuou olhando para o computador.

— Não fique assim, amanhã converso com ele — falou Richard.

— Obrigada, amigo — beijei o rosto dele. — Tchau, Alan — disse, mas ele não respondeu.

— Vou seguindo vocês até em casa — disse Richard.

— Não precisa — enfatizei. — Não se incomode. Acabei atrapalhando o estudo de vocês.

— Já volto, vou pegar um casaco. — Richard não fez caso do que disse.

— Vou também, gatinha! — anunciou Alan saltando do sofá. — Vou lá também pegar um casaco.

Enquanto Alan subia a escada correndo, Sarah esbarrou no meu ombro.

— Pelo jeito consegui se acertar com Richard, certo?

— Ainda bem. Mas... o Alan...

— Ele só está chateado, tenta de novo. Mas, amiga, será que eu podia ir com o meu gatinho? — ela sorriu.

— Sabia que ia falar isso — sorri.

Os rapazes desceram. Logo na saída Alan disse que ia com Sarah.

— Me dá a chave, Richard? — pediu Alan.

— Por que não vai no carro da Helen? — Alan ignorou.

— Pode ir no meu, Alan — disse triste. Estendi a chave, ele desprezou.

— Alan? — brigou Sarah, pegando a chave da minha mão.

— Vem, Helen — Richard colocou a mão no meu ombro me conduzindo para a picape.

Durante o caminho conversei com Richard. Fiquei controlando a vontade de perguntar sobre Andrew. Fraquejei diversas vezes.

Na porta da minha casa, Alan guardou meu carro e devolveu a chave para Sarah. Rejeitou minha presença. Cada vez mais, doía o desprezo dele.



No término das aulas ele estava esperando Sarah, encostado em sua moto.

— Será que você pode falar comigo agora?

— Fala, Helen — disse sério, desviando o olhar.

— Sei que errei, mas estou arrependida. Estou sofrendo com seu desprezo, me perdoe?

— Agora sabe o que sentimos.

— Você não é vingativo, por que está fazendo isso?

— Você foi muito dura conosco.

— Por isso estou aqui, só agora percebi o quanto estava sendo egoísta. Fiquei com muito medo de perder a amizade de vocês! Alan, me perdoe? — Ele olhou para mim.

— Existem pessoas que só dão valor quando estão à beira de perder. Impressionante! — falou com desdém.

— Alan? Sua amizade é muito importante para mim. Me perdoe se eu demorei a perceber isso...

— Só agora percebeu? Eu disse que não ia mais voltar.

— Por isso não deixei você ir.

Ele me olhou e desviou o olhar de novo.

— Me perdoa? — as lágrimas apareceram. — Poxa, já disse. Eu errei, estou arrependida — minha voz embargou. — O que mais quer que eu faça? — Limpei os olhos e ele me olhou. — Quer que eu me ajoelhe e implore?

— Seria no mínimo patético.

— O que mais quer que eu diga?

— Pode começar dizendo que senti minha falta e que sou ainda o irmão que você não teve. E pedir perdão pelo menos umas cem vezes!

Ele continuou sério. Abri um sorriso satisfeito e o abracei. Ele não me abraçou.

— Ainda não me disse, Helen.

— Morri de saudades de você, meu irmão que não tive, e te peço perdão pelo que fiz. Perdão, perdão, perdão.

— Agora sim. — Ele me abraçou apertado.

— Me perdoe, Alan. Fui uma egoísta e uma idiota, quase perdi vocês!

- É, você foi uma idiota.
- Realmente sofri com o desprezo de vocês.
- Se soubesse que ia ser mais rápido assim, tinha combinado com Richard de fazer antes.
- Seu insensível! — bati no braço dele.
- Mas tem uma coisa.
- Ah, não, vai fazer chantagem igual ao Richard?
- Não, mas você me deu uma ótima ideia. Não vai ao baile com aquele retardado, vai?
- Já disse que iria, e não fala assim dele. É meu amigo.
- Cara chato, Helen, que você arrumou para chamar de amigo!
- Você é meu chato favorito e o amo.
- Já que vai com ele, trata de ir bem feia.
- Não acredito que está me dizendo isso. Todos irão com roupa de gala!
- E o que tem? Vem feia, não escova os dentes, não penteia os cabelos.
- Alan! — belisquei seu braço.
- Acho que já fizeram as pazes, que ótimo! — disse Sarah.
- Mas, olha, se ele tentar fazer alguma graça com você, aproveitar-se da situação, vou exercer meu papel de irmão e mandar você para casa!
- Para de graça!
- Estou falando sério — ele enrugou a testa. — Não pague para ver.
- Não está falando sério.
- Então tenta e veremos.
- Você não muda, Alan? Me perdoou mesmo? — segurei a mão dele.
- Claro, sua chatinha — apertou meu nariz, e eu sorri.



O sábado do baile havia chegado. Passamos o dia no salão, arrumando unhas e cabelos. Fiquei pensativa e a maior parte do tempo em silêncio. Queria estar no baile, perto de Álex; entretanto, não consegui parar de imaginar se fosse Andrew o par daquela noite.

Ainda estava atrapalhada com o vestido. Havia emagrecido naquela semana, minha mãe ajustava-o, enquanto olhava constantemente para o relógio, preocupada com a hora e com a possibilidade de Alan e Álex se encontrarem.

- Helen, cadê as chaves? Já estou pronta — disse Evelyn.
- Não vai esperá-lo aqui?
- Ele já está me esperando.
- Mas você vai buscá-lo?
- Não somos esses casais românticos certinhos.

Minha mãe riu.

- Tudo bem.

Escutamos a campainha tocando, devia ser Alan.

— Evelyn, diz a Alan que Sarah já vai descer.

— Digo. Fui!

— Não acabou ainda, mãe?

— Ainda não, filha. Fica quieta!

Olhei o relógio. Depois de dez minutos minha mãe terminou.

— Pronto, filha. Está linda!

Rodei na frente do espelho. Realmente estava magnífico.

Queria que Andrew me visse assim. Ele sempre me imaginou de vestido, ia gostar de me ver hoje. Por que eu estou pensando nele? Esquece, Helen!

Olhei no espelho de novo, me achei linda. Coloquei uma pulseira discreta.

Quando desci as escadas, Alan parou de conversar com meu pai.

— Mas o que é isso? — Alan se aproximou de mim.

Ele segurou minha mão para eu descer os últimos degraus.

— E aí, pessoal? O que acham?

— Filha, você está uma princesa. Linda demais!

— Obrigada, pai. E aí, Alan?

— Senhor Paulo, não pode deixar Helen ir assim! — Meu pai riu.

— Quer parar?

— Você toma conta dela, ok? — Meu pai piscou o olho para Alan.

— Disse que era para você ir bem feia. — Ele falou entre os dentes.

Fiz careta.

— Não pode ir assim, aquele lobo vai querer te devorar! — Ele continuou sussurrando entre os dentes.

— Iiii — reclamei. — Vai começar?

Naquele instante Sarah desceu as escadas, deslumbrante.

— Olha isso, senhor Paulo. Não tenho como tomar conta de duas, uma é minha princesa; a outra, uma irmã malcriada!

Meu pai soltou uma longa risada.

— E aí, gatinho? — perguntou Sarah.

— Está linda demais, Sarah. Linda que chega a me ofuscar!

— Obrigada, gatinho. Você que está lindo demais!

— Sarah, você está maravilhosa! — concordei com uma feição encantada.

— Você também, amiga!

— Vamos? — disse Sarah dando o braço a Alan.

— Viu? Aquele idiota ainda te deixa esperando. Não se deixa uma dama esperar, que imbecil! — Girei os olhos, entediada.

Mesmo que quisesse me esforçar, não conseguia apagar meus pensamentos, que desejavam que fosse Andrew o meu esperado daquela noite.

Fiquei parada perto da escada. Meu pai veio perto de mim.

— Está linda, filha. Alan tinha razão, vai dar trabalho a ele — disse e me beijou na testa.

Ofereceu-me o braço para que eu me apoiasse; dei um pequeno sorriso. Fomos para o lado de fora e nos sentamos no banco que ficava na varanda.

— E você, filha, como está? Faz tempo que não conversamos. Tenho achado você tão diferente. Precisamos conversar, e sem desculpas, mocinha — ele falou e suspirei fundo.

— Estou bem, pai. Indo, na verdade. No momento, não quero falar desses assuntos, não agora. Entende?

— Entendo. Queria que fosse ele hoje, não é?

Concordei balançando a cabeça.

— Precisa aprender a ver a vida sem o Andrew.

— Estou tentando.

— Não pode mudar seu jeito de ser por causa dos outros, minha filha.

— Às vezes, nem sei mais quem eu sou.

— Deixar de ser você não vai trazer nem apagar ninguém da sua vida, apenas apagar você mesma.

Álex buzinou.

— Depois conversamos.

Álex desceu da picape e andou rápido até a varanda. Ficou bastante atrapalhado, não sabia se me olhava ou se apertava a mão do meu pai.

— Cuida da minha filha, rapaz! E a respeite!

— Pode deixar, senhor Paulo.

Meu pai beijou minha cabeça antes de entrar. Levantei os olhos e encarei Álex. Ele me olhava com surpresa.

— Helen... você está linda demais! — ele beijou meu rosto com carinho.

Segurou minha mão e me fez dar uma volta.

— Obrigada.

— Assim está arrasando com meu coração! — colocou a mão no peito. — Olha, parece que veio do tempo medieval. Está uma linda princesa, só faltou a coroa! Mas irá ganhá-la hoje! Vai ver, vai ser a princesa do baile!

— Vamos, Álex. Aliás, você ficou muito bem assim.

Estava de smoking preto, bem tradicional. Seus cabelos estavam com gel, arrepiados, e o cheiro do perfume dele era sensual, um amadeirado floral almiscarado; conhecia aquela fragrância bem masculina e envolvente da loja em que trabalhava. Ele estava muito bonito e era isso que ia dizer, mas preferi não instigá-lo. Não duvidei que o perfume foi para me fisgar.

— Vamos, princesa linda. — Ele se curvou quando passei, como se fazendo reverência.

— Você não tem jeito — sorri.

Álex falou frases bonitas durante todo o caminho. Entre elas, eu repetia as mesmas frases bobas, sem mais efeito, de que era uma chata e éramos apenas amigos.

Ao chegarmos, paramos para tirar a foto de entrada.

Todos já dançavam com luzes para todos os lados, não pouparam luxo e beleza. Resolveram enfatizar as belezas de Florianópolis, tão diversificada, trazendo o tema “Primavera em Floripa”.

Ao descer as escadas acenei para Diego e Evelyn, que já dançavam no meio da pista. Uma música eletrônica marcava os passos de boa parte dos presentes no recinto.

— Quer dançar? — Álex me convidou.

Não recusei. Ele ria dos meus passos atrapalhados. Em vários momentos senti alegria por estar me divertindo, achando engraçado os comentários de Álex e, principalmente, reconhecendo que havia voltado à vida.

Fiquei com sede e o chamei para bebermos algo. Álex novamente brincou, fazendo reverência para eu passar. Ele foi até a mesa de bebidas enquanto fiquei esperando por ele. Aproximei-me de dois corações acesos e bruscamente fui puxada por Peter. Minha respiração mudou, ficando ofegante de medo.

— Quem foi que disse que deusas não existem?

— Não existem mesmo, e com certeza não sou uma — disse com raiva. — Some da minha frente! — esbravejei e ele me abraçou com força.

— O quê? Está mais linda do que nunca! Estou apaixonado por você — ele tentou me beijar.

— Para com isso! — empurrei-o. — Está doido?

— Sei que você me quer também!

Álex chegou de repente e o tirou de cima de mim.

— Qual é, cara? Tira as mãos dela!

Ele empurrou Peter, que quase caiu.

— Deixe-o, está bêbado! — Álex pegou-o pelo colarinho.

— Se você chegar perto da Helen de novo, vou te encher de porrada! Esqueceu da nossa conversa?

— Deixa pra lá! — ordenei, e assim que Álex o soltou ele caiu no chão.

— Não vou avisar de novo!

— Álex, vamos sair daqui, por favor! — entrei na frente dele e puxei seus braços para longe de Peter.

Afastamo-nos enquanto Álex continuava olhando para trás. Nos encontramos com Richard e Rebecca.

— Nossa, Helen, você arrasou! — disse Rebecca me dando um beijo no rosto.

— Você também está linda!

Richard acenou com a cabeça para Álex.

— Será que eu posso falar com você? — perguntou Richard.

— Não, ela não pode — respondeu Álex asperamente.

— Posso, sim, Álex! — discuti e me afastei com Richard.

— Helen, como você me aparece assim?

— Assim como?

— Assim, como uma princesa e com esse cara do seu lado?

— E qual o problema? Só quero me divertir e estou feliz por estar conseguindo.

Por alguns segundos ele ficou olhando para mim e deu um pequeno sorriso em seguida.

— Vou ficar de olho, hein?

Álex veio para perto e segurou minha cintura, o que fez Richard ficar sério.

Fomos para a pista dançar. Conseguir me divertir era o que eu mais precisava nos últimos tempos, não importava como.

No fim daquele som agitado as luzes diminuíram e a música mudou. O DJ anunciou:

— Peguem suas princesas e dancem bem pertinho, essa é a regra!

Álex sorriu malicioso; neguei levemente com a cabeça. Dançar uma música romântica com ele não estava nos meus planos, nunca esteve. Precisava fugir daquela situação embaraçosa.

— Vou me sentar, Álex. Cansei.

— Dança comigo, só esta?

Dei alguns passos para trás. Quando me virei para sair, Álex me puxou pela cintura e me abraçou. Ele era forte e as tentativas de me afastar sutilmente não deram certo.

— Helen, você está linda... Não posso evitar o que estou sentindo. Quero ficar com você... Seu cheiro é maravilhoso.

O que Álex está fazendo? Só Andrew falava do meu perfume, só ele!

Ele cheirou meus cabelos, meu pescoço.

— Não faz isso, senão vou me sentar.

— Adoro você, seu cheiro, sua voz. — Ele falava sussurrando no meu ouvido. — Seu jeito de menina.

Como vou sair daqui? O que vou fazer?

— Você me deixa sem fôlego.

— Para, Álex.

— Será que eu poderia dançar com ela? — interrompeu Richard.

— Some daqui! — falou Álex sério.

— Só uma dança?

— Some, cara!

— A dama pode escolher. — Ele fechou o semblante.

— Álex, danço com você de novo — disse gentilmente.

— Promete?

— Prometo.

— Só por você, Helen — falei um “obrigada” sem som.

Richard me pegou para dançar e foi me conduzindo para longe de Álex.

— Salvei você.

— Não me salvou de nada.

— Aquele troglodita estava a ponto de te beijar!

— Por que não aproveita a noite com Rebecca e me deixa em paz? Sei me cuidar!

— Não sabe. Se soubesse, não estaria aqui com esse cara!

— Sei me cuidar sim.

— Está pronta para ser atacada por ele, não vê isso? Se tivesse seguido o conselho do Alan, não precisaria me preocupar.

— Vocês têm cada uma! É uma noite especial, certo?

— Não para vir com esse Álex!

A música não tinha terminado e Álex me puxou por trás, afastando-me de Richard.

— Vamos tirar mais fotos!

— Não gosto de sair em fotos.

— Gosta sim, e Evelyn está lá com Diego. Vamos?

Tirei fotos com meus amigos. Sarah apareceu, fizemos caras e caretas.

— Você quer comer alguma coisa? — perguntou Álex.

— Não, estou sem fome, mas aceito algo para beber.

— Vamos comigo, porque não posso te deixar sozinha.

Bebi dois copos de suco, em seguida nos sentamos à mesa e experimentamos fondue de frutas.

Álex não parava de me encarar, seu olhar me constrangia, me deixava atrapalhada e me fez perguntar por algumas vezes o que estava fazendo ali. Deixei o palito vazio das frutas sobre a mesa; ele estendeu a mão e segurou a minha, a respiração ficou presa. Puxou a cadeira e ficou mais perto. Por alguns instantes não disse nada, apenas me olhou. Naquele momento outra música romântica, *I Stay in Love*, de Mariah Carey. O DJ anunciou:

— Com esta ninguém pode ficar sozinho. É hora de se entregar às paixões, galera. Vamos dançar!

— Tudo cooperando, não podia ser melhor — ele sussurrou.

Era ironia do destino? Nunca acreditei no destino, mas não encontrei outra palavra que pudesse descrever aquele momento. Uma das cantoras favoritas de Andrew, uma música cuja letra eu conhecia muito bem, pois Evelyn vivia cantando e declamando em forma de poesia para nós. Álex tentando me conquistar e a música declarando tudo que ainda sentia por outra pessoa. Só podia ser ironia, não havia outra definição.

Álex se levantou e estendeu a mão para mim, me chamando para a pista.

— Tem certeza, Álex? Estou tão cansada — realmente estava cansada.

— Você me prometeu.

Argh, havia me esquecido disso! Logo Mariah? Droga!

Fomos para a pista e a música me levava a outro lugar bem longe dali. *Péssima escolha do DJ!* — pensei. Álex me abraçou quando tentei me afastar.

— Onde foi que paramos? — sussurrou no meu ouvido.

— Álex, por que ainda insiste comigo? Sabe que meu coração ainda pertence a outra pessoa.

— Helen, será que pelo menos poderia me deixar tentar?

— Isso seria desonesto com você, não seria capaz de fazer isso.

— Diga que não sente nada por mim. — Ele estava sendo tão carinhoso e conseguindo mexer comigo.

— Gosto de você, mas como amigo.

— Posso fazê-la gostar de mim — sussurrou de novo. — Como seu namorado, me deixa tentar? Só uma vez? — Encostou a minha mão em seu peito e a segurou. Não queria admitir, mas sentir seu músculo me deixou com a respiração diferente.

Ficar ouvindo a voz de Álex tão perto e saber que a saudade de Andrew me enchia completamente por dentro me fizeram viajar, lembrar do quanto ele fazia falta nos meus dias e como desejei que fosse ele ali.

— Você é tudo que sempre quis — falou bem próximo ao meu rosto. — Estou apaixonado por você, não consegue perceber?

— Para, Álex... — estava entregue àquele clima.

— Psiiiu — ele me silenciou em volume baixo. — Me deixa tentar? Você é tão linda...

Enquanto ouvia Álex, eu ia mergulhando ainda mais nos sentimentos que envolviam Andrew. O peso da culpa se dissipava quando lembrava que Álex sabia dos meus. Mas ele estava sendo tão carinhoso, me fazendo sentir protegida, me mostrava que não estava sozinha.

Ele me envolveu ainda mais apertado em seus braços. Fechei os olhos quando ele cheirou minha pele do rosto; o cheiro dele era bom. Seu abraço era gostoso, a pele macia, a voz sedutora; seu carinho, um afago que me cercava, e sua respiração era convidativa. Não pude evitar, ele me beijou, tenro e apaixonado. Seu beijo era bom, forte, diferente, seus lábios eram espessos e seus braços me puxaram ainda mais para si.

Não podia controlar meus atos, ou, se podia, não queria. Minhas mãos acariciaram seus ombros e lentamente alcancei sua nuca. Os cabelos dele eram macios, minha mão foi até seu rosto, não demorou muito para que eu percebesse aquela face diferente em contato com meus dedos.

Abri meus olhos, olhei seu rosto e rapidamente ao redor. O que estava acontecendo comigo? O que eu tinha feito? Senti uma sensação estranha, como se aquilo fosse errado. Passei os dedos levemente sobre os lábios, Álex riu, em seguida o empurrei.

— Álex, o que estamos fazendo?

— O óbvio.

— Não! Isso não é justo.

— Não há injustiça nisso, Helen. Não percebe?

— Não posso fazer isso!

Soltei-me dele e dei alguns passos de costas. Eu devia estar ficando maluca, concordei comigo mesma com um sorriso nervoso. Ele andou na minha direção. Virei-me e andei depressa para o lado de fora, mas ele foi mais rápido e se interpôs na minha frente.

— Por que está fugindo dos seus sentimentos?

— Não estou fugindo, só não acho justo.

— Sei dos seus sentimentos, então o que há de injusto nisso?

— Não é justo comigo, não sou assim, não faço essas coisas! Não estou sendo eu mesma!

— Helen, pare de se autocondenar. Seja livre!

— Isso não é ser livre! Não posso fazer de novo enquanto não me sentir livre!

— Calma. Vamos voltar, me desculpe. Vem? Vou me comportar.

— Quero ir embora.

— Não faz assim, vamos ficar? Por favor? — implorou.

Fiquei pensativa por um tempo.

— Tudo bem, mas não faça isso de novo.

— Não fiz nada.

— Não, eu que fiz!

— Foi você sim — ele sorriu.

Sentamo-nos e o beijo não saiu da minha cabeça.

O que aconteceu comigo? Fiquei louca de vez! Cadê o juízo, Helen?

— Vou trazer algo para comer. O que quer?

— Não estou com fome.

— Tirei sua fome? — mordeu o lábio.

— Traz qualquer coisa!

— Adorei o beijo. — Ele sussurrou perto do meu rosto quando se levantou.

Saiu e veio Alan, com Sarah tentando segurá-lo. Sentou-se na minha frente bruscamente.

— Por que você fez aquilo, Helen?

Suspirei fundo e soltei de uma vez. Olhei com tédio para o alto.

— Alan, deixa os dois! — disse Sarah.

— Só não fui lá te puxar, porque Sarah não deixou! O que está acontecendo com você? Posso saber?

— Acabou, Alan? Aconteceu, só isso. Não me faça sentir culpa.

— Não parecia que estava ruim o beijo!

— Não sabe dos meus sentimentos.

— Vou te levar para casa! Não devia beijar aquele farrapo!

— Não fala assim dele.

— Você passou das medidas hoje, dona Helen. Vou contar para o seu pai que anda beijando qualquer um! Com o Andrew demorou, disse que tinha de pedir permissão, e esse cara aí, na primeira ele leva! Onde foi que perdeu seus “valores”?

— Você está me ofendendo!

— E não é a verdade?

— Vamos sair — Sarah o puxou. — Álex está vindo!

— E o que tem? Não tenho medo dele!

— Não quero que briguem hoje e ainda mais aqui! Por favor, vamos?

— Depois conversamos!

Soltei o ar de uma vez.

— O que esse cara queria aqui? — Álex sentou-se.

— São meus amigos também, se esqueceu?

— Está chateada ainda?

— Depois passa.

— Um beijo daquele vai deixar passar?

— Olha aqui, Álex — puxei-o pela gola, aproximando-o de mim. — Não quero fazer nada do que venha me arrepender depois, então, não me provoque!

— Está falando do beijo ou de me bater? — ele sorriu.

— Os dois!

— Não tenho medo de você. Sei que gosta de mim e vai se convencer disso. — Ele me deu um beijo rápido no pescoço e sorriu.

— Vou comer que é melhor.

A raiva foi passando, dando lugar aos risos que Álex conseguia tirar de mim. A culpa foi esquecida. Até quando, eu não sabia.

O DJ anunciou que haveria a premiação do príncipe e da princesa da festa.

— Não sabia que existiam essas coisas ainda.

— Ah, sim, todo ano.

— Já ganhou alguma?

— Não, mas já fiquei em segundo.

— Quem costumava ganhar?

— Ano passado foi um dos seus coleguinhas, já que seu ex-namoradinho não estava mais aqui.

Tinha que lembrar dele? Lindo como era, merecia.

— Andrew era o favorito até aqui? — perguntei, debochando dele.

— Porque a comissão era formada pelos conhecidos dele, só por isso ganhou. Conhecidos da Karen, que também ganhou.

— Karen ganhou ano passado? — *Grande coisa*, pensei. — E o príncipe?

— Sim, ela e Richard. Vamos ver este ano, tem que ser eu!

— Não seja convencido!

O DJ chamou a atenção de todos.

Fomos para perto do aglomerado de pessoas.

— Como sabem, a comissão percorreu o salão e escolheu o príncipe e a princesa desta noite. Foram quinze pessoas decidindo pelas fotos da entrada e procurando entre vocês os galãs. E este ano, além dessa linda coroa com brilhantes, falsos, temos um prêmio melhorzinho. — Todos começaram a rir. — Flores e bombons do bom. — Todos riram de novo. — Brincadeira, pessoal. Este ano tem mais uma coisinha, os eleitos vão sair na capa da revista *Tempus!* — Todos comemoraram. — Com entrevista e tudo, um minuto pop! E vamos presentear também o casal mais simpático de hoje! Bem, pode ser que seja um rapaz e uma menina que não sejam namorados, ou afins. Estão me entendendo? Nem eu me entendi. — Outra risada coletiva. — E o cara mais simpático desta noite é...

Ele soltou uma música e todos fizeram um coro de decepção. No telão apareceriam as fotos dos escolhidos.

Evelyn e Diego vieram para perto de nós dois.

— E aí, turma? Será que Álex ganha desta vez? — perguntou Evelyn.

— Poxa, estou à altura de ganhar, não acham?

— Você é tão convencido!

— Tinha que ser eu — disse Diego esticando seu smoking.

— Bem, o cara mais feio, ops! O cara mais simpático escolhido pela comissão esta noite é... E como fala mesmo o nome desse cara? — De novo a música de tambores. — Alan Schmidt!

As meninas ficaram alvoroçadas gritando por ele.

— Alan? — fiz cara de saturada.

— Grandes coisas! — Álex torceu os lábios.

— E a garota mais simpática desta noite é — som de tambores outra vez. — Tenho que admitir, ela é linda! É... Sarah Massao! É o mais novo casalzinho do campus! Me desculpe, Alan, mas ela é linda demais! — Alan apontou o indicador para o DJ com a cara amarrada. O DJ riu e deu um abraço nele de lado.

Sarah e Alan se abraçaram e se beijaram; todos começaram a assoviar e aplaudir.

— E, agora, o momento mais esperado! O momento mais desejado! O príncipe desta noite! — Ele soltou uma música de trombetas medievais. — A comissão teve um trabalho árduo, já que quase houve um empate e a pesquisa popular ajudou a comissão a escolher o príncipe. E é ele — novamente a música. — Querem saber mesmo? — O coro de um “ahh” coletivo ecoou. — Ele, Álex Carter!

— Que máximo! É você, Álex! — Evelyn empurrou o ombro dele.

— Vou esperá-la lá em cima, você vai ser a princesa! — disse ele me dando um beijo rápido.

— Vocês estão ficando?

— Não vou te responder, Diego.

— É, mas acho que nem precisa. Vimos o beijo — Evelyn abraçou-o e sorriu.

Neguei levemente com a cabeça, entediada.

A euforia das meninas foi a mesma que para Alan. A foto dele apareceu no telão e os assovios e gritos aumentaram. Percebi o quanto Álex era popular e devia disputar de forma acirrada a preferência das meninas com Alan.

Ele beijou Sarah no rosto. Alan fechou o semblante. Eles não se falaram.

— E, por último, mas não menos importante, a nossa linda princesa! Ela! — Outro som de trombetas medievais. — Ela é linda, inteligente, já começou com um destaque na nossa revista, então não vai ter muitas dificuldades de se expressar nela outra vez. Sabem de quem estou falando?

Devia estar enlouquecendo, mas percebi que Evelyn e Diego falaram meu nome.

— Ela! — mais som de trombetas.

— É você, Helen! — disse Evelyn me empurrando.

— Eu? Está doida!

— A linda, a maravilhosa e única: Helen Castilho!

— Falei que era você, vai lá! — Evelyn me empurrou.

Estava muito envergonhada, ouvi vários assovios dos rapazes. Quando subi, Sarah pulou no meu pescoço e me abraçou. Alan negou com a cabeça quando passei por ele.

— Sabia que era você! — Álex me abraçou.

Novamente os flashes em cima de nós.

Álex colocou a coroa na minha cabeça e me deu as rosas e o coro começou: “Beija, beija!”. Minhas bochechas estavam coradas de vergonha.

— Bem... — disse o DJ — é costume o príncipe dar um beijo na princesa. — *Ah não! Só me faltava essa!* — Mas a princesa escolhe onde quer o beijo.

No mesmo instante aponteí meu rosto.

Ao som de todos que assoviavam e gritavam, Álex beijou meu rosto. De repente me pegou em seus braços e me jogou para trás me beijando na boca. Não retribuí e saí no mesmo instante em que ele me levantou.

— Mas a princesa precisa dizer algo aos seus súditos — disse o DJ.

Não dei atenção. Desci as escadas bufando, tirei a coroa da cabeça, que ficou caída, presa entre meus cabelos.

— É, pessoal, a nossa princesa não quis falar. Mas a festa continua!

Ele soltou uma música techno. Passei depressa pelas pessoas, esbarrei em algumas, mas não pedi desculpas. Álex veio andando mais rápido atrás de mim.

— Helen!

Fui para o lado de fora, apressada.

Sentia-me péssima. E se Andrew visse aquelas fotos? O que todos pensariam? No mínimo que Álex e eu éramos namorados! Estava com raiva dele e principalmente de mim!

— Por que fez aquilo?! — gritei irada.

— Apenas fiz o que pediram.

— Pedi para não me beijar de novo!

Levantei os olhos e vi Alan e Sarah de mãos dadas caminhando em nossa direção.

— Não seja tão radical!

— Estou com raiva de você! Não podia ter feito aquilo!

Não podia deixar outra briga estragar a noite. Tinha que pensar rápido.

— Alan, pode me levar pra casa?

— Vamos — dei o braço a Sarah.

— Helen? Vamos conversar? — pediu Álex.

— Boa noite, Álex.

Puxei Sarah e caminhei rápido para o estacionamento do pátio central da faculdade. Alan estava querendo outra briga, como pensei.

— Sabia que ia acabar mal. Falei para você — me acusou Alan.

— Só hoje? — implorei.

Peguei meu celular e liguei para um táxi.

— Alô, é do ponto de táxi?

— O que está fazendo? — Alan tirou o celular da minha mão.

— Só não queria que brigasse com Álex. Não quero que me levem em casa, vou chamar um táxi!

— Não começa, Helen — reclamou Sarah.

— Deixa que eu levo — falou Richard, aparecendo de repente. — Já estamos indo embora mesmo.

— Não precisa, já disse.

— É teimosa demais.

Tentei pegar meu celular da mão de Alan, mas, por ele ser mais alto, não consegui.

— Gente, para! Não sou uma criança e não quero que saiam da festa por minha causa! Que coisa chata! — reclamei.

— Fique com Sarah, Alan. Nós estamos indo — concluiu Richard.

— Quero ir embora, estou com dor de cabeça, pode ficar — concordou Rebecca.

Encostei-me à picape e cruzei os braços, farta daquela conversa.

— Me dá as chaves? — disse Richard. Eles trocaram de chaves.

— Onde está o carro?

— Ali na frente — senti algo estranho ao ver o Porsche de Andrew.

— Teimosa — Alan apertou meu nariz.

— Boa noite, amiga — disse Sarah. — Que pena que acabou assim. Beijinho.

Bufei e entrei na picape.

Estava sendo golpeada de lembranças por todos os lados.

— Ficou chateada com o beijo? — perguntou Rebecca, do banco da frente.

— Não queria que ele fizesse aquilo.

— É porque é costume. Geralmente o príncipe da festa beija a princesa. Na maioria das vezes são casais mesmo, não é, Richard? — ela o beliscou.

— O que eu fiz? — ele se assustou.

— Ano passado Richard teve de beijar a princesa?

— Sim — Rebecca fechou o cenho. — Teve que beijar a nojenta da Karen, mas nem precisava!

— Nós nem namorávamos ainda e foi ela quem me beijou! E um simples beijo.

— Karen é uma oferecida! Já não bastava ter ficado com Andrew, queria o Richard também? —

Ela achou que havia se precipitado com as palavras. — Ah, me desculpe, não queria, sabe...

— Tudo bem, Rebecca. Pode falar o nome dele — cerrei os lábios.

— Bec, Andrew ganhou sem armação — disse Richard.

— Mas Karen com armação. E você, senhor Richard, já sabia que eu estava a fim de você!

— Já disse que não queria beijá-la e nem foi um beijo de verdade. Esquece esse assunto.

— Andrew ganhou quantas vezes? — sondei timidamente.

— Ganhou no primeiro ano com uma amiga dele de curso, o segundo com Karen — falou

Richard.

— Ele teve de beijar as princesas? — o ciúme apertou meu coração e não me deixou calar aquela pergunta.

— Teve — ele sorriu. — Karen ele beijou de verdade porque estavam namorando. A outra foi apenas um beijo rápido, eram apenas amigos.

Senti um incômodo horrível.

— Mas Andrew era o mais comportado dos três.

— Que é isso, Bec, e eu?

— Você fingia que era quieto, mas me disseram que vivia ficando com as meninas.

— Não é verdade.

— Andrew era bem mais comportado, só o vi com Karen.

— Menos mal, embora senti desconforto por isso também — falei baixo.

— Vai desculpar o Álex pelo que ele fez? — Rebecca perguntou.

— Hoje não posso responder, estou muito irritada!

— Não devia desculpá-lo — afirmou Richard.

— Seria bom para vocês, não é mesmo?

— Ah, sim. Aquele cara é um imbecil.

— Vamos falar de outra coisa que não seja ele, ok?

A vida permanece

Depois do café da manhã, Sarah me contou que Álex se comportou como se nada tivesse acontecido e terminou a noite dançando com Anna, que dispensou rapidamente o rapaz que a levou, assim que viu Álex sozinho. À tarde ele me ligou, mas fiz questão de desligar o celular.

Evelyn faria a entrevista comigo. A revista seria distribuída no final da manhã da segunda-feira. Sentei-me na praça perto da nossa casa. Não estava à vontade com aquela primeira entrevista da minha vida, ficar em evidência nunca foi meu lado forte. Evelyn tranquilizou-me, dizendo que a entrevista era mais uma apresentação do príncipe e da princesa, uma mostra de que além da beleza também existia inteligência.

— Você sabia que eu ia ganhar?

— Não sabia, mas desconfiava. Acabou ficando em evidência por causa das histórias, e saber um pouco mais sobre você atrai as pessoas. Elas procuram saber.

— Por isso que... ele ganhava sempre?

— Claro que não! Ninguém tem culpa da coincidência de vocês dois serem fenomenais escrevendo e lindos!

Ela ligou o gravador.

— Amiga, não tem problema se errar. Se quiser consertar algo, é só voltar. Vamos lá?

— Vamos — suspirei fundo.

— O que é para você fazer faculdade de Letras?

— Sempre amei escrever e ler. Quando ainda estava no colegial sabia que era isso o que buscava para meu futuro. É uma realização, me satisfaz poder expressar aquilo que sinto e penso com as palavras.

— Nós vimos o quanto se expressa bem quando escreve, mas o que você gosta de fazer além disso?

— Gosto muito de música, arranjo um pouco no piano. A música é uma arte digna de ser aprendida e apreciada, sempre. Porém, o que sei fazer bem é fotografar.

— Um sonho?

Aquela pergunta me pegou desprevenida, não soube o que responder. Meus lábios se calaram, nenhum som se ouviu. Meus sonhos... projetos... onde foi que eu perdi cada um deles? Evelyn mordeu o lábio e me abraçou de lado.

— Vamos lá, amiga! Você sempre teve tantos! Que tal aquele de se tornar escritora, crítica literária? Hein?

— Pode ser...

— Ok. Vamos para outra! Como foi para você ser escolhida para terminar uma história que fez tanto sucesso na revista *Tempus*, a história do príncipe e da plebeia?

— Foi uma surpresa, não imaginava que isso pudesse acontecer.

— É verdade que conheceu o verdadeiro autor da história, Andrew Gamberini?

— Evelyn... Vai falar sobre isso?

— É uma das perguntas que têm de ser feita. Responde.

— Sim, eu o conheci.

— O que foi para você ter tido esse encontro com Andrew, já que ele era muito querido antes de você chegar?

— Evelyn! Não me falou sobre essas perguntas!

— As pessoas estavam curiosas sobre este assunto, precisa responder, Helen!

Por alguns instantes a lembrança dele me encontrou. Lembrei-me da noite em que jantamos juntos pela primeira vez. A saudade marcou presença novamente.

— Ele não devia ter me deixado e muito menos não ter me dado uma...

— Helen? — Franzi o cenho e senti vontade de chorar. Era a declaração que gostaria que todos soubessem, mas não servia como resposta à pergunta feita.

— Senti vontade de dizer isso... Não sei, Evelyn! O certo é eu dizer que Andrew foi uma pessoa maravilhosa que conheci? Põe isso e acrescenta que ele é um artista encantador, seus talentos são extraordinários. Ter a alegria de me sentar com ele e falar sobre uma história tão famosa foi inesquecível.

— Algumas conversas pelos corredores diziam que vocês tiveram um romance. Isso foi verdade?

— Ah, não! Não pode colocar essas coisas. É sobre mim a entrevista!

— E não envolve falar de você?

— Quem iria querer saber disso? É muito particular, não acha?

— Muitos e-mails que recebemos, se não leu todos, dona Helen, perguntavam essas coisas. E qual o problema de os outros ficarem sabendo? Responde.

— Foi verdade, sim. Tivemos um romance.

— Pode nos dizer o motivo do rompimento?

— Alguns fatores externos. Pula para a próxima pergunta.

— Falando ainda de romances, muitos comentários foram ouvidos sobre você e Álex Carter terem se beijado antes da premiação. Isso foi verdade?

— Não quero mais fazer esta entrevista!

— Posso reformular a pergunta, mas as pessoas querem saber sobre você e Álex. Pode ser, então: você e Álex Carter estão namorando?

— Não — bufei. — Somos apenas amigos.

— Como se sentiu sendo escolhida a princesa do Baile da Primavera no seu primeiro ano na UFSC?

— Não imaginava que fosse ganhar, fiquei muito surpresa. Sou tímida, fiquei mais envergonhada do que feliz.

— Vou falar uma palavra e você me diz a primeira coisa que vier à sua mente, certo? Letras?

— Paixão.

— Família?

— Presente.

— Amigos?

— Incrível.

— Esperança?

Novamente fiquei muda. Não soube o que responder e nem no que pensar.

— Esquece. Vamos para a última. O que você mais espera que aconteça este ano?

Ergui os olhos e vi algumas plantas sendo movimentadas por um vento fraco de final de tarde. O céu estava escurecendo, o sol estava quase sumindo no horizonte e a solidão costumeira esbarrou em mim. Esperança... Soava mais como uma pergunta constante ao invés de uma feita naquele momento.

— Helen?

— Não sei o que responder... Talvez seria bom viver o outono outra vez, ou... perceber que o inverno já passou...

— Esquece essa pergunta também, miguxa! Terminamos por aqui, então. Vou digitar a entrevista e tenho que me encontrar com o pessoal. Vou fazer uma introdução bem bonita para você. Vamos?

Voltamos para casa. Fui para o meu quarto e sentei-me sobre a cama. Olhei pela janela e a noite começava a surgir. Olhei para o lado e fiquei com o olhar fixo no criado-mudo. Abri a gaveta e peguei minha agenda. Algumas páginas estavam em branco, assim como a daquele dia.

Depois de muito tempo resolvi escrever nela:

Setembro chegou e com ele a primavera. Ainda tento soprar de dentro de mim as cinzas que o inverno deixou. As cores ainda não chegaram, porque você não está comigo. Outro dia, um arco-íris pintou o céu; interessante como ele só aparece depois da chuva, e quando o sol desponta ele surge. Desejei que aqui dentro acontecesse o mesmo.

Mesmo que muitas coisas não sejam como deveriam, algumas poderiam apenas possuir a razão de existir, para, quem sabe, ter um motivo de continuarem ali. Mas não encontro razões

para meus argumentos; na verdade, acabei de acreditar que elas nem existem. Nada justifica você ter me deixado e ter transformado em passado o que sonhei para o futuro.

Centei te esquecer, mas não consigo! A verdade é que ainda espero você voltar pra mim...

Na UFSC me tornei o assunto dos burburinhos. Era ruim a sensação de que as pessoas estavam falando ou cochichando sobre mim.

Vi Álex e sua turma. Sarah me cutucou.

— Helen, olha — avistamos a turma de Richard. — Vamos ficar com eles?

— Vou ficar sem graça.

Não me sentia nada à vontade para pertencer, de uma hora para outra, à turma dos amigos de Andrew.

— Não vai nada. Seus amigos estão lá também.

Sarah pegou nossos dois sanduíches e levantou-se antes da minha resposta. Peguei os refrescos e andei atrás dela.

— Olha quem veio ficar com a gente!

— Mas que ótimo! — falou Richard. — Até que enfim resolveu cumprir a parte do trato que fizemos.

Semicerrei os olhos para ele.

— Oi — falei sem jeito.

Eles abriram espaço e me sentei entre Alan e Fernando.

— Isso, Helen — Alan falou mais baixo no meu ouvido. — Vou adorar ver a cara que aquele idiota vai fazer.

— Vai começar?

— Que bom que veio ficar conosco — disse Rebecca.

— E aí, tudo beleza? — perguntou Fernando esbarrando no meu braço.

— Escuta, cara — falou Richard, que estava na nossa frente. — São nossos amigos, mas nem pensem em dar em cima dela. Ficaremos de olho em vocês.

— Só perguntei se estava tudo bem. Qual é?! — murmurou Fernando.

Fiquei em silêncio ouvindo os assuntos. Álex não parava de nos olhar. Anna e algumas de suas amigas estavam com eles.

— Ele gosta tanto de você que ficou com ela no baile — falou Alan com deboche.

— Está falando sério? — Me virei para ele.

— É verdade, amiga. Quando estávamos indo embora, vi Álex beijando Anna no estacionamento.

— Por que me disse que ele apenas dançou com Anna?

— Ia te contar, mas não deu tempo. Este aqui já contou.

— Viu como é o gostar dele? — falou Alan.

— Não tenho nada com ele. Álex é livre e pode ficar com quem quiser.

— É assim mesmo que se fala!

No final das aulas puxei Sarah e, apressadas, fomos para a sala de distribuição das revistas. No caminho encontramos com Evelyn, que, ao longe, já ergueu a *Tempus*. Puxei da mão dela. A capa era uma foto minha com Álex, mostrando nossos rostos. Estávamos abraçados.

— Cadê a minha?! — indagou Sarah.

— Toma. — Ela deu outra revista a Sarah.

Alex e Helen: o príncipe e a princesa do Baile da Primavera.

Embaixo das letras maiores, um outro anúncio:

Não perca, entrevista exclusiva e fotos da badalada festa. Pág. 22.

Folheei, havia seis páginas dedicadas à festa. Quando virei as duas últimas, encontrei a sequência das fotos do casal mais simpático e de Álex e eu.

— Não acredito! — a segunda foto menor era do nosso beijo.

— O que foi? — Sarah passou mais uma página. — O beijo! — ela abriu a boca de surpresa.

— É, as fotos precisam sair. É costume, mas não sou eu quem decido.

— Podia pelo menos ter me dito que iam sair, Evelyn!

Do lado das fotos do casal mais simpático uma pequena entrevista de Sarah e Alan falando sobre a festa. E, na última página dividida ao meio, a minha entrevista e de Álex.

— Amigas, estou famosa! — comemorou Sarah.

A introdução dizia:

Helen Castilho, 19 anos, cursa Letras e fala pela primeira vez à revista Tempus. Entrevista exclusiva, sobre sonhos, sobre o que sentiu quando foi escolhida para continuar a famosa história O Príncipe e a Plebeia, que a revelou como uma talentosa escritora, e como se emociona quando se lembra de Andrew Gamberini, autor desse inesquecível conto, com quem viveu um romance de outono. Por Evelyn Backer.

— Evelyn, você colocou como se eu ainda fosse apaixonada por ele!

— E não é? Gostou?

— Não!

— Esquece isso! Não vai gostar muito da entrevista de Álex, olha só.

A introdução dizia:

Alex Carter, 22 anos, cursa Engenharia Civil e, nesta entrevista descontraída, fala sobre vestibular, os trotes e o que pensa a respeito do assédio das meninas; ainda, conta como está seu coração nos dias de hoje. Por Anna Fernandes.

Tempus: Como foi entrar em um curso tão disputado como de Engenharia Civil?

Álex: Tive uma boa preparação. Penso que não adianta tentar passar uma vida de estudos em apenas um ano no pré-vestibular, ela precisa ser frequente; no meu caso, deu muito certo.

Entrei de primeira e com boas notas.

Tempus: O que acha dos trotes que têm sido empregados hoje nas faculdades?

Álex: Deveria ser uma honra entrar na faculdade, e não um motivo para ser humilhado.

Tempus: E quanto ao trote que foi lhe dado ao ingressar?

Álex: Foi no mínimo tirano e um péssimo exemplo de autoritarismo. Deveria ser algo mais educativo ou com algum fim proveitoso.

Tempus: Mudando o assunto. O que você mais gosta de fazer nas horas vagas?

Álex: Jogar futebol, sair com meus amigos e fazer o que faço como futuro engenheiro: construir projetos.

Tempus: Como foi para você ter sido escolhido o príncipe do baile, já que todos sabem que você ficou ano passado no segundo lugar?

Álex: Imaginava que fosse ganhar. Foi bem melhor que o segundo lugar (risos).

Tempus: O que achou de Helen Castilho ter sido escolhida a princesa do baile?

Álex: Helen é uma garota maravilhosa e linda, merecia mais do que ninguém aquele título.

Tempus: Qual o tipo de relacionamento que você tem com ela?

Álex: Somos muito amigos, mas vamos ver o que acontece.

Tempus: E quanto ao beijo que vocês trocaram antes da premiação?

Álex: Isso acontece entre casais que estão buscando um relacionamento mais profundo. O beijo dela é ótimo!

Tempus: Como é para você ser tão assediado pelas meninas?

Álex: Sou um cara normal, não sei o que elas veem num cara desajeitado e arrepiado como eu.

Tempus: Dizem que você é muito conquistador, é verdade?

Álex: Não sei onde viram isso.

Tempus: E para as meninas que queiram algo além da amizade com você, como está hoje o coração do príncipe?

Álex: Enquanto for solteiro estou aberto a conquistas, porém não gosto de garotas oferecidas, precisa haver conteúdo e inteligência, isso é básico. Mas se comparado a uma construção, e falando como um futuro engenheiro, não sei se os recursos que tenho são suficientes para terminar ou embargar a obra que alguém começou a construir dentro de mim, sem ao menos pedir licença.

Tempus: Você então é mais prático do que emocional?

Álex: Com certeza. Não trabalho com a emoção.

Tempus: Quais os seus planos para o futuro?

Álex: Continuar fazendo o que faço e depois pretendo fazer uma pós.

Estava muito irritada com as declarações de Álex sobre nós dois.

— Não acredito que Álex deu a entender que estamos buscando um relacionamento profundo!
— esbravejei.

— Sabia que ia ficar assim — disse Evelyn.

— Ainda falou do beijo!

— Não fica assim, depois eles esquecem — disse Sarah.

Por toda a tarde fiquei pensando nas declarações de Alex e o que os outros estavam pensando a respeito. Pegava a revista, via nossa foto e jogava-a de lado; segurava novamente depois de um tempo e lia a entrevista, talvez pela décima vez, em seguida a afastava de mim. Deitei-me de bruços na cama e fiquei olhando para a capa. Pensei em Andrew e, no meu íntimo, fiquei com vontade de que ele lesse, parecia que somente eu estava sofrendo com aquela história. Não sabia justificar meus sentimentos, mas eram ruins, machucavam, incomodavam, nunca havia tido sensações parecidas. Meu pai sempre orava por mim, todas as noites; eu fingia que estava dormindo, mas ouvia seus sussurros no pé da minha cama pelas madrugadas e algumas vezes ouvia a palavra amargura. Devia ser o pedido de suas orações. Insônia, até essa palavra passou a ser constante nos meus dias. As noites se tornaram longas para mim.

À noite contei a meus pais sobre a entrevista. Meu pai reclamou por eu não ter aparecido no escritório.

Alex apareceu no final da noite.

— Oi, Helen. Tudo bem?

— Não, não está tudo bem — saí e tranquei a porta por trás de mim.

— Ainda está chateada por causa daquele beijo?

— Não só isso! Como você me responde na revista que estamos buscando um relacionamento profundo? E ainda fala do nosso beijo?!

— E qual o problema? Várias pessoas viram.

— E sobre o buscar um relacionamento profundo?

— E não estamos?

— Claro que não!

— Porque você não quer.

— Sinceramente não entendo você — coloquei a mão na testa.

— Por que não me entende?

— Diz na revista que está aberto para novas conquistas, mas fica querendo mesmo assim algo comigo. O que realmente quer? E por que ficou com a Anna depois que eu fui embora? Você é muito complicado!

— Não fica assim, minha gata. — Ele me abraçou.

— Só quero te entender, só isso. — Me afastei.

— Quero namorar você e sério.

— Você fica com as pessoas sem se envolver sentimentalmente. Parece que no fundo não acredita nos sentimentos, sei lá. Tão cético.

— Está com ciúmes de mim?

— Não estou. Só não entendo como pode falar que gosta de alguém e se envolver numa boa com outra pessoa.

Ficamos em silêncio.

— Só queria que visse o quanto eu gosto de você, por isso disse aquelas coisas. Me desculpa?

— Tudo bem, Alex. Só queria mesmo entender esse lado embaralhado seu.

— Posso ser só seu. Preciso de você, Helen, para dar um jeito nessa minha vida doida.

— Não precisa de ninguém para arrumar sua vida, você deve mudar.

— Me dá uma chance. Deixa eu provar que posso ser diferente?

— Não precisa me provar nada, sei que é uma pessoa especial. Mas como amigo.

— Sabe que quero mais que isso — ele me puxou para perto me abraçando.

— Me solta, Alex! — não consegui me soltar dele.

— Diz que você não gostou do beijo? Diz e eu te solto.

— Não gostei, me larga!

— Me diz olhando nos meus olhos — falava se aproximando como se fosse me beijar de novo.

— Não gostei — falei olhando em seus olhos. Na verdade não sabia se havia de fato gostado ou não do beijo. — Agora me solta! — disse entre os dentes.

— Estou apaixonado por você. Será que não entende isso? Ou será que vou ter que falar na sua língua com muitas letras?

— Você sabe que eu ainda estou apaixonada por outra pessoa!

— Me deixa tentar?

— Como acha que poderia me fazer gostar de você além de uma amizade? E arrancar o que tenho dentro de mim, somente se me matar!

— Não sei, mas posso tentar sem te matar. — Ele, com gentileza, colocou uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha. Lembrei-me de que Andrew fazia aquilo. Esquivei-me.

— Não conseguiria.

— Só pode duvidar se ao menos me deixar tentar — tocou amavelmente meu rosto.

— Alex, não faz isso — tirei sua mão do meu rosto.

Lembrei-me também do que Richard havia me dito, Alex estava se aproveitando do meu estado de melancolia e carência. E ele tinha razão, estava completamente carente. Andrew havia me dado tanto amor e agora eu estava ali, tentando superar o enorme vazio que ele havia deixado.

— No fundo tem medo de que eu possa fazer você esquecê-lo.

— Impossível — balancei a cabeça negando.

— Impraticável, essa é sua linguagem? — segurou meu queixo. — Para mim? Incrível — falou mais próximo de mim. Quando ele aproximou-se fitei seus olhos, tinha de confessar que eram muito atraentes. — Não tentador, não insuportável, extraordinário. — Beijou meu rosto, o cheiro dele era bom. — E, sim, arriscar. — Passou a mão suavemente nos meus cabelos. — Sim, aventurar-se. Sim, experimentar de novo, sem culpa, sem medo.

Outra vez me vi naquela viela com meus sentimentos lutando contra mim, me dizendo que não devia fazer aquilo e meu lado de querer o que não podia começava a falar mais alto.

Ele fez carinho na minha cabeça, em seguida me puxou pelo pescoço e me beijou. Não resisti, seu beijo era mais fresco e leve que o primeiro. Naquele momento ele se mostrou carinhoso e

apaixonado, seus braços fortes me apertavam contra ele. Seu beijo foi mudando o ritmo, tornando-se mais imponente, decidido. Tentei me afastar, mas ele me apertou ainda mais contra si, e não permitiu que eu me afastasse.

— Álex!! — empurrei-o.

— Eu disse que podia fazer melhor — riu de forma atrevida.

— Isso não é certo!

— Pare de falar em injustiças — mexeu de novo em meus cabelos. — Isso é justo, o que sinto por você.

— Não quero, não posso — me virei de costas para ele.

— Vai ao menos me deixar provar? — Abraçou-me por trás e sussurrou no meu ouvido amavelmente: — Posso te convencer.

— Não sei — cruzei os braços. — Me deixa pensar nisso tudo. Estou ficando tonta com o rodopio dos meus pensamentos.

— Dou o tempo que você quiser.

— Vou entrar.

— Quando vai me dar a resposta?

— Não sei.

— Fico feliz por pensar — disse e me deu um beijo rápido nos lábios, e sorriu.

Pensei em todos os acontecimentos do dia. Andrew tornava-se a cada dia uma lembrança saudosa, na maioria das vezes dolorosa. Álex era uma realidade presente, uma mistura de proibido com esperança. Se ele me trazia algo que parecia bom, era hora de arriscar. Quem sabe um recomeço, outro passo para a vida.

Mais uma noite em que adormeci tarde, devia ser duas horas da manhã. Com os olhos pesados, novamente vi meu pai entrando de mansinho no quarto. Ele sentava-se na cadeira do computador e orava por mim. Queria que Deus ouvisse meu pai e me desse o descanso que tanto almejava. Queria ter coragem para fazer o mesmo pedido, mas parecia tão impura, tão suja, com a alma tão amargurada, com maus pensamentos; não merecia mais ser ouvida por Ele.



No meio da aula Sarah virou-se, parecia inquieta.

— E você e Álex?

Era uma ótima oportunidade de falar com ela sobre algumas decisões.

— Sarah, eu... vou dar uma chance a ele — parei de escrever e olhei para ela.

— Não pode fazer isso! — Sarah viu que chamou a atenção do professor, que escrevia no quadro, e voltou falando mais baixo: — Helen, você não ama o Álex e podem acabar se magoando!

— Posso aprender a amá-lo. — Continuei copiando a matéria do quadro.

— Não era você quem dizia sempre que o amor jamais acaba?

— Também pensava a mesma coisa.

- Helen! Você ama outra pessoa!
- Que me deixou, Sarah.
- Não estou te reconhecendo mais.
- Me fale algo que eu ainda não saiba.



No escritório liguei para Álex, marcando de sairmos à noite. Até então, ele achava que seria mais uma de nossas saídas costumeiras.

Lembrei-me do meu pai. Precisava contar para ele, me muni de coragem e fui até a sua sala.

— Pai, está muito ocupado agora?

— O que quer, filha? Entra.

Obedeci e fechei a porta.

— Pai, preciso conversar com você. É um pouco urgente.

— Claro, pode falar — ele acabou de ajeitar alguns papéis e os empilhou do lado.

— Queria que soubesse que vou sair com Álex hoje.

— Suas amigas irão?

— Não, pai. Apenas ele e eu.

— Olha a hora.

— Pai — fiquei nervosa. — Não é do jeito que sempre foi, como vou dizer... Pensei, e repensei, e... Álex merece uma chance comigo, entende?

— Está me dizendo que pretende namorar esse rapaz? — disse com tom grave.

— Sim, pai. Preciso recomeçar minha vida.

— Vai recomeçar errado, Helen? — ele foi áspero.

— O que há de errado nisso?

— Primeiro, não gosta desse rapaz ao ponto de namorar. Segundo, você acabou de sair de um final de namoro traumático. Terceiro, pode se magoar, e muito, nessa história. Quarto, pode perder seu amigo e magoá-lo. E, por último, é uma péssima ideia. Não estou te reconhecendo.

Acho que ninguém me reconhece mais, nem eu!

— Sei de tudo isso, pai. Sei que não gosto do Álex como era com Andrew. Mas posso gostar dele.

— Seja sincera, acha mesmo que pode esquecer Andrew com outro rapaz? Não estaria brincando com os sentimentos de Álex?

— Álex sabe dos meus sentimentos. Somente por isso aceitei lhe dar uma chance. Ele sabe de tudo, nunca menti para ele.

— Como começar algo se seu coração ainda não está inteiro para recomeçar?

— Álex me faz bem. Gosto de estar com ele.

— Como amigos. Ele te faz bem como amigo.

— Pode ser de outra forma.

A secretária do meu pai anunciou um cliente.

— Me dê mais cinco minutos — disse meu pai no telefone para ela. — Helen, não posso impedir que faça coisas erradas. Não concordo que namore Álex, pois é um rapaz bom e gosta de você. Não quero vê-la magoada.

— Posso sair com ele hoje?

— Cuidado, Helen. Não vou dizer o que você deve ou não fazer. Sabe o que é certo e errado.



Álex chegou dez minutos antes e quando entrei na picape ainda não estava com o coração em paz; todos estavam contra mim, inclusive minha mãe, que não gostou da notícia. Durante o caminho ele puxou alguns assuntos, entretanto fiquei em silêncio.

Ele me levou a um restaurante e pela primeira vez fiquei tímida perto dele.

— Então, o que tem de tão importante para me dizer?

— Tantas coisas.

— O que vamos comer? — ele ficou analisando o menu.

Escolhemos nossos pratos e ele deu um pequeno sorriso.

— Álex, acho que finalmente consegui pensar um pouco em tudo que tem me dito — desviei o olhar.

— Espere aí! Está me dizendo que pensou no que conversamos, sobre me dar uma chance?!

— Pensei — não consegui fixar meus olhos nos dele.

— O que decidiu?

— Acho que podemos tentar.

— Está dizendo que quer me namorar?

— Estou dizendo que podemos tentar. Ainda estou com medo de muitas coisas...

Enquanto falava olhando para o guardanapo da mesa, fui surpreendida por ele. Ele levantou-se rápido, segurou meu rosto e me deu um beijo rápido.

— Álex? — meu rosto ficou ruborizado. — O que está fazendo? — sussurrei.

— Sempre soube que um dia acabaria se rendendo e me dando uma chance.

— Para, Álex — disse mais baixo. — Estão todos nos olhando.

— Me desculpe. É que não esperava. E por que decidiu isso?

— Porque gosto de você. E, na verdade, queria que você pensasse de novo nesse assunto. Sempre fui sincera quanto aos meus sentimentos.

— Não quero mais ouvi-los — ele interrompeu-me. — Vou mudá-los. Mas não fique verbalizando cada um. Senão pode tornar mais difícil.

— Queria que soubesse também que vamos enfrentar reprovação.

— De quem? Seus amigos? — ele fez cara de desdém.

— Deles e dos meus pais. Conversei com meu pai, ele gosta de você, mas não acha certo. Apenas Evelyn está do nosso lado.

— Deixa, Helen. Com o tempo eu os convenço.

— E como fica Anna? O que tem realmente com ela?

— Nada. Sabe disso. Mas vamos parar de falar dos outros e falar de nós dois.

— Ainda não estou certa de muitas coisas. Tem certeza de que quer tentar mesmo assim?

— Vou te dar a certeza de que precisa. Estou feliz com sua decisão.

Conversamos sobre faculdade e família. Família sempre era um assunto difícil para ele. Saímos do restaurante e quando entramos na picape ele veio me beijar, mas retrocedi.

— Álex, ainda não. Preciso conversar com meu pai de novo.

— Estamos namorando, Helen! — reclamou.

— Ainda não. Pode compreender?

— Sinceramente não — disse chateado.

— E você, depois, vai ter que falar com meu pai.

— Por quê? Você vai falar!

— Lá em casa as coisas não são assim. Quando conseguir amenizar meu pai, terá que ir, ou não quer?

— Bem, fazer o quê? Se só tiver esse jeito...

Ele deu a partida no motor e ligou o som. Ouvi aquela música sem nexos e as palavras do meu pai vinham e voltavam na mente. Comentamos sobre alguns carros no caminho e não tivemos outro assunto. Na porta da minha casa despedi-me. Ele não forçou nenhum beijo, parecia ter ficado chateado.

Folhas secas

No café da manhã falei com meus pais sobre minha decisão. Minha mãe me passou um sermão, meu pai concordou com ela. E, por fim, ele disse que não iria me impedir.

Cheguei à faculdade com minhas amigas e de longe avistei meus amigos, eles dois estavam com Gabriel. Suspirei fundo e andei em direção a eles. Sarah abraçou Alan.

Cumprimentei-os com um tímido oi. Richard se apressou.

— Helen? — Não consegui olhar nos olhos dele.

— Depois a gente se fala, amiga — despediu-se Evelyn.

— Oi, Richard.

— O que você tem?

— Nada.

— O que aconteceu?

— Talvez ficarão chateados comigo.

— O que aconteceu, Helen?! Fala — pediu ansioso.

— Ontem resolvi dar uma chance a Álex. Começamos a namorar — baixei os olhos.

— Não está falando sério, tá?

— Estou, sim. Vou dar uma chance a ele.

— Não pode fazer isso — disse chocado.

— Posso, sim. E já fiz. Não queria que ficassem com raiva de mim.

— Helen, o que aconteceu com você?

— Você sabe o que aconteceu comigo. Acho que mereço recomeçar.

— Não parece você falando — falou triste. — Helen... — ele passou a mão entre os cabelos, preocupado e tenso. — Esse Álex só está se aproveitando de você, ele sabe que você está carente.

— Álex sempre gostou de mim. Isso não é de agora.

— Está se enganando.

A respiração ficou presa quando vi Sarah e Alan se aproximando.

— E aí, pessoal? — disse Alan. — Não vão para a aula? O que está acontecendo?

Sarah torceu os lábios e Richard ainda olhava-me com os lábios cerrados.

— Vamos, Alan? — chamou Richard. — Te conto no caminho.

— O que foi?

— Não vou ficar contra você, Helen — falou Richard. — Porque você não vai se dar bem nessa história e vai precisar de um amigo. E eu vou estar lá.

— Torce para eu me dar mal?

— Não. Sabe que não, mas é o que vai acontecer. Só você não percebeu.

— Será que alguém pode me dizer o que está acontecendo? — reclamou Alan.

— Vamos, que te conto — Richard saiu com o braço no ombro do Alan, olhando-me desapontado.

— Tchau, gatinho — despediu-se Sarah.

Não consegui me concentrar na aula.

No intervalo me sentei para conversar com Sarah.

De repente Alan sentou-se na nossa frente, me esqueteando com o olhar. Não falamos nada, apenas fiquei encarando-o; mordi o lábio.

Sarah o abraçou.

— O que Richard disse não é verdade, é? — rosnou.

— É verdade. Por quê?

— Não é verdade. Não acredito que fez isso.

— Será que podemos conversar outra hora?

— Por que não agora?

— Porque vou lanchar e não queria que meu... — pensei rápido que palavra usaria — bem, meu namorado chegasse e ouvisse que falávamos dele.

— Está me mandando sair?

— Não. Apenas quero evitar conflitos.

— Ok. Depois conversamos — levantou-se com raiva. — Você vem ou vai ficar aí? — perguntou a Sarah.

— Já vou, gatinho. Vou comer primeiro.

— Coloca um pouco de juízo na cabeça da sua amiga.

— Vai com ele, Sarah. Perdi a fome.

Levantei-me e saí da lanchonete. No caminho para a biblioteca me assustei com Álex me abraçando pela cintura.

— E aí, gata! Como foi a recepção de todos?

— Não foi muito boa.

— Conversou com seus pais?

— Sim. Eles acham que estou sendo precipitada e querem ver aonde vai acabar tudo isso.

— Por isso está chateada?

— Sim. Meus amigos estão chateados, meus pais acham que não é o certo.

— Tudo vai passar. Mas quando vou poder te beijar?

— Aqui não! Estamos na faculdade.

— Você está fugindo? — indagou e me abraçou em seguida.

— Claro que não — mentira. — Vamos para a sala.

— Quer comer alguma coisa? — neguei com a cabeça. — Nos vemos à noite?

— Claro — ele me puxou roubando um beijo.

— Hum... está com bala na boca?

— Ahã. Por quê?

Achei que me deixaria ir. Ele segurou meu rosto e me beijou. Não pude evitar em não retribuir.

Naquele momento assumi, também queria aquele beijo.

À noite fiquei esperando Álex na calçada.

Tremi quando vi Alan chegando de moto. Tirou o capacete e me encarou.

— Oi, Alan — enfiei as mãos no bolso do casaco. — Sarah está lá dentro.

— Está namorando mesmo?

— Alan, não quero brigar com você.

— Não sei por que está fazendo isso.

— Se fosse mais amigo entenderia meus motivos.

— Como seu amigo, vejo que poderia evitar se machucar.

Álex chegou com Diego e buzinou para mim. Estavam próximos demais. Alan ficou olhando para dentro da picape, esperando alguma reação de Álex.

— Andrew não merecia isso.

— Namoro ele por acaso? — disse com raiva.

— Oi, Alan — disse Evelyn, que apareceu e foi correndo para a picape.

— Oi, Evelyn. Achei que ainda gostava dele. — Ele voltou o olhar para mim. — Vai sair com esse idiota?! — falou alto. Tinha de sair dali antes que Álex resolvesse entrar na conversa. Diego desceu e beijou Evelyn.

— Estamos namorando — andei para entrar na picape.

— Você não é a Helen que eu conheço — parei.

— Por que está todo mundo me dizendo a mesma coisa?! — reclamei injuriada. — Combinaram?

Fomos ao cinema, mas não consegui prestar atenção no filme com Álex toda hora querendo me beijar.

— Não vai me dar nenhum beijo? — sussurrou.

— Estou vendo o filme.

Ele puxou meu queixo e me beijou.

— Me deixa ver o filme agora?

— Por mais meia hora, somente — sorriu.

Na saída, ele me abraçou.

— Estamos namorando mesmo?

— Acho que sim.

Sem que eu esperasse ele me beijou. Não sabia quais eram as emoções exatas naquele beijo. Só tinha a certeza de que não encontrei a alegria que esperava encontrar.

— Até que enfim! — disse Evelyn quando chegou e viu nosso beijo.

A noite foi divertida, embora meu sorriso, um pouco forçado, trouxesse novamente as dúvidas quanto ao que estava fazendo.



Era sexta-feira, Sarah decidiu me contar os últimos assuntos do seu namoro e me fez lembrar o que queria esquecer.

— Conta logo, Sarah! Por que está com essa cara?

— É sobre... Andrew — virei-me bruscamente de frente para ela.

— Andrew? — me arrepiei ao sussurrar seu nome.

— Andrew já sabe do seu namoro.

Foi como se uma bomba tivesse sido lançada dentro de mim, tirando tudo do lugar. Foi a primeira vez depois de tanto tempo em que o nome dele soou de uma forma tão clara, que me fez sentir remorso por ter desejado que ele soubesse.

— Quem contou? — a voz saiu com dificuldade.

— Os meninos.

Um misto estranho fez um redemoinho no meu interior. Involuntariamente minha expressão mudou e chorei. De alguma forma tive duas certezas. Não sabia da proporção do mal que aquela notícia havia causado a ele; a segunda certeza era de que ainda estava vivo. Em algum lugar ele me viu, em algum lugar minha lembrança estava viva com ele.

Estava entre o real e o medo. O real de que havia perdido Andrew e o medo de nunca mais vê-lo. Precisava pensar. Corri até o banheiro, o nó na garganta me sufocava, precisava chorar.

Lá chorei em silêncio com a porta trancada. Ao sair me certifiquei de que não tinha ninguém por perto. Lavei o rosto e fiquei me olhando no espelho. Estava abatida, com o olhar triste e o semblante caído. Meu rosto não era mais o alegre e sonhador de sempre. Naquela manhã me convenci de que não era mais eu mesma.

Sarah me encontrou e me abraçou apertado.

— Não se preocupe, amiga. Vá pensar. Deixa que Evelyn e eu iremos de carona com Richard. Fique sozinha, vai te fazer bem. Só não faça nenhuma besteira.

Coloquei a mochila no ombro e andei depressa até meu carro. Abri o espelho do quebra-sol, passei as mãos com força no rosto e preendi os cabelos. Coloquei o cinto de segurança e liguei o som; saí do campus com velocidade. Na rua do Hospital Universitário avancei para a música quinze,

uma que sempre ouvia nas noites solitárias: *Better in Time*, de Leona Lewis. Aumentei o volume quase no último e acelerei em direção ao único lugar sossegado de que me lembrava, meu quarto. O sinal próximo ao shopping estava fechado, coloquei as mãos sobre o volante e chorei compulsivamente. Fui despertada por uma buzina de carro. Não percebi que o sinal estava verde.

Meu mundo estava tão reduzido, pequeno. Parecia que não podia comportar todos os meus sentimentos. Na verdade, precisava de algo para renovar minhas forças. Não podia mais continuar daquela forma, sempre apertada, sem conseguir gritar por socorro.

Entrei pela porta da sala e subi a escada correndo. Joguei a mochila no chão e caí sobre a cama. Meu corpo encontrou descanso e lentamente cessei o choro.

Fiquei deitada olhando para o teto, pensando em meus atos, em Andrew. Precisava achar uma solução, apagar aquelas lembranças da minha vida. O fato de não saber como me consumia.

Naquele momento Álex ligou para o meu celular. Tirei-o do bolso e atendi com a voz totalmente sem ânimo.

— Oi, Álex.

— Estava atrás de você! Sarah me disse que tinha ido embora.

— Precisava respirar.

— Mas você sumiu. Por que não me ligou ontem?

— Tive de resolver umas coisas.

— Álex, não quero ser uma chata, mas o que Anna queria com você ontem?

— Saber sobre nós dois; eu disse que estamos namorando. Mas deixa ela para lá. Vamos sair hoje?

— Vamos, estou precisando me distrair.

— Quer ir ao cinema, jantar fora?

— Quero ir a uma danceteria — ouvi o sorriso dele surpreso.

— Uma boate?! Não tá falando sério, tá?

— Estou, sim, Álex! Quero ir a uma, pode ser?

— Não sei se é o lugar ideal para você, Helen. Podíamos ir a outro lugar.

— Quero me divertir hoje! Pode ou não?

— Ok, te pego às oito.

Sentia-me vazia, distante, sem esperança, sem sonhos, infeliz. Rancorosa comigo mesma por estar magoando a pessoa que mais amava na vida, essa era a verdade que encontrei naquela turbulência. Contudo, achava que ele não devia ter partido sem me dar escolhas, e se Andrew estivesse magoado, ele mesmo quem havia escolhido. Pensar na decisão dele machucava meu peito. Precisava esquecer a dor, nem que fosse por um momento. Se os métodos conhecidos não funcionaram, era hora de tentar algo novo. Todos estavam me achando diferente, era a hora de concordar com eles.

Sarah entrou no quarto e perguntou como eu estava; disse que ficaria bem. Não falei a ninguém aonde planejava ir. O dia passou rápido. Meu pai me ligou do escritório. Menti dizendo que estava

indisposta. Ele não deve ter acreditado e apenas disse que precisávamos conversar.

No cair da tarde tomei um banho demorado. Enrolada na toalha, fiz escova nos cabelos. Era o dia escolhido, ficaria livre de tantas dores. Demorei para escolher a roupa certa, se é que existia uma roupa para aquela ocasião.

Sarah entrou no quarto e ficou olhando enquanto me maquiava. Eram linhas e cores que poderiam esconder meus traços sofridos.

— O que está acontecendo com você? — questionou sentando-se na cama.

— Por que vocês ficam me fazendo a mesma pergunta?

— Olha seu jeito!! Está maquiada como nunca vi. Não parece você.

— Mas sou eu, Sarah — olhei rápido para ela e voltei a passar lápis nos olhos.

— É por causa do Andrew, não é?

Meu coração apertou-se, não respondi.

— É por causa dele, não é?

— Me deixa.

— Aonde vai?

— Sair com Álex, já disse.

— Não está parecendo que fará programas costumeiros. O que vai fazer com ele?

Ouvimos uma buzina. Olhei pela janela e avistei a picape de Álex.

— Não enche, Sarah! — peguei minha bolsa.

— Me diz aonde vai, senão você não vai passar da porta! — ela se colocou na minha frente.

— Me deixa passar?

— Olha como está vestida, Helen! Não vai colocar nada por cima dessa blusa colada? Aliás, onde arrumou essa blusa? Me fala agora aonde vai!

— Vou a uma danceteria!

Sarah ficou boquiaberta me olhando.

— Não, não vai. Não sabe o que está fazendo.

— Sei sim — ela segurou meu braço.

— Qual boate?

— Me deixa! Vou àquela que Álex sempre fala que vai com seus amigos. Agora me larga! — soltei-me dela.

— Você ficou doida mesmo! Está fazendo isso pelo que te contei pela manhã!

— Nada a ver! — menti.

Ela foi andando depressa até meu guarda-roupa. Veio com uma jaqueta de couro preta e jogou em cima de mim.

— Pelo menos põe isso por cima, para não causar desgosto aos seus pais, que estão na sala!

— Já que dizem que estou diferente assim, talvez esteja assumindo uma nova identidade!

— Não devia ir e sabe disso! *Não é o seu lugar!* — ela gritou comigo.

Coloquei a jaqueta com raiva encarando-a e bati a porta do meu quarto.

Na sala apenas meu pai estava vendo televisão. Ele me olhou rápido e levantou-se.

— Aonde vai assim, minha filha?

— Esquecer, quem sabe, quem eu sou!

— O que houve e por que está tão maquiada?

— Quero usar, pai! — quando abri a porta ele parou do meu lado.

— O que aconteceu? Não devia sair assim.

Olhei e vi Sarah na escada com as mãos na cintura.

— Me deixa, pai. Estou bem assim.

— Não parece.

— O que foi que deu em vocês?! — Meu tom alto de voz chamou a atenção da minha mãe, que veio do escritório. — Não posso me maquiar?

— O que está acontecendo? — perguntou minha mãe. — Por que está tão maquiada, Helen?

— Já estou indo!

Meu pai segurou meu braço.

— Nenhum homem merece, minha filha, que você mude seu jeito de ser para esconder o que está realmente sentindo.

— Álex gosta de mim de qualquer jeito.

— Não estou falando dele. Sabe muito bem de quem estou falando.

— Sei o que é melhor para mim.

— Não sabe mais.

Ele fitou meus olhos e sua expressão de desapontamento cortou meu coração. Mordi os lábios para segurar o choro.

— Espero que não faça nada do que venha se arrepender depois.

Não consegui olhar mais seus olhos, saí.

Nunca havia respondido a meu pai. Seu olhar me reprovando foi como se eu tivesse tomado um tapa no rosto, sabia o quanto o tinha magoado. Precisava me deletar.

— Uau, gata! Arrasou comigo assim!

Álex me puxou e me beijou. Antes que ele notasse sequei as lágrimas.

— Por que está tão maquiada?

— O que foi, Álex? Não gostou também?!

— Que é isso, gata! Adorei! Ficou linda!

Andamos a maior parte do tempo sem falar.

— Tem certeza de que quer entrar? — disse Álex no estacionamento da tal boate.

— Vamos logo! — tirei minha jaqueta e joguei no banco da picape.

— Você vai ficar assim perto de mim? — ele me abraçou pela cintura me seduzindo.

— Prefere com a jaqueta?

— Não, claro que não — mordeu o lábio e ficou me olhando. — Está acabando comigo assim.

Mas pode abaixando esta blusa. Sua barriga linda está aparecendo e não quero — ele abaixou; não

havia percebido que estava acima do umbigo.

Álex me puxou pela cintura e me beijou.

Paramos para pagar as entradas. Fiquei ao seu lado. Ele percebeu que dois rapazes estavam me olhando e fechou o semblante.

— O que estão olhando? — Os rapazes saíram de perto.

— Para com isso, Álex. Não quero confusão.

Ao entrar, fiquei pasma. Eram muitas luzes e pessoas dançando e bebendo. Foi a primeira vez em que entrei em uma boate.

O olhar do meu pai não saiu da cabeça e a possibilidade que ficou de ter perdido Andrew para sempre me destruiu.

— Quer ficar? — ele perguntou perto do meu ouvido.

— Quero!

Puxei-o para a pista de dança. Sempre dancei mal. Álex dançava bem, mas para dançar aquela música eletrônica não precisava ser um expert no assunto. Não queria estar ali. Comportei-me totalmente ao inverso do que sempre fui. A música mudou o ritmo e Álex me puxou até o balcão de bebidas.

— O que quer beber? Refrigerante, suco, água?

— Suco.

Álex fez o pedido ao garçom, o som era alto, não ouvi seu pedido. Dois colegas da faculdade nos acharam. Eles pareciam chocados de me ver ali. Eram colegas de Álex, os quais me cumprimentaram.

Álex sentou-se no banco perto do balcão e me abraçou. O garçom trouxe as bebidas.

— Este é o suco — ele me entregou a taça.

— O que está bebendo?

— Tem álcool, Helen. O seu é este.

Deu um gole e voltou a conversar com os colegas, ficando de costas para o balcão. Parecia uma mistura de frutas. Observei que Álex não estava me olhando, era do que eu precisava. Suspirei fundo, dei um gole no coquetel e senti o líquido queimando minha garganta; era horrível, mas dei mais dois goles. Por fim bebi todo o líquido. Álex virou-se sorrindo, tinha acabado de se despedir dos seus colegas e me viu com o seu copo vazio na mão.

— O que está fazendo, sua doida?

— Não enche, Álex!

— Vamos embora! Aqui não é lugar para você!

— Não quero ir! Quero ficar, estou cheia de vocês me dizendo o que fazer! Quero fazer isso hoje! Que droga! — Ele me olhou espantado.

— Por que bebeu meu coquetel? Tinha álcool. Não está acostumada, pode passar mal depois, poxa! Bebeu uma dose grande!

— Não se preocupe, vou ficar bem! E você ia beber e dirigir?

— Estou acostumado. O que está acontecendo com você?

Andrew me veio à memória. Afastei-me dizendo que ia ao banheiro.

Olhei para o espelho, não estava me reconhecendo. A voz do meu pai zuniu nos meus ouvidos. Comecei a me sentir leve. Saí do banheiro, as batidas piscavam com as luzes. Fui depressa para perto de Álex, que estava sentado, olhando na direção onde eu estava.

— Helen, vamos embora?

— Quero ficar.

— Você está bem? — Concordei levemente com um aceno positivo. — Pode passar mal depois, poxa.

Ele ficou de cabeça baixa. Acariciei seus cabelos. Levantou o rosto; por ele estar sentado, ficamos da mesma altura. Olhamo-nos por alguns instantes. Ele me puxou e me beijou diferente. Suas mãos deslizaram nas minhas costas. Senti-me estranha, meu corpo reagiu de forma ainda mais esquiva.

Já não sabia mais o que estava fazendo, meu corpo não parecia me obedecer.

— Quero ficar com você, Álex — joguei meus braços em seus ombros.

— Disse para você não beber aquilo.

— Fica comigo? — cheirei seu pescoço, o perfume dele era ótimo.

— Helen, para... não sabe o que está fazendo.

— Sei sim — cheirei seu rosto e fiquei mais próxima a ele. — Você é lindo.

— Helen, vamos sair daqui?

— O que foi? Você sempre me quis, agora não quer mais? — falei próximo ao seu ouvido.

Olhei seus olhos e, enquanto mexia nos seus cabelos, beijei-o. Ele não resistiu, me abraçou forte. Seu corpo me fazia desejá-lo.

— Estou apaixonado por você — disse ele sussurrando no meu ouvido.

— Quero ficar com você — eu falei, e ele suspirou fundo e cerrou os lábios.

— Melhor irmos embora, não está no seu normal.

Ele me abraçou e me levou para o lado de fora. Eu estava tonta e parecia flutuar.

No estacionamento, abracei-o de novo. Álex encostou-se na picape.

— Você está linda demais, confesso que está me tirando do sério. Mas não posso fazer isso com você. No mínimo me odiaria — disse e tirou meus braços do seu pescoço.

— Para! Eu quero você — soltei-me dele e voltei a beijá-lo.

— Te desejo demais, garota — disse Álex, segurando meu rosto com as duas mãos. — Porém, não posso fazer isso. Pelo menos até você voltar ao seu estado normal e dizer que quer.

— Claro que quero! Quero você, sim, Álex. — Voltei a beijá-lo.

— Você vai se arrepender — disse ele sussurrando.

— Não vou — falei totalmente embriagada e acho que por ele também. — Você me quer?

— Claro que quero, gata, mas não sei se...

Segurei seu rosto e o beijei, impedindo que ele continuasse a falar.

— Para, Helen. Não vou responder por mim se ficar me beijando assim.

- Você também não me quer mais?
- Para com isso. Quero você, mas não assim.
- Apenas me diga que — beijei seu pescoço — não vai me deixar.
- Vou te levar para casa.
- Não quero ir, quero ficar com você.

Álex abriu a porta da picape e me colocou dentro dela, deu a volta e entrou. Não o deixei dar a partida, segurei sua mão com a chave na ignição. Álex era um gato, por que nunca percebi? Ele me puxou pela nuca e me beijou de forma sedenta. Sentia-me fora de mim, envolvida de desejo. Não sabia o que fazer. Só não queria parar.

- Você é linda.
- Quero você...
- Não sabe o que está pedindo.
- Claro que sei — silencieei-o avançando em seu corpo. Beijei seu pescoço e ele rendeu-se totalmente.

Suas mãos eram fortes em minhas costas.

- Helen, não vou mais ser sensato — sussurrou enquanto beijava meu pescoço. Apertei os olhos com força, fiquei tonta e me afastei.

- O que foi? — mal ouvi a voz dele.
- Não sei — a voz saiu falha.

Ele se aproximou e me beijou de novo de uma forma robusta.

- Te adoro, garota.
- Você me ama?
- Sabe que sim — empurrei-o de cima de mim. Minha cabeça começou a rodopiar. Ouvi uma batida na porta da picape.
- O que está fazendo, Helen?! — ouvi aquela voz conhecida.

Alan abriu a porta.

- Álex, não acredito que fez isso com a Helen! — exclamou Sarah.
- Não fiz nada, Sarah. Ela bebeu escondida!

Minha cabeça começou a doer, senti-me tonta.

- Você vai para casa agora, Helen! — Em um único puxão, Alan me tirou do carro.
- Me larga! — reclamei.
- Ela está comigo! — Álex desceu da picape e veio com fúria encarando Alan.

Eles se posicionaram para brigar e Sarah entrou no meio deles. Apoiava-me na picape para não cair. Tudo girava ao meu redor.

- Álex! Se você gosta mesmo da Helen, deixa a gente levá-la para casa!
- Alan pareceu não se importar com que Sarah estava falando e me puxou.
- Me larga! Quero ficar com ele!
 - Não sabe o que está fazendo!

Nas minhas tentativas de soltar-me, Alan me levantou pelas pernas e me jogou no seu ombro. Comecei a me debater gritando para ele me largar. Batia nas suas costas, de cabeça para baixo.

— Vamos, Sarah! — disse ele.

— Largue ela! — Álex se aproximou de novo.

— Se levá-la, vou ter certeza de que não gosta dela e sabe por quê! — disse Sarah com tom de raiva.

Minha cabeça estava doendo e não conseguia me erguer, pendurada no ombro de Alan. Avistei o carro do meu pai.

— ME LARGA!!!

Alan abriu a porta detrás do carro e me colocou dentro dele. Fechou a porta e entrou com Sarah.

Ele saiu acelerando com o carro.

Não consegui me levantar, a cabeça doía. Comecei a me sentir enjoada e com vontade de vomitar.

Senti tudo fora do lugar. Ovi Sarah sussurrar coisas para Alan, mas não entendia.

Alan parou o carro no quintal da minha casa, abriu a porta e me puxou.

— Me larga! — disse irada.

Desci e tudo rodou quando fiquei em pé. Ele me segurou para que não caísse. Andei até o muro, encostei-me nele e vomitei.

— Helen? — perguntou Sarah preocupada.

— Estou com enjoo.

— Claro! Nunca bebeu antes! Vamos entrar!

— Não quero que meus pais me vejam assim — senti um peso no peito.

— Não seja por isso! — disse Alan.

Ele novamente me jogou no ombro. Comecei a me debater de novo. Passamos pela sala e vi meus pais. Eles, preocupados, levantaram-se pelo barulho que fizemos.

— Não se preocupe, Seu Paulo — disse Alan subindo a escada comigo. — Apenas exerci de novo o papel de irmão!

— É, tio! — afirmou Sarah. — Não se preocupe! Vamos ficar com ela! Vem, Evelyn!

Alan me colocou na cama e Sarah trancou a porta.

— O que você... o que você fez, Helen? — perguntou Evelyn.

— Me deixem em paz! — disse tonta, sentindo de novo vontade de vomitar.

— Deixa que a gente cuida dela, gatinho — falou Sarah. — Valeu por tudo que fez.

Alan veio até a cama.

— Espero que você volte a ser o que sempre foi.

Seu olhar me fez engolir em seco. Ele beijou Sarah e saiu. Na porta, Evelyn disse que eu estava me trocando, para que meu pai não entrasse, mas minha mãe entrou.

— Meu Deus — disse ela.

— Deixa, tia — falou Sarah. — Deixa que nós vamos conversar com ela, não se preocupe.

— Quem é você, Helen? — perguntou minha mãe.

Senti uma enorme vontade de chorar, mas segurei. Minha mãe saiu do quarto.

Elas me arrastaram para o banheiro e me fizeram tomar banho.

Chorei embaixo do chuveiro. Coloquei um moletom e, depois de muito me revirar na cama, adormeci.

Acordei com uma imensa enxaqueca. Prometi nunca mais beber na vida. Os fatos da noite anterior me fizeram chorar amargamente. Sarah foi a primeira a aparecer. Conteí o que aconteceu e concordei com a atitude de Alan. Jamais me perdoaria se tivesse levado em frente aquela loucura e acordasse, talvez, na cama com Álex.

Desci e vi que meu pai estava no escritório. Nunca senti tanto receio de conversar com ele.

— Pai? Posso falar com você?

— Melhorou?

— Estou com dor de cabeça.

Apoiou os cotovelos sobre a mesa do seu escritório e ficou me olhando sem dizer nada. Abaixei os olhos.

— Me perdoa, pai?

— Valeu a pena?

Neguei com a cabeça.

— Me perdoa? Só posso dizer isso.

— Ah, Helen... Acho que é a hora de conversarmos.

Concordei com um aceno discreto e não consegui olhar em seus olhos.

— Meu coração de pai está triste, pois sei qual é o final do caminho que está levando. São caminhos de morte. Não posso impedi-la e protegê-la de tudo. O mundo é tão mau, Helen, e Deus te ama tanto. Ele tem ciúmes de você e não quer dividi-la com os prazeres do mundo. O que aconteceu entre você e Andrew estava nos planos divinos. Embora Deus não goste de ver seus filhos sofrendo, o que se passou Ele sabia; agora você não vê, mas lá na frente virá o entendimento. Pare de guardar tanto rancor dentro do seu coração, perdoe. Aceite a vontade de Deus e volte a falar com Ele.

Meu pai suspirou fundo e lembrou-me de meus valores como pessoa. Reafirmou seus conceitos que eu conhecia tão bem. Chorei e fiquei de cabeça baixa.

— Me perdoe? — Olhei seus olhos, e as lágrimas que estavam neles cortaram meu coração ao meio.

— Está perdoada, Helen. Que você pense em tudo que aconteceu e que suas conclusões a façam refletir, se pensar em fazer de novo.

— Pai? Me perdoa?

— Já disse que perdoei.

Levantei-me e fui até ele. Agachei-me do seu lado.

— Me chame de filha, então? — Meus olhos estavam embaçados de lágrimas.

Ele suspirou fundo e passou a mão na minha cabeça.

— Está perdoada, filha.



Na faculdade evitei Richard, Alan e, principalmente, Álex. Estava envergonhada pelo meu comportamento.

Ficava com o rosto corado só de pensar em ficar de frente com Álex. Foi inevitável nosso reencontro na USFC depois de três dias.

— Oi — disse ele no estacionamento, onde me esperava naquela manhã.

— Oi.

— Voltou ao normal?

Concordei com a cabeça.

— Esquece o que aconteceu. — Ele levantou meu rosto tocando meu queixo.

— Fico com vergonha de mim.

— Esquece. Foi a bebida.

— Você... iria até o fim? — ele sorriu.

— Sou seu amigo, mas sou homem. Por mais que tentasse afastá-la de mim, eu a queria.

— Que vergonha, Álex.

— Para com isso — amenizou e me abraçou com força. — Te desejo sim, Helen. Quero você, mas... não como estava. Se ainda quiser estou aqui, só esperando você.

— Para — senti a bochecha corar. — Como fui ridícula!

— Bem, esquece isso. — Ele ergueu meu queixo e nos beijamos.

O vento frio daquela manhã me trouxe novamente Andrew à memória. Eu ainda o amava, isso era evidente. Queria-o de volta, isso era um fato.

Resolvi ir à biblioteca. Fiquei resmungando comigo mesma durante o caminho.

Encontrei-me com Richard. A princípio me senti envergonhada, mas logo ele me colocou em um lugar de conforto. Atencioso como sempre, marcou de conversarmos no fim do dia.

Ao sair do escritório, vi Richard sentado na poltrona da picafe ouvindo música. Estava com os pés apoiados no estribo lateral, de cabeça baixa e olhando algum papel em sua mão. Um pequeno sorriso desenhou meus lábios, uma emoção diferente tocou meu coração. Richard era um amigo especial, sempre disposto a me ajudar e a me ouvir. Era um fato raro nos dias atuais, e quase havia perdido meu amigo. Quanta idiotice!

Quando me aproximei, ele sorriu e diminuiu o volume.

— Oi, que bom te ver.

— Oi, Helen. — Ele beijou meu rosto. — Quer comer alguma coisa?

Dei um pequeno sorriso ao me lembrar da primeira vez em que conversamos.

— Bem, como a primeira vez eu disse que não, hoje eu aceito. — Ele sorriu.

— Quer ir aonde? Podemos ir a um restaurante, ou ao shopping, o que acha?

— Pode ser naquela lanchonete que tem ali na frente. Fico te devendo uma saída em um lugar melhor — eu ri.

Andamos em silêncio. Tinha dezenas de perguntas para fazer, não muito diferente da primeira vez. Ao chegar à lanchonete, pedimos hambúrgueres e suco de laranja.

Ele pôs os braços em cima da mesa e ficou me olhando.

— Já sei por que está me olhando assim — desviei o olhar. — Deve estar achando que eu sou muito má por “trair” o amigo de vocês, não é? Ou que eu tenho me comportado como uma perfeita qualquer.

— Você não o traiu, está traindo a si mesma. — Fitei seus olhos castanho-claros. — Como você está?

— Para ser sincera, não estou bem. Tenho magoado as pessoas e parece que não estou sendo eu mesma, como bem disse. Isso tem me deixado péssima.

— E por que não volta a ser você mesma?

— Não sei mais como me achar. Não me compreendo mais.

— Helen, esse namoro está fazendo você perder sua alegria. Acho que, lá no fundo, você pensou que Álex iria te fazer esquecer Andrew, mas não está sendo como imaginou, e agora você não sabe como consertar tudo.

Richard tinha desvendado meus mistérios.

— Não sei mais quem sou — senti meus olhos se encherem de lágrimas.

— Você é a Helen, uma pessoa maravilhosa. Quero ajudá-la a se reencontrar.

— Obrigada por não desistir de mim — segurei sua mão.

— Não quero vê-la magoada, sofrendo mais ainda do que já sofreu. — Ele colocou a mão por cima da minha. Queria que pensasse de novo nessa história e avaliasse se vale a pena mesmo continuar. Não acho que Álex seja a pessoa certa para você. Não estou falando como amigo de Andrew, mas como seu amigo.

A garçonete trouxe o lanche. Ele sorriu e começou a comer o hambúrguer.

— Obrigada por se preocupar comigo e vir aqui me ouvir.

— Não se engane, um ótimo amigo não significa um ótimo namorado, entende?

— Acha que Álex era melhor apenas como meu amigo?

— Em um namoro precisa haver cumplicidade, fidelidade e sentimentos nobres.

— Vou pensar nisso. Ficou chateado comigo pelo que... aconteceu naquele dia na danceteria?

— Fiquei preocupado quando soube. Graças a Deus Alan agiu rápido.

— Queria tanto agradecer a ele pelo que fez...

— E por que não agradece?

— Porque ele ainda está diferente comigo. E... fiquei com vergonha por ele ter presenciado tudo.

— Alan apenas agiu como um irmão, porém ele ficou irado. Agora esquece isso e procure-o.

9

Um renovo



— Amiga — Sarah sussurrou —, queria conversar depois com você.

— O que foi?

— É algo sobre... bem, é... — ela parou de falar quando o professor nos olhou.

— O que foi? — sussurrei.

— Ai, Helen. Não sei se devo contar.

— Ah, não! Pode ir me contando! Sabe que vou morrer de curiosidade! Ninguém mandou começar, agora termina!

— Depois eu conto, prometo.

— Ai, ai — reclamei.

Olhei para o professor e puxei Sarah pelo braço, saindo da sala de aula, indo para o corredor. Ela reclamou, mas não aguentaria de curiosidade.

— Me diz, Sarah! Seja o que for, por que não me disse em casa?

— Não sei ainda como dizer... estou com medo de dizer, porque... — ela parou de falar.

— O que aconteceu? — comecei a ficar nervosa.

— Nada demais... Fiquei pensando ontem antes de dormir e hoje de manhã, mas ainda não sei se devo te contar.

— Me conta logo, Sarah! Sabia que estava diferente. É sobre o quê?

— É sobre ele. — Me senti sufocada.

— O que tem ele? — Quase engasguei com a respiração entrecortada e a boca seca.

— Ele já sabe de tudo e...

— Conta? — sussurrei apavorada.

Não sabia o que pensar. Olhei para Sarah, parecia que faltava mais.

— Que cara é essa, Sarah? O que foi?

Ela mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Conta logo, pelo amor de Deus!

— Quando soube do namoro, ele ficou louco de ciúmes e... sobre a boate, ele ficou furioso!

— Ai, Sarah — eu nem conseguia respirar direito. — O que eu devo pensar? É a prova de que, de alguma forma, ele ainda pensa em mim... — Minha garganta doía com a vontade de chorar.

— Bem... — ela expirou de uma vez. — Ele ficou irado quando soube que você estava namorando Álex; e Alan falou que iria vê-lo de novo com Richard ainda esta semana.

— Ele ficou tão mal assim?

— Richard disse que sobrou para ele dar a notícia. Na verdade, Richard teve que ir para São Paulo para contar. Não teve coragem de falar por telefone, pois sabia que Andrew ficaria muito mal.

— E como ele ficou?

— Os meninos disseram que ele ficou furioso. Richard teve que conversar muito com ele para acalmá-lo. Andrew já estava muito irritado por causa das fotos da revista e quando soube do namoro ficou louco de ciúmes.

— Espera aí! Ele viu a revista? — Sarah concordou com a cabeça. — Como assim ele viu a revista?

— Ninguém sabe, amiga, mas Andrew a recebeu no mesmo dia que nós, por Sedex. — Fiquei boquiaberta.

— Meu Deus... — sussurrei. — Quem faria isso?

— Não sabemos. Mas não fique assim! Algumas fotos estavam na internet mesmo. De qualquer maneira ele acabaria vendo.

Meu olhar ficou vago de preocupação.

— Ah, Sarinha. Estou tão remexida por dentro, mal sei o que pensar... Saber que Andrew, de certa forma, está bem... saber que... ele se importa ainda comigo, é tão confuso, parece que eu não tenho chão — olhei para cima e uma lágrima escorreu.

— Não sei como você vai se sentir e...

— Me conta logo, Sarah!

— Alan me disse que ia viajar, para conversar com Andrew, porque... ele pretende voltar.

Fiquei parada, estática, sem saber o que pensar ou como agir. Ouvir aquilo foi como se um relâmpago estrondasse e me quebrasse por dentro. Lembrei-me de respirar. Aquelas emoções que guardei por tanto tempo me fizeram chorar, tremer, sentir medo, solidão e saudades.

— Helen? Você está bem? Não fique assim — ela limpou meus olhos.

— Você... está me dizendo que Andrew está pensando em voltar? — perguntei pausadamente.

— Alan disse que ele ficou tão dominado pelo medo de te perder de verdade, que queria vir no mesmo dia.

— Sarah, como assim? — Meu coração parecia que ia sair do peito. — Ele acha que pode sair e entrar na minha vida quando quer?

— Mas era tudo o que você queria, Helen! Pelo que sei, Andrew não podia abandonar o tratamento!

— E agora pode, por acaso? Não sei se estou preparada para recebê-lo de volta, e isso é repentino demais! Que coisa mais louca! Ontem ele foi embora, hoje ele volta? Me explica!

— Calma, respire fundo. Me fale o que tem pensado todo esse tempo?

— Sarah, não sei o que estou sentindo! Ontem Andrew estava indo embora para fazer um tratamento em São Paulo! Quis, com todas as minhas forças, ir com ele, porém ele e todos me impediram! Daí fiquei viajando nos pensamentos, querendo saber se ele estava bem ou não, se pretendia voltar ou não! Apreensiva todas as segundas-feiras, achando sempre que um dia os rapazes iriam e não voltariam mais! Ou que apareceriam chorando um dia qualquer com uma notícia trágica!

— Puxa, amiga. Deveria ter me falado o que sentia... É essa a sua espera?

— Desculpe meu silêncio. Mas... não queria falar sobre o assunto. Essa é minha espera. O tempo passou e ele não voltou. Fico apenas esperando o dia em que meus amigos virão se despedir ou trazer a notícia de que nunca mais verei... Andrew...

Sarah me abraçou, mais lágrimas molharam meu rosto.

A esperança do retorno de Andrew preenchia os traços cinzas que o inverno deixou. Pude, mesmo que de longe, sentir a brisa da primavera, suas cores e o encanto que ela trazia.

Por mais que o lado das cores fosse o mais bonito, o cinza ainda era amargo. Havia ressentimentos. Não conseguia perdoá-lo por ter me deixado.

Passei a tarde em casa, deitada sobre a cama. Minhas lágrimas eram confusas, não sabia explicar se era alegria, tristeza, rancor, tudo estava turvo. Tentava acreditar que aquela notícia era real. Não podia ser... Andrew estava bem, ele pensava em mim, sentia ciúmes de mim... Ciúmes! O que ele ainda sentia? Por que nunca me ligou? Por que resolveu aparecer? E se não tivesse acontecido nada com Álex, será que ele voltaria? Por que ele foi embora e agora pretende voltar?!

À noite ouvi a campainha tocando. Ainda enclausurada com meus pensamentos no quarto, minha mãe subiu e me chamou.

— Helen, é para você.

— Quem é, mãe?

— Seus amigos, Richard e Rebecca.

Fiquei surpresa por eles terem ido à minha casa sem me avisar.

— Pode pedir para subirem, por favor.

Prendi os cabelos e olhei no espelho. Minha cara estava horrível.

— Oi — Rebecca entrou sorrindo e Richard atrás dela. — Podemos entrar?

— Claro, sentem-se aqui — levantei-me e tirei algumas coisas do sofá e do pufe. — Oi — beijei Richard e depois ela.

— Gostei do seu quarto.

— Não reparam, está bagunçado hoje, igualzinho ao meu coração — forcei um sorriso.

— Viemos conversar com você. Sarah disse que você não estava muito legal — comentou Richard.

— Meus conflitos, sempre.

— Aquela pessoa tem a ver com isso?

— Se tem um assunto que tem me causado conflitos é esse.

— Para ser sincero, vim para falar sobre ele.

Meu corpo gelou por inteiro. Sentei-me na cama.

— Sarah me contou, Richard.

— Como ficou?

— Confusa. Ele não pode sair e entrar na minha vida quando bem entende.

— Não é por aí, Helen.

— Me explica, então!

— Andrew teve pelo menos um grande motivo para fazer o que fez.

— Qual?

— Ele não queria que você perdesse sua vida.

— Não justifica Andrew ter me deixado! E vocês estão sempre me confundindo mais, soltam frases e nunca me falam na verdade sobre ele! Por que Andrew se desfez do celular? Por que simplesmente não me liga? — falava inconformada. — Por que ele não respondeu ao e-mail, ou qualquer outra coisa que eu pudesse encontrá-lo? Por quê?

— Não estamos te confundindo. Você não pergunta nada, não queríamos te magoar, como você pediu. E quanto ao celular, Andrew o quebrou.

— Quebrou?

— Ele ficou irado no dia em que você foi demitida e ligou para ele. Era a única coisa que estava ao alcance dele para quebrar.

— Por que nunca me disse?

— Você nunca perguntou. Então tentou falar com Andrew nesse tempo? — Ele riu. Concordei com um leve aceno com a cabeça.

— Por que ele não entra em contato? — estava louca para fazer aquela pergunta.

— Helen, deixa eu te contar uma coisa.

— Claro.

— No começo de tudo, antes de as suas histórias serem publicadas, quando ainda só ouvia os comentários, cheguei um dia e comentei que alguém terminaria de escrever a história dele; lembro-me de como ele ficou irritado e triste. Procurei saber quem você era. Meus amigos descobriram, então naquele dia Alan e eu concordamos que você poderia trazer algo bom para a vida do nosso amigo. Achamos uma lógica você conhecê-lo, iria terminar a história dele.

— Mas onde entra o motivo de ele não me ligar?

— Andrew se isolou do mundo, e você deu a ele um motivo de continuar vivendo. Ele não queria tirar a vida que você tinha, antes de ele chegar.

— Eu era feliz com ele, Richard — chorei. — Seria capaz de ficar com ele até o fim.

— Helen, Andrew aprendeu ao seu lado que o amor é livre. Ele não queria te ver sofrer.

— Por que ele vai voltar? — perguntei.

— Na verdade, esse foi o motivo que me trouxe aqui.

— Só quero saber por quê.

— Sabe que é por sua causa.

Fiquei em silêncio, querendo me compreender.

— Helen, ele já estava pensando em voltar há algum tempo — Richard falava calmamente.

— Por que só agora Andrew está pensando realmente em voltar?

— Ele perdeu a razão quando viu as fotos na revista e leu a entrevista. E quando contei que você estava namorando, ele ficou muito chocado. Nunca o vi tão descontrolado.

— Desde cedo, quando Sarah me contou da possível volta, ainda estou digerindo todo esse assunto. Não sei o que estou sentindo. Um dos sentimentos mais fortes é a rejeição. Não posso aceitá-lo de volta!

— Helen... — Richard sentou-se ao meu lado. — Sei que você sofreu por ele todo esse tempo, mas Andrew também sofreu, e não é hora de vocês perderem tempo ressentindo o passado.

— Ele não devia ter feito o que fez.

— Sabe do carinho que sinto por você, mas agora esse assunto é só de vocês dois. Espero que, aconteça o que acontecer, os dois possam se achar de novo no amor e no respeito que tinham e sentem ainda um pelo o outro — concluiu Richard.

— Me responde uma coisa? Se não tivesse acontecido isso tudo, acha que ele voltaria?

— Certamente. Essas coisas apenas aceleraram os planos dele. O tempo fará vocês entenderem muitas coisas, até mesmo o motivo de terem se separado.

Meu celular tocou.

Peguei na cabeceira da cama, não queria falar com ninguém. Olhei o identificador e um instante de inquietação surgiu em mim. Era o número que Mel costumava me ligar.

— Acho que é a Mel — falei olhando o celular, pensando se atenderia ou não.

Eles se entreolharam. Rebecca mordeu o lábio, como se preocupada.

— Não vai atender? — perguntou Rebecca.

O celular parou de tocar.

— Acho que ela vai ligar outra vez.

— Helen, as coisas estão andando depressa — observou Richard. O celular tocou. Ele se afastou com as mãos na cintura. — Melhor atender.

Levantei-me e atendi o celular.

— Alô?

Não houve resposta.

— Oi, Mel. Está me ouvindo?

— Sou eu, Helen.

A voz dele...

Ele! Subitamente fui de um extremo ao outro, do talvez para o real, da calma para uma forte tempestade. Podia sentir até mesmo o vento batendo em meu rosto, congelando minha alma. Como também podia sentir que a vida possui sensações tão fortes, as quais o ser humano talvez conheça apenas uma vez em sua existência. Três palavras, apenas três fizeram meu coração perder o compasso. Naquele momento um fluxo intenso de adrenalina percorreu todo o meu corpo; fiquei em estado de choque, não consegui me mover e perdi a noção de tudo que estava à minha volta. Não podia acreditar que era ele.

Isso não é possível! Meu Deus, meu Deus!

— Helen, é Andrew... fale comigo?

A voz dele... É ele...

Richard e Rebecca perceberam o impacto estampado no meu rosto. Todo o meu corpo tremia. Não sabia por quanto tempo mais me manteria em pé.

— Helen? — Richard me deu um leve aperto nos ombros. — É ele, certo?

Concordei balançando a cabeça lentamente. Tirei o celular do ouvido. Ele pegou-o da minha mão.

— Andrew, estou aqui com ela — disse Richard. — Espere um instante.

Rebecca me fez sentar na cama. Ainda tentava respirar normalmente, estava simplesmente impactada demais para poder dizer alguma coisa. Sentia falta de ar e uma sensação de que o chão não estava onde deveria.

— Helen, fale com ele? — Richard me mostrou o celular. — Vai ser bom para vocês.

Neguei com a cabeça. As lágrimas deslizavam pelo meu rosto sucessivamente.

— Fale, Helen — sussurrou Rebecca. — Está sendo difícil para ele também.

Neguei de novo com a cabeça.

— Você surpreendeu a todos nós — disse Richard para ele. — Estou aqui na casa dela com Rebecca. — Ficou me olhando e ouvindo o que Andrew dizia. — Acho que Helen não esperava isso, justamente hoje e agora. — Outro silêncio.

— Não sabíamos que ele ligaria, Helen — falou Rebecca. — Desconfiamos quando você disse que poderia ser a Mel. Ela não costuma ligar à noite, está sendo uma surpresa para nós também.

Não conseguia respirar direito. Andrew roubou meu fôlego e me deixou totalmente desestruturada.

— Helen... — Richard colocou o celular no peito. — Ele disse que está aflito demais e que quer muito falar com você. Não precisa dizer nada, apenas ouça o que ele tem para dizer. Respire fundo e fale com ele, vai?

Meu corpo tremia, assim como tudo dentro de mim. Não podia acreditar que Andrew estava ali, me esperando ao telefone! Quantas vezes desejei aquele momento, quanto tempo esperei para ouvir a voz dele. Minhas forças fugiram do meu corpo, talvez não fosse capaz de nem mesmo erguer o celular.

— Não posso — sussurrei.

— Pode sim, vai lá — incentivou Rebecca. — Vai se sentir melhor depois.

Richard me entregou o celular. Ergui a mão trêmula e fraca.

Suspirei fundo...

Suspirei outra vez e mais duas vezes, limpei os olhos e o nariz. Fechei meus olhos com força e coloquei o celular no ouvido.

— Estou ouvindo.

— Helen! — ele parecia emocionado. — Me ouça até o fim, por favor? Antes de tudo, quero te pedir perdão por todo o mal que te causei. Não houve nenhum dia em que eu tenha passado sem pensar em você. Sinto falta, Helen — sua voz embargou. — Sinto sua falta... Sabia que não ia te esquecer, também não me esforcei para isso. Sempre soube que seria impossível. Preferi conviver com a dor da saudade a conviver com o vazio de não pensar mais em você. De todas as formas, você ficou presente, marcada em mim. Estou louco para ouvir sua voz, para ver o seu rosto, seu sorriso. Helen... — houve silêncio. — Eu ainda te amo.

Quando o ouvi me dizendo a última frase, meu pranto saiu amargo. Era um choro doído, ferido, solitário. Richard sentou-se ao meu lado e apertou meus ombros. Minha alma parecia que estava sendo rasgada. Chorava desesperada.

— Não faça isso comigo, não chore! Me deixa louco por não poder fazer nada daqui, tão longe. Não mereço suas lágrimas. — Ouvi um barulho como se ele tivesse quebrado alguma coisa. — Fala comigo?

— Não posso...

— Pode sim! Fala comigo... Sei que a minha vida toda vou conviver com a culpa de ter feito você sofrer tanto. Não queria ter te causado isso, mas achei que essa seria a melhor maneira de evitar; me enganei. — Tentava prestar atenção, porém estava afundada em profunda lamentação. — Fracassei, preciso que me perdoe. Nada na minha vida tem sentido sem você. Fala comigo?

— Não posso... — as palavras tropeçavam-se com meu soluço.

— Sei que sofreu todo esse tempo por mim, eu merecia cada golpe que recebi... Sinto muito sua falta, jamais pensei que poderia sentir tanto a falta de alguém na minha vida. Fale comigo. Qualquer coisa, mas fale! — Ouvia seu lamento, procurei forças para interromper o choro.

— Não tenho nada o que dizer agora — funguei as lágrimas e limpei os olhos, minhas mãos oscilavam.

— Diz que me perdoa por tudo que te fiz?

— Ainda não posso.

— Você é minha, Helen, e de mais ninguém.

Ouvir aquela frase me fez deixar cair o celular do meu lado, no colo de Rebecca. Deitei-me para trás na minha cama, encolhendo-me e chorando outra vez. Richard pegou o celular. Deitei-me no colo de Rebecca, chorando copiosamente.

Richard falou com ele, mas não prestei atenção.

— Contudo foi bom, Helen — falou Rebecca com carinho.

Não conseguia parar de chorar. Depois de alguns instantes, Richard agachou-se do lado da minha cama.

— Minha amiga, sei que deve ter sido muito difícil para vocês, mas creio ter sido um bom começo. Vocês se amam e é isso que importa, o resto fica mais fácil. Quero te ver feliz de novo. Há quanto tempo não te vejo sorrir, como aquele dia em que você chegou de viagem me batendo. — Franzi o rosto e esbocei um pequeno sorriso de canto. — E dizendo que sentiu saudades de mim e do Alan. Sinto muita falta daquela Helen, que se emocionava em falar das conquistas, dos seus sonhos e de como estava apaixonada pelo meu amigo. Helen, volte a viver.

Dei um sorriso triste.

— Tudo serve como experiência. Em breve verá que, no fundo, valeu a pena vocês terem passado por esse inverno. Afinal, o amor não é sofredor?

Sentei-me na cama e passei as mãos no rosto, secando e tentando apagar as marcas daquele momento.

— Obrigada por estarem ao meu lado. Não sei o que seria de mim sem vocês.

— E o que muda agora? Em relação ao Álex?

— Talvez tudo.

— Pensa bem, acho que é o momento de uma importante decisão.

— Boa noite, pessoal — Sarah abriu a porta. — Posso entrar? Melhor, podemos entrar?

Ela estava de mãos dadas com Alan, que estava atrás da porta. Ela o puxou para dentro e Alan encostou-se na porta. Fiquei surpresa quando o vi.

— Será que meu namorado pode entrar?

— Ele não está com raiva de mim? — perguntei a Sarah.

— Acho que vocês devem conversar — ela se aproximou e viu que um furacão tinha passado por ali, ou apenas por cima de mim.

— Gente, o que aconteceu? Você está bem?

— Andrew ligou para ela — Richard falou.

Sarah fez uma cara de surpresa, colocando a mão na testa. Olhei para Alan, e ele colocou uma mão no bolso e a outra passou na cabeça.

— E foi tão ruim assim? — indagou Sarah.

— Um pouco.

— Sabia que ele ia fazer isso — disse Alan, desviando o olhar.

— Sabia que ele ia ligar para ela? — perguntou Richard.

— Não, imaginei.

— Vou ficar bem — falei. — Não se preocupem.

— Já estávamos saindo. Se cuida — Richard beijou minha cabeça.

Eles saíram. Sarah e Alan ficaram.

— Você está bem? — Sarah me perguntou.

— Vou ficar bem.

— Não estava com raiva de mim? — perguntei para Alan.

— Vai precisar de amigos agora.

— Por quê? Fará parte deles?

— Se você deixar.

— Nunca quis que deixasse de ser. E, aliás, eu... queria te agradecer pelo que fez naquele dia — olhei seus olhos. — Jamais me perdoaria se tivesse ido até o fim.

— Fiquei furioso quando soube que estava naquela boate, e chateado pelos seus pais também.

— Obrigada, você foi um irmão.

— Tudo bem. — Ele fechou o punho para que eu batesse com a minha mão no mesmo formato; passamos a ter esse costume.

— Fiquei com raiva na hora, mas agradeço de todo o meu coração — dei um pequeno sorriso.

— Amigos são para essas coisas. Mas você está dando mais trabalho como irmã do que como amiga — sorrimos.

— Alan tem algo para contar — falou Sarah.

— Notícias ruins, suponho — soltei o ar de uma vez.

— Richard te contou alguma coisa? — sondou Alan.

— Depende, ele me disse tantas coisas.

— É sobre o idiota.

— Não quero falar do Álex com você, Alan! Dá uma trégua, vai?

— Como seu amigo, devo dizer que ele não é a pessoa certa pra você. Álex não é fiel apenas a uma garota, como você tanto preza.

— O que querem que eu saiba?

— Ontem, no vestiário masculino, depois do futebol, ouvi uns caras falando da Anna. Um deles disse que Álex era sortudo por estar pegando ela. Depois ele chegou e assumiu, sim, que estava ficando com ela. Eles não nos viram. Fiquei atento para ver se ia rolar seu nome. Você sabe o que é estar pegando uma garota na nossa linguagem, não é, Helen?

— Está me dizendo que Álex está ficando com a Anna e me namorando?

— Está fazendo o “serviço completo” com ela.

Quantas notícias ruidosas em um único dia! Álex está tendo um relacionamento sexual com Anna e ainda me namorando?!

— Ontem, no futebol, ele não se preocupou em saber se Richard e eu estávamos ali, e ela foi lá conversar com ele, se oferecendo na maior, e Álex estava retribuindo. Ele não merece você.

— Meu Deus! — coloquei a mão na testa. — O que eu vou fazer agora?

— Álex é um excelente amigo — falou Sarah. — Mas não é o cara certo que você procura.

— Não sei o que fazer — disse passada.

— No mínimo vai terminar com ele! — alertou Sarah.

— Fiquei injuriado quando ouvi esse cara falar essas coisas, e ainda esquecer que eu ou o Richard poderíamos ouvir e, claro, te contar.

— Amiga, pergunte ao Álex o que ele tem feito com Anna — sugeriu Sarah. — Ele não vai negar.

— Me sinto tão mal — comecei a chorar de novo.

— Conversa com Álex, mas não ignore o fato de que ele realmente gosta de você, como amiga.

— Estou cansada de pensar por hoje. Estou cheia de dor de cabeça, preciso descansar. Vocês tinham razão. — Ergui os olhos, em seguida os fechei para, enfim, concluir: — Quebrei a cara.

Quietude

Ao amanhecer, sentia-me atropelada, tudo em mim doía, o corpo, a cabeça, principalmente o coração. Estava profundamente triste por Álex ter me traído e a notícia do retorno de Andrew deixou minha vida ainda mais confusa.

Fiquei deitada na cama. Sarah entrou com aquele sorriso tão carinhoso, eu amava aquela amiga com a minha alma. Ela veio e sentou-se ao meu lado.

— Está melhor?

— Não, Sarah. Estou péssima.

— Imaginei que estaria.

— Não vou à faculdade.

— Tudo bem... Ontem, antes de dormir, como tenho feito ultimamente, oro por você. Porém, ontem senti uma enorme tristeza ao me lembrar de como você era e como está sua vida hoje. — Meus olhos ficaram úmidos. — A vida, o brilho dos seus olhos, os sonhos, sua alegria. Helen, não era Andrew o motivo, ele apenas chegou na hora certa, nos dias em que você vivia intensamente ao lado de Deus. — Enxuguei a lágrima que escorreu. — A vida que fugiu dos seus olhos — ela apertou minha mão — foi a comunhão que você perdeu com Deus. Quando te vi no primeiro dia de aula, eu ri. Você parecia iluminada. Não sei, mas algo me fez desejar sua amizade. E, hoje, compreendo que era um plano divino.

Atirei-me em seus braços e nos abraçamos com força.

— Vou continuar orando por você, amiga — ela sorriu com inocência. — Nenhuma palavra que a gente fale irá convencer seu coração, apenas as palavras de Deus.

— Eu te amo, Sarinha.

— Também te amo. Preciso ir. Olha, deixei um CD ali em cima para você ouvir. Ouça. Deixei sua Bíblia ali também, leia.

Ela fechou os dois olhos, piscando de uma forma carinhosa.

Depois que minhas amigas saíram, deitei-me de novo e fiquei olhando pela janela a chuva caindo; estava frio.

Deus...

Fiquei pensando nas palavras de Sarah.

Naquela manhã não era apenas meu corpo sentindo dores, sentia minha alma vazia, uma solidão, uma tristeza que não tinha Álex ou Andrew como motivo. Sarah tinha razão. Minha vida nunca mais foi a mesma, desde o dia em que parei de conversar com Ele.

Fui até o rádio e olhei o CD que Sarah deixou. Peguei o bilhete dela.

Amiga,

Ouçã a música 2. Leia o encarte, caso precise. Não se esqueça Dele e, principalmente, saiba: Deus não se esqueceu de você. Te amo.

Sarah.

Peguei o CD e coloquei no aparelho. Nos primeiros acordes de *Praise You in this Storm*² meu corpo arrepiou-se. Percebi que Sarah havia deixado minha Bíblia aberta, ao lado do rádio.

Estava aberto em Eclesiastes.

Tudo tem seu tempo determinado, é há tempo para todo propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz.

Um choro incontrolável me dominou. Meus joelhos fraquejaram. Não sabia o que falar com Deus, apenas pedia perdão. Enquanto ouvia aquela música dizer o que não sabia:

Eu me lembro quando eu tropecei no vento

Você ouviu meu clamor, Você me ergueu novamente

Minhas forças quase se foram, Como eu posso continuar

Se eu não posso Te achar?

De repente senti a paz que tanto ansiava. Ele me envolveu em um incomparável refrigério. Aquela palavra foi um bálsamo para mim, era tudo de que precisava recordar. Foi um oásis em meio àquele deserto pelo qual estava passando. Senti saudades de Deus e de como minha vida era completa quando eu podia ouvi-Lo.

Foi quando consegui conversar com Ele depois de tanto tempo.

— Pai, sei que não troquei palavras com o Senhor durante esse tempo. Me perdoa? — Fiquei chorando baixinho. — Como eu pude me esquecer de que se importa com minha dor? Me perdoe? Não sei o que dizer, apenas quero pedir perdão de novo. Me ajude? Me ajude a superar isso, está acabando comigo, como uma tempestade me arrancando do lugar. Eu preciso do Senhor, me ajuda?

Era como se houvesse um jardim seco dentro de mim, com as flores murchas, e de repente um floricultor aparecesse e regasse, fazendo essas flores se lembrarem de que ele estava cuidando delas, para que voltassem a florescer.

Senti uma agradável certeza de que Deus me ajudaria a colocar minha vida no lugar. Ainda viveria as consequências, mas seria diferente, Ele estava comigo.

Durante toda aquela manhã, fiquei sentada ali, no chão, com o rádio tocando canções que me traziam esperança à memória.

Perto das sete da noite, Álex apareceu. Era hora de encarar o primeiro desafio.

Coloquei um casaco e descii para falar com ele.

— Oi, como está?

— Estou melhorando — me desviei do beijo dele.

— O que foi, Helen?

— Álex, não vou ficar de rodeios. Preciso saber de uma coisa e quero que você seja o mais sincero possível.

— O que foi?

— O que você fez ontem à noite?

— Por que está perguntando isso? — ele ficou com a fisionomia rígida.

— Me diz, ou não pode?

— Saí com amigos — ele disfarçou o olhar.

— A pior parte de ser sua amiga é esta: te conhecer ao ponto de saber que você não está sendo sincero comigo — meu semblante ficou triste.

— O que sabe?

— Preferia que você me contasse, em respeito, ao menos, à nossa amizade.

— Não queria, Helen... — ele abaixou a cabeça.

As lágrimas surgiram, meu peito doeu. Ele havia me traído.

— Eu não queria! — falou chateado e segurou meus braços. — Juro que não! Mas ela apareceu lá, me seduzindo, armou para tirar Diego de casa. Não pude evitar. Mas juro que nunca mais vou fazer isso! — Só não havia sido um impacto maior aquela revelação por eu já saber. — Helen? Me perdoe?

— Sabia que não íamos dar certo — senti uma penosa tristeza.

— Não! Vamos dar certo, sim! — falava aflito.

— Álex! — o fiz se acalmar e olhar para mim. — Estou muito triste com você, mas acredito na nossa...

— Sabia que ia me perdoar — me interrompeu e me abraçou.

— Dizia que estou triste por tudo isso, porém ainda acredito na sua amizade. E posso te perdoar, como amiga...

— Helen? Não pode terminar o que nem começamos!

— Por isso mesmo, é mais fácil. Fiquei muito triste por ter me enganado, mas agora consigo compreender meus amigos, você é um amigo perfeito, mas como namorado não dá.

— Está terminando comigo?

— Estou dizendo que quero ser sua amiga, como sempre fui.

— Está com raiva de mim!

— Fiquei com raiva, sim! Foi bom isso ter acontecido, pois posso perceber que jamais daríamos certo juntos! Quero fidelidade, Álex, segurança, e isso só posso contar se for dentro de uma amizade.

— É sua última palavra?

— Agora sim. Vamos ser amigos?

— Me perdoe? Me dá mais uma chance?

— Já perdoei. Essa é a chance, nossa amizade.

Ele ficou um tempo em silêncio. Coçou a cabeça e saiu sem dizer nada.

Senti tristeza, uma sensação diferente, sentei-me no banco da varanda e chorei por algum tempo. Precisava desabafar com alguém.

Entrei e olhei meus pais na cozinha. Certamente me dariam um sermão dizendo que eles já haviam me avisado que aquilo iria acontecer. Minhas amigas não estavam em casa. Lembrei-me do Richard. Liguei para o celular dele, caiu na caixa postal. Liguei para Rebecca e ela disse que ele estava na casa dos pais dele.

Cheguei à casa dos Sulzbach perto das nove da noite. Só havia ido lá uma vez, no aniversário de Rafael, irmão de Richard. A mansão era extremamente vigiada, pelo pai dele ser juiz e pela casa ficar próxima ao centro. A empregada me atendeu. Esperei alguns instantes e a mãe dele apareceu na sala.

— Olá, Helen. Como você está? — ela me deu um abraço e um beijo no rosto.

— Oi, senhora Shirley. Estou mais ou menos hoje.

— O que aconteceu? Você não voltou mais aqui.

— Muitas coisas aconteceram.

— Soube que Andrew foi para São Paulo, mas vai passar essa tempestade, querida.

Eu ri, lembrei-me da música daquela tarde.

— Espero que sim. Vim conversar com Richard. Rebecca disse que ele está aqui.

— Charles está ensinando uma matéria da faculdade para ele.

— Então deixe-o estudar! Rebecca não disse que ele estava estudando; se soubesse, não viria. Amanhã falo com ele.

— Helen, para! Ele não vai se incomodar. Esse menino adora os amigos. Espere aqui.

Fiquei olhando algumas fotos da família de Richard em uma mesa atrás do sofá, não havia reparado nelas da última vez. Meus olhos se prenderam em uma, na qual Richard, Alan e Andrew estavam juntos, no aniversário de Richard. Devia ser antes do acidente. Andrew estava maravilhoso. Não pude evitar e toquei a foto.

— Está com saudade? — falou Richard sorrindo. Fiquei desconcertada.

— Ele é lindo — disse sem jeito.

— Oi, Helen — ele me deu um beijo no rosto. — O que aconteceu? Melhorou?

— Me desculpe vir aqui, não sabia que estava estudando, não queria...

— Helen, para! — interrompeu-me. — Nunca estou ocupado para os meus amigos. Você está com a aparência muito cansada, devia estar em casa descansando.

— Sei disso, mas precisava conversar com você.

— Já estava terminando com meu pai.

— Não vou demorar.

— Helen, para, já disse. Sente-se aqui — nos sentamos no sofá. — Agora me diz o que aconteceu?

— Terminei com Álex e não sabia que me sentiria tão mal como agora.

— Que bom! — ele sorriu.

— Não seja insensível.

— Ficou arrependida?

— Não, sei que fiz o certo, mas fiquei triste. Ele me traiu.

— Foi preciso. Isso poderia ter sido pior.

— Quebrei a cara, Richard — as lágrimas apareceram. — Como disseram.

— Não fique assim — ele me abraçou. — Foi o melhor para vocês dois.

— Estou me sentindo horrível! Uma traída, o que vão dizer de mim na faculdade?

— Helen, você é o que é. Não é a opinião dos outros que irá te formar. Agora é bola para frente!

Deixe isso no passado.

Relatei os detalhes que envolveram minha conversa com Álex. As palavras de Richard encontraram lugar dentro de mim. Fiquei melhor depois que conversamos.

— Agradeço por me ouvir, amigo — abracei-o. — Precisava muito, muito mesmo desabafar com alguém.

— Fiquei feliz de ter vindo falar comigo.

— Sempre estarei *desocupada* para você também.

— Viu esta foto? — ele mostrou-me outra foto dele, com Andrew e Alan com roupa de futebol.

Como o sorriso de Andrew era admirável.

— Vocês são lindos — disse com um pequeno sorriso.

— E esta, você viu? — ele foi até a estante e pegou um porta-retratos.

Sorri saudosa, quando vi ele e Andrew pequenos, sentados em uma calçada.

— Tínhamos 7 anos.

— Sem comentários — eles eram lindos.

— Por acaso gostaria de ver fotos inéditas?

Mordi o lábio e fiquei pensando. Não podia negar, a curiosidade junto com a saudade foi bem maior.

— Quero, sim! — sorri.

— Vem então! — ele falou animado. — Sente-se aqui!

Richard foi até outra sala e voltou com um álbum grande, preto.

— Este álbum tem nossas fotos, minha mãe não o deixa sair daqui — ele sorriu. — Preciso fazer uma cópia.

Abri o álbum e a primeira sequência de três fotos me fizeram sorrir. Eles três brincando com uma mangueira de água, eram novinhos.

— Tínhamos 7, 8 anos. Foi na casa do Alan.

— Vocês me inspiram — olhei Andrew. — Ele sempre foi tão lindo.

Outra foto. Os três fazendo pose em frente a uma piscina. Achei engraçado.

— Você sabe o que tem sábado?

Fiquei em silêncio quando me lembrei de que era aniversário do Andrew.

— Podia mandar ao menos um recado.

— Diga que desejo a ele um dia feliz e muita saúde.

— Recado convencional, não?

— Vou embora, Richard — dei um abraço nele; ele riu.

— Vamos, vou te seguindo.

Finalmente conseguia respirar a alegria de ser eu mesma.

Quando cheguei, meus pais estavam se preparando para dormir. Contei o que aconteceu e pedi perdão a eles.

Fiquei na sala com Evelyn assistindo pela centésima vez a *Um Amor para Recordar*. O título era bem sugestivo, aquela música sempre me fazia chorar. Sarah chegou com Alan e nos encontrou chorando por causa do filme.

Estava deitada enrolada nas cobertas, minha aparência devia estar horrível para o primeiro comentário que Alan fez.

— Nossa, você está mal, hein?

— Conhece alguém que fique bonito estando doente?

— Eu! — falou sorrindo. Fiz careta. Ele puxou os cabelos de Evelyn, ela beliscou-o.

— Como você está, amiga? — perguntou Sarah.

— Estou um pouco melhor, vou ficar bem.

— Chorando de novo por causa desse filme?

— Você também chora — ela riu.

— É muito triste. Mas e aquela pessoa? Resolveu-se com ele?

— Foi mais difícil do que pensava.

— Terminou com ele?

— Ahã.

— Até que enfim uma notícia boa! — Alan comemorou.

— Para, gatinho — Sarah bateu no braço dele. — E Álex?

— Não sei. Disse que o perdoava como amiga e que seria desse jeito daqui para frente se ele quisesse.

— Que ótimo! — falou Alan.

— Sei que fiquei bem melhor depois de ter conversado com Richard.

— Foi o melhor mesmo — disse Sarah. — Richard veio aqui?

— Não, fui a casa dos pais dele. Precisava desabafar com alguém.

— E não podia ter ligado para a gente? — reclamou Sarah.

— Não! Não podia e não ia atrapalhar a noite de vocês!

— Poxa, Helen! Podia ter ligado!

— Foi mal.

— Helen às vezes é uma chata! — reclamou Evelyn.

— Às vezes? — debochou Alan. Joguei uma almofada nele. — Vim me despedir de você — Alan sentou-se ao meu lado. — Voltamos só na segunda.

— Sentirei saudades, gatinho — Sarah o beijou.

— Será que dá para vocês dois pararem de fazer isso na minha frente? — resmunguei.

— Alguém aqui está carente — disse Alan sorrindo.

— Fala para o Andrew voltar logo, Alan! — Evelyn pediu.

— Para com isso, Evelyn! — a repreendi.

— É verdade, está carente, com saudades do Andrew!

— Não estou carente. — *Estou sim! Totalmente solitária e saudosa.* — Que horas será o voo?

— Está marcado para as oito da manhã.

— Mande lembranças a Mel, e diga que estou com saudades dela.

— Só dela?

— E do Prince também.

— Só deles?

— Ai, vamos mudar de assunto?

— Se mudar de opinião, dá tempo.

— Alan... não enche! Vamos falar de outra coisa?

— Bem, meninas, preciso ir. Amanhã temos que acordar muito cedo.

— Ah, gatinho, não vai! — implorou Sarah.

— Tenho que ir, minha gata. Nem as malas arrumei. Tchou, chata!

— Chato é você!

— Se cuida hein? — ele foi até Evelyn e beijou o rosto dela. — Tchou, enjoadinha.

— Ai, Sarah! Seu namorado é um chato mesmo! — reclamou Evelyn. Eles sorriram.

Quando ele estava saindo, voltou-se com a mão ainda na porta e sorriu.

— Quer que eu mande algum recado para ele?

— Não, nenhum.

— Nem que está doente de amor por ele?

Joguei uma almofada em direção à porta.

— Ah, isso é um sim!

— É um não!

— É um sim! Tchau!

Sarah seguiu Alan para o lado de fora. Voltei a atenção para o filme.

“Você tá com medo?”

“Morrendo...”

Adoro esta parte. Também estou morrendo, Mandy. O grande amor da minha vida está longe de mim e eu adoraria saber como ele está.



Era sábado, dia do aniversário dele. Fiquei inquieta e pensativa durante o dia todo. Queria muito estar com ele; nos instantes seguintes não queria mais. Por diversos momentos pensei em ligar para o celular dos meus amigos, mas não tive tamanha ousadia.

À noite estava no quarto, tentando estudar para as provas, quando meu celular tocou. Era Richard.

— Oi, Helen — falou zangado. — Poxa, você nem para me ligar, hein? Do tipo, perguntar se chegamos bem.

— Me desculpe, amigo. Juro que ia ligar mais tarde, depois de estudar.

— Podia ligar antes, não é?

— Me desculpe, foi mal. Chegaram bem?

— Obrigado por perguntar.

— Não fica assim comigo.

— Ok. Estou ligando porque alguém deseja falar com você.

Novamente a avalanche estava prestes a vir sobre mim.

— Richard, isso me deixa tão nervosa. Por que faz essas coisas comigo?

— Fala com ele? É o aniversário dele.

— Não posso ainda.

— Poxa! Não seja orgulhosa e fala com ele!

— Não insiste, por favor.

— Ok. Poderia ao menos mandar um recado?

— Não sei o que dizer.

— Sabe sim, poxa. Só hoje.

— Não posso, Richard. Não insiste.

— Ok. Faremos assim então, você responde a umas perguntas e eu falo com ele depois, pode ser?

— Por que está fazendo isso? — suspirei triste.

— Poxa, Helen! É o aniversário dele! Já que não quer falar, fala para mim, depois eu conto para ele!

— Ok... O que quer saber?

— Primeira pergunta.

— Quantas são? — o interrompi.

— Apenas duas!

— Tá bom, faz.

— Por que não quer falar com ele?

— Não estou preparada para ficar conversando com ele normalmente. Já passou tanto tempo... se souber que é ele quem está do outro lado o meu ser se congela, fico nervosa demais... é tão difícil, para mim, ouvi-lo — fiquei emocionada.

— Agora me diz com toda a verdade, é a pergunta principal: você ainda o ama?

— Richard, para com isso! Sabe que sim.

— Que bom! — ele soltou uma risada gostosa. — Só mais uma! Mas preciso que seja muito sincera, ok?

— Não vai desistir, né?

— Não. Vamos lá. O que você gostaria de dizer a ele hoje? De verdade.

— Já disse, feliz aniversário.

— Helen — ele reclamou. — Seja sincera comigo!

— Não queria dizer muitas coisas, Richard — expirei de vez. — Queria apenas estar com ele, abraçá-lo e dizer que eu o amo e que nada poderia mudar isso — suspirei fundo.

— Diz novamente que nada pode mudar o que você sente por mim?

Dois batidas pausadas, em seguida meu coração começou a bater com desespero. Coloquei a mão na boca e comecei a chorar. Meu ser se apegou ainda mais profundamente ao som daquela voz. O tremor surgiu por todo o meu corpo.

— Andrew?

— Não sabe o que me causou ouvir tudo isso, em ouvir sua voz — ele falou emocionado. — E saber que ainda me ama. Ansiei por isso todos os dias em que estive longe de você. Fala comigo?

— Não tenho o que dizer agora — sussurrei aflita.

— Você disse tudo o que eu precisava ouvir. Me perdoe pelo que te fiz? — falava emocionado.

— Não sei.

— Como foi bom ouvir tudo que ouvi esta noite. Ah... daria tudo para estar ao seu lado agora...

Tentava abafar os ruídos com a mão na boca.

— Não fique assim, não chore. Isso me deixa angustiado, sem ação! Helen, não suporto mais ficar sem você. As lembranças me acalmam, seu beijo, seu rosto, seu sorriso — ele falava encantado pelas lembranças que descrevia. — O seu cheiro ainda está na noite, ainda te amo...

Chorava inconsolavelmente. Era tudo o que esperava ouvir. Parecia um sonho, aqueles em que sentimos vontade de nos agarrar para não acabar, aqueles em que você volta a dormir somente para continuar de onde parou. Andrew ainda era meu sonho, ele ainda era uma linda lembrança, sobrecarregada de saudade.

— Sofri tanto por você — minha voz sussurrou envolvida pela dor.

— Vou conviver para sempre com essa culpa, de ter te causado tanta dor. Me perdoe? — ele mal conseguia falar.

— Todos os dias eu esperei você me ligar — falei entre dentes.

— Isso me torna indesculpável. Não queria vê-la sofrer, mas foi em vão o que fiz, te machuquei...

Helen, lamento por tudo.

A dor dentro de mim me sufocava. Meu coração se apertava. Precisava parar de calar o que tinha vontade de gritar.

— Você me deixou sem ao menos dizer adeus... — a dor na minha voz era quase que palpável.

— Meu Deus! Helen, preciso te ver, te dizer muitas coisas pessoalmente! Não posso perdê-la. Não queria ter deixado você, mas foi preciso.

— Não tenho condições de continuar esta conversa.

— Helen, não desligue, por favor!

— Mal consigo respirar, um peso enorme está sobre meu peito. Estou angustiada demais!

— Você não atende quando ligo, e se recusa a falar comigo!

— Vou desligar.

— Me escute! Me perdoa?

— Não estou pronta para te perdoar...

— Não faz isso — foi uma súplica.

— Está doendo muito.

— Queria que você estivesse aqui. Me diz novamente que você me ama?

— Não posso...

— Me diz?!

Encerrei a chamada e enfiei o rosto no travesseiro. Chorei como da primeira vez em que ele havia me ligado. O celular tocou por diversas vezes, na quarta vez desliguei-o.



A segunda-feira chegou e era a última semana de revisões antes das provas.

Quando chegamos, Sarah foi surpreendida por Alan, que a esperava no lugar de sempre com uma rosa na mão. Ela correu e pulou em seus braços, eles se beijaram. Não houve comentários sobre Andrew. Sarah e ele estavam por demais ocupados com a saudade. Alan apenas me abraçou, assim como Evelyn.

No intervalo vi Richard e a turma dele chegando na lanchonete do campus. Richard me abraçou.

- Senti sua falta, amigo.
- Também senti. Ficou bem depois de tudo?
- Ah, Richard, depois eu falo sobre isso.
- Tenho uma coisa para você.
- O quê?
- Depois te dou.
- Ah, não! Me dá agora!
- Hum — ele espremeu os olhos. — Está tão interessada assim?
- Ai, ai. Depois você me dá!

No final da aula, estava indo para casa com minhas amigas e quase fora do campus olhei pelo retrovisor e vi a picape de Richard se aproximando mais rápido e piscando atrás do meu carro. Quando ele buzinou, encostei. Richard desceu e veio com um pequeno embrulho na mão.

— Você saiu tão rápido — disse ele, colocando o braço no teto do carro. — Queria ter te entregado este presente.

— O que é?

As meninas fizeram um coro de satisfação soando um enorme “hum”.

— Mandaram entregar para você, só isso.

Sarah estava ao meu lado, viu que eu não ia pegar o embrulho. Ela esticou o braço e pegou.

— É só um presente, Helen.

— Você sabe o que é?

— Sei, mas não adianta me perguntar. Aliás, tenho muito para te contar sobre a viagem — engoli em seco. — Pode ser amanhã à noite?

— Não sei, Richard. Quem sabe...

— Pode ser, sim! — falou Sarah com raiva.

— Depois combinamos. Até mais, meninas. Tchau.

Richard saiu. Fiquei olhando Sarah e Evelyn balançando uma pequena caixa, tentando adivinhar o que tinha dentro. Estava embrulhada com um papel vermelho e um laço fosco dourado.

— Não vai abrir? — Sarah me deu o embrulho.

— Não agora — engatei a marcha e saí com o carro.

— Ai, vai nos deixar curiosas? — reclamou Evelyn.

— Mas depois você conta para gente o que ele te deu. Não conta, amiga? — Sarah piscou seus olhinhos puxados, eu ri.

— Quem sabe.

— Poxa, não faz isso!

Desci do carro em casa e Sarah me deu o embrulho. Estava muito curiosa para saber o que tinha dentro, mas disfarcei.

— Hoje é seu dia de preparar o almoço, Evelyn — lembrou Sarah.

— Tem certeza? — reclamou Evelyn.

— Claro que é. Sexta fui eu e amanhã é a Helen! E não demora porque vou hoje lá ao escritório com a Helen. Espero conseguir um emprego com o tio Paulo! — Nós rimos.

Fui para o meu quarto, as meninas vieram atrás de mim.

— O que foi? — olhei para elas quando abri a porta do quarto.

— Ah, Helen, estamos curiosas demais! — disse Evelyn.

— Depois prometo que conto o que é.

— Não podemos ver? — pediu Sarah sorrindo.

— Não — eu ri.

— Depois que acabar nos chama, por favor?

— Já disse que sim!

Entrei no quarto e sentei-me na cama. Respirei fundo. Tirei o laço, e logo de cara um envelope por cima. O cheiro do perfume dele surgiu. Inspirei aquele aroma distante e marcante. Peguei o envelope e embaixo achei algo embrulhado em um papel fino, com pétalas de rosas vermelhas, algumas secas. Abri e era um moderno iPod. Estava com um laço de fitas. Abri o envelope azul-claro com relevo, aproximei e senti aquele cheiro inconfundível fazendo meus olhos se encherem de lágrima. Era uma carta. Senti um frio na barriga. Abri apressada.

São Paulo, dois meses, onze dias e vinte e três horas de saudades de você.

Minha amada Helen,

Pensei em você todos esses dias, todas essas horas e em cada minuto que dolorosamente passei longe de você, meu amor. O tempo pode ter passado rápido para muitos, mas para mim não. Parece que foi ontem que eu tive de partir.

O tempo é misterioso, pois, da mesma forma que ele nos revela a verdade de que pessoas que amamos estão longe, e é para sentir saudade, também nos traz ao coração que foi por meio dele que muito, ou bem pouco, você esteve presente, esteve perto de mim... e isso fez de um tempo simples, inesquecíveis momentos que se eternizam enquanto estamos aqui peregrinos por este mundo...

Sinto muito sua falta, Helen. Quero estar com você outra vez. Quero ouvir de novo sua voz me dizendo que ficaremos juntos por toda a vida. Necessito dos seus beijos e dou tudo que tenho somente para te chamar de minha de novo.

Sinto falta da sua companhia, dos seus sonhos...

A ternura que estava presente em cada sorriso seu me leva ao limite dos meus pensamentos, a sua existência é a fortaleza do meu ânimo.

Quero você de volta, Deus a fez para mim!

Esse simples presente contém algo que vem do meu íntimo. Lembra-se daquela melodia que toquei para você? Gravei, só que agora ela tem a letra... um pedido de perdão.

Eu te amo, Helen, e vou te amar por toda a minha vida. Esse é o fato irrevogável.

Volta pra mim?

Serei sempre seu,

Peguei o aparelho e liguei-o. As lágrimas impediam-me de achar alguma coisa. Depois de limpar os olhos, achei o álbum, e uma música se chamava: *Teu Olhar*. Coloquei para ouvi-la. Havia outros instrumentos e um piano fazia o solo principal, tinha sido gravada em um estúdio. Emocionei-me ainda mais ao ouvir sua voz. A voz dele devia ser como de um anjo.

*Ainda lembro do seu olhar,
Ainda lembro do seu sorriso.
Seus beijos me fazem sonhar
Foi a beleza que encontrei
Foi o sonho lindo que sonhei.
O que eu fiz? Eu te perdi.
Agora luto para de ter, outra vez.
Preciso te ter de volta mais uma vez
Eu sinto muito por ter feito você sofrer
Volta pra mim!*

Uma música feita para mim, um pedido de desculpas em canção. Meu choro se acentuou ao perceber a voz dele triste, tão diferente das outras vezes. Lembrei-me do nosso último beijo, quando ele me deixou. Aquilo ainda doía.

Fiquei pensativa durante o resto da tarde. Precisava voltar a ocupar meu tempo com outras coisas que dividissem meus pensamentos do Andrew.

Soprando as cinzas

Mais uma aula de revisão na faculdade. E mais um dia em que não falei com Álex. Ele ficou com Anna e seus amigos no intervalo.

Diego e Evelyn estavam alguns dias brigados, mas acabaram fazendo as pazes e resolveram oficializar o namoro naquela noite.

Perto das oito da noite Richard buzinou. Fui me encontrar com ele. Íamos sair, ele queria conversar sobre Andrew. Quando estava me aproximando Richard abriu a porta da frente.

— Oi — beijei o rosto dele.

— Oi. Animada para saber das notícias?

— Se forem boas, sim.

— Ah, sim! Precisava conversar com você sobre Andrew — fiquei estática.

Fomos ao shopping próximo à minha casa. Escolhi comer algo leve, que não pesasse mais no estômago, pois ele já estava pesado demais com meu nervosismo.

— E o que você tem a me dizer de tão importante assim? — comecei a conversa depois de fazer o pedido.

— Helen, aquela ligação foi tudo para ele.

Belisquei o braço dele com força.

— Por falar em ligação, por que fez aquilo? Você sempre fazendo armações!

— Você não falaria com ele! Essa doeu!

— Richard, quase tive uma parada cardíaca!

— Mas valeu a pena, não? — ele sorriu. — Poxa, essa doeu mesmo.

— Como armou aquilo?

— Ele estava nervoso ao meu lado. Queria que eu ligasse. Mas você ainda estava recusando-se a falar com ele. Daí... coloquei no viva-voz.

— Só você mesmo — neguei com a cabeça. — Foi muita emoção. Não percebi nada de diferente na ligação.

— A tecnologia. Mas o que sentiu?

Suspirei fundo e mordi o lábio.

— Saudade.

— Ele vai voltar.

Fitei seus olhos e outra vez me esqueci de respirar.

— Andrew não consegue mais ficar sem você.

Apenas meu coração se movia.

— Conversamos muito com ele. Andrew tinha muito medo de como você iria recebê-lo. Mas depois da ligação ele se encheu de coragem e está decidido a voltar.

— O que eu digo? Tudo em mim parece que... que está tremendo! Não posso sequer me imaginar de frente para ele de novo!

— Não sei o que vai acontecer, mas vocês precisam se acertar.

A nossa refeição chegou.

Fiquei revirando a comida no prato com meus pensamentos distantes. Pensando em dezenas de perguntas que gostaria de fazer, mas faltava coragem. Comi um pouco, mas desceu arranhando a garganta. Para trazer descontração ao ambiente, Richard contou sobre alguns projetos relacionados à faculdade, mas toda minha reflexão ainda estava no momento anterior, e uma frase ficava repetindo do lado de dentro, que ele iria voltar.

No regresso para minha casa, fiquei pensando naquela informação.

— O que foi, Helen? Veio calada — perguntou Richard encostando na frente da minha casa.

— Só estou pensando nele...

— Tudo vai acabar bem.

— Assim espero. Obrigada pelo jantar e pela companhia — beijei o rosto dele e saí da picape.



Na saída da UFSC encontrei Álex, perto do meu bloco. Reclamou que não conversávamos mais; mencionei que devia ser pelo fato de ele estar namorando.

— Não estou namorando — falou surpreso. — Se está falando de Anna, é apenas uma amiga. Sabe disso.

— Não, não sei, Álex. E, aliás, isso não é da minha conta — falei calmamente. — O que você quer falar comigo?

— Helen, sei que não me comportei como devia e acabamos ficando distantes. Porém, queria que soubesse que nada mudou dentro de mim.

— Espere um momento, Álex — comecei a ficar alterada. — Quero entender uma coisa, por que ainda insiste nessa história maluca comigo, se você está ficando com outra pessoa?

— Quem te disse isso?

— Não precisaria ninguém me dizer! Me responde.

— Gosto realmente é de você. Sempre soube.

— Isso é para rir? Você teve sua chance. Mas estou curiosa, me diz: o que você tem com Anna?

Ele ficou pensando se me diria ou não.

— Temos ficado, sim — ele desviou o olhar.

— O que é especificamente esse ficar?

— Ah, Helen, você sabe, não precisa dizer.

Uma raiva e indignação momentânea tomaram conta de mim.

— Você acha que era esse o tipo de relacionamento que eu procurava, Álex?

— Todos fazem sexo, ou vai me dizer que você não?

— Pensei que você me conhecia...

— Não acredito! — ele estava surpreso. — Não me diga que você ficou com aquele escritor e não teve nada com ele?

— Andrew me respeitava!

— Está brincando comigo? — ele sorriu debochando.

— Ele me respeitava e sabia da minha decisão! Pensei que você me conhecia o suficiente para saber disso!

— Não acredito! Por que não fizeram nada? Por acaso ele ficou aleijado de tudo?

Meu sangue subiu. Sem pensar, dei um tapa no rosto dele com força.

— Você está muito longe do que ele era para mim!

Virei-me para sair e ele me segurou com força pelo braço.

— Você não devia ter feito isso — falou com a mão no rosto do lado que eu bati.

— O que você achou? — soltei meu braço com raiva. — Era esse o tipo de relacionamento que queria ter comigo?

— Toda garota quer! Não seja hipócrita!

— Nem todas! Muitas ainda pensam como eu! Não estou preocupada com quem pensa diferente de mim ou me ache antiquada! Isso é arcaico para você? Não se encaixa nos seus conceitos sem valia? Ah, Álex, então você jamais vai ser o homem que eu sonho para mim!

Ele ficou me olhando sem ação.



As duas semanas de provas se passaram como um relâmpago e meu aniversário estava próximo. Não queria fazer nada demais, mas isso não soou bem a Evelyn e Sarah, que pensavam em mil atividades para o meu dia.

No primeiro sábado depois das provas, minha mãe preparou uma linda mesa de jantar para a oficialização do namoro de Evelyn e Diego. Foi muito divertida a forma que ele pediu a meu pai para namorar Evelyn.

Fiquei sem falar com Álex. Por mais que estivesse chateada com ele, sentia sua falta. Sentia saudade das nossas conversas e brincadeiras.

Andrew, por sua vez, não me ligou. Fiquei dias sem notícias dele. A curiosidade era enorme em saber sobre ele, mas seus amigos ficaram em silêncio por algum motivo. Não sabia até quando suportaria ficar de novo sem ouvir sua voz.

O sábado surgiu com sol, que realçou as cores da primavera.

Naquela noite pagaria a dívida de ir jogar boliche no Pinguim com a turma de Richard.

Às oito da noite eles chegaram, desci com Sarah.

Richard chegou com Alan na frente e Rebecca atrás; mais dois carros os seguiriam, com os amigos deles.

Sarah sentou-se ao meu lado. Fui aturando Alan implicando comigo durante o caminho todo.

Ao chegarmos ao Pinguim, cumprimentamos os outros rapazes: Leonardo, Gabriel e Fernando. Conhecemos duas novas integrantes da turma: Michele, a nova namorada de Leonardo, e Lívia, que havia voltado a namorar Gabriel, depois de dois meses separados. Essa era nova apenas para mim e Sarah.

Na divisão das equipes, Alan fez questão de ficar contra mim, só para competir comigo. Gabriel e Lívia preferiram ficar namorando enquanto jogávamos.

— Faça melhor que você — disse Alan me provocando por eu ter deixado um pino em pé. Fiz careta para ele.

— Que excelente *strike*, amor! — Sarah pendurou-se no seu pescoço. Ele ficou me olhando com aquele ar de deboche.

— Não liga, Helen — animou Fernando. — Vamos nos recuperar.

Nossa equipe estava perdendo. Fernando, Michele, Leonardo e eu estávamos bem atrás da outra equipe. Não imaginava o quanto Richard e Alan eram bons naquilo.

Sentei-me para esperar a minha jogada.

— Está fazendo falta um jogador com habilidade no seu time — falou Richard.

— Não sabia que você e Alan eram tão bons. Não foi justa essa divisão. Você devia ter ficado no meu time!

— Não estava falando de mim, mas de outro excelente jogador que conheço.

— Está falando dele? — desviei o olhar.

— Vínhamos sempre aqui, ele e Alan sempre disputavam algo. Certa vez eles apostaram um mês de lanchonete grátis na faculdade, quem perdesse pagaria sempre a conta.

— E quem ganhou? — perguntei com um sorriso.

— Alan — fiz cara de desprezo. — Mas teve a revanche.

— Me conta.

— Sou eu agora, depois conto.

— Vai lá fazer melhor — Alan encurvou-se para eu passar.

— Alan, você sabe ser um chato!

Sempre estava sobrando dois ou três pinos, não tinha feito nenhum *strike*. E Alan em média fazia um a cada três jogadas. Ele estava começando a me deixar irritada.

Vi Richard sentado e fui para perto dele de novo.

— Me conta como foi a revanche?

— Andrew ficou muito irritado com as provocações de Alan, assim como você está. Então fizeram um novo acordo, de mais um mês pago no refeitório e mais um mês lavando o carro do outro; naquela época, Alan tinha carro. Andrew ganhou.

— Adoraria ter visto a cara do Alan! — sorri.

Ficamos vendo as últimas jogadas. Estava inquieta para saber sobre Andrew.

— Richard, ele está bem? — estava totalmente sem jeito de entrar no assunto.

— Você finalmente está me perguntando sobre Andrew?

— Você não tem me falado sobre ele, sabe. Fiquei preocupada. Não sei, talvez estivesse acontecendo alguma coisa.

— Se preocupa com ele?

— Sabe que sim.

— Ele está bem, Helen. E... está preparando tudo para voltar.

— Quando ele vai voltar? — a respiração parou.

— Não sabemos o dia certo, mas está bem próximo.

— Nossa! — suspirei fundo para não ficar tonta.

Fiquei sem direção, não conseguia imaginar como seria reencontrá-lo. Era tudo o que mais queria, mas não fazia ideia de como seria.

Fui para minha jogada e minha bola de boliche foi parar na calha.

— Credo, Helen! — falou Sarah.

— Foi horrível essa, hein? — reclamou Leonardo.

— Foi mal — torci os lábios.

Outra jogada e deixei seis pinos em pé. Estava desconcentrada.

— O que foi? — perguntou Sarah.

— Deixa para lá.

— Aposto que soube algo sobre Andrew.

— Ele vai voltar, Sarinha.

— Sabe quando vai ser?

— Não, mas viu como fiquei?

— Tudo vai acabar bem, você vai ver.

Fui me sentar e Richard se sentou ao meu lado novamente.

Rebecca veio e abraçou Richard por trás e olhou o placar.

— Eita, Helen — disse Rebecca. — Seu time não está nada bem, os meninos da sua equipe vão ter de pagar a conta desta noite!

— Também, vocês ficaram com os dois melhores jogadores! — reclamei.

— Viu? Fernando podia ter escolhido meu amor. Ele sabe que Richard é bom jogador.

— Ela está desconcentrada por outro motivo — Richard piscou o olho para mim.

— Falou aquilo então para me deixar sem concentração?

— Não, você perguntou.

A partida acabou e eles ganharam com uma enorme vantagem em cima da minha equipe.

— Na próxima te dou umas aulas, Helen — Alan mexeu nos meus cabelos.

— Na próxima, fico do lado do Richard, aí quero ver você ficar tirando essa onda!

— Hum, quer uma revanche?

— Quero e você não perde por esperar.

Fomos a um rodízio de pizza. Sarah ficou ao meu lado, Fernando apressou-se para sentar-se do outro.

Na quarta fatia de pizza eu já estava cheia. Enquanto isso, já tinha perdido a conta dos pedaços que os rapazes comeram. Eles eram muito divertidos, Leonardo contava causos hilários. Quase me engasguei com um pedaço de pizza doce quando ele se lembrou de um fato na faculdade, o dia em que Alan entregou um projeto sem assinar o nome, e o professor considerou um erro grave e deu nota sete quando valeria nove. Alan foi o único que não achou graça.

No desenrolar das conversas, Fernando puxou assunto comigo.

— E você, Helen, quando vai continuar a história?

— Não sei ainda. Por acaso você lia?

— Ah, sim. Minha irmã é fã daquela história e você tem muito talento.

Richard estava na nossa frente e não tirou os olhos de nós dois.

— E aí, pessoal? — disse Fernando em voz mais alta. — Vamos fechar com um cinema? O que acham?

— Não sei, já é tarde — olhei para Richard, como se pedindo socorro.

— Por mim, já é! — disse Leonardo.

— Esse Fernando está dando em cima de você — sussurrou Sarah. — Vê se pode! Só tem casais!

Não acho que devemos ir.

— Vamos deixar para a próxima, galera. Outro dia — falou Richard, fechando a conversa.

— Gostaria de ir comigo em outra oportunidade, Helen? — Fernando me perguntou timidamente.

— Não sei, quem sabe — fiquei desconcertada.

Só me faltava essa agora.

Eles foram falando sobre outros assuntos. Meus pensamentos estavam em Andrew.

Meu dia, um desejo

Estava feliz de ter voltado à vida.

Precisava me acertar com Álex. Tentei falar com ele, mas, como não consegui, pedi para Diego avisá-lo que iria vê-lo à noite.

Na saída do trabalho fui ao apartamento dos meus amigos. Toquei a campainha, Diego me atendeu

— Oi, Helen. Beleza?

— Oi, Diego — dei um beijo no rosto dele. — Álex está aí?

— Está, sim. E sozinho — sussurrou. Eu ri. Não queria atrapalhar um suposto encontro.

— Era a segunda pergunta.

— Vou ali ao apê de uns amigos, depois volto.

Entrei e Álex estava sentado na cadeira, mexendo em papéis sobre uma mesa enorme. Eram seus projetos. Puxei uma cadeira e sentei-me do seu lado. Mesmo depois de tê-lo cumprimentado, fingiu que não tinha ouvido. Pedi que ele olhasse em meus olhos e com grande reluta cedeu, suspirando fundo, jogando a lapiseira sobre a mesa. Destaquei que precisávamos conversar.

— Você já disse tudo aquele dia, ou não?

— Álex, você me disse coisas muito vulgares, não acha?

— E o tapa, foi o quê?

Tive de engolir meu orgulho e pedir desculpas, mesmo sabendo que ele mereceu.

— Você me provocou. Mas foi mal, me desculpe.

— Estou muito chateado com você.

— E eu não fiquei?

— Você me deu um tapa!

— E você zombou de mim!

Ele ficou em silêncio. Olhei para o teto, talvez, procurando a paciência e por fim pedi perdão novamente. Por um curto espaço de tempo, me observou sem dizer nada e por fim nos abraçamos.

Fiquei de pé e avalei seus desenhos, tive de elogiar, Álex desenhava muito bem. Animado, mostrou-me como os desenhos engenhosamente se transformavam em belíssimas casas através de programas de computadores.

Enquanto conversávamos, a fome nos avisou de forma simultânea que deveríamos fazer uma pausa. Álex ligou para o disk-pizza e logo depois sentou-se do meu lado no sofá.

— Me desculpe pelo que falei aquele dia, não queria te magoar. Na verdade... — ele parou de falar.

— Fala.

— Sempre achei que fosse uma garota “zero-quilômetro” — deu um pequeno sorriso. — Só queria ter ouvido, que... você e o carinha lá não tiveram nada.

— Esquece esse assunto...

— Fiquei muito feliz por saber isso, mesmo que tenha me custado um tapa.

— Esquece, Álex. Mas estou curiosa para saber algo! — fui para perto da janela. — Você está namorando?

— Já falei que não.

— Só vejo você com Anna. Tenho ouvido que vocês estão namorando, sim.

— Está preocupada com isso?

— Me importo com você, é meu amigo.

— Perdi todas as chances com você, não é?

— Não sei se teria mais alguma — disse mansamente olhando pela janela.

— Não me esqueci de você, não queria ter te magoado e estragado tudo o que consegui.

— Nunca daríamos certo, somos muito diferentes.

— Vamos apagar o que aconteceu e começar de onde paramos?

— Não começa! O que aconteceu foi prova de que não daríamos certo juntos.

— Por acaso, você não podia voltar a pensar no assunto?

— Álex, vou ser muito sincera. Adoro você, mas esse assunto, para mim, já foi.

— É por causa do escritor? Estou sabendo que ele pretende voltar.

— Quem te disse?

— Sei de tudo. É por causa dele?

— Não é só por causa dele, não sei como vai ficar minha vida depois que ele voltar.

— Vai perdoá-lo e tudo será como antes, eu sei — falou como se estivesse farto.

— Não sei o que vai acontecer, mas não quero perder sua amizade.

— Não vou te dar de graça para ele.

— Para...

— Não vou desistir.

— Me promete que, aconteça o que for, você não vai deixar de ser meu amigo?

— Não posso prometer isso.



Era quinta-feira e Alan passou no meu trabalho com Sarah, na picape do Richard, para me levar ao teatro. Adorei a surpresa, mesmo com as gozações dos dois, dizendo que meu ator favorito não estava naquela peça.

Cheguei em casa e pensei que a animação de ter visto a peça iria me inspirar para escrever a continuação da história do príncipe e a plebeia, escrevia mas apagava depois de algumas palavras. Não conseguia sair nada, estava totalmente sem inspiração.

O que mais queria no meu aniversário era ter Andrew de volta para mim e que toda aquela mágoa em meu peito deixasse de existir.



Era sexta-feira, manhã do meu aniversário. Enquanto me espreguiçava na cama, fui surpreendida por minhas amigas pulando em cima de mim cantando parabéns.

Meus pais apareceram logo em seguida. Meu pai fez uma oração, agradecendo a Deus por mais um ano ter se passado. Também agradei por Ele me dar o dom da vida.

Meu pai me deu de presente um celular de última geração, o que estava sonhando e economizando para comprar. Levantei-me animada e logo troquei o chip do celular antigo pelo novo.

Não fui para a faculdade, minha mãe e minhas amigas me levaram para uma feira de roupas e artesanato perto do centro. Foi muito divertido sair com elas. Compramos algumas lembrancinhas e peças de roupas, almoçamos e tiramos muitas fotos.

Recebi muitas ligações durante o dia todo. Richard, Alan e Diego me desejaram feliz aniversário e garantiram presença no restaurante à noite.

Voltamos para casa e fui me arrumar para ir à festa que minhas amigas haviam preparado. Estava ansiosa, não fazia ideia do que ou quem encontraria por lá. Fomos no carro do meu pai. À medida que me aproximava, sentia como se uma borboleta girasse no meu estômago, com receio de quem estaria lá. Literalmente ele era esse “quem”.

Quando chegamos ao restaurante aliviei a tensão. Richard, Alan, Rebecca, Fernando, Livia, Leonardo, Michele e Gabriel nos esperavam na porta. Richard foi o primeiro a me abraçar. Em seguida vieram Rebecca e os outros.

Alan me presenteou com um moderno GPS e ele, como sempre, teve que fazer suas costumeiras brincadeiras.

— Mas por que acha que eu estou precisando de um?

— Soube que às vezes tem entrado na contramão de algumas ruas. — Todos começaram a rir. — Assim você não se perde mais.

— Não teve graça! — falei sorrindo.

— Brincadeira, Sarah me disse que você estava querendo um.

— Estava mesmo, mas não por esse motivo, seu sem graça!

Lívia, Leonardo e Michele me presentearam com CD e livro.

— Vamos entrar, meninos? — disse meu pai.

Ele e minha mãe foram na frente e Fernando tocou meu braço.

— Helen — ele estava tímido. — Não sabia exatamente do que gostava, então lhe trouxe um pequeno presente.

Era um belíssimo cordão de ouro, com um pingente pequeno de flor.

— Puxa! Obrigada!

— Posso colocá-lo em você? Já que está sem...

Fiquei sem jeito de dizer não e cerrei os lábios. Virei de costas para ele. Fernando colocou lentamente o cordão em mim. Olhei rápido para os rapazes, eles pareciam não estar aprovando.

— Obrigada, Fernando — virei-me rápido.

— Ficou lindo — disse sorrindo.

— Vamos entrar? — perguntou Alan falando alto.

Quando entrei, percebi a decoração carinhosa que minhas amigas tinham feito para mim. Com meu nome e algumas flores em volta. Algumas bolas prateadas. Fiquei emocionada.

— Adorei! Mas que horas fizeram isto?

— Pedimos para Alan trazer ontem — disse Sarah. — Hoje foi só ligar para os rapazes que trabalham aqui e falar onde queríamos a arrumação.

Fomos nos sentando, meus pais ficaram na minha frente. O outro lado reservei caso Álex aparecesse. Alan desconfiou e sentou-se na ponta oposta. Sarah reclamou com ele e ela sentou-se do meu lado.

Enquanto fazíamos o pedido, Evelyn entrou com Diego. O presente escolhido por ele foi meu próprio perfume.

Olhei por cima de seus ombros, um tanto inquieta, e logo perguntei onde estava Álex.

— Ele me deixou aqui e disse que ia dar uma volta e pensar se viria ou não.

Pedi um tempo a mais para o meu pai, na esperança de que Álex aparecesse. Liguei duas vezes para ele, mas não atendeu.

Alan sabia quem eu estava esperando e fez questão de apressar o pedido. Meu pai concordou.

Tiramos fotos e não pude deixar de notar que Diego sorriu por duas vezes, discretamente, quando Fernando e, depois, Alan contaram para meus pais sobre dois professores superestranhos que havia na faculdade.

Tivemos um jantar inesquecível.

Meu pai pediu que entrasse o bolo; em cima dele havia velas mágicas. Apagaram algumas luzes e começaram a cantar os parabéns. Fiquei envergonhada por todos os que estavam presentes no restaurante terem se juntado ao coro.

Fui apagar as velas e, enquanto as observava se apagar, novamente desejei, com toda a minha alma, que meu grande amor estivesse comigo.

Cortei o bolo e, sem perceber, Alan pegou glacê e passou no meu nariz. Acabou sujando meu rosto também. Fiz o mesmo com ele e com Sarah, que se esquivou e ficou com o rosto sujo. Todos riram. Enquanto cortava o bolo, Evelyn me cutucou. Álex apareceu na porta. Sorri.

— Mãe, acaba de cortar!

Caminhei até a porta onde ele estava parado me observando.

— Álex? Você veio! — não contive o sorriso no meu rosto.

— Não podia deixar de te dar um abraço pessoalmente.

Álex me abraçou apertado.

— Guardei seu lugar. Por que demorou tanto?

— Seu rosto está sujo — disse ele calmamente, limpando minha bochecha com o polegar.

— Vem, Álex! — Ele não se mexeu quando o puxei.

— Não vou entrar. Só vim mesmo porque não podia deixar passar.

— Por favor, fica?

— Não, Helen.

— Só por causa do Alan? Olha a distância que ficará entre vocês! Fica?

— Não vou me sentir bem e não quero estragar sua noite.

— Vai estragar se for embora. Fica?

— Toma — ele tirou uma pequena caixa do bolso da calça.

Fiquei receosa quando vi a caixinha. Quando abri era um exuberante anel com uma pedrinha.

— Álex, é lindo! Uau!

— Não se preocupe, não é um pedido de casamento — ele deu um pequeno sorriso.

— Adorei! — beijei o rosto dele.

— Deixa que eu ponho — ele colocou o anel no meu dedo médio.

— Muito lindo! Obrigada, estou sem palavras.

— Que privilégio, deixar a estudante de Letras sem palavras.

Meu pai chamou Álex para se sentar.

— Depois peço desculpas aos seus pais.

— Não, Álex! Fica, por favor. Por mim! Come só um pedacinho do meu bolo?

Ele ficou um tempo pensando, observando minha feição de súplica.

— Só cinco minutos.

— Isso! — dei um gritinho de alegria.

Álex cumprimentou meus pais e retribuiu o aceno de cabeça que Richard fez. Ele não olhou para Alan, que também ignorou sua presença. Sentou-se perto de Diego, no lugar que havia deixado reservado para ele.

— Olhem o anel que Álex me deu, pessoal! — falei esticando a mão.

— Nossa, Helen! É lindo mesmo — disse Evelyn observando de perto.

— Me deixa ver? — minha mãe pegou minha mão e olhou. — Você tem muito bom gosto, Álex!

— Espero que não seja um anel de noivado, rapaz — meu pai franziu o semblante com tom de brincadeira.

— Não, senhor Paulo. Não é — esclareceu Álex.

Observei que Richard não gostou.

Alan continuou comandando a conversa e contando histórias hilárias da faculdade. A conversa se dividiu. Álex ficou ouvindo e comentando casos com meus pais, Diego e Evelyn.

No meio da conversa, Richard veio por trás e sussurrou no meu ouvido que precisava falar comigo. Caminhamos para a área aberta do restaurante. Ele sorriu e me estendeu o celular, parei de respirar.

— É para você — senti um frio gelar a espinha.

— Quem é? — perguntei ansiosa.

— Ele só quer lhe desejar feliz aniversário.

— Não posso — sussurrei estremecida.

— Para com isso! Não custa nada, fale com ele.

Richard colocou o celular na minha mão e voltou para o interior do restaurante. Era difícil acreditar naquele momento, crer que Andrew esperava para falar comigo.

Suspirei fundo e fechei os olhos antes de falar.

— Alô?

— Boa noite, Helen. Que bom que resolveu falar comigo. — Como era linda sua voz e me desestruturava.

— Estou ouvindo.

— Queria te desejar feliz aniversário. Que seus dias sejam lindos, cheios de alegria e de sonhos conquistados. Deus abençoe você... linda. — Fechei os olhos para segurar as lágrimas.

— Obrigada por, por... t... ter ligado.

— Gostaria de estar com você.

Meu corpo tremeu ainda mais.

— Você gostou do presente? — perguntou.

— Que presente?

— Richard deve ainda te dar. Ligo para saber se você gostou. Posso?

— Acho que... que sim — suspirei fundo.

— Prince está aqui ao meu lado, ele quer desejar felicidades também. — Soltamos um pequeno riso juntos. — Adoraria vê-la sorrindo agora.

Engoli em seco, na esperança de que meu coração diminuísse as batidas.

— Helen?

— Preciso entrar, estou com alguns amigos e com minha família. Mais uma vez obrigada por ter se lembrado.

— Jamais me esqueceria...

— Boa noite.

Finalmente consegui relaxar os ombros, não fez muita diferença para amenizar a agitação interna, uma mistura confusa e ruidosa. Olhei para o céu e tentei sugar aquela brisa tranquila, desejei estar serena como ela.

Quando voltei percebi que Álex havia ido embora. Fiquei com o semblante triste. Meus pais ainda estavam sorrindo dos assuntos que Alan contava.

— Álex disse que precisava ir — falou Evelyn com a expressão triste.

— Que pena ele ter ido embora.

Diego resolveu ir com o amigo.

Richard veio e sentou-se onde Álex estava.

— E aí? Como foi a conversa?

— Foi boa — entreguei o celular a ele.

— Ele mandou um presente para você.

— Onde está?

— Depois te dou, não queria dar na frente de todos. E... eu tenho algo para contar.

— Me diz então! — exclamei ansiosa.

— Conto depois.

— Ah, não! Fala agora!

— Depois. Prometo.

Ele levantou-se rápido, tentei segurá-lo pela camisa, mas ele esquivou-se rindo.

Foi linda minha noite. Jamais imaginei que fosse ouvir a voz de Andrew naquele dia.

Andamos até o estacionamento do restaurante. Fui até a picape de Richard, enquanto meu pai ainda contava casos engraçados para Alan e seus amigos.

— Richard, me conta logo o que aconteceu!

— Primeiro, toma — ele pegou um embrulho de dentro da picape e me deu.

— O que é? É um pouco pesado!

— Não faço ideia, ele não me disse.

— Mas me diz logo! O que tem para me contar? Estou curiosa!

— Ele não te falou nada?

— Sobre o quê?

— Helen — abriu um grande sorriso. — Andrew chegou hoje.

Fiquei imóvel olhando seu rosto. Meu corpo estremeceu. Meu rosto congelou. Depois de um tempo lembrei-me de soltar a respiração. Espremi os olhos reprimindo a vertigem sentida.

— Ele chegou hoje à tarde.

— Por quê? — soltei o ar de uma vez. — Por que ele não... não me disse nada?

— Ontem à noite ficamos sabendo que ele viria hoje.

Andrew em Florianópolis... se eu precisei de fôlego para acreditar que era ele ao telefone, eu precisaria de muita força, além do ar, para aceitar que ele estava tão perto de mim.

— Helen, ficamos em festa quando fomos buscá-lo no aeroporto hoje à tarde! Ele está tão bem!

Prince está enorme, nem vai reconhecê-lo.

— Richard... — meus olhos ficaram úmidos — como vai ser? Não estou pronta para reencontrá-lo!

— Ele também não está pronto para esse reencontro. A ideia inicial era ele vir, mas não consegui e ficou receoso de acabar estragando sua festa.

— Não sei o que vou fazer agora! Não vou conseguir nem dormir hoje!

— Você não olhou no identificador do celular?

— Não. Estava tão nervosa que não me atentei.

— Então ele ficou sem jeito de te dizer.

— O que vou fazer? Não sei se estou preparada para conversar com ele!

— Está, sim. Relaxa.

Voltamos para casa. Não consegui parar de pensar que ele estava tão perto. Pensei diversas vezes em pegar o carro e ir para Jurerê Internacional; a coragem era furtada pelos ressentimentos. Fui para meu quarto com os presentes que havia ganhado.

Coloquei-os em cima da cama e peguei a caixa que Andrew havia me dado. Era um belo embrulho com papel em relevo vermelho e um laço de fita branca.

Fui abrindo e não acreditei quando vi aquela câmera fotográfica. Era a que eu sempre desejei ter. Uma das mais modernas e profissionais, com quatro lentes extras. Era extravagante e desejada.

Dentro havia um cartão com balões na frente e um bolo.

Feliz aniversário, linda Helen!

Hoje é um dia muito especial, pois foi o dia que Deus escolheu para te trazer ao mundo, exatamente há 20 anos, para nos presentear com sua alegria, com seus talentos, com seus sonhos, com sua maravilhosa presença.

E, por um propósito que ainda tento compreender, você surgiu na minha vida, para encher-me de alegria, amor e fazer com que pudesse viver outra vez. Sei que perdi momentos de grande valor quando tive de deixá-la. Me perdoa...

Receba meu abraço, meu carinho, meus beijos e todo o amor que há em mim.

Parabéns!

Andrew.

Meus olhos ficaram carregados de saudade.

Peguei a câmera e tentei ligá-la. Como não consegui, dei uma olhada no manual. Primeiro tinha que aprender a montá-la. Adorava fotos, mas não entendia muito sobre manusear equipamentos profissionais. Sabia apenas que aquela era meu sonho de consumo. Teria de pesquisar muitos tutoriais na internet.

Tomei banho e coloquei o pijama. Deitei-me na cama e mais uma vez reli o cartão dele.

Meu celular tocou. Olhei o identificador, era o número do celular de Alan.

— Alô?

— Acordei você? — Era ele!

Ai, meu Deus... Ele voltou! É verdade! Uma incrível verdade!!!

— Não.

— Queria saber se gostou... do presente.

Controlei a respiração agitada, como também tentei cumprir a tarefa tão difícil de conversar naturalmente.

É ele! Ele está novamente perto de mim!!!

— Não posso aceitar... é um equipamento de muito valor.

— Vou ficar muito triste se não aceitar.

— Tudo bem. É que só nos meus sonhos, nos sonhos distantes... eu, eu sonhava com uma dessas.

— Você merece. Então gostou?

— Adorei...

— Helen, eu... — o ouvi suspirar fundo — Como sabe, cheguei hoje de viagem...

— Soube... Richard me disse.

Eu não posso acreditar! Como esperei por isso!

— Queria ter contado, mas não queria estragar sua noite, me desculpe.

— Tudo bem.

— Queria... — ele parecia nervoso. — Se você puder, queria conversar com você. Preciso te ver.

A garganta ficou seca, podia ouvir meu coração batendo, quase saindo de mim.

— Não sei se estou preparada...

— Helen, eu preciso te ver, e saber que está tão perto de mim me deixa louco! Preciso te ver amanhã!

Meus olhos ficaram úmidos.

— Não sei se... se estou preparada para me... me encontrar com você.

— Também não estou! Mas preciso vê-la, conversar com você. Preciso esclarecer alguns fatos.

Helen... te quero de volta na minha vida.

— Estou com medo...

— Eu também! Mas ele não tira a vontade que estou sentindo de te ver. Minha vontade agora era de ir a sua casa! Meu Deus! Como eu preciso te ver!

— Eu... eu... não... não sei se... se estou preparada para te reencontrar!

— Preciso te encontrar!

— Não posso.

— Pode sim! Vamos nos ver amanhã? Não diga que não! Me dá uma chance?

— Me deixa pensar, não posso... não estou preparada...

— Por favor, Helen?

— Preciso pensar, estou confusa.

— Não precisa ficar confusa. Preciso te ver.

Silêncio.

Não estava preparada para encontrá-lo. Por mais que eu estivesse perdendo as forças de tanta saudade, estava com muito medo de vê-lo, de novamente sentir tudo outra vez. Medo do futuro, de concordar com minha vontade, ele era tudo que eu queria.

— Helen?

— Oi.

— Amanhã eu ligo para você, me diz que sim.

— Vou pensar. Tchau...

Encerrei a chamada. Meu ser estava totalmente desajustado com a verdade de que ele havia voltado! Meu coração me lembrou que também estava à espera dele.

Custei a dormir, revirei-me na cama. A presença dele me fez contar os minutos, vi as horas passarem, talvez elas estivessem à espera da minha conclusão. Conclusão tal, que nem mesmo eu sabia qual seria.

Brisa suave

Richard me ligou cedo, logo percebeu o quanto estava nervosa. E não escondeu sua alegria pelo tão esperado dia ter chegado. Insistiu que eu fosse ao encontro de Andrew.

Na hora do almoço, quase não toquei na comida. Não pensava em nada além dele. Contei cada minuto do meu dia. Não fiz nada, apenas esperei Andrew me ligar.

Subi, escovei os dentes e deitei sobre a cama. Não demorou muito e vi um número de celular me chamar. Olhei o visor e era o número de Richard. Sentia calafrios quando disse um medroso “oi”.

— Oi, Helen.

Por alguns instantes ouvimos apenas nossas respirações.

— Pensou no que conversamos ontem? — foi direto.

Refleti naquelas palavras que soavam para mim como um convite de volta ao mundo dos sonhos, como também um ingresso para o mundo das incertezas.

— Não estou preparada para encontrá-lo.

— Preciso ver você.

— Não posso...

— Reservei um lugar no Píer 54. Por favor, vamos?

Uma longa pausa.

— Helen?

— Estou com medo... — falei angustiada.

— Não tenha medo.

— Mas tenho.

— Rubens irá passar na sua casa às seis. Quanto antes melhor.

— Não precisa, Andrew.

— Andrew? — parecia sorrir de uma forma triste. — Quanto tempo não ouço você dizer meu nome... Não deixe de ir.

Encostei a cabeça na parede e mordi os lábios. Houve silêncio, minha alma estava aflita, meu coração queimava de saudade e doía de rancor. Olhei para o lado de fora, o céu estava com nuvens e o sol mostrava-se fraco entre elas. Do outro lado do telefone, apenas o silêncio, imaginei que ele estivesse esperando minha decisão. Lembrei do inverno pelo qual passei. Corria o sério risco de sofrer daquela forma novamente. O futuro não tinha nada certo, não estava mais no meu controle. Concluí que ele não tinha o direito de entrar e sair da minha vida quando quisesse. Era o momento de tomar a decisão mais difícil da minha existência e que, de modo certo, nunca mais faria dela a mesma.

— Andrew... tenho pensado muito em tudo... Eu não irei nesse encontro.

— Helen, precisamos conversar.

— Até esta madrugada eu achava que sim. Talvez, nem eu acredite no que vou dizer, mas... nosso tempo acabou.

Senti uma navalha entrando no meio do meu peito, arrancando minha respiração. Desfiz o nó da garganta, engolindo o ar. Houve silêncio por alguns segundos. A lembrança dele partindo me fez novamente duvidar de que pudesse existir algo concreto.

— Helen, nosso tempo não acabou — a voz dele mostrou-se diferente, distante, sem vigor. — Apenas voltei por sua causa. Mesmo que eu não mereça, pelo que vivemos, vamos conversar pessoalmente?

— Não posso te reencontrar.

— Por quê?

— Porque não quero passar pelo inverno de novo. Hoje não estou pronta para te perdoar.

— Vamos conversar, por favor?

— Não insiste. Não é o tempo.

— Eu só vim por você! Por favor, reconsidere! Precisamos disso!

Meu corpo arrepiou-se, minhas forças se foram. Apoiei-me na janela e, ao abaixar a cabeça, as lágrimas saíram dos meus olhos. Não sabia mais distinguir se era a voz do meu juízo ou da minha alma, ela repetia seguidamente que eu não deveria aceitá-lo em minha vida. Meu coração agitava-se, como se quisesse gritar o contrário. Decidi calá-lo definitivamente. Não daria ouvidos a ele.

— Não irei ao encontro.

— Helen, não me sinto no direito de exigir ou pedir nada a você. Só lhe devo desculpas por tudo que causei. Mas, se esta é sua última palavra, não tenho mais nada aqui em Florianópolis.

Uma luta assolava meu interior, o medo me paralisou e a dor venceu.

— Não estou pronta. Não posso ir.

— É sua última palavra?

Não devia ser, mas precisava.

— Acabou. Não posso mais arriscar minha vida. Preciso de um tempo para pensar.

Nos instantes seguintes, o silêncio nos sentenciou àquela decisão.

— Espero que um dia possa me perdoar.

— Preciso desligar.

Subitamente tirei o celular do ouvido e encerrei a chamada. Minhas mãos tremiam e minhas pernas não mais me sustentavam. Escorreguei pela parede e a dor impediu de externar minhas lágrimas e os lamentos. Eu não acreditava que aquilo havia acontecido. Por um longo tempo fiquei pensando em tudo que aconteceu. Era o que devia ser feito. Não suportaria sofrer como sofri. Com Andrew morando em Florianópolis de novo, não teria tempo de me preparar para aquele encontro ou quem sabe me acostumar com a certeza de que ele havia voltado.

Consegui me levantar do chão e sentei-me na cama. Caí de costas e fiquei encolhida olhando pela janela, vendo o tempo passar.

Passaram-se algumas horas e eu continuei no mesmo lugar. Olhei para o criado-mudo e estiquei-me para pegar minha agenda. Sentei-me e comecei a folhear os dias de inverno. Quantos lamentos, quanto sofrimento. Olhei as datas, era o meu passado.

Sarah entrou no quarto, logo perguntou o que havia acontecido; relatei de forma pausada e pensativa. Parecia uma história que não existiu, eu mesma não acreditava nas palavras que dizia, a perplexidade de Sarah era extravagante em suas feições.

— Não posso acreditar! — ficou de frente para mim assustada.

— Não é a hora...

— Pelo amor de Deus, Helen! — ela segurou meus ombros com força. — Sempre é tempo de escolher perdoar! Acorde! — suas mãos pesaram em meus ombros. — Perdoe Andrew! — ela encarou-me os olhos. — Você vai perdê-lo! Pelos céus! Ligue para ele!

Abaixei a cabeça e fiquei sem foco olhando as frases na agenda, e dentre tantas, uma saltou aos meus olhos: “Há tempo para todo propósito debaixo do céu”.

Meu Deus, o que eu estava fazendo com minha vida?! Eu não podia perdê-lo de novo. Eu deveria ouvi-lo pelo menos uma vez. Parei de me defender, ou achar argumentos que me tornasse o lado certo naquela história. Andrew era minha essência e, por mais que eu estivesse magoada com ele, queria vê-lo, tocá-lo, sentir o seu perfume. Ele havia voltado. Era o que mais tinha desejado nos últimos tempos.

— Vou atrás dele! — falei convicta e corajosa.

— Isso! — ela mostrou um grande sorriso. — Vai! Vai, porque vocês precisam!

Corri até o guarda-roupa e peguei minha jaqueta cor rosa claro. Troquei de blusa rapidamente. Coloquei a calça jeans, afobada, penteei os cabelos enquanto Sarah separava minhas botas e procurava apressada sobre minha cômoda a maquiagem, como batom e blush. Sorri nervosa quando ela abaixou-se para passar blush nas minhas bochechas, enquanto calçava a bota.

Passei o lápis nos olhos e ela borrifou perfume em mim. Meu coração agitou-se e, sentindo uma felicidade nova, respondi em pensamentos que iria ouvi-lo daquela vez.

Sarah me entregou a bolsa e as chaves do carro. Desci as escadas correndo e apenas respondi à minha mãe que Sarah explicaria.

Entrei no carro e a adrenalina já tomava conta de cada pedaço do meu corpo. Coloquei o cinto. Mordi o lábio e sequei uma lágrima confusa que desceu, não sabia se era de felicidade ou medo. Apertei o menu e a pela primeira vez, depois de tanto tempo, escolhi nossa play-list, aumentei o volume. Tentei prestar atenção no caminho, mas a ansiedade de encontrá-lo era mais forte.

Nunca desejei tanto que a estrada até Jurerê Internacional fosse menor. Acelerei pela primeira vez acima de 140 por hora. Ao entrar na Avenida Búzios, minha respiração era fraca e a sentia presa no peito.

Parei na frente da mansão. Por alguns minutos tentei encontrar o movimento natural da respiração. Olhei para a casa e mais lágrimas encheram meus olhos. Andrew estava ali, tão perto, a realização do meu pedido de aniversário no dia anterior e de todas as noites silenciosas em que sofri por ele.

Desliguei o som e saí vagarosamente do carro. Meus passos eram avaliados e decididos, sempre depois de uma corrente impetuosa de pensamentos.

Minha mão cintilava impaciência e medo quando toquei a campainha. No meu peito, nada conseguia conter meu coração possuído de frenesi. Minha respiração não estava ajudando em nada. Soltei o ar quando Vivian abriu a porta.

— Helen?! — declarou surpresa.

— E... eu...

— Helen! O que está fazendo aqui?! — ela interrompeu. — Andrew já foi!

Não consegui raciocinar e tentei encontrar algum pensamento óbvio, com os olhos perdidos em lugar algum.

— Andrew saiu com os meninos! Ele foi para o aeroporto!

Dei passos amedrontados para trás, meu coração brecou. Vivian estava espantada como eu e segurou minhas mãos, tentando me fazer andar para o carro.

— Vai atrás dele! Ele se despediu de nós! Vai voltar para São Paulo no voo das 17h! — ela me conduziu até o carro. Meus pensamentos começaram a juntar-se, confirmando aquela notícia.

A sanidade veio como um relâmpago sobre mim.

— Não posso perdê-lo de novo...

— Vai! Ouvi ele dizer que não irá mais voltar!

Corri até o carro e, agitada, procurei minha bolsa. Revirei-a procurando o celular. Minha mão tremia ao segurá-lo, vi diversas chamadas não atendidas. Entre elas, uma de Richard. Liguei no mesmo instante, ele não atendeu, caiu na caixa postal; falei angustiada para ele me retornar. Droga! O rádio havia abafado a campainha do toque.

Joguei o celular no banco e acelerei em direção ao aeroporto Internacional Hercílio Luz. Tentava não olhar o relógio, só um milagre me faria chegar a tempo.

Tempo... eu devia acreditar que o tempo estava ao meu favor.

Não tinha o costume de falar ao celular enquanto dirigia, mas liguei incansavelmente para o celular de Richard e Alan. Os dois apenas chamavam.

Cinco minutos! Apenas cinco minutos para chegar. Foi quando meu celular tocou. Meu corpo ficou rígido de nervoso ao ver o nome de Richard.

— Helen?

— Richard! Cadê Andrew?!

— Por que está ligando?

— Diz que está com ele?!

— Estou indo para a casa dos meus pais.

— Cadê ele?! — supliquei desesperada.

— Embarcou há vinte minutos. O que está acontecendo? Onde você está?

— Richard! Não posso deixá-lo ir! Não sei onde estava com a cabeça quando deixei isso acontecer!

— Você devia ter pensado antes. Ele não vai voltar mais.

— Eu sei! Mas vou tentar consertar!

— Onde você está? Vamos conversar?

— Não posso falar agora!

Joguei o celular de lado e acelerei ainda mais. Consegui soltar o ar quando avistei a entrada do aeroporto. Freei no início da parada de táxi. Não tinha tempo de estacionar. Peguei a bolsa e num salto saí do carro. Antes de sair correndo, ainda pude ouvir um dos taxistas dizendo que eu não podia estacionar naquele local.

Corri sem pensar, completamente desesperada. Procurei o painel de *led* com os horários dos voos. Meus olhos passavam rápido pelas letras, procurando o voo para “São Paulo”. Lá dizia: “Embarque imediato”.

— Meu Deus...

Olhei a fila da companhia, estava grande. Corri até lá e, totalmente fora de mim, parei bruscamente na frente de uma cliente que estava sendo atendida.

— Por favor, é urgente! Desculpe! — falei ao mesmo tempo para a passageira e para a atendente. A senhora do meu lado assustou-se, mas não fez comentários, parecia bem curiosa para minha visível inquietação.

— Em que posso te ajudar? — a atendente perguntou amedrontada.

— O voo para São Paulo! Eu preciso estar nele! É caso de vida ou morte! — precisei apelar. Meu corpo tremia por inteiro.

— Desculpe, senhora, mas não podemos mais vender passagens para esse voo. Pode esperar o próximo que...

— Não pode ser o próximo! — bati no balcão impaciente e descontrolada. — Precisa ser nesse!

— Desculpe, mas não posso ajudá-la. E, mesmo que pudesse, o voo saiu completo.

— Por favor, me ajude! — supliquei com os olhos emaranhados quando vi que alguns seguranças da companhia moveram-se atrás do balcão.

A atendente ergueu as sobrancelhas e olhou o computador. Tentei controlar o nervosismo, mas, naquele momento, foi uma tarefa quase impossível.

— Desculpe, mas, como havia dito, o voo está lotado.

— Existe um passageiro nesse voo que não devia estar! Se ele for, possivelmente não o verei mais! Avise o comandante que ele não deve ir!

— Calma, senhora. Não podemos fazer isso.

— Faça alguma coisa! Vocês devem saber como falar com alguém lá dentro! — a voz foi atrapalhada pelo choro.

Um funcionário aproximou-se e sussurrou algo no ouvido da funcionária.

— Desculpe, mas todos embarcaram. Não posso ajudá-la, por favor, compreenda. A nave já está na pista. Sinto muito.

Meus olhos vaguearam apressados. Corri para o segundo andar do aeroporto, pedindo a Deus que o avião não decolasse.

Trombei com algumas pessoas no caminho. Alcancei a parte de vidro do aeroporto e vi a aeronave da companhia aérea posicionando-se para decolar. Minhas mãos desceram pelo vidro na impossível tentativa de impedir aquele voo.

E assim ele partiu.

Minha vida estava indo embora novamente. Meus questionamentos eram apenas um: por que eu tinha feito aquilo?

Durante longos minutos observei o avião afastar-se, até sumir completamente.

Mais uma vez havia perdido meu coração.

Afastei-me do vidro totalmente aniquilada. Sentei-me na cadeira e não tive forças para chorar, muito menos para continuar vivendo. O que temi foi ainda pior, seria impossível daquela vez viver com minha escolha.

O celular tocava incansavelmente na bolsa. Ao pegá-lo, senti um ar de esperança, que não perdurou muito depois de Richard me trazer a revelação destruidora:

— Andrew não ficará em São Paulo.

— Como assim?!

— Hoje mesmo ele fará conexão para Itália.

— Itália?!

— Ele vai visitar sua família e passará um tempo por lá — um sofrimento insondável dominou meu interior. — De todas as formas tentamos convencê-lo a não ir, mas... ele não aceitou. E agora, reconheço que ele precisa desse tempo.

— Está me dizendo que Andrew vai para a Itália passar um tempo lá?!

— Você devia ter pensado em tudo isso, Helen. Como sempre, precipitada — brigou.

— Vamos no próximo voo! Por favor?!

— Dê esse tempo ao Andrew. Quando ele voltar para São Paulo, tentamos esse encontro. Mas, por enquanto, deixa ele ir.

— Richard! Está pedindo que eu deixe Andrew ir embora! Liga para ele! Diz para ele não ir! — implorei impaciente.

— Helen, dá esse tempo agora. Depois conversamos sobre o assunto.

— Sei que está chateado comigo, mas me ajuda! Estou arrependida de não ter me encontrado com ele! E depois será tarde demais! Ele já estará indo para Itália! Liga pra ele!

— Ok, darei o recado se ele me ligar. Mas, prepare-se, ele não está com celular e pode ser que embarque sem ligar.

Minha última esperança.

Sarah me ligou, Alan tinha chegado à minha casa. Falei que daria uma volta e mais tarde ligaria.

Busquei o restante de força e levantei-me para ir embora. Andei lentamente, arrastada pelo desânimo e pela lembrança da partida. O taxista que falou comigo aproximou-se e disse que não deixou o reboque levar meu carro e me entregou o papel da multa. Agradei sem entusiasmo e entrei no carro. Lágrimas escorriam do meu rosto, sentenciando minha escolha absurda.

Passei pelo centro e ao longe avistei o Píer 54, o lugar onde ele estaria esperando por mim. A noite que poderia mudar minha vida. Precisava me despedir daquele momento e tentar amenizar só um pouquinho da dor, vivendo o que ele havia preparado para mim. Entrei no primeiro retorno, voltando ao Píer.

Quando desci do carro, avistei a ponte Hercílio Luz iluminada. O sol deixou aquela magnífica cena de cores, o iniciar da noite e o alaranjado escuro do declinar da tarde. Havia uma leve brisa de primavera. Olhei o relógio, eram seis e meia. Na portaria do restaurante uma recepcionista muito elegante e educada perguntou meu nome. Pensei em justificar, dizendo que não sabia se havia reserva, mas logo ela achou meu nome e, para minha surpresa, não havia sido cancelada. Ela disse que a mesa estava reservada no segundo ambiente, onde já se ouvia o som de uma linda música tocada ao piano. Ela foi me conduzindo para o interior do restaurante, que era fino e aconchegante.

Poucas mesas elegantemente arrumadas. Ao ver nossa mesa vazia, meu coração sumiu. Sentei-me na cadeira e observei à que ele deveria estar. Delicadamente passei os dedos sobre o guardanapo e alguns talheres. Mais lágrimas encheram meus olhos. Levantei-me e andei até o parapeito feito de madeira. Avistei a ponte e uma brisa suave passou e tocou meu rosto. Fechei os olhos.

Era difícil aceitar o fato de que ele tinha partido e que naquele momento deveríamos estar juntos. Inspirei o ar e um cheiro conhecido encontrou meu olfato; tive a convicção de que alguém estava se aproximando. Meu corpo tremeu e meu coração acelerou, parecia bater sem intervalos. Nunca havia sentido tanto medo de abrir os olhos.

Busquei o ar e espremi ainda mais as pálpebras.

Tinha alguém do meu lado, uma certeza, havia um perfume no ar, uma lembrança inesquecível, aquele perfume, a identidade dele. Abaixei a cabeça e abri os olhos. Um pavor me paralisou: no meu

campo de visão, do lado esquerdo, avistei uma pessoa, eram sapatos pretos e não duvidei de que era um homem parado. Agarrei-me à madeira na minha frente, procurando segurança. Não podia ser o Andrew! Não tinha cadeira de rodas! Um espanto tomou conta do meu corpo e dos meus sentidos. Só tinha uma saída, olhar para o lado.

Levantei a cabeça de olhos fechados e lentamente os abri. Uma sensação de que eu acordei para viver meu sonho mais desejado. Virei o pescoço para o lado esquerdo e o mundo parou. Tudo ao meu redor perdeu seu valor.

Era ele...

De repente meu coração parecia ter sido arrebatado, tentando compulsivamente bater no meu peito apertado. Parecia querer fugir e encontrar a liberdade tão desejada. Em seguida neguei convicta em pensamentos, não podia ser ele. Repentinamente minhas pernas perderam o vigor, elas não conseguiram me sustentar. Chocada, dei passos incertos para trás como se fosse cair. O impacto foi tão forte que me equilibrei no parapeito. Fortaleci as pernas fracas e novamente me ergui.

Ele me viu.

Meus olhos se prenderam aos dele e fui cativada por aquela visão. Tudo ficou diferente quando tive a certeza de que aquele diante de mim era Andrew.

Ele estava com a mão esquerda no parapeito e continuava a me olhar sem se mover. Notei claramente as enormes mudanças. Tinha os cabelos de volta e estava em pé, sem nenhum sinal da cadeira de rodas! O conjunto de fatores fez meu coração quase parar. Fiquei estática.

As lágrimas escorreram pelo meu rosto. Ele estava simplesmente lindo! Nenhum dos meus pensamentos conseguiu passar perto de acertar a beleza que meus olhos estavam contemplando! Com os cabelos curtos, mais forte, vivo! Todo o meu ser se apegou àquela imagem. Ele estava como nas fotos antigas, maravilhoso, único... absoluto demais! Apaixonei-me por ele de novo...

Não sabia o que fazer, fiquei imobilizada diante de sua beleza. Meu coração estava inerente a ele. Todo o amor que havia dentro de mim enfim encontrou o alvo certo.

Ele veio se aproximando sem desviar seus olhos dos meus. Lembrei-me de respirar quando senti que ia perder os sentidos. Se a princesa Lia tivesse sido real, saberia exatamente o que ela sentiu quando viu o príncipe Yáh no dia da sua coroação. Com uma camisa social grafite, calça jeans escura e um blazer por cima, simplesmente único!

Fiquei zozna quando ele deu alguns passos em minha direção. Por pouco não desmaiei, minhas pernas tremiam diante dele. Andrew pegou minhas mãos suadas e trêmulas e as beijou, fechando os olhos.

Minhas lágrimas continuavam a descer uma após outra. Ao seu toque meu coração bateu ainda mais frenético, apressado. Minha respiração era pausada e por diversos momentos pensei que teria um ataque alucinante de espasmo diante daquela beleza incomum.

Ele não soltou minhas mãos. Seus olhos estavam úmidos, como se fosse chorar a qualquer momento.

Lindo, lindo, lindo... Era a única palavra que definia quem ele era.

— Como é bom te ver.

A voz dele... Parecia um conto de príncipe encantado.

Andrew continuou segurando minhas mãos, abaixou-as, aproximou-se lentamente e beijou meu rosto. Fechei meus olhos e, ao sentir seu cheiro, não sabia mais o que poderia acontecer.

Ele me puxou e me abraçou apertado. No carinho do seu abraço, retribuí com força e nos perdemos no tempo. Ele me envolvia carinhosamente em seus braços e acariciava minha cabeça apertando contra seu pescoço.

— Senti tanta saudade de você — ele me disse emocionado.

O choro guardado há tanto tempo saiu. Andrew me apertou mais forte.

Chorava sem interrupções, apertando-o com força, segurando seu blaser e puxando-o para mais próximo de mim. Por nada o deixaria sair de perto. Ele tentava me acalmar com seu abraço, eu soluçava em meio a tantos sentimentos perdidos.

Segurou meu rosto com as duas mãos, seus olhos ainda estavam com lágrimas; ele me beijou, suave e cheio de carinho. Ao sentir seu beijo senti a cumplicidade dos nossos sentimentos tão autênticos. Da pureza do nosso interior sendo esculpido por seus lábios apaixonados, fixando no interior de cada sentimento meu a certeza do seu amor declarado, de que eu queria estar ao lado dele pelo resto da minha vida! Seu beijo me consumiu. Não me achava naquele momento, todas as sensações eram extremas, fortes e pareciam marcar com força cada segundo.

— Helen... — continuou segurando meu rosto. — Eu amo você. Me perdoa?

Era muito improvável que conseguiria dizer alguma coisa, ou tentar expressar a loucura de todos os sentimentos guardados há tanto tempo dentro de mim, que possuíam apenas um lugar de transpor, na presença do homem que escolhi para amar por toda a minha vida.

— Andrew... — afastei-me e ele secou meu rosto. — Você está tão diferente...

— Estou menos feio — ele deu um pequeno sorriso.

— Você é... — toquei o rosto dele — tão lindo...

Segurei as lágrimas com minhas expressões.

— Você está linda — declarou e acariciou meu rosto. — Não posso acreditar que você está aqui...

Lentamente toquei seus lábios, suas novas feições tão diferentes.

— Seus cabelos cresceram...

Deslizei os dedos em seus cabelos macios e escuros. Não me contive em redesenhar os novos traços do seu rosto, que ainda não conhecia. Minha mão tremia. Estava completamente encantada por ele! Precisava conhecer por fora aquele novo Andrew, apenas conhecido por meus sonhos.

— Você é mais lindo do que tudo que já vi. Sua pele... — toquei o rosto dele, a pele dele era morena-clara e reluzia. Percorri seu rosto com meus dedos, extasiada.

Não pude resistir, ele era a pessoa mais desejável do mundo inteiro. Puxei-o pela nuca e beijei-o com força. O gosto das minhas lágrimas encontrou o nosso paladar. E o nosso amor parecia nos envolver em um delicioso afago. Seu beijo era fogo, destinado a me prender mais a ele, eternamente.

Afastamo-nos e ele tocou meu rosto; arrepiei-me com o seu toque.

— Conte os dias pelo momento em que veria seu rosto... sonhei com ele e não posso negar que fiquei ainda mais apaixonado quando o vi hoje. Estou muito feliz por te encontrar aqui.

— Você não foi...

— Não poderia ir sem antes te ver.

— Andrew — abaixei a cabeça.

Segurou meu queixo e levantou minha cabeça de novo.

— Me deixa provar tudo que sinto por você?

Antes que eu falasse algo, ele me envolveu em seus braços e me beijou novamente.

Sempre soube do amor que sentia por Andrew, era tão forte que aqueles instantes ainda não pareciam reais. Uma suavidade nos envolvia, com a sutileza de um desejo guardado e cuidado pelos nossos sentimentos de dedicação um pelo outro. Desejei todo o bem que pudesse imaginar para ele.

Afastei-me do seu abraço e olhei em seus olhos.

— Você não usa mais a... a cadeira? — perguntei muito emocionada.

— Linda, tenho tantas coisas para contar — ele me abraçou. — Mas não quero que saia de novo daqui.

Seu abraço eternizava o tempo para mim.

— Vem, sente-se aqui — puxou a cadeira para eu me sentar. Trouxe a outra cadeira para mais perto de mim e sentou-se.

— Ainda não posso acreditar que isso seja real — neguei com a cabeça, colocando a mão na boca.

— Não faço ideia por onde começar.

— Também não sei — não consegui desviar meus olhos dele.

Andrew estava desconcertado e eu ainda mais.

— Vamos fazer o pedido agora?

— Não estou com fome.

— Preciso que você me perdoe — ele segurou minhas mãos. — Nunca devia ter te deixado.

— Isso ainda dói...

— Não queria te fazer sofrer.

— Você me arrancou da sua vida, como... como se eu... eu não tivesse importância!

— Jamais quis que parecesse isso! Helen, não tive escolha!

— Sempre há uma escolha! A vida sempre mostra dois caminhos. Não me iluda dizendo que não tinha opções! Você nem sequer me disse adeus! — falava entre dentes, meu peito doía.

— Não chore — limpou meus olhos. — Isso me machuca, não mereço nenhuma de suas lágrimas — ele secou meus olhos.

— Por que você nunca me ligou?

— Não queria magoá-la mais, não queria ouvir você chorar... te fazer sofrer. Pensei que me esqueceria, não queria te iludir, mas me enganei. Fiz você sofrer, a machuquei e quase a perdi. Me

perdoa?

— Andrew, chorei dias por você! Todos os dias esperava você me ligar ou, quem sabe, aparecer! Mas você não apareceu! Me deixou!

— Helen... — ele apertou com força minhas mãos. — Não queria ter feito o que fiz. Mas tive de fazer.

— Por que teve de fazer?!

— Pedi que meus amigos não te contassem, eles não tiveram culpa, não queria vê-la sofrer.

— Sofri do mesmo jeito! Não adiantou nada!

— Sinto muito.

— O que aconteceu, Andrew? Houve algum outro motivo?

Ele ficou em silêncio.

— Me diz? — minha dor saltava para as expressões do meu rosto.

— Fui enganado, Helen.

Fiquei paralisada diante daquela revelação. Pasma, limpei o rosto e fiquei olhando em seus olhos.

— Quando acordei do coma, o doutor me falou sobre o tratamento em São Paulo. Disse que não queria ir, mas ele me falou que se eu não fosse estaria assinando minha sentença de morte — as lágrimas escaparam dos olhos. — O tempo em que fiquei internado, por pouco, foi meu fim. Os médicos me enganaram, me deram apenas dois meses de vida.

— Por que não me disse isso? — bati na mesa com fúria. — Eu ficaria com você!

— Não queria que você sofresse! Não entende? Não queria vê-la se apegando ainda mais a mim e, depois disso, bruscamente, eu ter de partir!

— Você ia morrer?

— Perdi o chão, perdi as esperanças. Tive que ir, mesmo não querendo!

Limpei os olhos, atordoada com a revelação.

— Precisei ir. Sei que deveria ter contado, mas achei que fosse realmente morrer! Você tinha sua vida, suas escolhas! Não queria te dar duas opções de dor, me entende?

— Devia ter me dito — sussurrei.

— Me perdoe...

— E o tratamento mudou o que dessa sentença, Andrew?

— Fui para São Paulo e, depois de muitos exames, a junta médica constatou que meu câncer era irreversível; ele estava me consumindo ainda mais por dentro. Confirmaram que eu teria apenas dois meses de vida e que o tratamento me daria a chance de viver melhor os últimos dias.

— Você não podia ter feito isso comigo. Ficaria ao seu lado até o fim!

— Fiquei desesperado não pelo fato da morte, pois sempre convivi com essa espera, mas pelo fato de que nunca mais estaria com você e meus amigos.

— E como foi o tratamento?

— Doloroso. Foram os piores dias da minha vida. As duas primeiras semanas foram tenebrosas, só consegui ficar um pouco melhor depois daqueles dias.

— Por que não me disse nada?

— Não queria vê-la chorar como vi naquela noite em que me despedi de você.

Um garçom apareceu e perguntou se íamos fazer os pedidos.

— Traz o principal — disse Andrew.

— Não estou com fome.

— Está aqui, Helen. Não me negue este momento.

Dei um profundo suspiro e soltei de uma vez.

— Pode ser o mesmo que o seu.

O garçom saiu e minha cabeça ainda rodopiava tentando assimilar todas aquelas informações.

— Por que Richard e Alan nunca tocaram nesse assunto? — indaguei.

— Pedi para não falarem.

— Andrew, você não podia ter ido embora sem me dizer essas coisas.

— Só quis evitar sofrimentos na sua vida! E como você ficaria se soubesse que eu iria morrer?

Tive de abrir mão de você, porque não queria interferir nos seus planos, nos seus sonhos. Só quis protegê-la. Você sempre teve tantos sonhos, eu não me encaixava em nenhum deles.

— Você era o maior deles... Devia ter me deixado escolher. Você era meu plano, meu sonho.

— Mas agora tudo acabou! Vamos ficar juntos.

— Não sei... sofri tanto. E se você resolver partir de novo?

— Isso não vai mais acontecer! — respondeu com um tom irritado.

— Como tem certeza disso?

— Precisa confiar em mim.

— Eu confiei.

— Pessoas erram, Helen.

Andrew emanava beleza e encantamento. Meus olhos me traíam, me faziam esquecer de tudo.

— Sofri muito com sua ausência, foi tão ruim.

— Deus teve um propósito com tudo isso.

Surpreendi-me quando ele falou o nome de Deus.

— O que disse? — franzi o cenho, surpresa.

— Durante o tempo em que estive longe, embora com muitas dores físicas e emocionais, teve um lado bom. Deus tinha um propósito.

— Propósito? Tem a ver com o fato de não usar mais cadeira de rodas?

— Tem.

— Me conte, então! Você foi desenganado e o que aconteceu depois disso?

— Fiquei tão deprimido com a notícia, que nada trazia um ar de esperança. Então comecei a ler o livro que você me deu. A história de Davi me surpreendeu, um homem que errou tanto e ainda assim foi considerado alguém que agradava a Deus. Quando ele reconhece seus erros, percebe seu

estado lamentável de solidão. Alguns Salmos descritos naquele livro foram tão fortes, pareciam ter sido escritos por mim. Encontrei minha vida na vida de um músico, pastor de ovelhas. Ele falava sobre a sequidão dos seus ossos! Isso foi o cume. Como eu nunca li nada assim? Aquelas palavras atravessaram minha alma.

— Andrew? Mal... posso... mal posso acreditar que estou ouvindo estas palavras da sua boca! O que mais aconteceu depois?

— Queria falar com Deus o que estava dentro de mim, mas não conseguia, sentia tanta raiva dele... Mesmo não querendo admitir, sabia que Ele era minha única esperança. E numa manhã disse que se Ele me amava mesmo, assim como Ele amou e perdoou Davi, que me curasse, que me desse de novo a oportunidade de viver; e que se eu ganhasse essa nova chance, dedicaria todos os meus dias, todos os meus talentos para Ele.

— Você disse isso? — tapei a boca com as mãos. — O que aconteceu depois?

— O tratamento começou a fazer efeito — uma pequena linha em seu rosto fez um sorriso.

— Não posso acreditar! — chorei.

— Os médicos surpreenderam-se algumas semanas depois com a resposta ao tratamento. Ele ajudou, mas não tenho dúvidas que foi Deus. Ainda não posso correr ou ter impacto forte nas pernas, mas sei que vou viver algo completo.

— Estou tão feliz por você! Como foi o dia em que soube da notícia de que não usaria mais cadeira de rodas?

— Foi gradativo. Fui parando de usar aos poucos, comecei andar aos poucos.

— Ainda faz as sessões?

— São raras. Fiz apenas três nesse tempo. Foram mais intensas no começo e os efeitos já não causam tanto estrago quanto antes.

— Nossa! Mal posso respirar, estou sem palavras! Embora esteja feliz, foi uma alegria que não vi... — suspirei triste.

— Não fiz por mal... Durante esse tempo pensei em tudo que sempre me disse em relação à fé, à faculdade, até mesmo sobre meu pai... Necessitava desse tempo.

Houve alguns instantes de silêncio.

— Helen, você me perdoou?

— Para ser sincera, ainda estou muito ressentida, Andrew. Sofri muito por sua causa. Se você pegar minha agenda e ler, vai ver apenas suspiros de dor e lamentos.

— Sei que te feri. Não posso mudar o passado — ele era tão gentil. — Apenas tentar um futuro diferente, te pedindo perdão mais uma vez.

— Andrew... tenho tanto medo de você me deixar de novo — meus olhos ficaram úmidos.

— Não vou deixá-la — ele apertou minha mão. — Tive de fazer o que fiz. Eu te amo. — Fitei-o. — Você ainda... me ama?

— Sempre te amei...

— Vamos começar de novo?

— Tantas coisas aconteceram na minha vida durante sua ausência — desviei o olhar e abaixei a cabeça.

Assustei-me quando ele quebrou a taça de cristal apertando-a com a mão.

— Andrew? Você se machucou?

Peguei a mão dele, e notei que ficou um corte pequeno apenas. Peguei um guardanapo de tecido e a enrolei.

Seu olhar triste me deu uma fígada no peito. Rapidamente juntei tudo, lembrei-me que tais acontecimentos envolviam Álex.

O garçom trouxe nosso jantar e tirou os cacos da taça quebrada. Andrew me olhava fixamente sem expressões no rosto.

Não conseguiria comer, ainda tinha um nó em minha garganta. Ele fez o mesmo, não era apenas eu quem estava sem fome.

— Como está seu coração hoje, Helen? — perguntou com a voz firme.

— Meu coração sempre foi seu.

— Por que você ficou com aquele cara? — perguntou com tom grave.

— Sei que muitas coisas poderiam ter sido evitadas, menos o que aconteceu entre nós dois!

— O que mais aconteceu entre vocês? — seu olhar de reprovação estava me consumindo por dentro. Não conseguia sequer encará-lo.

— Apenas o que soube, Andrew — suspirei fundo. — Nos beijamos e namoramos... — engoli em seco — por poucos dias. Não daria certo.

Ele não se mexia.

— Andrew? Mesmo que não quiséssemos fazer o que fizemos, acabamos ficando empatados. Te magoei, você me magoou.

— Só vai passar no dia em que eu quebrar a cara desse Álex!

— Não, você não vai bater em ninguém. Ele não teve culpa sozinho. E, aliás, nenhum de nós dois! Você terminou comigo, lembra-se?

— Aí você não perdeu tempo?

Deixei o garfo cair no prato e levantei-me com raiva. Ele se colocou na minha frente.

— Você não estava aqui! Tinha esse direito!

— De devolver o que te fiz?

— Não, de ser feliz de novo! Eu também...

Antes que eu acabasse de falar, ele me puxou e me apertou em seus braços, segurou minha cabeça e me beijou. Seu beijo apaixonado, com uma pitada de ressentimentos, me fez esquecer da raiva que estava dentro de mim. Meu coração sabia o quanto chorei com saudades dos beijos dele. Eu não queria sair daquele lugar feito para eu morar.

— Vamos começar de novo?

— Ainda tenho tanto medo.

— Não tenha medo.

— Como ficam as coisas agora? Richard me disse que você iria para Itália!

— Não podia ir. Quero reconstruir minha vida com você.

— Confesso que fiquei arrasada quando vi o avião partir. Pensei que fosse morrer de tristeza.

Que bom que não foi...

— Foi até o aeroporto?

— Jamais pensei que você iria embora. Sarah entrou no quarto e me acordou daquela espécie de feitiço; quando concluí que podia ser verdade e eu podia te perder, saí como louca para Jurerê. Quando Vivian disse que você estava no aeroporto, apenas desejei que o tempo parasse. Meu coração deve ter parado de bater quando o avião decolou. Como sabia que estava aqui? Não posso imaginar que estávamos tão perto!

— Fiquei por muito tempo lá, pensando em você. Resolvi então ir à sua casa. Peguei um táxi e ao passar por aqui vi seu carro. Eu tinha certeza de que era o seu.

— Meu Deus... Mas e seu tratamento?

— Eles não me liberaram, mas eu precisava voltar.

— Mas se for preciso você voltar? — meu coração se apertou.

— Se for preciso você vai comigo — ele acariciou meu rosto.

— O que eu faço com o medo que estou sentindo dentro de mim?

— Deixa que eu cuido disso.

Andrew me abraçou e me beijou amavelmente.

Quando o olhei, fiquei extasiada de novo por sua beleza.

— Você é mais encantador do que as fotos antigas — eu ri. — Senti tanta falta de você — toquei seu rosto. — Do seu sorriso, dos seus olhos... da sua voz, do seu abraço, de tudo!

E nos abraçamos de novo.

— Ainda não vi seu sorriso, princesa.

— Ainda não me deu motivos para sorrir.

— Nem me vendo aqui com você e dizendo que te amo?

Abri o sorriso de felicidade, o tão desejado sorriso pelo seu retorno, e entrelacei meus braços em seu pescoço.

— Só queria que repetisse.

Deitei minha cabeça em seu ombro e dançamos a música que vinha do piano. Podia ver as flores da primavera nascendo dentro de mim, levando-me ao lugar que tanto esperei. Era como se uma manhã houvesse raiado, trazendo com ela um arco-íris depois de um tempo de chuva. Essa majestosa paisagem que passava na minha mente combinava perfeitamente com seu cheiro, do amanhecer. A doçura que havia na sua presença me encantava. A força do nosso amor ergueu-me. E o que era a força, senão o vigor que nascia de novo dentro de mim.

— Senti tanta falta do seu cheiro — ele cheirou meu pescoço e apertou-me em seus braços.

— Andrew, não posso deixar de dizer mais uma vez: você é lindo demais!

— Surpreendi você de novo?

— Você sempre me surpreende. Vê-lo assim, em pé, parece um sonho...

— É real — ele se afastou e olhou meus olhos.

— Não pode ser real tudo isso!

— Claro que é! Sinta... — Andrew me puxou pela nuca e nos beijamos.

Ele era uma maravilhosa verdade.

— Vamos dar uma volta? — disse sorrindo, fazendo carinho na minha cabeça. — Não me diga que já é tarde! Até meia-noite a Cinderela é minha.

A recepcionista quando nos viu veio em nossa direção.

— Foram bem servidos? — mal havíamos tocado no jantar.

— Fomos, sim — respondeu Andrew.

— Sentimos sua falta, senhor Andrew — mudei minha expressão quando percebi que ela estava muito interessada em saber se ele tinha sido agradado. — Esperamos o senhor mais vezes aqui.

— Sentimos sua falta, senhor Andrew — imitei-a debochando perto do ouvido dele.

— Fica linda com ciúmes — falou ele sorrindo. — Estava com saudade disso — ele tirou um cartão da carteira e jogou sobre o balcão.

— Vinha sempre aqui, Andrew? — apoiei-me no ombro dele.

— Às vezes — ele puxou-me para perto dele.

— E ela se lembra de você?

— Não tenho culpa, amor.

Revirei os olhos, ele me beijou.

Ao sairmos do restaurante deixei a emoção sair em lágrimas. Ao vê-lo andando, joguei as chaves para ele, que retribuiu com um sorriso que podia paralisar minhas pernas. Sarah me ligou e ouvi seus gritinhos de alegria quando sussurrei:

— Estou com ele, Sarinha — no meu peito só a alegria.

Fomos para a orla da Avenida Beira-Mar Norte. No caminho deitei-me no braço dele e quase adormeci em meio à paz que sentia ao seu lado. Como era bom sentir o que estava sentindo. Estacionamos e novamente fiquei maravilhada com o rosto dele. Andrew sempre foi tão carinhoso, ele fez carinho em minha mão e começou a cantar suavemente a música *The Reason*, de Hoobastank. Sua voz estava emocionada, o que me fez chorar, lembrando-me do inverno que passamos distantes.

“I’m sorry that I hurt you.”

Levantei os olhos e acariciei seu rosto, silenciando a melodia com um beijo. Olhamo-nos e encostei minha testa na dele.

— Você está aqui, nada mais importa. Conviva apenas com o nosso amor.

Quando descemos do carro, o vento me fez tremer de frio.

— Nossa, como está frio!

— Vem cá — ele abraçou-me e fomos andando devagar pela calçada.

— Não acredito que está aqui. Como vai ser agora?

— Linda, eu... vou voltar para a UFSC.

Parei e entrei na frente dele sorrindo.

— Vai voltar para faculdade?

— Vou, sim. Semestre que vem vou reabrir a matrícula.

— Que ótimo, Andrew! — dei um gritinho de alegria e pulei no pescoço dele. — Não acredito!

Meu Deus! Que emoção!

— Fiquei sabendo que passou a andar com minha turma, não é mesmo?

— Ficou sabendo os motivos?

— Depende de quais. Me conte.

— Quando você foi embora... — fechei os olhos e neguei rápido com a cabeça. — Não gosto de lembrar disso. Quando foi embora, fiquei tão deprimida que não conseguia nem ver seus amigos, eles me lembravam você e acabei me afastando deles. Eram tão insistentes em continuar a amizade comigo... quando se cansaram cá na real do quanto eles haviam se tornado especiais para mim, então tive de pedir perdão e me fizeram prometer que passaria mais tempo com sua turma.

— Eles queriam te afastar do seu amigo, não foi?

— Essas partes vamos pular. Eles fizeram de tudo para me afastar dele.

— Mas não tiveram muito sucesso. Estava tão linda no Baile da Primavera — ele lembrou-se triste.

— Você não pode imaginar como desejei naquele dia que fosse você o meu par.

— Você estava linda — ele me olhou com o semblante triste.

— Não fica assim, Andy — segurei seu rosto e o fiz me olhar.

— E o beijo da revista? Fiquei furioso.

— Isso faz parte do nosso passado — apertei seu pescoço com um beijo. — Já passou. Mas, me diz, e o Prince? Quero tanto vê-lo!

— Ele foi um bom companheiro esse tempo. Está mais bagunceiro do que nunca. Não é só você quem implica com Alan, Prince adora pular em cima dele quando ele está dormindo.

— Demais — disse sorrindo. — Alan é um chato! Mas seus amigos foram irmãos para mim. Agora sei por que são tão apegados um ao outro.

— São mais que amigos, são irmãos.

— Eles ficarão felizes de saber que você não foi! Não imagina quantas armações fizeram para que eu continuasse a te esperar.

— Eles sabiam, Helen — Andrew pegou minha mão entrelaçada na dele e a beijou —, o quanto ainda te amava. Soube também que Fernando ficou dando em cima de você. Ele perdeu a noção do perigo. — Eu ri.

— Não teve nada, ele só foi gentil.

— Sei, gentil sou eu. Sabe, linda, estive pensando em São Paulo que... vou me mudar daquela casa.

— Para onde você vai, Andy? Não vai para longe de novo, vai?

— Já disse que não vou mais te deixar. E agora que ganhei uma nova vida, quero começar tudo novo.

Andamos em silêncio por um tempo. Ele soltou-me da sua cintura, segurou minha mão e me jogou para longe dele, como uma dança, e puxou-me para perto de novo, abraçando-me. Seu beijo era uma das melhores coisas da vida, só perdia mesmo para o amor dentro de mim.

— Você chegou ontem a que horas?

— Um pouco da tarde.

— Por que não foi à minha festa? — perguntei indignada.

— Queria mesmo que eu aparecesse lá?

— Bem... — fiquei pensando. — Não sei, a verdade é que eu adoraria te ver no meu aniversário, mas se você aparecesse sem avisar nada, teria um infarto — sorri.

— Não queria atrapalhar sua festa.

— Você sempre fez parte da minha vida, nunca será demais em meus momentos.

— Estive na frente da sua casa ontem.

— Como assim? Quando e como?

— Quando saí do aeroporto, meus amigos me levaram lá. Fiquei esperançoso de ter ver e também com medo de que aparecesse.

— Meu Deus, Andy! Mas não sei como seria...

Voltamos para casa e meu coração, enfim, havia encontrado a música que ele havia perdido. A primavera chegava, sentia que as flores dentro mim começavam a desabrochar pelos dias que ficaram guardadas do inverno.

Chegamos à porta da minha casa e a vontade de ficar mais tempo com ele impediu-me de soltá-lo do abraço.

— Ah, Andrew... não quero ficar longe de você nem mais um minuto.

— Amanhã venho te ver. Vou contar os minutos para isso.

— Eu te amo! Estou muito, muito feliz mesmo por você ter voltado para minha vida! — apertei-o nos meus braços. — Feliz por sua cura! Por sua nova vida!

— Também estou muito feliz. Te amo.

Adorava quando ele parava pertinho de mim, me encarava sem piscar e fazia carinho no meu rosto de uma forma tão leve. Eu sempre fechava os olhos primeiro, desejosa por seu beijo, para sentir seus lábios macios sobre os meus. Ele sabia beijar e sabia como me prender ainda mais a ele.

— Até amanhã, linda.

— Não vai, Andy!

— Já é tarde. Vai dar meia-noite — ele sussurrou. — Melhor eu ir para seu pai não reclamar.

— Vai com meu carro. Amanhã você devolve — meu semblante era triste.

— Não faz assim, vai. — Andrew deu aquele sorriso de canto que estava louca de saudade para ver.

Fui andando de costas em direção à minha casa. Não conseguia deixar de olhar para ele. Andy sorriu quando tropecei no degrau da varanda. Pisquei os olhos e entrei. Suspirando fundo, totalmente apaixonada.

Não consegui dormir. Às duas e meia da manhã meu celular tocou, olhei o visor: Andy (casa).

— Oi — sussurrei.

— Desculpe te acordar...

— Estou acordada — eu ri.

— Só queria dizer que eu te amo...

— Não imagina o quanto desejei este momento.

— Boa noite, linda. Sonha comigo.

— Não precisa pedir, já estou sonhando. Te amo, te amo muito...

O sono não vinha. Fiquei com um sorriso bobo me lembrando dele. Adormeci.

Tributo ao amor

Acordei com a lembrança. Não tinha sido um sonho! Peguei meu celular, eufórica, para ouvi-lo e me convencer novamente de que não foi um sonho. Para minha surpresa, tinha a seguinte mensagem de texto: “Não consigo dormir. Só penso em você. Te amo!”.

Ele enviou a mensagem quase às quatro da manhã. Eu ri e me joguei novamente sobre a cama.

No café da manhã conversei com meus pais a respeito de ter reatado com Andrew. Sarah e Evelyn estavam felizes por mim.

— Pai, por que não me disse nada sobre Andrew?

— Achei que ele deveria contar.

— Andrew está tão diferente em tantas coisas. Mesmo que não tivéssemos feito as pazes, sinto que cumpri com o meu objetivo de levá-lo a ter fé em Deus. Mas é claro que a parte de voltar com ele foi maravilhoso! — Sarah e Evelyn sorriram comigo.

— Espero que isso não aconteça de novo, Helen — disse minha mãe. — Não gostaria de vê-la novamente como ficou durante todo esse tempo.

— Compreendi os motivos dele, mãe. Isso não vai mais acontecer.

— Ele foi muito forte e até posso dizer que corajoso — falou meu pai, fazendo uma avaliação.

— Como assim, pai?

— Na verdade sempre soube dos reais motivos, filha. — Meu olhar e das minhas amigas estavam fixos em meu pai.

— Você sabia, pai? Por que nunca me contou nada?

— Tentei te contar, mas depois vi que não era o momento. E também não queria vê-la sofrer mais.

— Você devia ter me contado...

— Você não viveria mais, iria aos poucos se consumir de tristeza e dor. Ou seria capaz de alguma loucura, como ir atrás dele.

— Não posso imaginar mesmo o que faria se soubesse disso naquela época. Mas não sei se iria atrás dele, estava magoada demais e ressentida. Quando soube, pai?

— No dia em que ele viajou para São Paulo. Andrew foi me pedir perdão por terminar com você e contou-me o verdadeiro motivo.

— Poxa, pai! Poderia ter me contado tudo.

— Este era o tempo oportuno de tudo vir à tona.

— O tempo de Deus?

— Isso mesmo, filha. Na verdade fiquei sem saber direito o que fazer. Tinha receio de que acontecesse o pior com ele, e você nunca mais me perdoasse por não ter contado. Não contei nem para sua mãe. Se por acaso acontecesse algo, que você então ficasse apenas com raiva de mim.

— É, pai, não sei como me sentiria.

— Que bom que voltou tudo a ser como antes! Isso que importa! — disse Evelyn.

— Obrigada a todos vocês que me aturaram naquele inverno.

— Amigos são para isso — lembrou-me Sarah.

Meus pensamentos ainda refletiam as emoções do dia anterior. Liguei para Andrew, convidando-o para almoçar com minha família.

Próximo ao horário do almoço ele chegou. Quando abri a porta meu sorriso tornou-se diferente. Andrew conseguia fazer com que isso acontecesse só aparecendo na minha frente. Ele era muito lindo. Eu ainda precisava vê-lo por muitas outras vezes, para decorar seu rosto dentro de mim. Não trocamos uma palavra, nosso olhar disse tudo naquela hora.

— Senti sua falta — ele voltou a me abraçar apertado.

Afastei-me e acariciei sua cabeça, seus cabelos eram macios e finos.

— É macio!

— E aí? Prefere assim ou raspada?

— Me acostumei com você sem cabelos — soltei uma risada.

— Sem problemas, eu raspo.

— Não, Andy! Eu me acostumo!

Beijamo-nos, parecia que o tempo sempre parava. Ele entrou e meus pais estavam na cozinha.

— Olhem quem chegou! — entrei segurando a mão dele.

Era visível que eles ficaram perplexos quando viram Andrew.

Minha mãe ficou ainda de boca aberta observando-o, enquanto meu pai o cumprimentou e enfatizou o quanto estava feliz por nós dois.

Andrew pediu perdão aos meus pais pelo que havia acontecido; meu pai entendeu seus motivos. Minha mãe, mais emotiva, tomou minhas dores.

— Minha filha sofreu muito por sua causa, Andrew. Não quero vê-la mais daquele jeito.

— Só posso pedir perdão mais uma vez, senhora Suzan. Não foi minha intenção.

— O que importa agora é que estão felizes — disse meu pai nos abraçando. — Fico feliz por saber que a boa influência de Helen mudou sua vida!

Minha mãe arrumou uma linda mesa para almoçarmos. Andrew contava os detalhes de seus dias em São Paulo para meus pais, que ouviam atentos.

Evelyn e Sarah fizeram sinal me chamando para a sala.

— Helen! O Andrew é muito gato! — sussurrou Sarah.

— Sabia que ele era assim — disse Evelyn.

— Estou apaixonada para sempre, ele é lindo!

— Lindo mesmo, amiga! — concordou Sarah. — Vamos mesmo ser cunhadas! — ela me abraçou.

— E eu? — Evelyn resmungou.

— Ah, amiga! Você é nossa irmã também! — Sarah a puxou para um abraço coletivo.

Nosso almoço foi maravilhoso. Quando acabamos minha mãe nos serviu uma sobremesa deliciosa de sorvete.

Meus pais e minhas amigas nos deixaram sozinhos na cozinha.

— Andy, estava pensando em terminar a história hoje. O que acha?

— Claro! — ele me deu um beijo rápido.

— Está gelado! — ele sorriu.

Andrew aproximou-se e me deu um beijo no pescoço; arrepiei-me. Ele sabia me deixar totalmente desestruturada.

— Não faz isso, Andy — ri timidamente.

— Por quê?

— Porque isso tira meu raciocínio lógico.

Puxei-o para o escritório do meu pai.

— Vão terminar a história hoje? — perguntou minha mãe.

— Vamos, mãe. Estou animada!

— Relaxa, filha. Vocês têm talento. Mas me deixa pedir uma coisa? — ela juntou as mãos como que implorando. — Deixem os dois juntos? Por favor!

Olhei para Andrew e sorrimos.

— Ainda não sabemos qual será o final, mãe.

— Acho que quem devia morrer era a princesa — sugeriu meu pai.

— Não, meu bem, ninguém tem que morrer! — opinou minha mãe.

— Pessoal, isso não é um reality show para vocês votarem — falei rindo. — Vamos?

Sentamo-nos nas cadeiras e mexi no mouse para que a tela de descanso saísse. Percebi que Andrew estava me olhando.

— O que foi, amor?

— Você é tão linda — disse e mexeu nos meus cabelos. — Adoro seu cheiro — ele cheirou meus cabelos próximo do meu pescoço.

— Desse jeito não vou conseguir escrever nada!

— Eu vou. Você me inspira.

— Vamos ler onde eu parei.

Procurei na minha pasta o último artigo e comecei a ler em voz alta.

— E aí, Andy, por onde começamos?

— Vamos narrar a batalha e o resgate de Lia. Finalizamos com dois artigos. Quer começar?

— Não. Escreve sobre a batalha, não gosto de violência. Enquanto isso, vou imaginando o final.

Andrew começou a escrever. Oscilava em olhar a tela e a maior parte do tempo admirá-lo de perfil. Eu teria que ter muito tempo para me convencer de que aquele homem lindo era o meu namorado.

O PRÍNCIPE E A PLEBEIA

A Batalha

Todo o exército de Yáh tomara a sua posição de guerra. Yáh colocou sua armadura de guerreiro e pôs-se a conduzir sua cavalaria até os limites do reino de Nabul.

Um dos guerreiros de Yáh tocou a trombeta de guerra.

Um soldado de Nabul correu e avisou-o sobre a cavalaria do exército inimigo.

— Esse bastardo! O que ele pensou? Que não estaríamos prontos para guerra? Soe o aviso de combate! Ainda hoje a cabeça de Yáh estará exposta no meu palácio e amanhã iremos invadir o seu reino e tomar posse dele! Quando todos estiverem prontos para a batalha, mande um de nossos cavaleiros com a bandeira de guerra!

Yáh aproximou-se do castelo e avistou o soldado com a bandeira. Outro som ecoou da trombeta do exército de Yáh.

Nabul jamais iria admitir para seus soldados o quanto temia enfrentar o invencível exército oponente.

Preso no calabouço, Lia ouviu a trombeta de guerra. Derramou-se em pranto.

— Ele veio! Veio libertar-me! Não se esqueceu de mim!

Enquanto Lia chorava, prostrada ao chão, um dos soldados entrou e atou suas mãos.

A guerra entre os dois maiores exércitos encontrados naquele mundo deu-se início. Yáh ordenou aos flecheiros que se posicionassem à frente.

— Ao meu comando!

Ao ver de longe o exército de Nabul marchando, ele deu a ordem. Caíram muitos soldados inimigos. Mais uma ordem, e mais soldados caíram.

— Nabul fará o mesmo! Protejam-se!

Poucos homens de Yáh caíram. O exército inimigo intensificou sua marcha.

— Escudeiros e cavaleiros, fiquem a postos. Lancem mão de todos eles! Apenas poupem a vida de Nabul. Quero ter o prazer de matá-lo!

Yáh bradou e todo o seu exército saiu a pelejar. Montado em seu cavalo, Yáh derrubou muitos com sua espada. Procurou Nabul, mas não o encontrou. Seus cavaleiros abriram

caminho para que ele pudesse cavalgar até o palácio.

Ao aproximar-se avistou de longe Nabul, com espada no pescoço de Lia. Alguns de seus soldados estavam ao seu redor. Seu coração comoveu-se profundamente, ele a amou como da primeira vez.

Lia estremeceu-se quando o viu. Chorou profundamente, arrependida.

Nabul gritou para o guerreiro Yáh:

— O que faria por esta miserável plebeia, Yáh?

— Deixe-a em paz! Lute como um guerreiro!

— O que sente ao vê-la na sua real identidade?! Não foste assim que a achaste?

Nabul segurou com força o pescoço de Lia e a beijou, ela tentou afastar-se. Sem que Yáh percebesse havia flecheiros escondidos entre os muros. Lia gritou:

— Cuidado, Yáh! Flecheiros!

Uma flecha passou, e a do outro soldado foi defendida pelo seu escudo. Quando Yáh resolveu recuar um espaço, viu os dois soldados caindo mortos do muro do palácio, seus cavaleiros lançaram facas contra eles. Os soldados que estavam em volta de Nabul correram para pelejarem com os cavaleiros de Yáh.

Nabul ficou irado e bateu no rosto de Lia jogando-a contra um muro. Ela desmaiou.

— Maldita plebeia! Vamos, Yáh. Vamos ver se és verdadeiramente um guerreiro!

Nabul montou em seu cavalo e cavalgou em direção a Yáh.

Yáh derrubou Nabul do cavalo e a batalha continuou. Eles lutaram com suas espadas com grande fúria.

Nabul estremeceu-se na luta com Yáh e tentou desconcentrá-lo.

— O que foi, Yáh? Está irado por eu ter tido noites com Lia?

Yáh continuou concentrado e ainda mais furioso.

Nabul perdeu sua espada. Mas Yáh a chutou para ele novamente.

— Por que não me matou? Seu covarde!

A luta continuou, e finalmente Yáh cravou sua espada no peito de Nabul e ele fechou os olhos.

Os cavaleiros de Yáh aproximaram-se trazendo o veredito da batalha:

— Meu rei, perdemos poucos homens. Outra vez vencemos!

— Onde está Lia?

— Está desacordada ainda, senhor.

Andrew parou de escrever, pegou o celular dele e colocou no gravador. Quando ia perguntar o que ele estava fazendo, olhou para mim e começou a narrar assim:

— Yáh, ao encontrar Lia caída, perturbou-se. Aproximou-se e a tomou em seus braços. Ao vê-la ferida e suja sentiu um grande pesar. Toda a sua alma estava ligada à sua eterna princesa. Lia abriu os olhos.

Estava emocionada com aqueles momentos finais da história, e não foi difícil me entregar de novo àquela personagem. Só que ali era muito diferente das outras vezes, realmente estava diante do meu príncipe, o meu Andrew.

— Ao vê-lo ela puxou sua armadura contra si e chorou profundamente, abraçando-o com força — falei emocionada. — A beleza que Yáh emanava a dominou. Lia não conseguia controlar seu pranto. Tocou o rosto de Yáh e disse: “Perdoa-me! Por favor, perdoa-me! Eu não merecia o que fizeste por mim! Não mereço, juro que não mereço! Deixe-me morrer aqui, pois é isso que mereço. Por ter traído um rei amoroso e zeloso, mereço a morte!”.

— Yáh não conteve sua compaixão diante de Lia, seu olhar atravessou seu ser. Com ela ainda em seus braços acariciou seu rosto. E lhe disse: “Alcançaste meu coração com toda a verdade que vejo em seus olhos. Por que acha que eu a deixaria morrer aqui, se com todo o meu exército vim ao seu encontro resgatá-la? Quando estavas ao meu lado, jurei o meu amor eterno a ti. Eis a prova do meu amor e da minha compaixão, o meu perdão”.

— Mereço a morte, meu príncipe. Traí o seu coração, rejeitei tudo que me deste. Com minha atitude joguei fora toda a honra que me deste. E, ainda assim, comove-me profundamente, oferecendo-me teu perdão?

— Eis que o segredo está exatamente nele, amada Lia. O que é o amor sem o arrependimento? O que é o amor sem perdão?

— Yáh a tomou em seus braços e, com a ajuda de seus cavaleiros, colocaram-na sobre o cavalo. Passaram por entre os cadáveres, em direção ao palácio de Yáh. Lia o abraçou e não conseguiu conter toda a sua gratidão por ele.

E Andrew concluiu:

Andrew Gamberini e Helen Castilho.

— Estou emocionada, amor. — Ele secou as minhas lágrimas que começaram a cair no momento em que ele começou a narrar. — Ficou perfeito! Você parecia o próprio Yáh falando! Como você interpreta bem, Andy! — ele sorriu. — Impossível não ter me sentido a própria princesa!

— Por isso gravei — ele mostrou-me o celular. — Vou digitar esse final.

— Amei, você é incrível! Vou buscar uns biscoitos. Você quer?

— Na verdade, queria mais daquela sobremesa de sorvete — disse com um pequeno sorriso.

Passei pela sala, meus pais ainda conversavam.

— O que foi, filha? Estavam brigando? — perguntou minha mãe.

— Não, mãe. É porque fiquei emocionada com os momentos finais da história.

— E que fizeram com Yáh?

— Nada, mãe, por enquanto. Ainda não sabemos o final. Terminamos o artigo da batalha, agora só falta o final mesmo.

Voltei para o escritório.

Enquanto esperava Andrew terminar de digitar o texto, comi a sobremesa junto com ele. Não pude desviar meus olhos da sua formosura. Coloquei a taça do lado do computador e me aproximei dele. Queria sentir seu perfume. Ele percebeu que estava próxima. Beije o pescoço dele, o cheiro dele me alucinava. Andy parou de digitar quando dei o segundo beijo. Ele parecia rendido ao meu carinho.

— Você já tirou minha concentração — ele sorriu.

Segurou meu pescoço e nos beijamos. Sua mão deslizou pela minha cintura. Afastei-me de repente. Tive receio de mim mesma.

— Se fizer isso de novo, não respondo por mim.

— Ok, ok — mordi o lábio e sorri. — Sei disso.

Terminou de digitar as últimas palavras enquanto ainda olhava apaixonada para ele, mexendo nos seus cabelos.

— Linda, escreve o final você, agora.

— Não amor, você. Está perfeito assim.

Andrew empurrou o teclado para mim.

— Como vai ser o final?

— Você sabe, linda. Sempre soube.

Fiquei pensando por um instante e comecei a escrever:

O PRÍNCIPE E A PLEBEIA

Parte Final — O amor é o que ele faz.

— Conheço esta frase — disse Andrew.

— Sei que conhece...

Yáh havia vencido o exército de Nabul. Seu exército havia perdido poucos homens.

No caminho para o castelo, o chefe da guarda aproximou-se e disse a Yáh:

— Meu senhor, como será nossa estratégia de guerra ao chegarmos ao palácio?

— Apenas lutem até o fim.

— Permita-me um conselho, meu senhor. Nossos homens estão vindo de uma batalha contra um dos exércitos mais fortes que já existiu, eles precisariam descansar para o próximo confronto. Quatro exércitos, apenas um rei discordou da comissão dos cinco e nos dará uma grande peleja. Por essas horas, eles já devem estar preparando os exércitos, pois meu senhor deixou explícito que voltaria com a rainha Lia. Seus atos memoráveis foram postos diante dos quatro reis, eles sabem que voltará para a peleja.

Lia ao lembrar-se de tudo isso perturbou-se.

— Meu senhor, deixe-me ir para alguma província próxima! Não suportaria vê-lo pelejar contra exércitos antes amistosos, por minha causa! Posso ficar escondida e, depois de um tempo, fugimos para algum outro lugar e recomeçamos nossas vidas!

— Nunca fugi de uma batalha, minha amada Lia. Não fugirei, antes enfrentarei a todos que se oponham ao que julgo ser o correto.

Lia abraçou Yáh apertado e chorou encostada em seu peito, sentindo o ferro da armadura em seu rosto, e ergueu sua voz:

— Jamais me perdoaria se algo de mal acontecesse a ti, Yáh! Não posso te perder outra vez!

— Amada Lia, sempre estarei em teu coração. Mas jamais fugirei a um combate.

— Não, Yáh! Não!

Yáh ordenou que todo o seu exército descansasse para enfrentar os exércitos ao amanhecer. Fez sua estratégia nova de batalha. Em nenhum outro tempo havia enfrentado tamanho conjunto de exércitos.

Enquanto Lia banhava-se em um lago próximo ao acampamento, longe da vista de todos, Yáh chamou à parte o chefe da guarda.

— Foste um homem de valor ao meu lado. Não encontrei alguém de maior valor do que tu, a tua fidelidade estará para sempre diante de mim. Não sei o que nos espera pela manhã, então quero que prometa-me algo.

— Sim, meu senhor. Diga-me.

— Se algo vier a acontecer ao seu rei, protegerá Lia com sua vida e a levará diante das nações como rainha absoluta do meu reino.

— Por que pede-me tal proeza, meu senhor? Jamais perdeu uma batalha! Por que temeria sobremodo nessa hora?

— Não temo por minha vida, mas por ela. Esse é meu destino, meu servo. Lutarei até o fim. Quero que prometa-me.

— Prometo com minha honra!

Durante a noite, na tenda que armaram para pernoitar, Lia tentou convencer Yáh a não ir para a batalha. Por último, ele falou:

— Foi uma decisão salvá-la, minha rainha. É o meu destino ir até o fim.

— Jamais me esquecerei da sua valentia e coragem por amor a mim! Eternamente serei tua, Yáh. Tão pouco é, dar-te minha vida, mas arrependo-me por tudo que fiz. Traí teu admirável coração; mesmo que nunca tenha dormido com aquele maldito príncipe Nabal, sinto-me suja e sem valor algum por ter te deixado! Hoje só posso prometer que serei para sempre fiel a ti. Nem que para isso eu tenha que morrer!

— Sempre foi o que desejei, nada mais, somente a tua fidelidade.

Naquela noite eles renderam-se ao amor, à saudade e à paixão que sentiam um pelo outro.

Pela manhã prepararam o exército e um mensageiro do reino de Yáh aproximou-se e prostrou-se diante dele.

— Meu senhor, mais dois reis renderam-se em não lutar contra teu exército. Apenas dois permanecem inalterados: Isar e Abiú. Eles estão diante do teu reino, em grande número.

Mandaram informar-te que, se aparecer com Lia, eles pelejarão contra teu exército.

— Assim será, meu servo.

Yáh pôs sua armadura e saíram a pelejar. Ao aproximar-se do reino, viu o tamanho do exército, e a bandeira de guerra foi levantada.

Yáh desceu Lia do seu cavalo e ela desesperadamente tentou impedi-lo. Mas ele saiu à frente da batalha.

Grande peleja houve. O primeiro exército de Isar que estava à frente foi desbaratado. O segundo exército de Abiú derrubou muitos homens de Yáh. O maior e mais poderoso exército das nações tivera sido reduzido à primeira batalha contra o reino de Nabul. Ainda fracos lutaram até o fim.

Ao longe Lia observava toda a batalha, chorando ajoelhada ao chão.

Yáh matou o rei Isar. O fiel escudeiro de Yáh o protegeu por duas vezes.

O segundo rei, Abiú pelejou contra o escudeiro de Yáh e o venceu. Abiú foi em direção a Lia. Yáh viu e cavalgou em sua direção.

Yáh desceu do cavalo e lutou contra Abiú. Cansado de uma longa batalha e sem o seu fiel escudeiro, que já estava morto. Um flecheiro inimigo lançou uma flecha por trás de Yáh. Um dos soldados de Yáh matou o flecheiro. Yáh permaneceu em pé lutando contra Abiú, embora estivesse sentindo uma forte dor.

Lia correu e pegou uma espada de um dos soldados mortos para ajudar Yáh.

Ao aproximar-se parou ao ver Yáh sendo ferido à espada por Abiú. Yáh ainda lutou bravamente e matou Abiú. Ainda com a flecha em seu braço e com diversos cortes em seu corpo, ajoelhou-se. Seria uma luta simples se Yáh não tivesse vindo de uma guerra, na qual havia matado o maior guerreiro depois dele, que era Nabul.

Lia largou a espada e correu em direção a Yáh. Ela tentou segurá-lo, mas ele deixou seu corpo cair para trás. Agonizando de dor ele tocou o rosto de Lia e disse:

— És livre, minha princesa. Todo o meu reino agora pertence a ti.

Lia chorava desesperada tentando fazer com que o sangue parasse de jorrar de diversas partes do corpo de Yáh.

— Yáh, não! Não posso te perder! Não!

— Nenhuma das mais lindas donzelas arrebatou o meu coração como tu fizeste. Estou morrendo, para que possas viver e ser livre. Deste-me a vida, por meio do teu incomparável olhar, e com o dever cumprido levo em meu interior tua eterna lembrança, de que lutaria mais uma vez por ti se fosse preciso. Sei que não foi em vão. Meus olhos me são testemunha de que valeram todos os esforços.

Yáh foi fechando os olhos lentamente e expirou. Lia o agarrou contra seu corpo e bradou amargamente a morte de Yáh.

Os poucos soldados de Yáh que restaram vitoriosos da batalha, junto com seu chefe da guarda, aproximaram-se de Lia.

Os soldados de Yáh ajoelharam-se ao redor do corpo dele. Desesperada, Lia pranteou até o cair da tarde pela vida do rei.

Com honras e grande elevação, Yáh foi sepultado. Lia ainda chorava inconsolável.

Grande temor e tremor apoderaram-se de todas as nações pelo exército de Yáh, que não perdeu sua posição do exército mais forte e poderoso de todas as nações. O chefe da guarda ganhou da rainha Lia grande honra diante de todo o exército. Tornou-se o principal guerreiro das nações.

Os três reis que não pelearam contra o exército de Yáh reverenciaram a rainha com presentes. Rasgaram as leis antigas diante dos povos e assinaram um novo acordo eterno de paz. O amor devotado por Yáh a Lia foi o motivo. Espalhou-se por todos os reinos a história deles, como um amor jamais visto, um amor incondicional.

Lia sentou-se no trono e foi temida por todas as nações.

Ao cair da tarde, andando pelos átrios do palácio, sentiu o enorme vazio que Yáh havia deixado em seu interior. Caminhou até o exterior do palácio e, ainda com lágrimas nos olhos, lembrou-se de Yáh e lamentou profundamente.

— Para onde foi o meu amado? Quero ouvir sua voz... Ah, como era amável sua presença e suave seu falar! À noite busquei-o e não o encontrei. Procurei em todos os lugares, e não mais o achei! Era o amado da minha alma! Como ele era desejável! Hoje, desfaleço de amor por ele. Eu sou do meu amado e ele será para sempre meu! O amor é forte como a morte, e duro como a sepultura. Nada neste mundo poderia apagar o nosso amor! Yáh, meu príncipe Yáh, sinto saudades do teu amor; certamente, estarás para sempre dentro de mim, e em breve verei novamente teus olhos ou apenas os traços do único homem que conheceu-me como mulher e que eu amei com todas as minhas forças!

Com as mãos em seu ventre, Lia sorriu, com a lembrança do último momento de amor que teve com Yáh. A morte que se deu por duas vidas.

Andrew Gamberini e Helen Castilho



Acordei pela manhã com a felicidade. Ela estava em cada parte de mim.

Fui radiante para a faculdade.

Quase no fim da aula, meu celular vibrou. Era uma mensagem de texto, de um número que eu não conhecia, com o prefixo da nossa cidade, 048. A mensagem dizia: “Você é tão linda que arrebatou meu coração com apenas um olhar. Adoraria te beijar agora”.

Só podia ser Andrew.

Na saída, meu celular tocou. Atendi imaginando ser ele.

— Oi, meu lindo admirador secreto — sorri.

— Já estou com saudades de você — sua voz inconfundível me preenchia.

— Tenho namorado, rapaz. Melhor não me ligar mais, sua voz é apaixonante.

- Não posso, estou apaixonado por você.
- Olha que eu posso me apaixonar por você também.
- Seria maravilhoso poder beijá-la, você é tão linda.
- Não diga isso, que posso retribuir.
- Podia ser agora. Onde você está?
- Saindo da sala de aula. E você? E que número é este?
- Meu novo número, guarda aí. Estou aqui na secretaria. Vem aqui me esperar?
- Estou muito feliz que esteja aqui! Já foi atendido?
- Já, só falta pegar um papel.
- Beijos! Estou indo aí!

Fui ao banheiro com Sarah. Passei batom e Sarah foi para o estacionamento encontrar-se com Alan.

Estava eufórica e nervosa por encontrar Andrew pela primeira vez na UFSC.

Minha alegria não perdurou, quando avistei de longe Karen abraçando-o. Ela gesticulava, sorria. E, enquanto me aproximava, ela já o havia abraçado duas vezes.

Quando ele viu que eu me aproximava, abriu aquele sorriso que deixava meu corpo mole. Deixou Karen falando e me abraçou. Seu beijo foi apaixonado. Naquele instante a minha chateação passou.

Não falei com ela e a fuzilei com o olhar. Senti meu peito pesado de raiva e indignação.

— Mas, Andrew, como estava dizendo, estou muito feliz que tenha voltado! — ela colocou a mão no ombro dele novamente, estava próxima demais.

— Obrigado, Karen. Preciso ir.

— Perdoo você por ter me abandonado, mas quero que saiba que torci muito pela sua recuperação!

Andrew me olhou de uma forma carinhosa. Minha respiração me sufocava, estava irritada demais com ela.

— Obrigado. Até mais, Karen — falou de forma gentil.

— Vou lá, também — ela sorriu sem graça.

Andrew segurou minha cintura e me conduziu para longe dela.

— Mal posso esperar para assistir à sua peça! — Olhamos para trás. Puxei o ar para respondê-la. Andrew se interpôs, apertando minha cintura.

— Todos verão, Karen.

Quando ela saiu de perto, soltei o ar.

— Andrew, Karen não podia fazer essas coisas! — falei chateada.

— Não liga, amor. Não tá com ciúmes, tá?

— Claro que sim! Ela é tão bonita. Saber que vocês já namoraram não me desce, e nunca me senti tão incomodada como agora! — declarei passada.

— Linda é você — ele segurou meu rosto com as duas mãos. — E meus olhos estão só em você. Ninguém mais me interessa, ok? — ele me deu um beijo rápido. — Não fica assim, ela não merece. Estou aqui, como você sonhou! — ele me abraçou com força e me beijou.

Sorri diante dos seus olhos brilhando e aquele sorriso fenomenal.

— Como foi lá dentro? — perguntei empolgada.

— Olha — ele me deu um papel.

— Andy, é sua reabertura de matrícula! Meu Deus, que alegria!

— Ano que vem estarei aqui de volta, no quinto período.

— Estou tão feliz! — pulei no pescoço dele e enchi Andrew de beijos pelo rosto. — Que alegria!

— Vai ser maravilhoso ficar mais tempo com você.

— Com certeza, amor. Essa é a melhor parte!

Ao ir me afastando para olhar de novo o papel, ele segurou minha cintura e me puxou para mais perto. Sua respiração tão próxima me deixou sem ar, o contorno dos seus braços embaixo dos meus dedos tirou toda minha sensatez. Ele era irresistível, só me restou beijá-lo com todo o meu entusiasmo.

Caminhamos para o estacionamento. Continuava ventando, e minha alegria misturava-se às cores das flores, do céu azul tão maravilhoso radiado pelo sol.

Andrew parou no meio do caminho, perto do pátio do estacionamento. Nesse lugar havia algumas árvores e um jardim limitando o caminho. O vento bagunçava meu cabelo, jogando-o de um lado ao outro. As árvores balançavam ao som dos ventos que vinham de todos os lados. Ele abaixou e pegou uma flor pequena no jardim.

— Estou impactado por sua beleza — ele segurou minha mão, fiquei emocionada quando seu olhar tão brilhante atravessou o meu.

A emoção de viver um instante da nossa história, do príncipe e a plebeia, fez-me ligar meus pensamentos às emoções que Lia sentiria se fosse real. Resolvi entrar naquela encenação não combinada, e declarar aquelas palavras que conhecia tão bem.

— O que eu fiz, Andrew, para merecer esse amor tão puro como o que tem por mim? — peguei a flor da sua mão.

— Seu olhar me deixa fascinado. Seu perfume, exalado naquele dia que nos conhecemos, ainda está incutido em mim. A grandeza que encontro no seu coração me deixa ainda mais apaixonado.

— És mui formoso, amado meu — sorri feliz. — Sua voz é mais suave que o som desses pássaros. Sua presença na minha vida sopra as cinzas, faz brotar as cores de uma linda primavera.

— Seu amor arrebatou meu coração — ele tirou uma mecha do cabelo que estava no meu rosto. — Não sei ainda qual o mistério do seu olhar. Talvez nem por toda a vida eu consiga descobrir o porquê dos seus olhos ficarem assim quando estamos perto ou quando em um momento de alegria encontro verdade no brilho deles. Eles me deixam atraído. Eles me são a porta do seu interior, para que, apenas um pouco mais, quem sabe, eu possa compreender o que se passa dentro de você. O que realmente quero entender é o que você é, o que há nesse interior que me deixa totalmente preso.

Completamente curioso e... fascinado. Sei de algumas qualidades, mas as demais... deixa que o tempo me mostre...

Meus braços o puxaram para um beijo.

Sentia o vento nos envolvendo, o barulho das árvores junto com o canto dos pássaros dando melodia a outro momento inesquecível. Não apenas por seu beijo, mas o nosso amor era, para mim, como aquele dia de primavera.

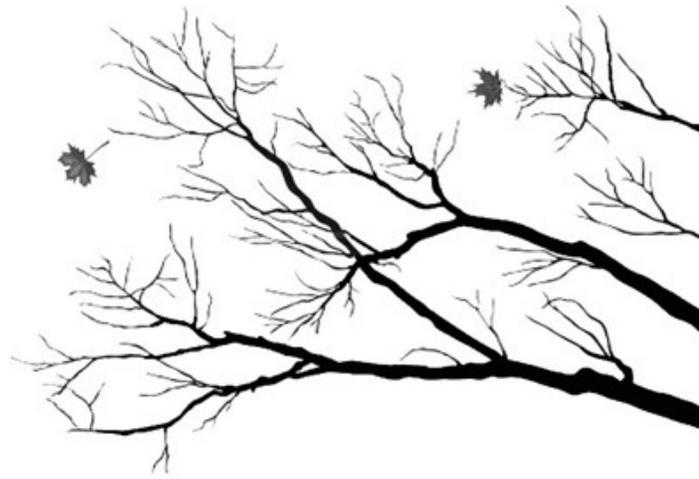
Com sol, flores, vento, música... elementos criados por Aquele que estava dentro de nós dois, o sentimento mais sublime, verdadeiro e paciente, tão sofredor e benigno, que jamais se acabaria... o amor.

Nossos corações batiam em uníssono como marcando o tempo de uma canção que soube esperar o momento de ser executada. Cada som harmonizava o momento, o sentido de ser e pertencer.

Abraçamo-nos. Deitei minha cabeça em seu ombro com um enorme sorriso no rosto. Olhei ao nosso redor e o vento trazia algumas folhas e sementes das flores contra nós; ele ainda balançava as árvores com sua força. Talvez estivesse regendo ou apenas tributando o nosso amor.

Epílogo

Por Andrew Gamberini



Helen me levou até a fé, que me destinou de volta à vida. Reabri minha matrícula na UFSC e finalmente poderia imaginar de novo os meus sonhos com o teatro, o cinema e a música.

Dentre tanta beleza que ela me fez enxergar, a mais difícil estava para acontecer: o encontro com meu pai.

Sentado na sala, estou com o telefone na mão, segurando o queixo, pensando no que falar. Alan aparece e senta-se na minha frente.

— Quem está esperando sair daí?

Eu ri.

— Estou pensando ainda no que direi.

— Para o seu pai? — Concordo com um leve aceno. — Diga que precisam conversar. Não precisa de muitas explicações.

— Mas se... ele não quiser vir?

— Claro que vai querer! Liga logo!

— Não sei ainda, Alan. Não sei se estou preparado para esse encontro.

— Claro que está! Liga logo!

Alan levanta-se depressa e pega o telefone da minha mão.

— O que vai fazer?

— Te ajudar.

Ele tira o celular do bolso e fica procurando alguma coisa.

— Alan, o que está fazendo? — me levanto e fico olhando para ele.

Ele disca um número no aparelho de telefone e coloca no ouvido.

— Para quem está ligando?

— Está chamando, Andrew — ele me entrega o telefone. — É para o celular do seu pai.

Engulo o nó na garganta e suspiro fundo. Coloco o telefone no ouvido e depois de um tempo ouço chamar.

— Alô — atende aquela voz conhecida do Seu Alberto Gamberini.

Olho para Alan e fico em silêncio. Ele aperta meu ombro e cerra os lábios em concordância.

— Alô? É você, Mel? — perguntou ele.

— Sou eu, Andrew.



Rio de Janeiro, inverno de 2005.

Depoimento baseado em fatos reais

Olá, Helen,

Confesso, muito forte e doloroso passar essa semana com você. Tive a sensação de que em algum momento você citaria o meu nome. Achei que estava falando de mim. Acredite, você viveu toda a minha história. Decidi, então, te contar parte do que aconteceu comigo naquele inverno.

O vento não cessava. Tudo era muito cinza. A dor de seu abandono insistia em me perseguir.

Nunca pensei passar ou viver tamanho sofrimento. Meu coração a cada novo dia doía, clamava por socorro. Desaprendi como respirar. Meu bem maior, minha vida, tinha sido arrancado de mim. Ele se foi.

Os dias não passavam, eu andava de um lado pro outro automaticamente. Sentia-me tão perdida. Sabia que o amava, mas não imaginava que era tanto. Olhava para todos os planos, tudo que havia idealizado. Inacreditável que eu tenha permitido que essa ausência, a solidão e que o que eu mais temia viessem sobre mim.

Chorava, fazia isso constantemente. Diferentemente de você perdi, além dele, aqueles que se diziam amigos. Fiquei totalmente só.

Meus dias insistiam em me trazer à memória toda a trajetória até ali, em que aprendi que, quando há amor de verdade, você respeita as diferenças. Quando se ama de verdade, não se deve tentar mudar a forma de agir e pensar do outro. Quando você decide amar alguém, o faz por escolha. Decidir amar alguém é entendê-lo, é respeitá-lo (acima de tudo), é ouvi-lo. Aprendi que dependia muito mais de Deus do que julgava.

Era domingo. Depois de dois anos e seis meses sem falar comigo, sem me olhar com carinho, ele me procurou. Disse que precisava conversar. Não acreditei. Perdi o fôlego, minhas mãos gelaram, as pernas me desapontaram, não permitindo que ficasse em pé. Respirei fundo e disse: “Sim, conte comigo. Estarei lá”.

Tudo começou com palavras de conforto, de incentivo, nada do que esperava ouvir. Até que o amor falou mais alto. O primeiro beijo depois de tanta dor. Posso jurar que sentia uma brisa suave,

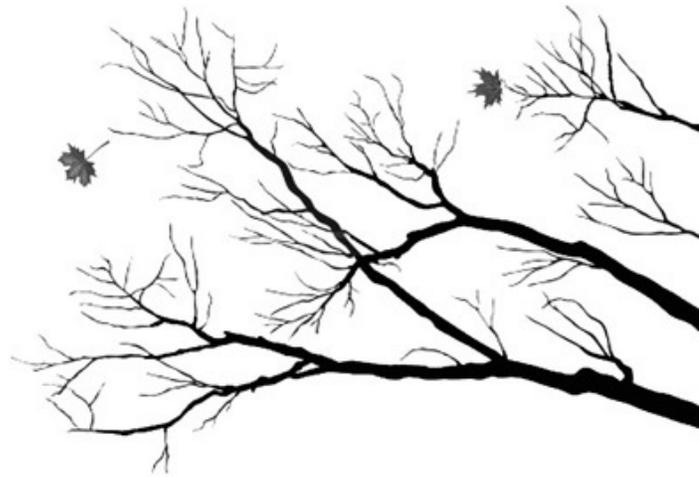
um cheiro adocicado de flores. Ele disse que me amava, e que isso nunca mudou. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Cada uma de suas palavras havia sido sonhada por mim e ditas para Deus.

Passaram-se os anos, hoje estamos casados, juntos há quase dez anos e vivendo o sonho de termos um ao outro. Inacreditável, impossível? Não... AMOR que TUDO espera e TUDO suporta!!!

Com carinho,

Bruna Tavares

Agradecimentos



Rio de Janeiro, inverno de 2012.

O outono se foi e deu lugar ao inverno. Mesmo que esta estação revele-se fria e cinzenta, para mim, nunca foi tão colorida, pois mais um sonho tornou-se real e houve pessoas que torceram e esperaram comigo incansavelmente por ela. A cada uma delas, meu amor, meu carinho, minha amizade e minha eterna gratidão.

Obrigada...

A Jesus, por ser meu melhor amigo, minha inspiração constante, o maior de todos os meus amores. É por Você e através de Você que faço todas as coisas. Te quero e te amarei mais em cada estação.

A Marcio Brazil, sua vida, seu amor, minha vida, nosso amor. Você é o príncipe encantado das minhas histórias, a nota sensível da minha música e para sempre será o melhor de Deus para mim. Amei e continuo te amando sempre mais em cada outono que vier!

A Lucas Brazil, pois cada vez que eu vejo seu sorriso, posso jurar que é primavera. Te amo, gatinho!

Aos meus pais, Luiz e Graciete, por me ensinarem que a primavera chega depois do inverno.

À minha família maravilhosa, tanto aos Ferreira quanto aos Brazil.

Aos meus amigos de todas as estações: Bruna Tavares, Jaqueline Figueiredo, Débora Rosário, Heber Brisson, Raquel Roque, Cleide e Paulo Júnior, Vanessa e Uelinton, Rosângela Bellieni e Giovane, Mônica e Maurício, Elaine Nascimento, Luciana da Conceição, Vanessa de Cássia e Itamar, Ricardo Valverde, Mallerey Cálgara, Fernanda Sanches, Carolina Bullê, Elizabeth Lira, Karoline Guimarães, Neiva Meriele, Érica Lopes, Ana Luisa Piras, Gabriela e Wesley, Renata Martins, Sara Beck e Daniela Degobi. Amo, amo muito vocês!

A Evany Bastos, pela delicadeza de ter capturado a foto da capa do primeiro livro desta série, *Outono de Sonhos*, agradando a tantos leitores. Obrigada por tudo, Guria. Você é minha fotógrafa favorita.

A Soninha Senra, pelas belíssimas canções criadas especialmente para meus livros e por sua amizade.

A Samanta Holtz, por ter emprestado sua sensibilidade e talento para escrever um prefácio lindo, aquecendo com suas palavras o coração de cada leitor, preparando-os para esta estação tão fria. Obrigada, amiga, amo você.

Aos meus amigos do grupo Turnê Literária; ainda teremos muitas aventuras para contar! Amo vocês.

Aos meus pastores: Cláudio e Dayse, por me fazerem compreender que meu Ajudador é semelhante ao sol do meio-dia, de um intenso dia de verão. A SylFarney e Patrícia, Denise e Adaías.

Às minhas blogueiras, que torceram tanto pela publicação deste livro, Mirela Ribeiro, Gabriela Wegner, Bianca Benitez, Sandra Mendes, Kimy Gabrielli, Luciana Zuanon, Mônica Quintelas, Maria Silvana e a todos os outros blogues parceiros.

À minha turma de Letras!

À Novo Século, por acreditar desde o começo no meu trabalho e que agora transforma mais este sonho em realidade. À Equipe de produção sempre fantástica. Em especial à Elisa Dinis e à Letícia Teófilo, obrigada por tudo!

À AGECOM (Agência de Comunicação da UFSC), por gentilmente ceder autorização para menção do nome, como também ao Boliche Pinguim e ao Restaurante Píer 54.

Aos meus leitores, pelo carinho, e-mails, mimos, cartinhas... É maravilhoso tê-los em minha vida.

Playlist *Inverno de Cinzas*: Hoobastank, com *The Reason* (essa música me fez mudar o rumo da história), Kutless, Kutless, sempre Kutless, Mandy Moore e Casting Crowns.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



¹ Compositor de *Amanhã não se Sabe*: Sérgio Britto.

² Letra e música de Mark Hall.